EDITORA UFRJ

EDUCAÇÃO, CULTURA e LUTAS pela DEMOCRACIA

escritos contemporâneos sobre o maquinário neoliberal

HENRY GIROUX

EDUCAÇÃO,
CULTURA e
LUTAS pela DEMOCRACIA

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor em exercício Carlos Frederico Leão Rocha

Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura Christine Ruta

Editora UFRJ

Diretor Marcelo Jacques de Moraes

Diretora adjunta Fernanda Ribeiro

Conselho editorial Marcelo Jacques de Moraes (presidente)
Cristiane Henriques Costa
David Man Wai Zee
Débora Fogel
João Camillo Barros de Oliveira Penna
Maria Elvira Díaz-Benítez
Tania Cristina Rivera

Henry Armand Giroux

Educação, cultura e lutas pela democracia

escritos contemporâneos sobre o maquinário neoliberal

organização
Gustavo de Oliveira Figueiredo
Vera Helena Ferraz de Siqueira
Andréa Costa da Silva

tradução
Gustavo de Oliveira Figueiredo

EDITORA UFRJ

© 2023 by Gustavo de Oliveira Figueiredo, Vera Helena Ferraz de Siqueira e Andréa Costa da Silva

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luiza Cavalcanti Jardim (CRB7-1878)

G528 Giroux, Henry Armand, 1943-

Educação, cultura e lutas pela democracia: escritos contemporâneos sobre o maquinário neoliberal / Henry Armand Giroux ; organizadores, Gustavo de Oliveira Fiqueiredo, Vera Helena Ferraz de Siqueira, Andréa Costa da Silva ; tradução, Gustavo de Oliveira Figueiredo. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023.

334 p. ; 14 x 21 cm.

Bibliografia: p. [293]- 326.

ISBN: 978-65-88388-09-9

1. Pedagogia crítica. 2. Educação. 3. Democracia. I. Figueiredo, Gustavo de Oliveira. II. Siqueira, Vera Helena Ferraz de. III. Silva, Andréa Costa da. IV. Título.

CDD: 370.115

Tradução
Gustavo de Oliveira Figueiredo

Revisão da tradução
Pedro Bonfim

Transcrição e revisão da entrevista com Henry A Giroux
Marina Fingola Brevilato Novaes
André Gonçalves

Coordenação editorial
Thiago Lins
Maíra Alves

Preparação de originais
Cecília Moreira

Revisão
Paula Halfeld

Capa, projeto gráfico e diagramação
Marisa Araujo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA

EDITORA UFRJ
Rua Lauro Müller, 5 - Botafogo
Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-902
Tel.: (21) 3938-5484 e 3938-5487

www.editora.ufrj.br

LIVRARIA EDITORA UFRJ
Av. Pasteur, 250 - Palácio Universitário
Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-160
Tel.: (21) 3938-0624

vendas@editora.ufrj.br

Apoio:

In Memoriam

Professora Dyla Tavares de Sá Brito

Eternizada em estudantes, amigos e amigas
como uma educadora crítica, sensível e criativa.

Sumário

	Apresentação	8
	Nossa homenagem a Paulo Freire e à sua amizade intelectual com Henry Giroux	13
1	O maquinário neoliberal contemporâneo e a esperança como forma de luta por igualdade social	16
2	Características dos Estados autoritários: opressão, violência e os cruéis ataques à democracia	41
3	Distorções contemporâneas na cultura da ignorância: o discurso fascista e a resistência das lutas por uma educação pública crítica	123
4	Em defesa da democracia: políticas culturais, movimentos sociais e resistência crítica	191
5	Distopia sociopolítica contemporânea: enfrentando antigos desafios do passado no início do século XXI	252

Referências *287*

Anexo *321*

Sobre os organizadores/as *325*

Apresentação

Este livro foi organizado com base na tradução de vinte artigos em inglês, ainda inéditos em português, publicados originalmente por Henry Giroux entre 2017 e 2019 na forma de ensaio em páginas de internet da mídia alternativa. A tradução dos manuscritos ocorreu durante a estada de nove meses de um dos organizadores da obra como professor visitante na McMaster University e foi acompanhada de perto pelo autor, resultando num intenso e produtivo debate.

O professor Henry Giroux é, sem dúvida, um importante pensador contemporâneo, reconhecido como escritor e crítico cultural de renome internacional. Ao longo de sua vida, colaborou com o desenvolvimento da teoria crítica na educação, enfatizando interseções cruciais entre o papel da educação nas escolas e universidades e a função da cultura na vida pública. Sua visão defende a necessidade de tornar a pedagogia central para a própria política e ajudar a criar as condições necessárias para o desenvolvimento de uma cultura formativa que forneça a base para o desenvolvimento de cidadãos críticos e de uma democracia com ampla participação social. As maneiras pelas quais ele concebe uma abordagem educacional para combater sistemas autoritários e sua ênfase na responsabilidade dos intelectuais na construção de uma "linguagem da possibilidade" têm uma repercussão importante entre professores e alunos em diversos países, incluindo o Brasil.

Henry Giroux atualmente trabalha como docente e pesquisador no Departamento de Estudos Culturais da Faculdade de Ciências Humanas na McMaster University, no Canadá, onde é responsável pela Cátedra Paulo Freire de Pedagogia Crítica, e suas principais áreas de pesquisa são: estudos culturais, estudos sobre juventude, pedagogia crítica, cultura popular, estudos de mídia, teoria social, fascismo neoliberal e políticas do ensino superior e público.

Considerado um dos principais autores da pedagogia crítica, ele dialoga com autores como Paulo Freire, com quem trabalhou durante muitos anos, e também com pensadores de influência internacional como Paul Willis, Hannah Arendt, Stanley Aronowitz, Larry Grossberg, Karl Marx, Antonio Gramsci, Raymond Williams, Noam Chomsky, Angela Davis e Zygmunt Bauman. Giroux já publicou cerca de setenta livros, traduzidos para vários idiomas, escreveu centenas de artigos acadêmicos e atua ativamente no panorama internacional com entrevistas, conferências e debates, além de manter uma contribuição regular com meios de comunicação, sendo um dos intelectuais canadenses mais citados na área de pesquisa das ciências humanas.

Este projeto editorial surge no âmbito do convênio internacional estabelecido entre o Instituto Nutes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Departamento de Estudos Culturais da McMaster University. Em desenvolvimento desde 2018, essa parceria tem apoio do Programa Institucional de Internacionalização da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação do Brasil (Capes-PrInt) e tem provocado um intenso intercâmbio de ideias entre professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação e o professor Henry Giroux.

O capítulo introdutório do livro consiste em uma longa entrevista elaborada pelos três organizadores, que são professores universitários brasileiros, abordando os principais aspectos

identificados na obra contemporânea de Henry Giroux, que atualmente tem procurado assumir uma postura cada vez mais ativa na mobilização do debate público, afastando-se dos limites impostos pelo academicismo. O pesquisador reafirma assim seu papel como intelectual influente não só na área de ciências humanas, mas também na própria reflexão sobre as relações entre pedagogia e política com a intenção de construir esferas públicas mais democráticas ante o avanço do autoritarismo e do fascismo em todo o mundo a partir da dominação hegemônica do pensamento neoliberal nas primeiras décadas do século XXI.

O segundo capítulo reúne elementos para uma compreensão mais aprofundada das características dos Estados autoritários e, embora tome como objeto de análise principalmente a gestão de Donald Trump nos Estados Unidos, suas reflexões podem ser expandidas para outros países nos quais é possível verificar o ressurgimento de políticas autoritárias e práticas fascistas. Nesse contexto, é impossível não estabelecer relações diretas e comparações com a situação vivenciada atualmente no Brasil, desde o golpe de 2016, e, principalmente, com as características do governo Bolsonaro. Além de abordar as políticas de exclusão social, acúmulo de riquezas e os métodos de opressão da população, Giroux demonstra como essa lógica de violência vem ameaçando a democracia e contribuindo para a amplificação de uma cultura de medo e repressão.

No terceiro capítulo, o autor analisa de forma bastante detalhada os mecanismos utilizados pelos Estados autoritários para a produção de uma cultura da ignorância. São abordados principalmente aspectos relacionados à linguagem, com uma profunda crítica ao ressurgimento do discurso fascista em todo o mundo. Embora se concentre na crítica à produção cultural da alienação coletiva e da difusão do ódio, Giroux também aborda aspectos relacionados à resistência e às lutas por uma educação pública, crítica e cidadã que fortaleça uma cultura política democrática.

O quarto capítulo é extremamente relevante para as lutas em defesa da democracia. Nele Giroux analisa o papel dos movimentos sociais, das políticas culturais e da própria área da educação na conformação de uma rede de resistência e agência[1] coletiva. A reflexão se inicia com o debate sobre a noção de "democracia no exílio",[2] uma importante metáfora para compreender os ataques ao Estado de Direito, incluindo a discussão dos principais aspectos necessários à luta contra o avanço do autoritarismo. Nesse caso a história é tomada como elemento imprescindível para a compreensão do contexto e para a organização de formas de luta. Há também um mapeamento de movimentos sociais, sindicatos, grupos identitários e coletivos temáticos que têm se organizado ao redor do mundo para explicitar os limites do neoliberalismo na promoção da igualdade social e construir novas formas de enfrentamento político nas lutas em defesa da democracia.

Por fim, no quinto e último capítulo são trazidas algumas questões consideradas cruciais para enfrentar os desafios do neoliberalismo no contexto contemporâneo. Avançando na crítica ao populismo e buscando superar esse perverso sistema que denomina de "fascismo neoliberal", Giroux resgata os princípios da teoria crítica e defende uma pedagogia radical que finalmente

---

[1] O autor adota o conceito de agência social em relação ao conceito de estrutura. No sentido sociológico do termo proposto por Gramsci, o conceito de agência é trabalhado ao longo do livro como capacidade coletiva de organização da sociedade para o enfrentamento político necessário à transformação social. Nesse caso, trata-se da mobilização da capacidade de agir – agência coletiva – que aciona as forças de resistência para a superação das estruturas econômicas de dominação, mas que leva também à superação da cultura neoliberal autoritária no âmbito dos valores, das necessidades sociais e da organização da cultura. (N. do T.)

[2] Os elementos que configuram o exílio das democracias estão reaparecendo novamente no início do século XXI com o ressurgimento do discurso fascista e de extrema-direita em todo o mundo. Para aprofundar a reflexão sobre o conceito de democracia no exílio, sugerimos consultar a excelente entrevista concedida por Henry Giroux aos organizadores deste livro e publicada na *Revista Brasileira de Educação* (Giroux, 2020).

abandone as práticas de reprodução e dominação cultural para adotar ações libertárias de amadurecimento da crítica social, dos movimentos de resistência e dos aspectos necessários à construção de uma agência coletiva que tenha como objetivo a transformação social.

Convidamos todos e todas a embarcar nessa leitura extremamente instigante que, com toda certeza, contribuirá não só para a compreensão dos desafios contemporâneos do neoliberalismo como também para o fortalecimento das lutas em defesa da democracia.

Nossa homenagem a Paulo Freire e à sua amizade intelectual com Henry Giroux

Neste livro não poderíamos deixar de prestar uma homenagem a Paulo Freire, ao seu modo de pensar, de se inquietar, que nos inspira e dá forças para lutar no atual cenário de retrocessos em que vivemos. Há uma grande afinidade entre o pensamento de Freire e o de Henry Giroux, e nos parece importante lembrar a forte influência, amplamente reconhecida por Giroux, de Freire sobre o seu pensamento. Queremos celebrar também a comunhão intelectual entre os dois e a amizade prazerosa que mantiveram ao longo de décadas. Nesse sentido, uma forma interessante de nos expressarmos é relembrando algumas palavras escritas pelo filósofo e educador brasileiro para prefaciar um dos livros mais importantes de Giroux, Teoria crítica e resistência em educação. Segue transcrição deste prefácio em que transparecem o respeito e a admiração mútuos:

> “*Acredito que há certa coerência entre a postura pedagógica que venho adotando ao longo dos anos e a maneira como escrevo prefácios. Assim, os poucos que escrevi são mais uma tentativa de desafiar os possíveis leitores a se engajarem na leitura crítica do texto do que uma leitura rígida do texto. Não que não ache apropriado detalhar para os leitores todas as minhas reações como primeiro leitor, mas porque prefiro o*

papel de alguém que, desafiando, convida os leitores a estabelecer uma relação de convivência com o livro.

Meu íntimo contato com o pensamento inquieto de Henry Giroux começou há algum tempo, durante uma tarde de verão suíça, em meu escritório, dois ou três anos antes de meu retorno ao Brasil, após dezesseis anos de exílio. Um jornalista me enviou um artigo dele, com autoria oculta, junto a uma carta de apresentação em que pedia a minha opinião, uma vez que o artigo discutia meu trabalho. A seriedade da escrita, sua clareza e rigor tiveram um impacto profundo em mim. Eu li e reli o artigo com a mesma seriedade com que este tinha sido escrito. Depois, eu escrevi ao editor dizendo que o artigo deveria ter sido publicado, em minha opinião, 'antes de ontem'.

Eu também expressei em minha carta o prazer que teria de um dia conhecer o autor do manuscrito. Alguns dias depois recebi uma carta de Henry, junto a alguns de seus escritos. Após sua leitura, minha primeira impressão foi bastante reforçada. Esses escritos continham uma inegável força de pensamento.

Desde então nós não paramos de nos corresponder, e quanto mais eu lia o trabalho de Giroux, mais me convencia da impossibilidade de entrar em contato com sua pessoa ou com seu trabalho sem de alguma forma reagir. Ou seja, seu pensamento não permite que os que dele se aproximem fiquem indiferentes. Sua visão e defesa daquilo que propõe como pedagogia radical são, elas próprias, inerentemente radicais. Nada em Giroux o aproxima de uma compreensão sectária do mundo, da mesma forma que não há lugar em seu pensamento para o surgimento de falsas dicotomias.

Giroux sabe muito bem que estar no mundo e com o mundo significa exatamente experimentar de maneira contínua a dialética entre subjetividade e objetividade. Ele também sabe que uma das coisas mais difíceis é viver no mundo sem cair na tentação ou de sobrestimar a subjetividade em detrimento da objetividade ou de sobrestimar a última em detrimento da primeira. Sua paixão, como a minha, não é nem o idealismo subjetivo nem o objetivismo mecânico, mas a imersão crítica na história. Essa é a "raison d'être" da pedagogia radical que ele propõe. [...]" (Freire, 2001, p. xiii-xiv; trad. nossa).

1

O maquinário neoliberal contemporâneo e a esperança como forma de luta por igualdade social

Mesmo no mais escuro dos tempos,
temos direito a alguma iluminação.

Hannah Arendt, 1968

Este capítulo foi construído no formato de diálogo a partir de uma entrevista realizada com o professor Henry Armand Giroux em fevereiro de 2020, na cidade de Hamilton, Ontário, no Canadá. Em nosso encontro com Giroux, discutimos sobre o desafio de enfrentar o surgimento do autoritarismo neoliberal na cultura, na educação e na política. O autor afirma que esse é um novo modelo global para atacar a governança pública e os ideais e instituições democráticos, mas, por outro lado, também reivindica a importância de uma resistência organizada, que considera realmente necessária para enfrentar esse enorme desafio para o século XXI.

Entre os aspectos abordados por Giroux, destacam-se os desafios do autoritarismo e suas relações com a ideologia neoliberal. Além disso, o professor canadense fala sobre a relação da educação com temas relacionados à defesa da democracia, faz uma crítica à normalização do fascismo e chama a atenção para a necessidade de resistência e agência coletiva. Giroux atualiza para o mundo contemporâneo, nesse início de século, alguns conceitos clássicos dos tempos modernos, como pedagogia radical,

cultura democrática e movimentos de resistência; denuncia as ameaças à democracia e o surgimento de ditaduras capitalistas; e propõe uma práxis de esperança fundamentada na luta, a qual seja capaz de potencializar redes de resistência política e cultural, destacando a importância do ativismo organizado e da imaginação criadora para a transformação da realidade social.

Entrevista com Henry Giroux

> "*Obrigado por nos receber! Essa entrevista irá compor o capítulo de abertura do livro que estamos organizando com artigos de sua autoria. Para o projeto, estamos traduzindo seus textos mais relevantes escritos entre 2017 e 2019, todos ainda inéditos em português. Gostaríamos de iniciar esta conversa perguntando: quais são os principais desafios para a democracia e os direitos sociais no mundo contemporâneo?*"

O que estamos observando em todo o mundo é a emergência de novas formações políticas que são inimigas dos direitos humanos e, mais do que isso, da própria condição humana. Acho que podemos identificar alguns fios condutores que atravessam essas formações políticas, que falam de maneira recorrente do fascismo, não em um sentido mais direto, mas de sua ideia atualizada. Tal ideia atualizada de fascismo começa a reescrever as narrativas da história, e isso significa que escrevem uma história que deixa de fora o genocídio, o sofrimento, a exploração. Um fascismo político construído sobre ideias como militarismo, ultranacionalismo, pureza racial e limpeza social. O que acho particularmente interessante é que esse novo movimento tem sido atualizado não no sentido de produzir versões distintas do que podemos chamar de elementos de um "fascismo do passado". O ultranacionalismo e o

militarismo foram ampliados a graus impensáveis e são usados para justificar a desigualdade global, e agora o fascismo é auxiliado por um aparato cultural do mundo digital, com cargas de representação diferentes de tudo o que já se viu.

Então, em certo sentido, há duas coisas muito interessantes acontecendo. Ao contrário do que se viu nos anos 1930 e 1940, há, em um nível, a crise do neoliberalismo – em outras palavras, o neoliberalismo falhou em todo o mundo nas suas promessas de aumentar a mobilidade social e diminuir a desigualdade. Ele está produzindo uma miséria enorme, principalmente em relação à desigualdade econômica e intelectual, a ponto de as pessoas não terem os meios para minimamente identificarem seu papel e preencherem suas múltiplas capacidades de se tornarem agentes críticos. De certa maneira, elas se encontram incapazes desse entendimento porque não têm acesso à educação nem a essas tecnologias para entender, de forma básica, os problemas que enfrentam com o neoliberalismo. Essas novas formações políticas autoritárias, com elementos de políticas fascistas, se aproveitaram da miséria que o neoliberalismo havia produzido. Em certo sentido, é uma crise de legitimação que está acontecendo através de uma crise política, o que significa que agora os elementos básicos do neoliberalismo se combinam com uma nova forma de autoritarismo econômico e político que, por sua vez, contém todos os elementos de uma política fascista. Então, nós temos agora pessoas imobilizadas por uma cultura de medo, de ódio, de demonização, sendo central para tudo isso uma certa ideia de educação que é central também para a própria política, porque isso é uma guerra de ideias, não é só uma guerra pelas consciências, mas também uma guerra pelas identidades. Trata-se de uma narrativa que afirma que toda a miséria que estamos vendo, através de enormes desigualdades e formas particulares de opressão pelo mundo, acontece por estarmos sendo atacados por refugiados, imigrantes do sul, pessoas consideradas

descartáveis, numa lógica de descartabilidade que foi expandida a tal ponto, nesse novo momento, que não se trata apenas de judeus ou de outras populações específicas, mas de qualquer pessoa que não se encaixe no nacionalismo branco e, frequentemente, na narrativa cristã.

Sintetizando, a mim parece que o que estamos vendo é uma crise de legitimação em que, basicamente, a democracia cede lugar a formas contemporâneas de autoritarismo político, e essas novas formas políticas constituem o que eu venho denominando de "fascismo neoliberal". Trata-se de uma forma atualizada do fascismo construída a partir da miséria econômica, da privação, do sofrimento, das desigualdades, da industrialização e da estrutura produtiva. Há uma elite global que vem consolidando seu poder e direcionando sua atenção para culpabilizar populações que agora são consideradas descartáveis. Isso é algo que ainda não havíamos visto em uma escala global. Está acontecendo no Brasil, no Chile – a crise econômica no Chile agora cede lugar a uma política fascista de repressão. O mesmo acontece com Donald Trump nos Estados Unidos, com Erdogan na Turquia e com Viktor Orbán na Hungria, e também na Polônia. E o que é interessante nisso é que ocorre simultaneamente ao 75º aniversário da luta contra Auschwitz, quando cerca de duzentos sobreviventes se uniram para dizer: "Isto não pode acontecer de novo!". Precisamos questionar como foi que isso aconteceu: "Como as pessoas silenciaram no meio daquele momento histórico assustador?". Auschwitz é uma evidência para o testemunho moral e atesta a necessidade de se desenvolver um senso de consciência histórica. De repente, nos encontramos novamente em um período histórico em que essa consciência desvanece, em que nos vemos tomados por uma cultura de imediatismo e consumo, em que as transações financeiras eliminam qualquer senso de responsabilidade ética e o capital passa por cima dos direitos humanos. Isso é muito perigoso.

> *"Você fala sobre neoliberalismo, fascismo neoliberal, e nós temos na história o capitalismo fascista. A primeira onda fascista ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, quando os fluxos de capitais e as formas de fazer dinheiro pelo mercado especulativo se espalharam pelo mundo. Você tocou agora em um importante ponto, que são as novas mídias e a nova cultura digital. Toda essa maquinaria, as novas tecnologias de comunicação e informação, a expansão da internet, ainda não estavam massificadas no século XX. No entanto, elas são extremamente cruciais atualmente, no século XXI, certo?"*

Elas são cruciais porque o que está em jogo é a produção de agentes, de modelos de identificação, de valores, de relações sociais que são conduzidas para o capitalismo financeiro, aumentando o espaço de ressurgimento para uma política fascista. Dessa forma, há esses aparatos culturais que defendem que o capitalismo e a democracia são a mesma coisa, que as pessoas não precisam de direitos sociais. Além disso, defendem que bens públicos são inimigos da democracia, que os sindicatos são inúteis, que não precisamos investir nos jovens. Assim como os bens públicos são difundidos como inimigos do mercado, o mercado é basicamente a única obrigação de todas as relações sociais e não apenas de relações econômicas. O interesse próprio e o individualismo são as únicas coisas que importam, assim como a privatização, a uniformização e a desregulamentação de qualquer coisa que regule o mercado. Não se admite qualquer interferência, seja por parte do Estado ou de qualquer outro interesse público, que sugira que a liberdade é mais importante do que os valores de mercado ou as transações financeiras. Então, em certo sentido, há uma forma de neoliberalismo excludente, sendo devastadora em seu alcance e no seu poder econômico, o que constitui uma nova formação política.

O que há de novo agora é o fato de haver moldes de legitimação que normalizam o neoliberalismo em sua função, eu diria, segundo dois registros. No primeiro deles, lança-se o apelo de que a única obrigação da cidadania é a do consumismo, das compras, com a consequente privatização da existência cotidiana. Isso individualiza o social, despolitiza o povo e o leva a acreditar que os únicos interesses possíveis são os materiais e que o único entendimento sobre política é o que sugere que todos os problemas são os individuais. Assim, o povo não consegue traduzir os interesses privados em considerações públicas mais amplas. O segundo registro é que isso vai além do mundo das mercadorias e reivindica que, para se olhar para a fonte dos problemas, fora de seu senso de responsabilidade individual, a ideia do social deve ser redirecionada, e essa noção, por sua vez, se constitui pela linguagem da patologia, do ódio, da cultura do medo, das ameaças, da desumanização. Nós já vimos isso antes, mas nunca em escala global e com o poder de um aparato cultural concentrado em tão poucas mãos que dirigem esse poder. Quer dizer, as histórias que estão sendo produzidas, as narrativas que estão sendo legitimadas, as relações sociais que estão sendo normalizadas, trazem uma versão do fascismo político que, basicamente, amplia a velha ideia de medo que vimos com Mussolini e Hitler, mas que agora não está mais limitada a manifestações isoladas. Em Roma, Berlim, Chicago ou na Flórida, esse fenômeno agora é global, está na tela dos dispositivos digitais, um medo que é virtual. Aprender não é mais algo que acontece na escola, e o novo molde da aprendizagem não é mais o que aprendemos, mas o que desaprendemos. De repente, as lições de história servem para ser esquecidas, quando não reescritas, como no Brasil ou na Polônia. O governo polonês aprovou uma lei dizendo que qualquer tentativa de conectar o governo polonês ou a Polônia com o holocausto nazista é ilegal, ou seja, chegamos a um ponto em que até a recorrência ou a lembrança da história

é punida. Temos visto um sistema político e econômico que funciona simplesmente para legitimar o mercado, e, quando isso não funciona, ele atua por meio de formas definitivas de repressão. Trata-se de um sistema que agora age em aparatos educacionais em todo o mundo para normalizar a culpabilização dos outros e retirar seus princípios básicos. Isso representa algo novo. Nessa integração entre cultura, poder e tecnologia, as novas tecnologias de comunicação constituem uma nova esfera educacional muito poderosa, persuasiva e global.

> “*É por isso que você afirma que o neoliberalismo tem sua própria pedagogia? Existe uma pedagogia neoliberal? Como a educação política pode tornar as pessoas mais fortes para que elas possam contestar e criticar esse sistema?*”

É um grande equívoco pensar a partir do pressuposto de que as únicas ferramentas de dominação do neoliberalismo são as formas econômicas ou opressivas por meio da polícia, guarda nacional ou exército. O neoliberalismo não produz apenas um aparato estrutural de poder e repressão, ele também produz subjetividades, múltiplas formas de agência, e cria narrativas. É preciso ter meios de controle ideológico para ser capaz de sugerir e normalizar formas de opressão em que as pessoas não questionem.

O que temos visto hoje, particularmente no Reino Unido, nos Estados Unidos e também agora no Brasil, é um crescente aparato cultural que engloba a educação superior, a educação pública, os serviços de saúde e até os órgãos governamentais que administram o conhecimento e a informação. Quero dizer, são todos esses canais em que o conhecimento está sendo produzido, a maneira como as concessões são criadas, o modo como as corporações fornecem informação para as pessoas sobre elas mesmas, seu relacionamento com os outros, tudo isso é filtrado por um novo aparelho

pedagógico neoliberal. Isso é uma máquina de ensino! Ela ensina as pessoas a se conformar, a acreditar que a democracia é inimiga da elite; ensina a odiar e a internalizar o medo como um simples "medo do outro"; ensina as pessoas a acreditar em fronteiras. Essa máquina ensina as pessoas a aceitar que os Estados Unidos coloquem as crianças imigrantes em jaulas, a acreditar que é verdade quando Bolsonaro diz que "Hitler foi um comunista". Ela ensina as pessoas a aceitar quando Boris Johnson nomeia como assessor especial um racista que declara que os negros são menos inteligentes do que os brancos e que o controle de natalidade deveria ser imposto sobre as classes populares porque elas se reproduzem tanto que são uma ameaça à civilização.

Ou seja, o que se tem atualmente é um aparelho ideológico que está em funcionamento e que vai consolidando, produzindo e legitimando múltiplos desenhos de interação; são tipos particulares de relações sociais, naturalizando os valores privados. Não se pode falar em uma nova política fascista sem falar sobre a educação e sobre as instituições que o neoliberalismo fascista cria para eliminar outras formas políticas que tornariam o pensamento crítico e a consciência crítica possíveis, como diria Paulo Freire. Não se pode falar sobre a ascensão das ideias críticas se não há instituições públicas para produzi-las e para dar suporte a elas, e a *direita* sabe disso. A direita e esses novos fascistas entendem que não se trata de uma guerra orientada apenas por recursos econômicos, mas também pelo significado pedagógico desses modelos de educação que entraram em cena no século XXI e por sua capacidade de colonizar.

> "*Então, de um lado, o neoliberalismo está investindo contra a cultura, acionando uma máquina para destruir a imaginação, o que você chama de "desimagination machine", e, de outro, atacam-se diretamente*

os professores e o próprio sistema público de educação. Estão nos golpeando por dois lados, certo?"

Sim. Esse é um ponto muito importante. Estamos falando de um modelo de opressão e de uma cultura de guerra. Tenha em mente que estamos vivendo numa cultura de guerra. As sociedades estão sendo militarizadas; a cada dia tem-se investido mais dinheiro nos militares e nos aparelhos repressivos do Estado. Seja em nível global, nacional ou estadual, mais dinheiro tem sido investido em instituições que acreditam e defendem que os direitos humanos são menos importantes do que a acumulação de capital e renda. Ao mesmo tempo, enormes quantidades de recursos estão sendo injetados não apenas na expansão do poder do Estado, mas também para desestabilizar e destruir as instituições democráticas. Estão sendo destituídas de valor instituições centrais para o Estado de bem-estar social e para a democracia, como a educação e a saúde públicas, a assistência social e qualquer capacidade de prover ajuda às pessoas necessitadas que estejam às margens da sociedade, além da própria necessidade de atacar a desigualdade econômica.

Há também um movimento de precarização dos serviços públicos, que busca fazê-los fracassar para que então o mercado possa assumir sua gestão e privatizá-los, desregulá-los e operar sem medo de competição. Uma prova disso é que também estão sendo atacados diversos intelectuais, profissionais da imprensa, até da mídia digital, que fazem críticas ao sistema e acreditam que não pode haver democracia sem cidadãos informados. Evidentemente, eu vejo esse ataque acontecer no Brasil, com Jair Bolsonaro, e também nos Estados Unidos, com Donald Trump, governantes que não hesitam em afirmar que a imprensa é inimiga do povo. Essa é a linguagem do fascismo. Vemos isso também na Turquia, onde cerca de quinhentos acadêmicos foram extraditados do país, e por cometerem qual crime? Falar a verdade

e tentar regular o poder do governo! Todos esses elementos são um indicativo de um novo formato do fascismo.

Talvez uma outra forma de olhar para isso seja compreender que o fascismo não se implanta de um dia para outro. Ele vem por acumulações, naquilo que eu poderia chamar de microagressões sucessivas. Então, primeiro se permite que crianças sejam colocadas em situações miseráveis, como nos campos de detenção de imigrantes nos Estados Unidos; depois se cria uma linguagem de descartabilidade e desumanização da vida, como estão fazendo no Brasil, certo? Afirma-se que os pobres são criminosos. E mais, começa-se a atirar, de helicópteros, "na cabecinha" deles. Então se censura a mídia, colocam-se jornalistas na prisão. Trata-se de ensaios progressivos que estão sendo realizados para se saber até onde é possível chegar. Nos Estados Unidos, assistimos a um presidente que avança diariamente no grau de ilegalidade que consegue impor. Agora que está livre do *impeachment*, Trump tem investido contra aqueles que testemunharam contra ele, como, por exemplo, o embaixador na União Europeia, que foi demitido.

Há uma linguagem de vingança e punitivismo se acelerando quando o presidente proclama que está acima da lei e usa o Ministério da Justiça para perseguir seus inimigos políticos. Isso ocorre agora, nos Estados Unidos ou no Brasil, mas nós já vimos antes. Com Hitler, nós tivemos a Lei de Concessão de Plenos Poderes, que lhe permitiu afirmar: "As cortes de justiça não importam mais. Eu tenho o poder sobre as cortes, a lei está basicamente em mim, neste líder popular de direita que sou eu". Pergunta-se: onde é possível ver novamente essa emergência? Mas o que deveria ser realmente perguntado é: como é possível que, no meio de tanta miséria, depravação, pobreza e tanto sofrimento, o *fascismo* tenha se tornado uma resposta para tanta gente? É uma questão pedagógica. Precisamos nos perguntar: como se aprende a ser fascista? Como se aprende a acreditar na culpabilização das vítimas? Como

se aprende a acreditar que refugiados, fugindo da guerra, que são situações de horror militarizado, são os criminosos? Só porque estão tentando conseguir um visto para se refugiar nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra ou na Grécia? O que significa quando são criadas sociedades baseadas em fronteiras e nas quais as pessoas são encarceradas e rotuladas de vermes?

O desfecho do fascismo é o genocídio. Sejamos claros quanto a isso. Se queremos realmente falar sobre fascismo, é preciso falar sobre terror. O terror é um instrumento do fascismo, mas ele não vem apenas em atos simples e cruéis. Ele vem também nos moldes de agência, identificação, valores, relações sociais que o tornam possível e que permitem às pessoas não apenas desviar o olhar diante do crime da violência, mas também se tornarem cúmplices. Há intelectuais que se tornaram cúmplices; muitos não fazem nada além de ir a reuniões e ignorar qualquer ligação entre a educação e os problemas sociais. Há trabalhadores de saúde que acreditam de fato que os pobres são criminosos. Há médicos que acreditam que a ética não deve incluir quem não se enquadra no registro de pureza racial. Há ainda os que dizem acreditar na Justiça, e até em Deus, mas apoiam e sustentam no poder ditadores que violam os direitos humanos a todo momento. Todas essas são questões pedagógicas, reflexões históricas, perguntas sobre um aparelho ideológico que cria agentes passivos e cúmplices que irão tornar tudo isso possível. Esse é o grande desafio do século XXI, e Marx basicamente não abordou isso muito bem. A questão não é mais saber interpretar o mundo para depois mudá-lo, mas fazer as duas coisas juntas. O ponto fundamental é que não se pode entender o mundo sem compreender que sempre existe a chance de transformá-lo. Gramsci compreendeu isso mais claramente.

Então, nós temos de priorizar a luta pela conscientização e, ao mesmo tempo, pensar maneiras de transformar essas novas formações políticas, que não são simplesmente nacionais, mas

globais. Há uma elite global que concentra enormes quantidades de poder, que se recusa a permitir que suas indústrias sejam tributadas pelos Estados-nação, que priva as instituições públicas dos recursos acadêmicos de que elas precisam para funcionar. De repente, para onde esses Estados se voltam? Para a repressão, direcionam-se para a culpabilização da própria população. Eles se voltam para a linguagem do ódio. Vivemos um momento político muito diferente daquele em que vimos Paulo Freire, Mahatma Gandhi, todos os movimentos por direitos civis dos anos 1960 e os movimentos gay dos anos 1980. É um momento bem diferente, e, a menos que entendamos os elementos que o moldam, não podemos elaborar estratégias pedagógicas e formulações políticas capazes de conectar lutas nacionais e globais.

> “*Se esse é um problema pedagógico ou educacional, também precisamos pensar em termos de uma formação política, ou formação para a cidadania, como estratégia que a esquerda necessita usar para construir novas consciências e novas subjetividades. Sendo assim, qual seria o aspecto mais importante na educação política? Poderia ser uma disciplina na escola, ou a ação de movimentos sociais e populares em instituições não formais? Quais são os principais desafios para o engajamento cívico e uma formação política crítica no mundo contemporâneo?*”

Essa é provavelmente uma das mais importantes questões políticas nesse momento, então eu realmente agradeço por fazer essa pergunta. Ela é crucial, e acho que podemos começar reconhecendo que toda educação é política e toda educação é cívica. Isso porque nenhuma educação, em certo sentido, toma lugar no vazio; toda educação desvela conexões que nos permitem ao mesmo tempo entender quem somos e imaginar um futuro melhor

do que o presente. Então, me parece que, se reconhecemos o fato de que toda educação é diretiva, de que as pessoas efetivamente intervêm através de práticas educacionais para criar agentes capazes de fazer uma democracia substancial, radical e válida, então, devemos fazer a nós mesmos o seguinte questionamento: qual visão de educação importa nesse caso? Como queremos imaginar a educação em termos de sua serventia? Como queremos imaginá-la? Como um projeto ou como um movimento? Os dois! Como projeto, me parece que a educação deve se desdobrar em questões que formem agentes capazes de tornar a democracia possível. Como movimento, é preciso imaginar todos os lugares onde a educação se realiza, e me parece que isso ocorre em qualquer lugar, pois a educação é central para formar valores, relações, identidades, moldes de identificação, elementos de agência que permitam às pessoas estarem no mundo, se identificarem consigo mesmas e com os outros, tornarem-se agentes de intervenção. Seja falando de escolas, ou da mídia, ou sobre nos organizarmos na vida diária, seja falando sobre qualquer aparato cultural engajado com a educação, precisamos enxergar em termos de estratégias pedagógicas para que as pessoas possam ocupar esses lugares e usá-los.

Parece que a próxima questão sobre a consideração pedagógica seria: como dar às pessoas um vocabulário e um entendimento do que significa ter o controle dessas instituições, de modo que elas possam ter controle sobre o seu próprio trabalho? Em outras palavras, o que significa conectar educação e poder, não apenas em termos de como essa conexão forma modelos de consciência humana, mas também de como os que estão envolvidos com a educação têm poder para controlar a possibilidade dessa conexão? Como começamos a atacar, por exemplo, a neoliberalização da universidade? Como falar sobre essa política neoliberal de maneira que se revele o quanto ela serve para infantilizar professores

e trabalhadores da cultura, desestabilizá-los, evitar que escrevam, que atuem, limitar seus processos de atuação para que eles se tornem meros trabalhadores contratuais? Como conectar tudo isso com a educação de forma a considerar as relações de poder como algo central, e de tal modo que as pessoas possam fazer isso em várias formas de agência e de maneira eficaz? A próxima questão é: como se pode falar sobre métodos pedagógicos particulares? Como é possível falar sobre um método fazendo-o ser político, considerando-o mais do que uma simples receita? Como se politizam os métodos? Como falar sobre o que nós fazemos em uma sala de aula, sobre o que fazemos em um posto de saúde? Como falamos com as pessoas? Como começamos a imaginar a linguagem como uma ferramenta que cria narrativas que as pessoas entendam? Como fazemos algo significante, e de modo crítico, para torná-lo transformativo? Isso vem de Paulo Freire, misturado com um pouco de Giroux. Então, me parece que agora todos esses elementos se tornaram cruciais.

Um desses elementos me parece particularmente importante: de que maneira podemos fazer essas coisas como um movimento social, algo coletivo, oposto ao ensino como um ato individual? Como fazer isso de modo que as pessoas nas escolas possam trabalhar juntas? Não apenas para exercitar um poder coletivo próprio, mas também para chegar às comunidades e aos serviços de saúde? Como elevar a educação a uma ideia do social, de forma que se torne possível ampliar o próprio social e de modo a conceder poder às pessoas? E como conceder a elas direitos políticos e sociais e, o mais importante, direitos econômicos? Não se pode falar sobre direitos como algo exclusivamente político ou social. Desculpe, mas se eu não tenho recursos, exceto o de dormir debaixo da ponte, como posso me importar em votar? Nesse caso, como eu realmente posso me importar com o direito de fazer assembleias? Eu tenho tempo para me importar

com o que significa trabalhar com os outros? Não, eu não tenho tempo. Estou morrendo. Essas são as estações de trabalho da morte social. Mas como se elimina a máquina que destrói nossa imaginação? Como criar uma linguagem que exponha as contradições que vemos nessa fusão de instituições de repressão com um aparato cultural criador de narrativas que despolitizam as pessoas? Essas realmente são questões fundamentais.

> "*Na grande maioria das vezes, o seu trabalho fala sobre a capacidade de resistência, em que os agentes sociais trabalham de maneira coletiva contra as forças de opressão do sistema. Seja como movimento social ou agência coletiva, as pessoas estão sempre se perguntando como elas podem fazer isso também em um nível micro, no seu cotidiano. Qual a importância dessa micropolítica para uma mudança efetiva?*"

Quando se fala em micropolítica, deve-se perguntar: como as microagressões funcionam? Como começar com uma micropolítica? Começar com uma micropolítica da justiça? O que significa isso em classes sociais particulares? Em encontros privados? Em comunidades específicas? O que significa isso em todas as interações sociais que temos no nível cotidiano da vida? Significa oferecer modelos de resistência que constituam um poder responsável capaz de reverter o estado atual das coisas, que forneça às pessoas a consciência de que, tanto em instituições sociais como na vida diária, elas podem recriar, de maneira fundamental, e imaginar uma nova forma de enfrentar as microagressões que os professores, seus estudantes ou outros encaram diariamente. Como fazemos isso de maneira que as pessoas possam se relacionar, em termos da linguagem que oferecemos a elas na sua vida diária? Eu entro em uma fábrica, como um organizador sindical, e de repente fica claro para mim que as pessoas

estão trabalhando quinze horas por dia e que a condição delas é horrível. Elas não podem nem ir ao banheiro por causa dos regulamentos, elas são autorizadas a usar o banheiro duas vezes por dia. Muitas pessoas estão trabalhando dezoito horas e não estão sendo pagas de forma justa. É sobre isso que precisamos falar! Não quero falar sobre as distrações do capitalismo global, mas sobre o que significa ser capaz de desafiá-lo. Que estratégias podemos desenvolver? De que forma eu, como organizador de um grupo, ajudo a desenvolver estratégias? Como podemos aprender uns com os outros? Como podemos promover um diálogo em estágios mais profundos que produza novas formas de resistência, que são sempre contextuais?

Toda resistência é contextual, começa com um contexto específico, ou seja, começa em instâncias de repressão das quais as pessoas não ouvem falar, elas apenas sentem a opressão. Isso significa entender a agressão como parcialmente efetiva. É como uma lesão emocional que as pessoas sentem, mas não conseguem articular. Como começar a fazer uma articulação desses pequenos danos e o que fazer com o próprio dano? O que fazer com isso? Em alguns casos, as pessoas diriam: "Você precisa trazer respostas mais específicas, me fale exatamente sobre o que podemos fazer". Na verdade, *não*. Não vou dizer às pessoas exatamente o que fazer. O que eu vou dizer é que, no contexto em que cada um se encontra, e que não conheço, há instâncias em que é preciso começar a reimaginar. Pensar o que é possível ser aprendido da história dos outros, do contexto em que cada um se encontra e no qual, através do diálogo com as outras pessoas e em comunidade, é possível desafiar essas microagressões e os elementos desse fascismo político que permanece funcionando. Seja produzindo um novo currículo, seja reduzindo o tamanho das turmas, seja desafiando formações políticas ou as próprias políticas opressivas, é importante que isso signifique restaurar

os Estados Unidos, o Brasil, os professores, de diversas maneiras. Há muitos lugares que estão ignorando os sindicatos, e eles estão indo para as ruas, assumindo ação direta contra o governo e afirmando: "Desculpe, mas não se trata apenas de aumentar o nosso salário, nós precisamos de mais trabalhadores nas áreas sociais, precisamos de turmas menores, melhores condições para as escolas". Tudo com o objetivo de fazer um apelo às necessidades imediatas, sugerindo que isso não apenas os beneficia, mas beneficia a todos. Os pontos em que se acentuam os abusos marcam a esfera social, e é nesses pontos que o social se torna um elemento de resistência para o qual todos precisam se voltar.

> "*Uma pergunta bem direta sobre os objetivos da resistência: democracia radical ou revolução?*"

São a mesma coisa! Não há diferença entre democracia radical e revolução. Uma democracia radical significa apenas que a revolução nunca termina...

> "*Você poderia, por favor, expandir um pouco sua ideia de revolução?*"

Revolução significa ir até a raiz do problema, e as mudanças que ela defende não são estéticas, mas fundamentais. Não estamos falando em adicionar um esparadrapo a um sistema para fazer com que ele funcione melhor. Estamos falando em destruir um sistema. Quero dizer, para mim, sendo honesto, capitalismo é o mais malvado sistema já produzido porque o seu desfecho é o fascismo. Ele pode criar mercados que aumentam a produção e a circulação de bens, mas no fim das contas sabe-se onde termina. Bertoltd Brecht estava certo sobre isso: "Para saber mais sobre fascismo, estude o capitalismo". Então, me parece que, quando eu falo sobre revolução, estou falando sobre uma revolução que

funciona em dois níveis. Estou falando sobre a revolução em *pensamento*, que pode fazer as conexões entre fascismo, capitalismo e a horrível miséria e destruição que isso causa no mundo todo, tudo a partir da destruição do planeta e de vidas humanas, para dizer que nós não podemos viver mais assim, isso precisa mudar. Precisamos transformar a estrutura econômica, as ideias de poder, as formas de agência social produzidas e as instituições que fazem a vida possível de uma maneira democrática.

Para ser mais didático, se você quer falar sobre revolução, retornemos à Grécia. Traga as pessoas de volta ao espaço público. As pessoas precisam ter poder. Sem poder coletivo não há democracia. Se houver poder popular, coletivo, haverá revolução. Porque serão derrubadas as estruturas que evitam a distribuição desse poder de modo que as pessoas possam exercitá-lo. Não acredito mais em reforma, a não ser em um sentido mais imediato. Preciso te dizer que o debate sobre a reforma versus a revolução é um debate falso. A reforma deveria ter sempre o mesmo desfecho da revolução. Isso significa que eu posso até apoiar reformas imediatas, quando as pessoas estão morrendo, não têm comida, vale-refeição, bolsa família... Sim. Mas *nunca* com o pressuposto de que isso seja *tudo* de que precisamos, *sempre* pressupondo que as reformas são apenas um pequeno passo de reestruturação do sistema de modo que não se precise gastar muito tempo pensando nelas. Já a revolução é um discurso sem reformas. É um discurso que não acredita em reforma porque não é necessário, é um discurso que acredita que a justiça nunca será o suficiente. O processo revolucionário é interminável, não é possível ter uma revolução sem infindáveis questionamentos. Nenhuma revolução é completa! E qualquer revolução que fale que é completa já não é mais revolucionária, tornou-se outra forma de autoritarismo. Nenhuma sociedade é o suficiente, entende? Isso não significa que todas as formas de autoritarismo sejam a mesma coisa, mas

tão só um totalitarismo ideológico que opera apenas a partir de pressupostos binários, do bem e do mal. Pessoas que pertencem e pessoas que não pertencem, pessoas que são ideologicamente incompatíveis entre si, isso é besteira. É uma forma de corrupção, e isso pode corromper qualquer um, entende? Como Paulo Freire costumava dizer, é preciso haver diálogo sempre, pois o autoritarismo não está apenas à direita. Entretanto nós, da esquerda, em vez de abraçar o autoritarismo, temos a responsabilidade de lutar consistentemente contra as suas corrupções.

> "*Na semana passada, o papa Francisco recebeu o ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, e os dois conversaram sobre a bem-sucedida experiência brasileira de distribuição de renda conhecida como Bolsa Família. Enquanto a Europa estava implantando um modelo de austeridade fiscal defendido por Angela Merkel, o presidente Lula afirmava que colocar dinheiro nas mãos dos mais pobres era a melhor solução para a crise econômica. E enquanto toda a Europa se afundava, o Brasil saía da crise sem grandes problemas. Lula e o papa falam de uma economia social, ou seja, uma economia não inteiramente voltada para o lucro. Com o avanço das reformas neoliberais e do corte dos direitos sociais nesse início do século XXI, o capital está cada vez mais concentrado nas mãos de uma pequena elite e a economia está estagnada, ou em crise, numa escala global. O que você pensa dessa perspectiva de distribuição das riquezas com a base social da pirâmide populacional?*"

Esse é um modelo que nós já vimos antes em tempos de crise econômica. Quero dizer, nós vimos isso acontecer, por exemplo, nos Estados Unidos durante o New Deal, com Franklin Roosevelt.

Roosevelt foi pressionado de muitas maneiras por trabalhadores e organizações comunistas a implementar as reformas de base. Ele realmente estava com medo de que, se não fizesse essa política, a oposição vencesse. Essa foi uma tentativa de basicamente explodir o sistema, não era só uma tentativa de implementar novos moldes de justiça social que estava em questão. O ponto aqui é que, a longo prazo, modelos de intervenção que não coloquem todo o sistema em questão, mas que atuem para modificá-lo e torná-lo mais justo, acabam por alimentá-lo, mesmo que isso venha de um papa mais progressista, de quem eu gosto, ou mesmo do Lula, que eu amo. Por baixo, na intenção do discurso deles, há um espírito de revolução, mas na proposta do discurso em si há uma perspectiva de reforma. Esses discursos entram em conflito um com o outro. Eles não são revolucionários. Quer dizer, nós vimos isso na Grécia. Os partidos de esquerda falavam em um espírito de revolução, mas era fraco, e terminaram se acomodando às demandas do capitalismo global. Eu não quero uma linguagem que se acomode ao capitalismo global. Não quero uma linguagem que, por ser moderada, no final, reforce o fascismo político. Me desculpe. Eu acho que para aqueles de nós que acreditamos na revolução, é preciso ter coragem e assumir riscos. Nós não temos muito tempo restante nesse planeta. Quer dizer, temos atualmente governos no poder que são ainda mais perigosos do que Hitler. E são mais perigosos porque estamos falando da morte de milhões de pessoas. Estamos falando do capitalismo global que não pode lidar com uma pandemia, que não aplica os recursos adequados.

O capitalismo pensa que estamos interconectados somente para consumir os seus produtos e serviços. Mas se estivermos realmente interconectados em torno da possibilidade de uma democracia global, e não apenas da democracia sediada em alguns Estados específicos, em nações particulares, essa pode vir a ser uma nova forma de luta que exigirá uma nova linguagem que não é a da reforma. Me parece que a formação política com a qual

estamos lidando já esgotou qualquer ideia de reforma e agora já não tem mais interesse nela. Agora há a mão pesada do fascismo. Como falar sobre reforma do sistema sem falar sobre fascismo? O fascismo opera duas formas de violência: a violência lenta, que se esconde por trás do óbvio, que é a violência da crescente pobreza, das famílias miseráveis tendo que escolher entre comprar comida ou remédio, a violência das humilhações diárias que o povo sofre ao lidar com os serviços sociais, a violência de ter de beber água contaminada com chumbo; e a violência pesada, que é a violência direta das forças de repressão do Estado. A reforma se propõe atuar sobre aspectos da violência lenta. Entretanto, o pensamento revolucionário não lida apenas com a violência lenta, mas também luta contra a violência pesada e deve ser capaz de transformar a sociedade que o fascismo produz.

> ❝*Avançando na reflexão sobre o pensamento revolucionário, gostaríamos que você comentasse o fato de que o socialismo, ao menos tal como o temos visto ser implantado até agora, não foi capaz de se desenvolver de uma maneira democrática. Nós poderíamos abordar alguns países como Cuba, Venezuela, Rússia, Coréia do Norte e China, que têm um predomínio do pensamento socialista mas que adotaram um sistema autoritário e pouco democrático.*❞

Não se pode falar de socialismo se ele estiver imbricado com formas de governo autoritárias. Isso não é socialismo. Quero dizer, isso é, no máximo, uma forma fraca de democracia social, uma face da democracia social que esconde os fundamentos do fascismo político. Seria fácil culpar o socialismo por isso. É a mesma alegação de que as pessoas têm câncer porque querem. "Elas querem estar doentes?" Veja, nós sabemos que há democracias sociais que estão mais perto do socialismo, e nós sabemos que em alguns lugares, como na Finlândia ou nos países escandi-

navos, há um grande nível de igualdade. Essas experiências são muito produtivas, mas não são profundas o suficiente. A questão central aqui é como nós inventamos uma ideia democrática de socialismo que aprenda com o passado, que pegue as ideias de igualdade mais radicais possíveis e as implante em um contexto no qual as pessoas tenham poder, além de direitos políticos, sociais e econômicos. Para falar sobre socialismo, não é preciso uma fórmula. É preciso uma maneira de refazer as regras básicas de funcionamento do sistema socialista no contexto de um novo período histórico.

> "*Parece que o capitalismo adotou uma nova forma no século XXI que nós estamos chamando de neoliberalismo, certo? Então será que o socialismo poderia assumir também uma outra forma, inclusive recriando seu conceito para o século XXI?*"

Todas as ideologias podem transpirar uma possibilidade de justiça social, mas apenas a realizam na prática se puderem se situar em um local específico e se atualizar de acordo com o contexto histórico em que se encontram. Quer dizer, qualquer ideologia, incluindo um modelo de socialismo que copiasse o socialismo do século XVIII ou XIX, não seria um legado que vibraria com potencialidade, seria apenas uma proposta fracassada junto com os mortos do passado. Eu diria inclusive que é exatamente isso o que os inimigos do socialismo e do comunismo fazem. Eles cristalizam a ideia como uma relíquia histórica que não teria mais relevância para a gente. Da mesma forma, alguém poderia dizer que o discurso dos direitos humanos não é mais relevante hoje, de acordo com as formas atuais do capital financeiro.

Você precisa sempre se perguntar sobre o contexto. O que significa falar sobre socialismo na Venezuela, onde há uma enorme escassez ocasionada pelo embargo econômico, tão oposto

ao que se entende por socialismo nos Estados Unidos, onde há enorme quantidade de riqueza? O contexto é fundamental. O desenvolvimento do socialismo depende do local e do tempo, de como essas lacunas básicas se refazem e então se desenrolam. O mesmo critério deve ser aplicado para compreender como o poder poderia ser usado econômica, política e socialmente, de maneira que seja possível criar os fundamentos para uma sociedade socialista. E o que se quer dizer com uma sociedade socialista democrática? O que se quer dizer é que, em nome do poder público, o poder é distribuído em recursos e direitos a pessoas para que elas tenham algum controle sobre suas vidas. Compare isso com o neoliberalismo e os seus pressupostos básicos. Compare isso com a lógica do mercado, com a lógica das políticas fascistas. São modelos diferentes. O socialismo começa com justiça social e o capitalismo começa com lucro, já o fascismo começa com genocídio e pureza racial.

> *"Essa é certamente uma boa comparação. Estamos quase terminando a nossa entrevista. Temos somente mais duas questões. Como nós podemos trabalhar com a ideia de "esperança" para que ela possa estar conectada não só com a percepção de sujeitos individuais mas também com práticas sociais e lutas coletivas mais amplas?"*

Pense na esperança como um tipo de anabolizante para a imaginação. Não acho que se possa falar de revolução, justiça ou futuro sem conseguir imaginar algo muito diferente da situação em que se vive. Me parece que a esperança é a força motriz da imaginação, porque se não for possível pensar de outra forma, não será possível agir de outra forma. A esperança não é uma ideia romantizada, ao modo da Disney, com uma inocência de que tudo será maravilhoso, sendo preciso somente relaxar e esperar as coisas acontecerem.

A esperança, me parece, é um molde de inspiração e uma condição para, de certa maneira, as pessoas se engajarem em transformar a realidade em que se encontram. Ou seja, a esperança é uma condição para a agência. Sem esperança, não há agência, e sem agência, não há esperança. Elas se nutrem mutuamente. Então, o que estamos dizendo ao falar de esperança tem relação com uma posição teórica de recusa em se viver no presente e assumi-lo como fato consumado. A esperança é uma condição para afirmar que, *fora do presente, há outro mundo possível, e que precisamos lutar por isso individual e coletivamente*. Entretanto, a esperança não vem só em virtude de um desejo mas também pelo acesso à informação, pela capacidade de olhar para o passado e ver como as pessoas lutaram para mudar o mundo em que se encontravam. A esperança vem no exemplo de pessoas e grupos que produziram suas próprias narrativas e nos deram um novo sentido daquilo que é possível. A esperança brota naquelas instituições que afirmam que você pode ser mais do que você é, que você pode fazer mais e que precisamos fazer isso coletivamente. A esperança surge quando se alinha com a ação por justiça, em vez de romantizar a ideia de justiça, entende? A esperança vem com a ideia de luta. Você não pode ter esperança sem luta, e não pode ter luta sem uma educação crítica, e não pode ter justiça social sem todas essas coisas.

> “*Apenas uma última questão sobre o futuro. Você recentemente escreveu um artigo com Ourania Fillippakou, da Brunel University, em que falaram muito sobre a esperança no futuro. Vocês apresentaram bons argumentos sobre o futuro, refletindo sobre guerras, paz e escolhas futuras. Poderia comentar essas ideias?*”

Nós estávamos tentando trabalhar com a articulação de três coisas: a primeira era como conectar a esperança com a ideia de agência que, de certa maneira, fala sobre um futuro muito diferente

do presente; em segundo lugar, refletimos sobre como conectar a esperança com a luta: qual é a relação entre esperança e luta? Discutimos a possibilidade de ir além das lutas privatizadas do neoliberalismo com sua vergonhosa individualização do contexto social e a sua recusa em traduzir as questões privadas em amplas considerações públicas. Então, para nós dois, tornou-se claro que é preciso conectar a esperança com as lutas coletivas. Nesse ponto, recuperamos o pensamento de Paulo Freire, para quem a esperança é um fundamento para a luta, não é apenas desejar algo ou sonhar com um futuro diferente. Esperança não é apenas sonho. É central para a esperança a ideia de lutar por aquilo em que se acredita, para tornar os sonhos possíveis, além de reconhecer as forças que será preciso confrontar. Por fim, um terceiro aspecto no qual estávamos interessados no artigo era a forma como as instituições públicas, como o ensino superior, têm, em certo sentido, ocupado um papel central para iluminar a esperança e ao mesmo tempo trabalhado com um enorme cinismo, por exemplo, ao dar apoio irrestrito à incorporação dessa cultura empresarial de competitividade, performatividade e meritocracia na prática e gestão da educação pública. E qual é a responsabilidade dos intelectuais públicos nesse contexto? Criar e desenvolver novos discursos de esperança. Então, me parece que, nesses três registros, estamos tentando articular, de forma ainda embrionária, um roteiro para se repensar a esperança de maneira apropriada, ao lado da luta, da justiça e, preciso dizer, da revolução.

2

Características dos Estados autoritários: opressão, violência e os cruéis ataques à democracia

Aqueles que fecham os olhos para a realidade simplesmente convidam sua própria destruição, e qualquer um que insista em permanecer em um estado de inocência depois que a inocência tenha morrido se transforma em um monstro.

James Baldwin, "Stranger in the Village"

Rumores sobre uma recessão iminente aumentam ao mesmo tempo que a ecoLnomia global desacelera e a briga do presidente Trump com a China perturba os mercados financeiros. O comércio internacional se contrai, bolsas de valores caem, o setor manufatureiro nos Estados Unidos se encontra em declínio pela primeira vez em uma década e agricultores e trabalhadores do aço continuam perdendo sua renda e seus empregos.

Tais rumores acentuam temores relacionados à deterioração das condições enfrentadas pelos trabalhadores e pelos pobres, que já sofrem com empregos precários, miséria, falta de trabalhos significativos e pensões reduzidas. Uma crise econômica global tornaria os padrões de vida dos pobres ainda piores. Como salienta A. Smith (2019), os níveis de empobrecimento nos Estados Unidos já são chocantes, com "quatro em cada dez famílias [lutando] todos os meses para arcar com os custos de alimentação, moradia, assistência médica e serviços públicos".

A crise econômica mundial de 2008 evidenciou os fracassos da democracia liberal e o flagelo do neoliberalismo. Uma

nova recessão econômica em 2019 pode, igualmente, nos levar a questionar de que maneira as instituições voltadas a servir ao interesse público e a oferecer suporte a políticas progressistas agora servem a ideologias autoritárias e à elite dominante, que veem a democracia como inimiga da liberdade do mercado e do nacionalismo branco. O que não se aprendeu com essa crise, no entanto, é que uma crise econômica não une os mais afetados em favor de uma política progressista, do mesmo modo como não oferece nenhuma garantia política quanto aos rumos da mudança social. Ao contrário, as emoções que mobilizaram a massiva raiva pública contra as elites e a globalização deram origem à consagração de demagogos populistas e a um tsunami, promovido pela direita, de raiva, ódio e violência mal direcionados a imigrantes ilegais, refugiados, muçulmanos e a população negra.

A crise financeira de 2008 causou estragos em diversos níveis. No entanto, houve outra que recebeu pouca atenção: a de agência. Essa crise tocou questões de identidade, autodeterminação e resistência coletiva, que foram minadas de maneiras profundas, originando e legitimando movimentos populistas autoritários em diversas partes do mundo, como Estados Unidos, Hungria, Polônia e Brasil.

No centro dessa mudança estava o declínio da crença na legitimidade da democracia liberal e em suas constantes promessas de distribuição de riquezas, segurança econômica e igualdade de oportunidades defendidas pelos apóstolos do neoliberalismo. A confiança pública no Estado de bem-estar social, nas oportunidades de emprego de qualidade, nas possibilidades institucionais e em um futuro seguro para cada geração desmoronou de diversos modos. Em parte, isso foi consequência do *boom* econômico do pós-guerra, que, em certo momento, deu lugar a enormes desigualdades, à concentração de riqueza e poder, à aprovação de medidas cruéis de austeridade, a um regime de crescente precarização e a um ambiente econômico e social impiedoso, em que

interesses e necessidades individuais prevaleceram sobre qualquer consideração ao bem comum. À medida que o liberalismo se alinhou com o poder corporativo e político, tanto o Partido Democrata quanto o Republicano adotaram reformas financeiras que aumentaram a riqueza dos banqueiros e da elite corporativa, sem nada fazer para impedir que pessoas perdessem suas casas, se afundassem em dívidas crônicas e vissem suas aposentadorias desaparecerem, o que lhes abriu um futuro de incerteza e de falta de perspectivas ou garantias a longo prazo.

Em uma era de incerteza econômica, insegurança existencial e crescente cultura do medo, a ênfase demasiada do liberalismo nas liberdades individuais "tornou os seres humanos subordinados ao mercado, substituindo os laços sociais por relações de mercado e endeusando a ganância", conforme observado por Pankaj Mishra (*apud* Wade, 2018). Nesse caso, o neoliberalismo se tornou incubadora de um crescente populismo autoritário, alimentado em grande parte pela desigualdade econômica e resultado de uma crescente polarização cultural e política que tornou "possível aos *haters* sair das margens, formar grupos maiores e causar problemas políticos". Essa polarização tóxica, juntamente com o aumento do populismo de direita produzido pelo capitalismo de cassino,[1] foi acentuada

[1] A expressão "capitalismo de cassino" é definida por Giroux (2013) quando, refletindo sobre o caso estadunidense, afirma que "[...] tanto republicanos quanto democratas adotam a lógica do capitalismo de cassino, na qual Wall Street cria uma economia focada em investimentos especulativos de curto prazo projetados para matar em vez de expandir a base produtiva da economia. O capitalismo de cassino é a verdadeira religião dos Estados Unidos e fornece um terreno comum para os principais partidos, apesar de suas diferenças quanto ao papel do governo e do Estado de bem-estar". No caso do Brasil, mesmo durante o período mais progressista, também se manteve essa lógica econômica criada pelo capitalismo de cassino nos países dependentes do mercado das *commodities*. Centrais ao neoliberalismo, as "oscilações dos mercados" independem dos governos, e a financeirização de recursos essenciais para a vida se impõe de forma predatória e perversa quando podemos observar um parasitismo cada vez mais agressivo do setor público. (N. do T.)

pelo crescimento de grupos fascistas que compartilhavam um ceticismo em relação a organizações internacionais, apoiavam um nacionalismo militante de direita e defendiam uma onda de valores anti-imigrantes, antimuçulmanos e antidemocráticos.

Esse populismo apocalíptico do capitalismo de cassino se enraizou em um profundo descontentamento pelas promessas vazias da ideologia neoliberal, que tornou capitalismo e democracia sinônimos e o mercado, um modelo para todas as relações sociais. Além disso, defensores democratas do neoliberalismo, como Bill Clinton e Barack Obama, participaram do desmonte do contrato social, aumentando a desigualdade econômica e os cenários em que florescem desemprego, miséria, raiva e desespero.

Ao mesmo tempo, esses políticos adotaram medidas que desmantelaram a cultura cívica e minaram uma ampla gama de instituições democráticas, que se estendiam da mídia a bens públicos, como o ensino público e superior. Sob tais circunstâncias, narrativas democráticas, assim como valores e formas de solidariedade, que compartilhavam anseios e responsabilidades, foram substituídas por uma ótica mercadológica, orientada para uma noção retrógrada de hiperindividualismo, para valores egoístas e para uma visão da responsabilidade individual que eviscerou qualquer noção mais ampla de responsabilidade social, sistêmica e corporativa.

As formas de imaginar a sociedade através de um *ethos* coletivo se fragmentaram, e a possibilidade de uma compreensão abrangente da política como inclusiva e participativa se transformou em uma antipolítica marcada por um investimento na linguagem dos direitos e escolhas puramente individuais, assim como no poder dos indivíduos portadores de direitos. Sob o domínio do neoliberalismo, a linguagem tornou-se mais rasa e individualista, apartada da história e autocentrada, minando continuamente as esferas democráticas, os espaços em que a política aproxima pessoas enquanto agentes coletivos e cidadãos criticamente engajados.

A linguagem neoliberal é escrita dentro do discurso da economia e dos valores de mercado, não do da ética. Sob tais circunstâncias, a superficialidade se torna um ativo do mercado e não mais um passivo. Cada vez mais, a linguagem enfraquecida da democracia liberal, com ênfase excessiva em direitos individuais e sua bajulação à elite financeira, cedeu lugar a uma noção retrógrada da dimensão social, marcada por crescentes tendências autoritárias, nativismo descontrolado, manifestações explícitas de intolerância, raiva mal direcionada e uma revolta ressentida.

Em todo o mundo, as democracias liberais não apenas se mostraram desconectadas da miséria e do sofrimento causados por políticas neoliberais, como também deram lugar a um grupo restrito e arrogante de políticos que se consideravam uma formação política esclarecida que trabalhava "em nome de um público ignorante". A consequência final dessa configuração foi produzir mais tarde o que Merkel (2016) descreve como "uma rebelião dos marginalizados". Uma série de levantes políticos que deixou claro que o neoliberalismo estava sofrendo uma crise de legitimidade.

O que foi amplamente subestimado na ascensão da extrema-direita é a captura da mídia por populistas autoritários

Como um regime de gestão afetiva, o neoliberalismo criou uma cultura em que todos foram aprisionados em seus próprios sentimentos, emoções e órbitas de privatização. Uma das consequências foi o fato de que reivindicações políticas legítimas só poderiam ser buscadas por indivíduos e famílias, e não por grupos sociais. Nesse caso, o poder foi removido da esfera social e colocado quase inteiramente nas mãos de demagogos corporativos e políticos, que o usaram em proveito próprio para enriquecer. O poder foi então utilizado para produzir uma autoridade que atua por meio

da força bruta, a fim de "garantir ordem e limites e desviar a crescente raiva de uma classe média e trabalhadora em declínio", como observam Brown e Littler (2018). Ambas as classes passaram a culpar cada vez mais os "outros" pelas condições econômicas e políticas produtoras da miserável devastação de suas vidas: "imigrantes, raças minoritárias, predadores 'externos' e agressores que variam de terroristas a refugiados" (Brown; Littler, 2008). Perspectivas liberal-individualistas perderam sua legitimidade ao se recusarem a indiciar as estruturas subjacentes do capitalismo e seu *ethos* predatório.

Atuando em grande parte como uma forma cruel de darwinismo social, a atividade econômica perdeu a preocupação com custos sociais, que foi substituída por uma cultura de crueldade e ressentimento que despreza qualquer noção de compaixão ou comprometimento ético em relação àqueles considerados como "outros" em função de classe, raça, etnia, orientação sexual e religião. Temos assim uma cultura marcada por hipocrisias gigantescas, "pela tabulação sombria de eventos violentos indescritíveis", pela crueldade generalizada, "por grandes concentrações de riqueza", "pelo exagero na vigilância" e "pela devastação incessante das biosferas por *lucro*".

George Monbiot resume bem alguns dos elementos mais tóxicos do neoliberalismo, que permaneceram em grande parte ocultos, uma vez que, para a grande imprensa, consistiam menos em uma ideologia do que em uma política econômica. Ele escreve:

> O neoliberalismo vê a competição como a característica definidora das relações humanas. Ele redefine cidadãos como consumidores, cujas escolhas democráticas são mais bem exercidas através da compra e venda, um processo que recompensa o mérito e pune a ineficiência. Ele afirma que "o mercado" oferece benefícios que nunca poderiam ser alcançados pelo planejamento. Tentativas de limitar a competição são tratadas como inimigas da liberdade.

> Os impostos e a regulamentação devem ser minimizados, os serviços públicos devem ser privatizados. A organização do trabalho e a negociação coletiva dos sindicatos são retratadas como distorções do mercado que impedem a formação de uma hierarquia natural de vencedores e perdedores. A desigualdade é reformulada como virtuosa: uma recompensa pela utilidade e um gerador de riqueza que escoa para enriquecer a todos. Os esforços para criar uma sociedade mais igualitária são ao mesmo tempo contraproducentes e moralmente corrosivos. O mercado garante que todos obtenham o que merecem. (Monbiot, 2016, p. 6)

Segundo a visão neoliberal do mundo, desempregados, consumidores pobres ou fora do alcance de um mercado em busca de lucros insaciáveis são considerados seres descartáveis. Cada vez mais, pessoas são, dessa forma, vistas como anti-humanas, incognoscíveis, sem rosto e símbolos de medo e patologia. Isso incluiu imigrantes ilegais nos Estados Unidos e refugiados na Europa, assim como aqueles considerados sem valor para uma sociedade de mercado e, portanto, elegíveis para serem privados dos direitos mais básicos e sujeitos ao terror da violência estatal.

Designando determinados grupos como simbólica e materialmente descartáveis, a política neoliberal da descartabilidade se tornou uma máquina de morte política e social – produzindo espaços onde membros indesejáveis sofrem abusos e são trancafiados e sujeitos a uma violação maciça de direitos humanos. Sob uma política neoliberal de descartabilidade, as pessoas vivem em áreas de perigo e risco constantes, onde nada é certo; aos seres humanos considerados "excessos" é negada uma função social, sendo eles renegados ao que Balibar (2009) chama de "zonas de morte da humanidade". Tais são as estações de trabalho do século XXI, projetadas para a criação e o processo de eliminação; um modo de produção assombrado pela morte, enraizado no "triunfo absoluto da irracionalidade" (Balibar, 2009).

Dentro dessa nova estrutura política, as formas mais antigas de exploração são agora acompanhadas, se não excedidas, por uma política de limpeza racial e social, à medida que populações inteiras são excluídas de avaliações éticas, produzindo zonas de abandono social. Nesse novo mundo, há uma fusão de capital financeiro e de uma cultura de guerra que aponta para um colapso moral e político em que o Estado de bem-estar social é substituído por formas de nacionalismo econômico e por um crescente estado carcerário. Além disso, elementos dessa crise podem ser vistos na militarização contínua da vida cotidiana, à medida que mais e mais instituições adotam o modelo da prisão. Há ainda o maior armamento da polícia, a criminalização de uma ampla gama de comportamentos relacionados a problemas sociais, a ascensão do estado de vigilância e a guerra em curso contra a juventude, imigrantes ilegais, muçulmanos e outros considerados inimigos do Estado.

Sob a égide de uma cultura de guerra neoliberal, testemunhamos um aumento da miséria para as classes trabalhadora e média, reduções massivas de impostos para os ricos, um ataque direto aos sindicatos, o desaparelhamento de bens públicos e a privatização de serviços públicos – de saúde e educação a estradas e prisões. Essa transferência contínua de recursos e serviços públicos para os ricos, para os gestores de fundos de multimercado e para a elite corporativa foi acompanhada pela aquisição de instituições dominantes da cultura por grandes corporações, incluindo mídias digitais, impressas e de rádio e televisão. O que, no entanto, tem sido amplamente subestimado na ascensão do populismo de direita é a tomada da mídia por populistas autoritários, o que implica um ataque político contínuo a jornalistas independentes e de oposição atuantes em mídias digitais e online.

Embora o neoliberalismo seja geralmente reconhecido como responsável pela crise econômica mundial de 2008, o que é menos reconhecido é que a crise estrutural produzida por um capitalismo

inflado com anabolizantes não foi acompanhada por uma crise subjetiva e, em consequência, deu origem a novos movimentos populistas de cunho político e reacionário. À medida que o colapso econômico se tornava crônico, a vida das pessoas era revirada e às vezes destruída. Além disso, conforme o contrato social era fragmentado, juntamente com a necessidade de papéis socialmente construídos, normas e bens públicos, o "social" deixava de ocupar um denso e importante espaço pedagógico de solidariedade, diálogo, dissidência e de expressão e atividade política.

À medida que as esferas públicas desapareciam, os laços comunitários se enfraqueciam e as provisões sociais definhavam. Sob o neoliberalismo, a esfera social regride em uma sociedade privatizada de consumidores na qual os indivíduos são atomizados, alienados e cada vez mais afastados da variedade de conexões sociais e vínculos comunitários que dão sentido a sociedades boas e justas. Populações ficaram isoladas, segregadas e incapazes de "negociar dilemas democráticos de maneira democrática" (Maxwell, 2019), ao passo que o poder se tornou mais abstrato e afastado da participação e da responsabilidade públicas. Enquanto a rede neoliberal de privilégios foi ampliada sem constrangimentos pelos ricos, à custa da exclusão de outros, tornou-se mais óbvio para um crescente número de pessoas que os apelos à democracia liberal não haviam cumprido sua promessa de uma vida melhor para todos. Não era mais possível exigir que se trabalhasse mais por menos e que a participação democrática consistisse exclusivamente na escolha do voto durante as eleições. O que não podia ser escondido de muitos grupos privados de direitos era que as elites dominantes produziam o que Tooze (2019) descreve como "um deslizamento desastroso das hipocrisias e compromissos do *status quo* anterior para algo ainda mais perigoso".

Como a crise global se intensificou desde 2008, os elementos de um colapso político e moral no cerne de uma sociedade autoritária ficaram mais óbvios e encontraram no governo de Donald

Trump sua expressão mais explícita de crueldade, ganância e poder ilimitado. É o que aponta Chris Hedges:

> As elites corporativas dominantes não procuram mais construir. Elas procuram destruir, são agentes da morte. Elas almejam o poder desenfreado de canibalizar o país e poluir e degradar o ecossistema para alimentar um desejo insaciável de riqueza, poder e hedonismo. Guerras e "virtudes" militares são comemoradas. A inteligência, a empatia e o bem comum são banidos. A cultura é degradada em um pastiche patriótico [...]. Aqueles considerados como improdutivos ou redundantes são descartados e deixados para lutar na pobreza ou são trancados em gaiolas. (Hedges, 2017a, p. 1)

Nos Estados Unidos, o deslize para o autoritarismo ficou ainda mais fácil com a ausência de um amplo movimento de massas com orientação de esquerda. A esquerda falhou em fornecer uma visão abrangente de uma mudança possível, assim como em promover um alinhamento de grupos e movimentos menores em um movimento único. Nancy Fraser observa com razão que, após o movimento Occupy Wall Street, "os vínculos potenciais entre trabalho e novos movimentos sociais se enfraqueceram. Separados um do outro, aqueles polos indispensáveis de uma esquerda viável estavam a quilômetros de distância, esperando serem contrapostos como inconciliáveis" (Fraser, 2017a, p. 46).

Desde a década de 1970, houve uma profunda reação de fundamentalistas econômicos, financeiros, políticos e religiosos, e os meios de comunicação a eles aliados eram contrários ao valor do trabalho, a uma imprensa de oposição, a pessoas negras e a outros coletivos que tentaram ampliar o funcionamento da democracia e da igualdade.

À medida que a narrativa de classe e a luta de classe desapareciam, junto com a ausência de um movimento socialista pulsante, o apelo à democracia não fornecia mais uma narrativa

unificadora para conciliar diferentes grupos oprimidos. Em vez disso, o nacionalismo econômico e cultural tornou-se um apelo mobilizador para criar as condições para fundir neoliberalismo retrógrado e populismo em uma máquina de guerra. Sob tais circunstâncias, a política é imaginada como uma forma de guerra, repelindo imigrantes e refugiados, descritos pelo presidente Trump como "invasores", "vermes" e "estupradores". O surgimento do neoliberalismo como uma máquina de guerra é evidente no *status* atual do Partido Republicano e do governo Trump, que ataca qualquer coisa que não se molde aos valores do mercado. Tais ataques atuam categorizando grupos como descartáveis, inimigos, forçando-os a condições de extrema precariedade e, em casos cada vez mais frequentes, expondo-os a situações de perigo. O capitalismo neoliberal irradia violência, algo evidente em seus intermináveis casos de massacres, como os que ocorreram mais recentemente em El Paso, no Texas, e em Dayton, no estado de Ohio. Isso não deveria surpreender uma sociedade que mede o poder pela velocidade com que se abstém de qualquer senso de responsabilidade ética e social. Como Beatrix Campbell expõe de forma brilhante:

> A sociedade mais rica do planeta está armada e investe em um dos maiores sistemas penitenciários do mundo. A violência circula entre Estado e cidadão: aquele direcionado e impelido a matar; este, condenado a morrer. Domínio e martírio são a dialética dolorosa da fabricação de uma masculinidade militarizada e violenta. A criação e a manutenção de masculinidades militarizadas são vitais para esses novos modos de conflito armado que estão proliferando através das fronteiras flexíveis do capitalismo globalizado, entre os Estados e dentro deles. (Campbell, 2014, p. 13)

O que ficou claro é que a agenda neoliberal foi um fracasso completo. Além disso, ela mobilizou, em nível global, violentas

energias políticas, sociais, raciais e econômicas de uma ressurgente política fascista. Em todo o mundo, surgem modos de governança de direita nos quais entra em colapso a fronteira entre, por um lado, "inimigos estrangeiros externos", como refugiados e imigrantes sem documentos, e, por outro, classes "perigosas" ou "traiçoeiras", como jornalistas críticos, educadores e dissidentes.

À medida que as economias neoliberais recorrem cada vez mais à violência e à repressão, o medo substitui qualquer senso de responsabilidade compartilhada, pois a violência não é apenas elevada a um princípio organizador da sociedade, mas também expande uma rede de extrema crueldade. Concebendo-se a política como uma máquina de guerra, mais e mais grupos são tratados como excesso, inscritos em uma ordem de poder como descartáveis, inimigos, e forçados a condições de extrema precariedade. Trata-se de uma forma particularmente cruel de violência estatal que mina e restringe a agência e sujeita os indivíduos a zonas de abandono, algo evidente no crescimento de prisões de imigrantes e em um crescente complexo carcerário nos Estados Unidos e em outros países, como a Hungria.

Quando a promessa de mobilidade social e expansão do progresso econômico do neoliberalismo entrou em colapso, deu lugar a um populismo autoritário de direita que procurava narrativas para incitar o ódio às elites governantes, as quais, como observa Paul Mason,

> limitaram os gastos em saúde e bem-estar social, impuseram sanções punitivas que cortaram benefícios e forçaram [...] muitas famílias a depender de bancos de alimentos, e retiraram os benefícios de doença e invalidez de um milhão de ex-trabalhadores abaixo da idade da aposentadoria. (Mason, 2017, p. 92)

Em todo o mundo, surgiu uma série de revoltas sinalizando novas formações políticas que rejeitavam a noção de que não haveria

alternativa à hegemonia neoliberal. Isso ficou evidente não apenas com a eleição de Donald Trump e com o Brexit no Reino Unido, mas também com a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil e com o apoio a movimentos populares, como as manifestações dos trabalhadores conhecidos como "coletes amarelos", que recentemente sacudiram a política e a sociedade na França. Políticas estabelecidas perderam sua legitimidade, pois os eleitores rejeitaram as condições produzidas pelo capitalismo financeiro.

Nos Estados Unidos, os dois principais partidos políticos estavam mais do que dispostos a entregar a economia aos banqueiros, ao mesmo tempo que produziam políticas que moldavam formas radicais de reestruturação industrial e social, as quais causavam enorme dor, sofrimento e raiva entre grandes segmentos da classe trabalhadora e outros grupos privados de direitos. Os líderes populistas de direita em todo o mundo reconheceram que as economias nacionais estavam nas mãos de investidores estrangeiros, de uma elite financeira móvel e do capital transnacional. Em um ato magistral de desvio político, esses líderes atacaram todos os vestígios do capitalismo liberal, recusando-se a qualificar as desigualdades neoliberais na riqueza e poder como uma ameaça básica para suas sociedades. Em vez de exigir o fortalecimento dos ideais democráticos de soberania e igualdade populares, líderes populistas de direita, como Trump, Bolsonaro, no Brasil, e Viktor Orbán, na Hungria, definiram a democracia como inimiga daqueles que desejam o poder arbitrário. Eles também desviaram a raiva popular para o abismo do chauvinismo cultural, do ódio anti-imigrante e de um ataque direcionado ao meio ambiente, à saúde, à educação, a instituições públicas, a provisões sociais e a outros recursos básicos da vida. Como observa Appadurai (2017), esses líderes autoritários odeiam a democracia, capturam as emoções políticas daqueles que são tratados como descartáveis e fazem todo o possível para esconder as profundas contradições do capitalismo neoliberal.

Nesse cenário, temos o ressurgimento de uma política fascista que capitaliza a miséria, os medos e as ansiedades produzidos pelo neoliberalismo, sem citar as condições subjacentes que criam e legitimam suas políticas e custos sociais. Enquanto comentam sobre certos elementos do neoliberalismo, como a globalização, tais populistas abraçam amplamente os elementos ideológicos e econômicos que concentram poder e riqueza nas mãos de uma elite política, corporativa e financeira, reforçando assim, no final, uma forma extrema de capitalismo. Além disso, os populistas de direita podem condenar a globalização, mas o fazem culpando aqueles que consideram fora dos limites inclusivos de uma pátria branca, ainda que as mesmas forças os vitimizem. Ao mesmo tempo, mobilizam paixões que negam o entendimento crítico e, ao mesmo tempo, criam desejos e afetos que produzem formas de identificação tóxicas e hipermasculinas.

Nesse caso, uma forma opressiva de educação se torna central na política e é usada como uma ferramenta de poder na luta por poder, agência e política. O que está em jogo aqui não é simplesmente uma luta entre ideias autoritárias e ideais democráticos, mas também uma batalha feroz por parte dos demagogos para destruir as instituições e condições que tornam possíveis o pensamento crítico e a existência de grupos de oposição. Isso é evidente, por exemplo, no constante ataque de Trump à mídia crítica, muitas vezes referindo-se a ela como "'o inimigo do povo', incentivadora de 'visões democratas da esquerda radical'" (Samuels, 2019), mesmo quando os jornalistas estão sujeitos a expulsão, prisão em massa e assassinato por alguns dos aliados de Trump em outras partes do planeta.

Travando uma guerra contra a democracia e as instituições que a produzem, o neoliberalismo utilizou uma combinação de medo e crueldade catártica que, mais uma vez, desencadeou as paixões mobilizadoras do fascismo, especialmente os registros historicamente distintos de nacionalismo extremista, nativismo,

supremacia branca, higienismo racial étnico, supressão de eleitores e um ataque a uma cultura cívica de crítica e resistência. O resultado é uma nova formação política que chamei de fascismo neoliberal,[2] na qual os princípios e práticas de um passado fascista e de um presente neoliberal se fundiram, conectando as piores dimensões e excessos do capitalismo aos ideais fascistas de nacionalismo branco e supremacia racial, associados com os horrores de um passado fascista.

O fascismo neoliberal esvazia a democracia por dentro, burla a separação dos poderes no mesmo passo em que aumenta o poder da presidência e satura a vida cultural e social com sua ideologia de interesse próprio, com seu *ethos* de sobrevivência do mais apto e com noções regressivas de liberdade e responsabilidade individual. O que precisa ser reconhecido é que o neoliberalismo, como uma forma extrema de capitalismo, produziu em todo o mundo as condições para uma política fascista, atualizada para servir ao interesse de uma elite financeira concentrada e de uma onda crescente de demagogos políticos.

A raiva em massa que alimenta o fascismo neoliberal é um desvio da resistência genuína para o que equivale a uma patologia que esvazia a política de qualquer substância. Isso é evidente também em seu apoio ao populismo de direita e seu foco nos imigrantes e refugiados, considerados "forasteiros perigosos", o que serve para eliminar a política de classe e camuflar seus próprios interesses autoritários de classe dominante e seus ataques implacáveis ao bem-estar social.

---

[2] O conceito de fascismo neoliberal será revisitado diversas vezes ao longo do livro e é um elemento fundamental para compreender o duplo problema que envolve uma nova versão do fascismo – ancorado na cultura digital de massa – além de uma nova versão de capitalismo – o neoliberalismo, que não trata apenas de dominação econômica, mas do governo das subjetividades e da produção de prazer. (N. do T.)

Diante de uma recessão global iminente, é crucial entender a conexão entre a ascensão do populismo de direita e o neoliberalismo, surgido no final da década de 1970 como uma ideologia dominante que alimentava uma forma punitiva de globalização. Esse momento histórico é marcado por estruturas ideológicas, econômicas e políticas únicas, produzidas por formas brutais cada vez mais crescentes de capitalismo, ainda que diversas.

Regendo o pensamento econômico e político em todos os lugares, a concentração sem precedentes do poder econômico e político do neoliberalismo produziu um Estado tóxico, constituído a partir de modelos de finanças e forças de mercado desenfreadas. Também produziu uma profunda mudança na consciência, na agência e nos modos de identificação humanos. As consequências se tornaram familiares e incluem medidas cruéis de austeridade, adulação de mercados autorreguláveis, liberação de quaisquer restrições ao capital, desregulamentação, privatização de bens públicos, mercantilização da vida cotidiana e estripação das leis ambientais, de saúde e de segurança. Também abriu o caminho para uma fusão de princípios extremos de mercado com os elementos sórdidos e crescentes da supremacia branca, da limpeza racial e do ultranacionalismo, que se tornaram específicos das formas atualizadas de política fascista. Tais políticas produziram enormes desigualdades de riqueza, poder e renda, acelerando ainda mais a miséria em massa, o sofrimento humano, o aumento da violência sancionada pelo Estado e o surgimento de cada vez mais locais de exclusão terminal em forma de muros, de centros de detenção e de um estado carcerário em expansão. Uma recessão iminente acentua os antagonismos, instabilidades e crises produzidos pela longa história e pelo alcance das ideologias e políticas neoliberais.

Uma nova crise econômica alimentaria ainda mais as forças de repressão, consolidando o poder da supremacia branca, a islamofobia, o nativismo e a misoginia. Diante de tais forças reacionárias, é crucial unir os vários esforços progressistas da

oposição em um poderoso movimento anticapitalista que fale não apenas da gama de opressões exacerbadas pelo neoliberalismo, mas também da necessidade de novas narrativas que discorram sobre a derrubada de um sistema mergulhado em maquinarias de guerra, militarização, repressão e morte.

Civilização em colapso. A violência como resposta autoritária aos problemas sociais: esforços fascistas para demolir a democracia

A política fascista está novamente em ascensão nos Estados Unidos, na Europa e na América Latina. Como um eco do passado, seus princípios e atitudes estão ressurgindo em uma retórica populista que abrange formas extremas de nacionalismo, de culto ao líder, de racismo sistêmico, de uma cultura do medo, de um ódio à dissensão e de uma absoluta indiferença pela verdade. Impulsionada pelo ódio ao "outro" e infundida com narrativas de declínio e vitimização, a política fascista negocia a liberdade e a verdade por meio de uma retórica incendiária de medo, demonização e violência. Ela segrega ao segmentar grupos que nomeia como criminosos, destituídos de humanidade; depois, expande seu ódio a outros grupos, como parte de uma tentativa de aprofundar e disseminar uma cultura de terror, insegurança e descartabilidade. Tal política tenta ainda construir o poder através de ataques agressivos à mídia, a opositores e ao Judiciário.

Insuflado por inseguranças econômicas e existenciais reais, o ressentimento se torna alimento para a consagração de figuras cultuadas como forma de desviar a raiva, alimentar o ódio coletivo e promover um clima compartilhado de medos e divisões sociais. A política fascista é inseparável da cultura da violência, utilizada por ela como sua principal ferramenta de comunicação e arma de escolha.

Isso ocorreu, por exemplo, quando Donald Trump se referiu à caravana de refugiados da América Central como uma força criminosa invasora, contra a qual mobilizou até 15 mil soldados, efetivo maior do que o empregado no Afeganistão. Segundo Trump, a caravana de imigrantes "invadiu violentamente" o México e estava prestes a invadir os Estados Unidos. Antes das eleições de meio de mandato, chamou os imigrantes de "predatórios" e "a pior escória do mundo". Após as eleições, Trump aumentou a violência, autorizando "tropas dos Estados Unidos a vigiar a fronteira contra caravanas de imigrantes e a usar força letal, se necessário" (Giroux, 2018a).

A linguagem de Trump faz mais do que promover um declínio na civilidade; ela também defende o terrorismo de Estado, ao mesmo tempo que funciona como um aceno selvagem para os elementos mais extremistas de sua base de apoio. Por exemplo, ele ameaçou ordenar que soldados estadunidenses atirassem em imigrantes e refugiados da América Central se eles atirassem pedras contra a tropa. Além disso, comprometeu-se a usar uma ordem executiva para reescrever a constituição dos Estados Unidos e anular a cidadania de direito de nascimento.

A retórica e as políticas de Trump apontam para um novo horizonte aterrador na arena política e em seus modos de governança. Isso mostra que o terrorismo doméstico está vivo e passa bem, algo evidente na recusa de Trump em condenar a Arábia Saudita pelo assassinato do jornalista Jamal Khashoggi. Trump deixou claro que os direitos humanos, e até mesmo o assassinato, podem ser negligenciados se os ditadores tiverem dinheiro disponível para comprar *hardware* militar dos Estados Unidos. No manual fascista, os acordos comerciais precedem os direitos humanos, a justiça e a liberdade. Em 22 de novembro de 2018, Donald Trump publicou no Twitter: "Há um mundo mesquinho e desagradável aí fora, especialmente o Oriente Médio. Este é um

compromisso longo e histórico, que é absolutamente vital para a segurança nacional dos Estados Unidos" (Trump, 2018).[3]

Trump desencadeou o que o teórico da Escola de Frankfurt Theodor Adorno uma vez chamou de uma "irracionalidade autoritária", lado sombrio e ameaçador de uma psicologia e uma política racistas e totalitárias. Trump pode não ser Adolf Hitler, mas há semelhanças perturbadoras em sua linguagem e em suas políticas reacionárias.

"Armamentos de linguagem"

São precisamente essas lições históricas que devem ser examinadas cuidadosamente para que a praga do fascismo possa ser reconhecida em sua forma atual e combatida para que nunca mais aconteça novamente. Os empresários do ódio não estão mais confinados à penumbra da história. Os arquitetos da política fascista estão conosco mais uma vez, alimentando fantasias distópicas nas comunidades decadentes e nas paisagens produzidas por quarenta anos de um capitalismo selvagem.

Solitários raivosos, trabalhadores deslocados e nativistas amargurados à procura de um lugar para compensar sua raiva mal direcionada são vulneráveis a cultuar líderes e encontraram um deles em Trump. Em campanha para as eleições de meio de mandato, Trump adotou o plano de ação fascista e calculadamente promoveu o racismo, o ódio e a ignorância em um movimento cínico que deveria colocar o mundo inteiro em alerta.

---

[3] A conta de Donald Trump no Twitter (@realDonaldTrump) foi bloqueada em razão do excesso de *fake news* que o ex-presidente estadunidense divulgava e especialmente após a invasão de aliados republicanos ao Congresso dos Estados Unidos em 6 de janeiro de 2021, fomentada por ele. (N. do T.)

O presidente Trump, em meio a um surto de violência nos Estados Unidos, marcado pelo assassinato de dois afro-americanos numa mercearia em Kentucky, além de cartas-bombas enviadas a importantes democratas e celebridades e do assassinato em massa de onze pessoas em uma sinagoga de Pittsburgh, recusou-se a reconhecer que sua retórica tóxica inflamou as chamas do racismo e do antissemitismo.

Em vez disso, Trump culpou a mídia pela violência e rotulou-a de "o verdadeiro inimigo da liberdade". O presidente estadunidense também chamou os democratas de "partido do crime", determinado a "libertar predadores violentos e assassinos implacáveis" nas ruas americanas. Além disso, intensificou a demonização dos imigrantes, estigmatizando-os não apenas como estupradores, traficantes de drogas e criminosos, mas também como terroristas do Oriente Médio. Trump ainda declarou publicamente, e com orgulho, que é nacionalista (código para uma tendência nociva de crenças defendidas por racistas e nacionalistas brancos), encorajando à violência grupos extremistas de direita como os Proud Boys, o equivalente americano dos camisas pardas nazistas.

Incapaz de praticar empatia e autorreflexão, Trump utiliza a linguagem a serviço da mentira e da violência. Sua retórica inflamatória faz mais do que legitimar e acelerar atos de violência, ela arma a linguagem como uma ferramenta de oportunismo político, sem levar em conta o sofrimento e a miséria que inflige a indivíduos e grupos inteiros considerados como descartáveis. Ele prospera na criação de divisões sociais e funde a ignorância e o poder para alimentar teorias da conspiração, eliminar a linha divisória entre fato e ficção e dar credibilidade à aldeia midiática da extrema-direita em expansão. Trump tenta criminalizar a oposição política, os imigrantes e outros como perdedores e loucos, atuando em seu papel de porta-voz nacional dos nacionalistas brancos, dos nativistas e de uma miríade de grupos extremistas. Sem se preocupar com o poder que as palavras têm de inflamar,

humilhar e encorajar alguns de seus seguidores à violência, Trump demonstra um desejo sádico de relegar a zonas de exclusão os seus críticos e aqueles que enxerga como etnicamente abomináveis ou não suficientemente brancos.

O chamado de Trump para "tornar a América grande novamente" revela uma nostalgia por um passado cristão branco. Allan Nairn, jornalista investigativo premiado, acerta em argumentar que Trump e o Partido Republicano querem "abolir a democracia [...] porque essa é a única maneira de perpetuar seu poder" (Nairn, 2018, p. 2), criando com isso uma forma de "fascismo doméstico".

O que é tão duvidoso e perigoso sobre Trump é que ele se esconde por trás das instituições da democracia representativa, as mesmas que ele tenta destruir, furtivamente, com um acúmulo de agressões, flertando com uma completa supressão das liberdades civis e dos direitos políticos, embora essas medidas possam estar no horizonte. Parte dessa demolição da democracia por Trump é sua tática de transformar seus ataques quase diários em uma espécie de teatro político. Isso é evidente em seus comícios, que transbordam ameaça, algo não muito diferente dos comícios fascistas de Nuremberg nos anos 1930.

Como mestre do espetáculo, Trump normaliza, por meio da repetição contínua, suas tentativas incessantes de alimentar o ódio, as divisões raciais e a destruição dos laços sociais – tudo o que é necessário para que a política fascista floresça. Na era Trump, a linha entre a violência letal e a retórica de uma política fascista é perigosamente tênue e, à medida que a memória histórica se desvanece e a alfabetização cívica é menosprezada, a barbárie e a brutalidade ascendem. Abordar criticamente a linguagem de Trump é um ato crucial de resistência política. Sua odiosa retórica demonstra que a educação é central para a política, porque é através da linguagem e de diversas formas de comunicação que o poder se materializa para moldar a consciência, o desejo, a identidade e os valores.

É crucial, portanto, na era Trump, usar a linguagem da resistência, aquela que está enraizada na compaixão pelos outros, que expande o alcance da justiça e nos encoraja a confrontar as forças da tirania. A linguagem é a precondição para a educação, e a educação é central para a própria política. Precisamos de uma nova linguagem que inspire e estimule as pessoas a pensar diferente para agir de outra forma. A atual crise da política não é simplesmente uma ascensão da política fascista, é também uma crise da linguagem, da memória e de agência. Agora é a hora de os indivíduos e os movimentos sociais darem um novo sentido ao reconhecimento de que sem uma cidadania informada a democracia não pode sobreviver e a resistência individual e coletiva desaparecerá.

Estados Unidos, Israel e o caminho para o fascismo neoliberal

Os desafios de uma crise política e ideológica geral estão profundamente enraizados na história estadunidense, e com cada *tweet* e decisão política Donald Trump aproxima os Estados Unidos de um Estado fascista com grave violação de direitos. Suas palavras alfinetam, mas suas políticas podem matar. Os intermináveis insultos racistas de Trump, expressões desumanas de misoginia, ataques implacáveis a todas as provisões do Estado de bem-estar social e um contínuo desprezo pelo Estado de Direito servem para naturalizar uma política fascista insidiosa. Além disso, seu desprezo criminoso por qualquer sentido viável de responsabilidade cívica e moral dá novo sentido a um *ethos* de egoísmo e a uma cultura de crueldade, se não de terror. Tem sido cada vez mais difícil a grande mídia e especialistas falarem sobre o fascismo como uma ameaça iminente nos Estados Unidos, embora, como observa Goldberg (2018, p. 2), para alguns grupos, como "imigrantes sem documentos, o fascismo já esteja operando seus métodos perversos".

Sob essa administração, o cheiro da morte está em toda parte. A erosão dos valores públicos e do Estado de Direito é acompanhada pela implantação de um estado de emergência e pelo risco de uma iminente catástrofe ambiental global. Um desastre ecológico devido à mudança climática causada pelo homem se acelerou e parece iminente durante a administração Trump, cuja tentativa de poluir o planeta através da reversão de leis de proteção ambiental resultará na morte de milhares de crianças que sofrem de asma e de outros problemas pulmonares. Além disso, sua abordagem privatizadora e punitiva ao sistema de saúde encurtará a vida de milhões de pessoas pobres, jovens sem seguro, imigrantes sem documentos, desempregados e idosos. Suas políticas duras de "lei e ordem" resultarão em mais violência policial contra negros, enquanto seu apoio à indústria de armas, ao orçamento militar e a leis sobre armas de fogo acelerará a morte dos marginalizados, tanto em casa quanto no exterior. Sob o regime de Trump, todas as apostas em relação à sustentabilidade da democracia são negativas.

A nomeação de Brett Kavanaugh, um ideólogo de direita, para a Suprema Corte dos Estados Unidos, apesar das alegações de agressão sexual a pelo menos duas mulheres, revela ainda a perigosa politização do processo de nomeação judicial e as políticas autoritárias que agora dominam a sociedade americana. O controle da corte por fundamentalistas ideológicos tem sido um objetivo há muito procurado pelos extremistas do Partido Republicano. Agora o povo americano, especialmente as mulheres, os pobres e as pessoas negras, pagará um preço terrível pela nomeação de Kavanaugh. Esse caso é um sintoma das raízes mais profundas de uma política fascista em ação na sociedade estadunidense. Kavanaugh não é apenas um flagrante símbolo de masculinidade tóxica, ele é também emblemático de uma expressão violenta e exagerada do privilégio branco da classe dominante. Isso é especialmente verdade, dado o duplo padrão

racista que caracteriza o sistema de justiça do país. Conforme Amanda Klonsky afirmou no *Chicago Sun-Times*:

> Por que o juiz Brett Kavanaugh, acusado de agressão sexual, se sente com direito a uma nomeação vitalícia para a Suprema Corte dos Estados Unidos, enquanto meus ex-estudantes encarcerados – muitas vezes presos por crimes como brigas – são deixados desempregados, às vezes por toda a vida, banidos até mesmo do trabalho mais básico? O fato de Kavanaugh estar sob consideração para a nomeação para o Supremo Tribunal, em todos os aspectos, põe em agudo relevo o duplo padrão racista em nosso sistema de justiça. Há um padrão de comportamento para os jovens afro-americanos e latinos, que são duramente punidos por crimes na adolescência, e outro bem diferente para os ricos rapazes brancos, que podem ser acusados de agressão sexual e ainda serem nomeados para servir no tribunal mais importante do mundo. (Klonsky, 2018, p. 3)

Kavanaugh se alinha perfeitamente com o racismo de Trump, e suas decisões em questões de direitos civis e justiça racial, muito provavelmente, reproduzirão o longo legado de racismo branco e violência estatal nos Estados Unidos. Isso é especialmente trágico e ameaçador, dado que o desprezo de Trump por pessoas negras parece ilimitado e legitima a noção de branquitude como um lugar de terror. O presidente estadunidense difama e humilha atletas negros, mulheres negras e qualquer outra pessoa negra que aponte suas visões de racismo e supremacia branca. Além disso, seu franco apoio à brutalidade policial e ao encarceramento em massa acelera ainda mais o crescimento de um estado carcerário racializado.

Mais recentemente, em uma exibição brutal e profundamente perturbadora de misoginia, Trump zombou cruelmente do testemunho de Christine Blasey Ford, que acusou Kavanaugh de um

ataque sexual. Arrancando risadas e gritos de uma multidão em Southaven, Mississippi, Trump foi além, prosseguindo com suas observações vis ao dizer que os homens eram as verdadeiras vítimas do movimento *#MeToo*, pois estavam sendo injustamente acusados de assédio sexual, e que muitos deles perderiam seus empregos. É difícil não enxergar a ironia de tal afirmação vinda de um homem acusado de conduta sexual imprópria por, pelo menos, 22 mulheres e flagrado em uma fita se gabando de "pegar mulheres pela virilha". O que é digno de nota aqui não é apenas sua indiferença aos níveis chocantes de violência contra as mulheres, mas também o quanto a misoginia sempre foi endêmica para a política fascista.

Embora seja fácil para a grande mídia ir atrás dos políticos que permanecem em silêncio diante do sexismo e do racismo de Trump, há pouco interesse em situar sua misoginia e sua supremacia branca dentro de uma política fascista neoliberal alinhada com neonazistas, brancos nacionalistas e outros grupos militantes que defendem a limpeza racial e cometem cada vez mais atos violentos contra pessoas não brancas. As políticas de Trump são constantemente acobertadas pela grande mídia, que muitas vezes vê suas decisões políticas mais como explosões infantilizadas de um impetuoso adolescente no Twitter do que como um choque e ameaça às leis e valores que constituem uma democracia atualmente em perigo. A grande imprensa argumenta que a retórica de Trump é excludente, humilhante e odiosa, mas raramente a associa à retórica da política fascista ou, ainda, ao poder dos interesses monetários da elite financeira.

Essa negligência é ainda mais assustadora, já que Trump, assim como a maioria de seus críticos, não parece consciente dos cenários de terror desencadeados por fascistas do passado. Trump não parece preocupado em implementar políticas que ecoam fracamente as práticas genocidas usadas pelos nazistas em seus campos de concentração, como separar crianças de seus

pais sem documentos e colocá-los em prisões enjauladas. Embora ele não tenha exterminado dezenas de milhares de crianças em câmeras de gás, como Hitler, colocar crianças em jaulas cruza uma linha moral e política que abre as portas para formas ainda mais extremas de barbárie. Ao mesmo tempo, suas tendências antidemocráticas são expostas quase todos os dias. Por exemplo, sua paixão aberta por demagogos como Vladimir Putin e Kim Jong-Un é igualada apenas pela constante difamação que pratica contra os aliados democráticos dos Estados Unidos. Um exemplo claro é a ridícula afirmação de Trump de que as guerras comerciais com o Canadá são justificadas porque o Canadá representa uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos. Este último pronunciamento foi feito ao mesmo tempo que ele elogiava Kim Jong-un.

Trump não apenas normalizou o racismo nos Estados Unidos e deu nova legitimidade aos discursos de ódio e às ideologias de neonazistas e nacionalistas brancos, como também aprofundou a crise da democracia ao promover um obscurantismo passional que mobiliza emoções em detrimento da razão e ao transformar o analfabetismo cívico em uma virtude. A ignorância se torna fatal quando abraçada pelos poderosos e destituída de qualquer noção das consequências materiais concretas para aqueles que sofrem com práticas de abandono, exclusão terminal e violência do Estado.

A ignorância corroborada pelo Estado é mais do que um conteúdo para *talk shows*; ela também fornece as condições psicológicas para certos indivíduos e grupos associarem "poluição" e descartabilidade ao que Etlin (2002, p. 13) chama de "uma visão de mundo biologicamente racial, que divide os seres humanos de acordo com a dicotomia entre o puro e o impuro, o enriquecedor e o poluidor da vida". Trata-se de uma linguagem mobilizada pelas energias dos eticamente mortos, e ecoa fortemente o antissemitismo que estava no centro do genocídio das políticas do Terceiro Reich. Esse tóxico discurso antissemita retornou com

força na Hungria, na Polônia e em vários outros países que agora se aproximam do fascismo. Ele também está surgindo entre os grupos de direita radical e de neonazistas nos Estados Unidos. Sem surpresas, há também sugestões veladas desse discurso na linguagem de Trump, mas ele é mais cuidadoso com suas demonstrações de antissemitismo, tendo em vista o alvoroço causado por seus comentários de que havia pessoas decentes marchando com neonazistas em Charlottesville.

Um dos comentários mais ideologicamente reveladores feitos por Trump durante o caso Kavanaugh foi em um *tweet* direcionado às mulheres que haviam confrontado o senador Jeff Flake e outros senadores republicanos por causa de seu apoio a Kavanaugh. Trump afirmou: "Os grosseiros manifestantes de elevador são profissionais pagos para fazer com que os senadores tenham uma imagem ruim. Não caiam nessa!". Mais do que expor o nível de corrupção política e ódio às mulheres que definem atualmente a política estadunidense, Trump se apropriou de um discurso antissemita para desacreditar tanto as mulheres a quem ele se refere quanto os detratores em geral. Muitos especialistas e comentaristas conservadores também seguiram seu exemplo e alegaram que os manifestantes foram pagos por George Soros. Essa demonstração de antissemitismo dirigida a Soros não é nova para Trump. Como Greg Sargent apontou no *Washington Post*, esse vil antissemitismo dirigido a Soros desempenhou um "papel central na campanha de encerramento de Trump em 2016, expressão perfeita desse tipo de demagogia populista excludente" (Sargent, 2018, p. 1). Não apenas os comentários de Trump e a campanha anterior refletem a propaganda antissemita dos anos 1930, mas também legitimam os ataques cruéis contra Soros em vários países da Europa Oriental, incluindo Polônia, Romênia e Sérvia. Mas é o presidente Viktor Orbán, da Hungria, quem lidera o coro no ataque a Soros como parte de uma investida mais forte contra os judeus.

O endosso velado de Trump ao ataque de Orbán aos judeus, a quem o presidente húngaro parece culpar por todos os problemas da Hungria, é particularmente repulsivo dada a crueldade e os horrores do passado que tal gesto ecoa. Por exemplo, lembrando a retórica genocida dirigida aos judeus no passado pelos nazistas, Orbán comemorou o 170º aniversário da Revolução Húngara, ocorrida em 1848, afirmando o seguinte (sem mencionar os judeus diretamente):

> Eles não lutam diretamente, mas furtivamente; eles não são honrados, mas sem princípios; eles não são nacionais, mas internacionais; eles não acreditam em trabalho, mas especulam com dinheiro; eles não têm pátria, mas sentem que o mundo inteiro é deles. Eles não são generosos, mas vingativos e sempre atacam o coração – especialmente se for vermelho, branco e verde [as cores da bandeira húngara]. (Orbán *apud* Roylance e Csaky, 2018, p. 1)

Antes da recente eleição na Hungria, Orbán colecionou imagens de George Soros em todo o país. Por ser um cidadão húngaro e judeu, ele foi um símbolo perfeito para Orbán difamar em seus esforços para assumir o país. Soros é perigoso para Orbán porque promove uma sociedade aberta, fronteiras abertas, cosmopolitismo, direitos humanos e democracia. O fato de ser judeu facilitou a Orbán atacá-lo pessoalmente sem ter de expressar abertamente seu ódio à democracia.

O fato de Trump usar uma referência retirada do manual venenoso desse líder fascista é, ao mesmo tempo, revelador e perigoso, não apenas porque essa retórica indica uma política fascista e seus potenciais perigos, mas também por causa do silêncio que cercou a menção de Trump a Soros, com todas as suas implicações tóxicas. Mesmo que Trump não seja conscientemente antissemita, ele deveria pensar duas vezes, uma vez que, como observa Kampeas (2018, p. 1), seus comentários trafegam "em conspirações de controle

e destruição identificadas com o antissemitismo clássico". O apoio velado de Trump a uma ideologia abraçada por neonazistas e outros nacionalistas brancos não é algo novo; é um discurso sanguinário que impulsionou uma linguagem passional carregada de ódio, objetificação, desumanização e, eventualmente, assassinato em massa. Esquecer essa história é menos um ato de ignorância histórica do que uma prática cúmplice de reviver as condições que reproduzem os horrores do passado.

Os defensores de Trump podem argumentar que o presidente não é um antissemita porque dois de seus ex-advogados eram judeus – Roy Cohn e Michael Cohen. Além disso, sua filha se converteu ao judaísmo. Isso pode ser verdade e Trump pode ser estúpido a ponto de saber e não se importar em produzir um estereótipo antissemita, e pode ser tão ignorante da história que não é capaz de relacionar a ameaça do crescente antissemitismo na Europa com a história do genocídio que esse movimento produziu. Mas se quisermos acreditar no que relataram Michael Wolff e Bob Woodward sobre o caos pós-2016 na Casa Branca, que Trump tem supremacistas brancos como Stephen Miller tomando decisões por ele, as audiências de Kavanaugh podem sinalizar um perigo que em muito excede a misoginia e o silêncio do tipo Vichy revelados pelo impotente Partido Republicano e pela administração Trump.

Mitch McConnell e os outros coveiros da democracia no Congresso não se importam nem um pouco com a linguagem grosseira de Trump, seu estilo de governo, seu caráter ou possíveis revelações de atos criminosos. Eles não têm escrúpulos ou reservas em apoiar uma política fascista, desde que consigam o que querem de sua aliança com os racistas, ultranacionalistas xenófobos e nacionalistas brancos. Segundo o historiador Christopher R. Browning, o Partido Republicano, em particular, recebeu uma grande recompensa ao vender sua alma à visão de mundo de Trump.

> Grandes reduções de impostos para os ricos, desregulamentação financeira e ambiental, as nomeações de dois juízes conservadores para a Suprema Corte (até agora) e uma série de outras nomeações judiciais conservadoras, além de uma redução significativa nos serviços de saúde patrocinados pelo governo (embora ainda sem a abolição total do Obamacare que eles tanto esperam). Como os aliados conservadores de Hitler, McConnell e os republicanos se orgulharam do retorno inicial de seu investimento em Trump. (Browning, 2018, p. 16)

A nomeação de Kavanaugh expõe mais do que o que comentaristas como Robert Reich e historiadores como Timothy Snyder veem como paralelos alarmantes e assustadores entre os Estados Unidos e o regime de Hitler, ou o que o historiador de Yale Jason Stanley chama de aceleração da implantação de políticas fascistas. Suas análises parecem excessivamente cautelosas. Devido a seus supostos assédios sexuais, há pouca dúvida de que a nomeação de Kavanaugh para a Suprema Corte seja uma abominação; além disso, durante a audiência que teve no Senado, ficou ainda mais explícito em sua fala o discurso ideológico da direita contra a esquerda, contra Hillary Clinton e contra o Partido Democrata. Mais sinistro, quando compreendido no contexto de uma política fascista emergente, é o reconhecimento de que essa nomeação é parte de um esforço mais amplo por parte da administração Trump para modificar radicalmente o Estado de Direito e os direitos individuais, privando-os ainda mais de qualquer significado e afastando-os de qualquer padrão humanitário viável.

Estamos diante de uma versão americana do fascismo, o que não significa um fascismo modelado exclusivamente pela Alemanha nazista. A retórica fascista se normalizou nos Estados Unidos, o terror branco não é mais velado e o ultranacionalismo se fundiu em um caso de amor entre os Estados Unidos e uma série de ditadores implacáveis. É claro que os Estados Unidos têm

uma longa tradição de liberdades civis, mas também têm uma longa tradição de ilegalidade, e esta última está vencendo agora. Ela prospera sob o disfarce de um neoliberalismo que alimentou, nos últimos quarenta anos, vastas desigualdades em riqueza e poder, produzindo um nível de corrupção política e econômica que sinaliza não só um ódio à democracia, mas também um estilo único de fascismo americano.

As audiências de Kavanaugh devem servir para nos lembrar de que vivemos em tempos cada vez mais perigosos. É importante lembrar que o fascismo começa não com violência, agressões policiais ou assassinatos em massa, mas com a linguagem. Não aprendemos isso só com a ascensão do fascismo na década de 1930 na Europa mas também no atual momento histórico – um momento em que a ilegalidade, a misoginia, o nacionalismo branco e o racismo estão ressurgindo em todo o mundo. Se o fascismo começa com a linguagem, o mesmo acontece com uma forte resistência disposta a desafiá-lo.

Essa é mais uma razão para indivíduos, instituições, sindicatos de trabalhadores, educadores, jovens e outros não se calarem diante da atual escalada fascista nos Estados Unidos e em outros lugares. Diante do ódio, do racismo, da misoginia e do engano que se tornaram parte de um diálogo público sancionado pelo Estado, ninguém pode se dar ao luxo de desviar o olhar, não falar e se arriscar ao silêncio. Isso é especialmente verdadeiro em uma época em que a história é usada para esconder em vez de iluminar o passado, quando se torna difícil traduzir questões privadas em considerações sistêmicas maiores e as pessoas se deixam seduzir, ficando presas a espetáculos de violência, crueldade e impulsos autoritários. Sob tais circunstâncias, o terror do imprevisto torna-se ainda mais sinistro.

Qualquer noção viável de mudança terá de rejeitar a noção de que capitalismo e democracia são sinônimos e de que a democracia participativa começa e termina com eleições. Fazer isso é

crucial para dar fim ao mito de que o poder político é separado do poder econômico – um mito que sustenta a falsa suposição de que quaisquer problemas existentes atualmente sob a administração Trump são endêmicos à sua alegada saúde mental, ignorância e outras falhas de caráter. Na verdade, a política fascista que agora molda os Estados Unidos está sendo elaborada há décadas, é sistêmica para o capitalismo neoliberal e profundamente entrelaçada com relações iníquas de poder. Rob Urie esclarece a questão particularmente em relação às divisões de classe:

> As relações de classe da economia política americana são incompatíveis com a noção de um interesse público comum. A questão não é sugerir que este ou aquele líder autoritário não seja autoritário, mas sim delinear o cenário político de modo a argumentar que a experiência de repressão social, econômica e política é uma experiência vivida, não teoria acadêmica ou fantasia burguesa. As circunstâncias de termos banqueiros de investimento abrindo mão de ativos, industriais realocando fábricas construídas por trabalhadores para locais de baixos salários e "pioneiros" tecnológicos usando licenças e patentes para obter rendas econômicas são sistematicamente "autoritárias" no sentido de que o consentimento democrático não foi nem pedido nem concedido. (Urie, 2018)

É hora de um movimento social amplo rejeitar o capitalismo financeiro e abraçar a educação como central para uma política que lute para persuadir as pessoas a recuperarem seu senso de agência, expandirem as fronteiras da imaginação ética e conectarem o que aprenderam de modo a enfrentar as questões sociais, assumindo riscos e desafiando as narrativas destrutivas que estão se infiltrando na esfera pública e se normalizando. Qualquer insatisfação com a injustiça requer que se combinem as demandas do testemunho moral com o poder pedagógico de persuasão e o chamado para tratar das tarefas da emancipação. Precisamos de

indivíduos e movimentos sociais dispostos a perturbar a normalização de uma política fascista e a se opor à ortodoxia racista, sexista e neoliberal. Como Kelley (2019) observa, não podemos confundir catarse e indignação momentânea com revolução. Em um tempo de crescente tirania, a resistência parece ter perdido sua utilidade como um chamado à ação. Como argumentou Cole,

> a "resistência" está novamente em voga e descreve algo bastante diferente agora. A palavra sagrada tornou-se excepcional. Diante de um regime vulgar, maníaco e cruel, pássaros de muitas penas diferentes estão ansiosos para se proclamarem membros da resistência. É o jogo mais popular da cidade. (Cole, 2018)

A crítica de Cole parece ser corroborada pelo fato de que os políticos mais inescrupulosamente liberais e conservadores, como Madeleine Albright, Hillary Clinton e até mesmo James Clapper, ex-diretor de inteligência nacional, estejam agora alegando terem se juntado à resistência contra a política fascista de Trump. Até mesmo Michael Hayden, ex-diretor da Agência Nacional de Segurança (NSA, na sigla em inglês) e diretor da Agência Central de Inteligência (CIA, na sigla em inglês), sob o comando de George W. Bush, juntou-se às fileiras de Albright e Clinton ao condenar Trump como um protofascista. Ao escrever no *New York Times*, Hayden repreendeu Trump como um mentiroso compulsivo e citou o renomado historiador Timothy Snyder, que afirmou, em referência ao regime de Trump, que "a pós-verdade é o pré-fascismo" (Snyder *apud* Hayden, 2018). É difícil não ver uma ironia aqui. Não apenas Hayden liderou o programa ilegal de escutas telefônicas da agência de segurança nacional de Bush quando era chefe da NSA, como também mentiu repetidamente sobre seu papel na sanção e implementação de tortura estatal no Afeganistão e no Iraque por Bush.

Esse tsunami de resistência banal estava em plena exibição quando um membro anônimo do círculo interno de Trump publicou

um editorial no *New York Times* alegando que ele e outros altos funcionários faziam parte da "resistência dentro da administração Trump" (I am part..., 2018). O autor foi rápido em qualificar a declaração, insistindo que tal resistência não tinha nada a ver com "a popular 'resistência' da esquerda". Para provar isso, asseverou que os membros dessa resistência interna gostavam de algumas das políticas de Trump, tais como "desregulamentação efetiva, reforma tributária histórica, um exército mais forte, e muito mais". Combinar resistência com o endosso de tais políticas reacionárias oferece um material fértil para espetáculos midiáticos.

O Partido Democrata agora se define como a mais poderosa força política a se opor à política fascista de Trump, mas ele esqueceu o papel que desempenhou durante as presidências de Clinton e Obama na criação das condições econômicas, políticas e sociais para a eleição de Trump em 2016. Tal amnésia histórica e política permite a enganadora alegação de que esse é o atual partido de resistência. A resistência, nesses casos, tem pouco a ver com a coragem cívica, com a defesa da dignidade humana e com a disposição de não apenas testemunhar as injustiças atuais, mas também de lutar para superá-las. É claro que a questão não é tanto negar a resistência, mas redefini-la como inseparável de uma mudança fundamental: aquela que exige a derrubada do próprio capitalismo.

O chamado para resistir ao fascismo neoliberal, ainda que bem-vindo, deve ser interrogado, e não alinhado com indivíduos e forças ideológicas que ajudaram a colocar em prática as forças racistas, econômicas, religiosas e educacionais que ajudaram a produzi-lo. O que todos esses apelos à resistência têm em comum é uma oposição a Trump e não às condições que o criaram. A eleição de Trump e o caso Kavanaugh deixam claro que é necessária não apenas uma resistência à ordem estabelecida do capitalismo neoliberal, mas também uma reestruturação radical da própria sociedade. Não se trata de resistir à opressão em suas diversas formas, e sim de superá-la – em suma, de mudá-la.

É crucial condenar as audiências de Kavanaugh por seu explícito desrespeito à Constituição e pelo ódio expresso às mulheres, além da expressão e do reconhecimento simbólicos dos privilégios e do poder brancos, mas também é necessário ampliar nossas críticas para incluir o sistema que tornou possível sua nomeação, que representa tanto a podridão profunda da misoginia quanto, conforme declararam Boggs e Kurashige (2012), "um governo de, por e para o poder corporativo". Precisamos ver além das manifestações de nacionalistas brancos e neonazistas nas ruas a fim de reconhecer o terror do imprevisto, o terror que é sancionado pelo Estado e se esconde nas sombras do poder.

Tal luta significa mais do que considerar as relações materiais de poder ou a arquitetura econômica do fascismo neoliberal; significa também assumir o desafio de produzir as ferramentas e táticas necessárias para repensar e criar as condições para um novo tipo de subjetividade como base para um novo tipo de política democrática socialista. Precisamos de uma política abrangente que reúna vários movimentos de interesse único, de modo que os fios que os conectem sejam tão importantes quanto as formas particulares de opressão que definem suas singularidades. Além disso, precisamos de intelectuais dispostos a combinar complexidade intelectual com clareza e acessibilidade, a abraçar o investimento de alto risco na persuasão e a cruzar fronteiras disciplinares a fim de teorizar e dialogar com o que Rob Nixon (2011) chama de "astúcia da leveza" e "promiscuidade metodológica", que mantêm a linguagem sintonizada com as reivindicações urgentes de justiça.

Trump fez emergir as terríveis ameaças antidemocráticas que se expandiram sob um sistema econômico destituído de qualquer responsabilidade política, social e ética. Essa é uma forma de fascismo neoliberal que redesenhou e expandiu os parâmetros do que, depois das práticas genocidas e das políticas cheias de ódio das décadas de 1930 e 1940 na Europa, era considerado impossível de acontecer de novo. A ameaça voltou e agora está à nossa

porta. Precisa ser nomeada, exposta e superada por aqueles que acreditam que as apostas são altas demais para desviar o olhar e não se engajar em lutas políticas e pedagógicas organizadas.

—

Hannah Arendt escreveu certa vez que o terror era a essência do totalitarismo. Ela estava certa, e hoje estamos testemunhando as visões distópicas dos novos autoritários que agora negociam com medo, ódio, demonização, violência e racismo. Esse será o legado de Trump. É fácil se desesperar em tempos de tirania, mas é muito mais produtivo ser política e moralmente indignado e usar essa raiva como fonte de esperança e ação. Sem esperança, mesmo nos tempos mais difíceis, não há possibilidade de resistência, desacordo e luta.

Uma consciência crítica é o pré-requisito para a agência informada, e a esperança é a base para a resistência individual e coletiva. Além disso, quando combinada com a ação coletiva, a esperança se traduz em um sentido dinâmico de possibilidade, permitindo que nos unamos aos outros para o longo prazo da luta contra formas sistêmicas de dominação. A coragem diante da tirania é uma necessidade e não uma opção, e podemos aprender, tanto com o passado quanto com o presente, sobre os movimentos de resistência, sobre o poder da coragem cívica e da luta coletiva e como esses modos de resistência estão surgindo em vários grupos e em uma ampla variedade de cenários.

O que é crucial é a necessidade de não enfrentarmos tais lutas sozinhos, sentindo-nos derrotados em nosso isolamento ou cedendo ao *ethos* neoliberal de sobrevivência do mais apto que domina as relações cotidianas. A política radical começa quando alguém se recusa a encarar o próprio destino sozinho, aprende sobre o funcionamento e os mecanismos do poder e rejeita o mantra dominante do isolamento social.

Há força nos números. Uma das coisas mais importantes que podemos fazer para manter um senso de coragem e dignidade é imaginar uma nova ordem social, ou seja, devemos trabalhar constantemente para reviver um imaginário político radical, conversando com os outros a fim de repensar como seria uma nova política e uma nova sociedade fundamentalmente anticapitalistas e dedicadas a criar as condições para novas políticas democráticas e formações sociais. Isso sugere a criação de novas esferas públicas que possibilitem tal diálogo e a noção de solidariedade, enquanto simultaneamente lutam contra as forças que deram origem a Trump, particularmente aquelas que insinuam que ainda há formas totalitárias em nós.

Como sublinhei, repensar uma nova política também suscita a possibilidade de construir alianças amplas para criar uma agenda econômica e política robusta que conecte a democracia com um esforço sério para interrogar as fontes e estruturas da desigualdade, do racismo e do autoritarismo que agora afligem os Estados Unidos. Isso aponta para a abertura de novas linhas de entendimento, diálogo e empatia radical; significa, como sugere o filósofo George Yancy, aprender "a amar com coragem" (*apud* Evans, B., 2016).

Um movimento não violento para o socialismo democrático não precisa de vanguardas, pureza política ou sedução da ortodoxia ideológica. Pelo contrário, precisa de uma política consciente e enérgica, sem garantias, que seja aberta a novas ideias, à autorreflexão e à compreensão. Em vez de ideologias deterministas, moralismo rígido e uma política de repreensão e humilhação, precisamos entender as condições que tornam possível às pessoas internalizar formas de dominação, e isso significa interrogar histórias esquecidas e pedagogias de opressão existentes. Pesquisas recentes indicam que dois terços dos americanos afirmam que esse é o ponto mais baixo da política americana de que se recordam. Tal desespero oferece a possibilidade de uma intervenção pedagógica

que proporcione uma abertura política para criar um movimento massivo em direção à luta organizada nos Estados Unidos.

Enquanto vivemos em uma era de desespero, a esperança é um presente a que não podemos renunciar, pois ela amplia o poder de visões alternativas, oferece histórias em que podemos imaginar o inimaginável, move pessoas da depressão à indignação e as faz levar a sério aquilo a que são favoráveis e aquilo a que são contrárias. Isso sugere tentar entender como os próprios processos de aprendizagem constituem os mecanismos políticos através dos quais as identidades – individuais e coletivas – são moldadas, desejadas e mobilizadas e assumem as práticas mundanas de autonomia, autorreflexão e autodeterminação como parte de uma luta maior pela justiça econômica e social.

Em primeiro lugar, é crucial desenvolver uma linguagem na qual seja possível imaginar um futuro muito diferente do presente, que se recuse a privatizar a esperança com um individualismo grosseiro. Em segundo, é crucial desenvolver um discurso de crítica e possibilidade que rejeite a normalização das relações de dominação e controle em curso, ao mesmo tempo que repudie a noção de que capitalismo e democracia sejam sinônimos. Seria sensato ouvir as palavras da visionária autora de ficção científica Ursula K. Le Guin, que escreveu: "Vivemos no capitalismo. Seu poder parece inevitável. O mesmo fez o direito divino dos reis. Não, o poder humano pode ser resistido e transformado por seres humanos" (Le Guin, 2014).

Em terceiro lugar, é imperativo rejeitar a noção de que todos os problemas são questões individuais e só podem ser resolvidos como uma questão de ação e responsabilidade individuais. Este é um dos princípios ideológicos mais poderosos do neoliberalismo, que atua para tornar o âmbito privado a única política que importa, enquanto separa os problemas individuais do mundo em geral. Todas essas três suposições servem para despolitizar as pessoas e apagar o significado de tornar o poder visível e organizar coletivamente

o problema. Em quarto lugar, há uma necessidade, creio eu, de um discurso que seja, ao mesmo tempo, histórico, relacional e abrangente. A memória é importante tanto em termos de recuperar narrativas perdidas de luta, quanto de avaliar visões, estratégias e táticas que ainda guardam enormes possibilidades no presente.

Desenvolver um discurso relacional significa conectar os pontos em torno de questões que são frequentemente vistas em termos isolados. Por exemplo, não se pode estudar o ataque às escolas públicas e à educação superior como questões internas imbricadas que se concentram exclusivamente nos métodos e estratégias de ensino. O que é necessário são análises que liguem tais ataques à questão mais ampla da desigualdade, à dinâmica do capitalismo de cassino e ao racismo generalizado e ativo na promoção de novas formas de segregação dentro e fora das escolas.

Uma política abrangente é aquela que faz pelo menos duas coisas. Por um lado, tenta compreender uma infinidade de problemas, desde a pobreza maciça até a espoliação do planeta, dentro de um entendimento mais amplo, ou seja, tal política encontra conexões entre diversas formas de opressão. Nesse caso, o foco está na totalidade da política, que evidencia as relações de poder do capitalismo global, a ascensão da democracia iliberal, os arquivos do autoritarismo e a ascensão do capital financeiro. Uma visão totalizante da opressão permite o desenvolvimento de uma linguagem capaz de tornar visíveis as forças ideológicas e estruturais das novas formas de dominação em vigor nos Estados Unidos e em todo o mundo. Por outro lado, uma compreensão tão abrangente da política possibilita reunir uma série de questões e movimentos cruciais para expandir a gama de opressões e, ao mesmo tempo, fornece um terreno comum para que esses diversos grupos possam trabalhar juntos no interesse do bem de todos e de uma ampla luta pelo socialismo democrático. Finalmente, qualquer linguagem viável de emancipação precisa desenvolver um discurso sobre o que Ron Aronson chama de esperança social. Ele diz:

> Esperança social, a disposição de agir coletivamente para mudar uma situação, implica não agirmos cegamente, mas com um senso de possibilidade. O planejamento de uma estratégia exige que nos preparemos e avaliemos as condições sob as quais estamos operando. A esperança dos movimentos sociais exige organização e ação objetivas e lúcidas e uma apreciação das circunstâncias em que podemos ter sucesso. Esse fluxo realista de esperança se mistura com a corrente visionária que nos motiva; sem ambos, não há esperança. A esperança unicamente combina nosso anseio, nossa verdadeira intenção e nosso senso de potência com a possibilidade real, o subjetivo e o objetivo. (Aronson, 2017, p. 20)

Aronson está certo ao argumentar que apontar o que está errado em uma sociedade é importante, mas não é suficiente, porque tal crítica pode, às vezes, ser avassaladora e levar a um desespero paralisante ou, pior ainda, a um cinismo incapacitante. A esperança fala em imaginar uma vida além do capitalismo e combina um senso realista de limites com uma visão elevada que exige o impossível. Como Ariel Dorfman argumentou, os progressistas precisam de uma linguagem que está faltando em nosso vocabulário político, que insista que "mundos alternativos são possíveis, que eles estão ao nosso alcance se formos suficientemente corajosos e espertos o bastante para assumir o controle" (Dorfman, 2017a). A razão, a justiça e a mudança não podem florescer sem esperança, porque a esperança educada toca em nossas experiências mais profundas e anseia por uma vida de dignidade com os outros, uma vida na qual se torna possível imaginar um futuro que não imite o presente. Não me refiro a uma noção romântica e vazia de esperança, mas a uma noção social consciente, ou esperança com compromisso social, que enfrente os obstáculos e realidades concretas da dominação e ainda assim continue a tarefa interminável de realizar um futuro em que questões de justiça, igualdade, liberdade e alegria importem. O capitalismo de

cassino é uma toxina que criou uma classe predatória de zumbis antiéticos que estão produzindo zonas mortas da imaginação e ecologias maciças de miséria que nem George Orwell poderia imaginar, ao mesmo tempo que travava uma feroz luta contra as possibilidades de um futuro democrático.

Chegou a hora de desenvolver uma linguagem política na qual os valores cívicos, a responsabilidade social e as instituições que os apoiam se tornem centrais para revigorar e fortalecer uma nova era de imaginação cívica, um sentido renovado de agência social e um movimento social internacional apaixonado com visão, organização e um conjunto de estratégias para desafiar o pesadelo neoliberal que assola o planeta. Tal estratégia teria de reviver a imaginação radical e a tarefa de pensar em um futuro sem capitalismo e opressão; lançar um programa abrangente de educação para fornecer narrativas, memórias e histórias alternativas que permitam as capacidades de julgamento informado, responsabilidades éticas e coragem cívica; e, por último, mas não menos importante, criar essas esferas públicas alternativas, nas quais se possa começar uma nova conversa sobre a criação de uma nova formação política progressista e socialista. Como disse Karl Marx, não há nada a perder a não ser nossas correntes.

Fascismo neoliberal e o crepúsculo do Estado de bem-estar social

Os ataques cada vez mais perigosos e incendiários de Donald Trump à mídia, sua disposição de separar crianças de seus pais na fronteira sul, seus esforços para tirar a cidadania de cidadãos naturalizados e deportar cidadãos norte-americanos com a alegação infundada de que eles têm certidões de nascimento fraudulentas, além de suas implacáveis tentativas de pressionar o procurador-geral, Jeff Sessions, e outros a obstruírem o Estado de

Direito, significam uma tomada de poder sem lei que está empurrando os Estados Unidos ainda mais para o abismo do fascismo.

Os terrores do fascismo do século XX aumentaram novamente no país, embora menos como um alerta sobre a repetição de erros do passado do que como uma medida do grau em que as lições da história se tornam irrelevantes. A política agora se move entre o que Susan Sontag uma vez chamou de "banalidade incessante e o terror inconcebível" (Sontag, 1965, p. 42). A "banalidade incessante" é evidente na enxurrada diária de *tweets* irresponsáveis de Trump, em que a linguagem se torna uma arma para difamar, humilhar e demonizar funcionários do governo, jornalistas e meios de comunicação críticos. Uma banalidade maligna também está presente em sua forma de rotular imigrantes sem documentos como "assassinos e ladrões", "estupradores" e criminosos que querem "infestar nosso país". Além do uso de uma linguagem grosseira e de uma exibição, sem precedentes, de falta de civilidade por um presidente em exercício, há também um flerte com a violência, a retórica da supremacia branca e a linguagem da expulsão e eliminação. O fato de Trump aceitar o terror impensável adquire um tom ainda mais oneroso à medida que a linguagem da desumanização e da crueldade se materializa em políticas que funcionam para eliminar nas pessoas qualquer senso de comunidade, se não da própria humanidade.

A propensão de Trump à crueldade também fica explícita na remoção do *status* de proteção temporária para centenas de milhares de refugiados de El Salvador, Honduras e Haiti, bem como na revogação de proteções "para 800 mil jovens imigrantes sem documentos, conhecidos como 'sonhadores'" (Jordan, 2018). Pior: a administração Trump defendeu a prisão de imigrantes sem o devido processo legal e ameaçou deportá-los imediatamente quando atravessassem a fronteira, "sem julgamento ou comparecimento diante de um juiz" (Rucker e Weigel, 2018).

O racismo de Trump fica ainda mais evidente em seu plano de punir os imigrantes legais por aceitarem benefícios públicos a que têm direito, como vale-alimentação e moradia pública. Além disso, sua regra autorizaria as autoridades federais a revogarem o *status* de residente legal a imigrantes que aceitassem tal assistência. A força orientadora por trás desse movimento anti-imigrante na administração Trump é o simpatizante da linha dura e supremacista branco Stephen Miller, que se deleita em propor uma legislação que torna "mais difícil para os imigrantes legais se tornarem cidadãos ou obterem *green cards* se já tiverem usado uma série de programas populares de bem-estar público, incluindo o Obamacare" (*apud* Novick, 2018). A legislação que nega a cidadania aos imigrantes porque eles recebem assistência pública revela um nível de violência estatal, se não uma forma de terrorismo doméstico, que caracteriza cada vez mais a ofensiva das políticas de Trump. Mais recentemente, ele sugeriu a pena de morte para traficantes de drogas, um plano inspirado na guerra às drogas do presidente filipino Rodrigo Duterte, que resultou na morte de mais de 20 mil supostos usuários e traficantes desde 2016, muitos dos quais viviam em comunidades pobres.

Enquanto isso, como parte de seu ataque mais amplo à vida humana e às condições que a tornam possível, Trump descartou muitas políticas da era Obama criadas para conter a mudança climática, reverteu as proteções ambientais, como a proibição de pesticidas em refúgios de vida silvestre, e desmantelou as regras federais que regulam as usinas de carvão americanas, "destinadas a reduzir as emissões de dióxido de carbono e metano que contribuem para a mudança climática" (National Geographics, 2017).

Em um caso que destaca a guerra de Trump contra a juventude e suas tentativas em curso de destruir os laços sociais que sustentam uma democracia, o governo dos Estados Unidos tentou desfazer uma resolução da Organização das Nações Unidas/Organização Mundial da Saúde que estimulava a amamentação. Apoiando os

interesses dos fabricantes de fórmulas infantis, as autoridades americanas, primeiro, procuraram usar uma linguagem que enfraquecesse a resolução. Quando isso falhou, ameaçaram países menores como o Equador, que se contrapunha a esses interesses. Patti Rundall, diretora de políticas e apoiadora da resolução, observou que as ações da administração Trump eram "o equivalente à chantagem". A crítica de Rundall se torna ainda mais alarmante quando se considera um estudo de 2016, publicado na *The Lancet*, que documentou como "a amamentação universal evitaria 800 mil mortes de crianças por ano em todo o mundo e renderia 300 bilhões de dólares em economia com a redução dos custos de assistência médica e melhores resultados econômicos para aqueles criados com leite materno" (*apud* Jacobs, 2018).

O discurso e as políticas de Trump representam um profundo ataque aos valores coletivos cruciais para uma democracia e uma investida constante não apenas contra as instituições econômicas e políticas, mas também contra a cultura formativa, as fundações públicas e os aparatos educacionais necessários para manter cidadãos ativos e engajados. O ataque de Trump às obrigações, à responsabilidade e ao tecido sociais é um elemento fundamental de sua adesão ao fascismo neoliberal. Esse novo arranjo político opera em sua forma mais letal como uma espécie de "violência lenta", que, nos termos de Rob Nixon, estudioso da Universidade de Princeton, é uma "violência que ocorre gradualmente e fora de vista, uma violência de destruição vagarosa que se dispersa ao longo do tempo e do espaço, uma violência de atrito que tipicamente não é vista como violência" (Nixon, R., 2011, p. 57).

A "violência lenta" destrói as culturas formativas que tornam visível o sofrimento humano, encobre os impulsos autoritários por trás dos apelos à grandeza nacional e expõe o perigo de se renunciar à liberdade pela segurança. No centro dessa violência, intensificada com o fascismo neoliberal, está um ataque às forças sociais que defendem o Estado de bem-estar social e se engajam

em uma luta contínua para concretizar as possibilidades do socialismo democrático. No fascismo neoliberal, o chauvinismo e o militarismo trabalham lado a lado com o endurecimento da cultura, com o desencadeamento das forças do egoísmo brutal e com um crescente analfabetismo que mina tanto os valores públicos quanto uma luta coletiva contra o que o sociólogo C. Wright Mills uma vez chamou de "política de irresponsabilidade organizada" (Mills, 2008, p. 18). A "violência lenta" é difícil de avaliar porque é frequentemente ocultada por políticas que promovem o que pode ser chamado de violência rápida.

A violência rápida vem com um golpe imediato, exibe o drama espetacular dos *tweets* imperiosos e insultuosos de Trump e produz agressões de alto nível a instituições democráticas, como tribunais, mídia e o Estado de Direito. Tal violência adota a forma de encenação, alimenta o espetáculo e visa a um grande poder de chocar. Um exemplo recente da violência rápida da política cultural foi o anúncio quase inacreditável da administração Trump de que Betsy DeVos, a secretária de Educação, estava planejando – em um momento em que as escolas carentes não tinham recursos e serviços de apoio mais básicos – usar recursos federais destinados a programas de assistência a estudantes carentes para treinar e armar professores, apesar de uma política federal em vigor proibir o uso de tais fundos para armar educadores. Claro, a agenda oculta legitimada nessa proposta política é a de que as escolas frequentadas por estudantes pobres são locais definidos à imagem da guerra, devem ser moldadas como prisões e precisam ser governadas por políticas de tolerância zero que muitas vezes pavimentam o caminho da escola para a prisão.

A meta dessas políticas é empurrar jovens negros para o sistema de justiça criminal e abolir essas instituições públicas ou transformá-las em fontes de dinheiro, privatizando-as. O objetivo maior é destruir a educação, considerada uma esfera pública democrática cuja missão é criar uma cidadania educada, necessária

ao funcionamento de uma democracia vibrante. A violência patrocinada pelo Estado e em jogo aqui coloca em perigo o Estado de Direito e trabalha para desvendar a cumplicidade de supostas instituições democráticas, como os tribunais de justiça e os meios de comunicação, que, para alguns, fornecem uma barreira inexpugnável contra o autoritarismo de Trump. Em conjunto, a violência "lenta" e a rápida sob o regime de Trump compartilham uma política cultural que erode a memória, substitui a emoção pela razão, abraça o anti-intelectualismo, aumenta a rigidez do individualismo e prospera no brilho do que o economista Paul Krugman chama de "nacionalismo branco desenfreado" (Krugman, 2018).

A violência estatal tornou-se o princípio organizador que molda todos os aspectos da sociedade americana. No coração de tal violência está um ataque completo às noções do espaço social e público que tornam possíveis o pensamento crítico, o diálogo e a busca individual e coletiva do bem comum. Sob tais circunstâncias, os problemas sociais urgentes são removidos da agenda política de preocupações públicas e considerações éticas. O objetivo final é a substituição do Estado de bem-estar social e dos investimentos sociais pelo Estado punitivo e pelo que Simon (2007) chamou de "governar através do crime". Isso é evidente na forma de governo da administração Trump, fundada em um regime severo de lei e ordem que é tão repressivo quanto corrupto. Trancado em um "abismo da sociabilidade fracassada", o público americano acha cada vez mais difícil desafiar a suposição de que os mercados e o governo do homem forte são tudo o que é necessário para resolver todos os problemas individuais e sociais. Quando os valores públicos são invocados, para parafrasear Walter Benjamin, aparecem menos pelo reconhecimento e relevância que têm para o presente do que como um símbolo do que foi irrevogavelmente perdido.

Os valores públicos e o bem público foram reduzidos a lembranças nostálgicas de outra época – associadas, por exemplo,

ao New Deal ou à Great Society – em que o contrato social era considerado crucial para atender às necessidades dos americanos do pós-guerra e fundamental para uma ordem democrática substantiva. Em vez de serem vistas como um legado que precisa ser recuperado, reimaginado e renovado, as visões do bem público são relegadas ao passado distante, a uma curiosidade passageira, tal qual uma peça de museu que talvez valha a pena ser vista, mas não revivida como ideal ou realidade. O que é "novo" a respeito do longo declínio dos valores públicos na sociedade dos Estados Unidos não é que eles estejam novamente sob ataque, mas que tenham se enfraquecido a ponto de não mais produzir um movimento social maciço de oposição em face dos ataques mais ousados e destrutivos por parte da administração Trump. Quando tais valores são atacados, os alvos são grupos que durante décadas foram imunes a tais ataques porque incorporam os ideais mais caros associados ao serviço público democrático – imigrantes, professores de escolas públicas, funcionários públicos, jovens pobres, pessoas negras e sindicatos. Isso sugere que a precondição para qualquer sentido viável de resistência individual e coletiva deve reivindicar o social como parte de um imaginário democrático que torna a educação e a aprendizagem não apenas centrais para a mudança social, mas também para a luta pela democratização do próprio caráter da política americana, do poder institucional e do discurso público.

Ataques do neoliberalismo aos direitos sociais

No rescaldo dos horrores da Segunda Guerra Mundial, o teórico crítico Theodor Adorno observou que, embora se torne difícil viver à sombra de uma história em que parecia não haver fim para o terror, é impossível escapar do passado, que "permanece" tanto depois de sua suposta morte, quanto porque uma "vontade de

cometer o indizível sobrevive nas pessoas, assim como nas condições que as envolvem" (Adorno, 2010, p. 213). Nesse caso, ele estava se referindo à sobrevivência de elementos fascistas dentro de democracias apaziguadas pela falsa crença de que a história não poderia se repetir. Com o surgimento da "democracia iliberal" e a ressurgência de autoritários inescrupulosos em todo o mundo, fica claro não apenas que a luta por leis, regras e direitos democráticos se tornou mais urgente do que nunca, mas também que se encontra em perigo a cultura formativa que cria o tecido social, os agentes críticos, os hábitos e disposições necessários para sustentar e fortalecer tal democracia. A crise da democracia tomou um rumo letal nos Estados Unidos.

Nos últimos quarenta anos, o neoliberalismo produziu os elementos mais extremos do capitalismo de cassino, enfatizando políticas de austeridade destinadas a acumular riqueza e lucros para a elite financeira e corporativa, independentemente dos custos sociais e do enorme preço pago com sofrimento e miséria humanos. Ao mesmo tempo, o neoliberalismo desencadeou e legitimou os paroxismos mobilizadores do discurso neofascista. O neoliberalismo mescla uma forma cruel do capitalismo contemporâneo com elementos de supremacia branca, ultranacionalismo e políticas de eliminação que ecoam os horrores de um passado fascista. O ataque do neoliberalismo à justiça social e ao bem comum, juntamente com a produção de condições econômicas que atropelam as necessidades humanas e produzem uma enorme desigualdade de riqueza e poder, mobiliza as energias violentas de um populismo de direita e as ansiedades de supremacia branca "em relação à perda de *status* e domínio social" (Crain, 2018).

Na narrativa neoliberal, as pessoas são reduzidas a mercadorias e devem imitar em vez de desafiar os valores corporativos. Segundo essa visão, a cultura torna-se uma arma pedagógica, cujo objetivo é convencer as pessoas de que é impossível imaginar um

futuro alternativo. Nessa versão fascista do roteiro, pessoas são consideradas apenas extensões de capital ou seres descartáveis e, em última análise, sujeitas a limpeza racial, exclusão terminal ou coisas piores. Dentro dessa convergência de racionalidade neoliberal e ecos alarmantes de uma história fascista, Trump encorajou o discurso de fronteiras, muros, expurgos raciais e militarismo, junto com ataques incessantes a pessoas negras, trabalhadores, imigrantes, mulheres, pessoas LGBTQIA+, ambientalistas e muito mais.

À medida que a guerra de Trump contra a democracia se intensifica, a velocidade e o ataque de políticas que carregam os fantasmas de um passado monstruoso tornam-se mais difíceis de se entenderem, em razão dos incontáveis choques no corpo político e de uma infinidade de terremotos e espetacularizações que se seguem a cada golpe nos valores, relações e instituições que possibilitam a democracia. Enquanto os horrores de um passado fascista são fáceis de lembrar, é muito mais difícil, no momento atual, aprender com a história como resistir a uma cultura ligada a formas extremas de nacionalismo, supremacia branca, racismo sistêmico, militarismo, violência policial, política de descartabilidade e a uma crescente cultura de crueldade. Igualmente difícil é entender como os mecanismos do fascismo neoliberal agem para minar os modos de solidariedade social, o contrato social, as obrigações e relações sociais, enquanto sustentam na mente pública "condições que são hostis a qualquer tipo de liberdade democrática" (John Dewey *apud* Rogers, 2018).

Como uma cultura cuja missão é manter a democracia viva dá lugar a arranjos políticos, econômicos e pedagógicos que normalizam o ódio à democracia? Que papel a cultura neoliberal desempenha, como uma força educacional, para construir políticas que enfraquecem os direitos humanos e representam uma ameaça à dignidade da política? Como o neoliberalismo usa os aparatos culturais controlados pelas corporações para destruir

a coesão comunitária, necessária para nutrir o apoio ao bem comum, os bens públicos e a compaixão pelos outros? Como funcionam as estações de trabalho ideológicas do fascismo neoliberal para configurar toda a vida social em termos econômicos? Como o abraço regressivo do neoliberalismo da responsabilidade individual atua para reduzir todos os problemas sociais a falhas pessoais e, ao fazê-lo, esvaziar a política de qualquer substância, enquanto arruína uma gramática de ética e fundamentos morais necessários para distinguir o bem do mal?

Essas questões apontam para o terror do imprevisto que está no cerne da formação neoliberal que surgiu sob a administração Trump como um novo e assustador desenvolvimento político. À medida que a esfera política é corrompida por concentrações cada vez maiores de riqueza e poder, as instituições, culturas, valores e princípios éticos que tornam uma democracia possível começam a desaparecer. A teórica política Wendy Brown é perspicaz ao refletir sobre o colapso da democracia no conturbado momento atual e chama a atenção para forças que ameaçam a democracia a partir de dentro, esvaziando suas instituições públicas mais cruciais. Ela escreve:

> O neoliberalismo gera uma condição de política na ausência de instituições democráticas que apoiariam um público democrático e tudo o que ele representa de melhor: paixão informada, deliberação respeitosa e soberana, forte contenção de poderes que o anulariam ou minariam [...]. Em uma era de constelações e poderes globais enormemente complexos, a democracia requer um povo que seja educado, ponderado e democrático em termos de sensibilidade. Isso significa um povo que conheça modestamente essas constelações e poderes; um povo com capacidade de discernimento e julgamento em relação ao que lê, assiste ou ouve sobre uma série de acontecimentos em seu mundo; e um povo orientado para preocupações comuns e autogovernável. (Brown, 2015, p. 84)

A ideologia neoliberal e seu ataque aos laços sociais, ao pensamento crítico e aos valores democráticos têm um longo legado e se intensificaram desde o final da década de 1970. A educação na cultura mais ampla é dominada por interesses corporativos e se tornou uma máquina de armas e de desmistificação. Como forma de opressão pedagógica, o neoliberalismo instrumentaliza a aprendizagem, reduz a educação à formação e produz sujeitos definidos pelas relações sociais e por valores de mercado. Substituindo valores democráticos por valores de mercado, economizou e comercializou todas as relações sociais, subordinando as necessidades humanas aos imperativos da lucratividade. Numa época em que o interesse próprio e o individualismo desmedido são anunciados como a essência da agência, as relações e os ideais democráticos, se não a própria natureza humana, tornaram-se difíceis de imaginar e reconhecer. À medida que os anseios por riqueza, *status* e poder foram elevados à condição de ideais nacionais, o humor nos Estados Unidos tornou-se sombrio, em um clima marcado pelo desespero, por uma cultura de medo dirigida a populações que servem como bodes expiatórios, pelas disparidades de riqueza e poder e por uma visão que se transformou em cinismo, raiva e ressentimento. O sonho americano deu lugar a uma ilusão cruel, já que as esperanças de mobilidade social, de um futuro melhor e de prosperidade econômica para todos desapareceram após a crise financeira de 2008.

À medida que os laços sociais se deterioram sob obscenas noções de privatização, desregulamentação empresarial e expansão do trabalho precarizado, há um pânico moral crescente criado por nacionalistas brancos e por aqueles que substituem formas tradicionais de nacionalismo econômico pelo que poderia ser chamado de soberania cultural. Nesse caso, a comunidade é agora definida por uma mistura de neoliberalismo, chauvinismo cultural, raiva anti-imigrante e raiva majoritária, como o principal modelo de governança. Um ataque às diferenças culturais

tornou-se a força motriz de uma forma tóxica do fascismo neoliberal que mistura a crueldade de um sistema impulsionado pelo mercado com um abraço de pureza racial e limpeza social.

Essa busca demagógica pelo poder impulsionado pelo ódio à democracia é reforçada pela precarização de bens públicos, por políticas tributárias que produzem desigualdades massivas, pela expansão do poder militar, por políticas de supressão de eleitores e pela destruição do equilíbrio entre liberdade e segurança, também por meio de uma cultura formativa neoliberal que redefiniu a própria natureza da subjetividade, do desejo e da agência em termos redutivos de mercado. Isso se torna evidente na força educacional de uma cultura neoliberal que define o cidadão como o consumidor de mercadorias, usa cálculos econômicos para medir o valor da vida boa, recompensa o empreendedorismo como a força motriz da agência humana e reduz a política ao espetáculo vazio de votar em ciclos eleitorais. Sob o fascismo neoliberal, somos cidadãos com supostos direitos individuais e políticos, mas sem direitos econômicos e sociais.

Enquanto o neoliberalismo é normalizado, muito seguro do lema que proclama e de sua profecia realizadora de que não há alternativa, torna-se difícil imaginar uma sociedade, relações sociais e um eu que não sejam definidos pela racionalidade, pela lógica e por valores do mercado. Nessa concepção, o capitalismo e o mercado são sinônimos, e os seres humanos só podem ser concebidos como capital humano. Em vez de serem chamados a pensar criticamente, compartilhar poder, exercitar a imaginação e responsabilizar o poder, os seres humanos são reduzidos a peões para serem manipulados pelos mercados financeiros. O crítico literário e analista político Anis Shivani observa corretamente que o neoliberalismo argumenta que tudo deve ser imaginado e construído através das lentes do mercado e dos desejos da elite financeira. Diz ele:

> Uma maneira de resumir o neoliberalismo é dizer que tudo – tudo – deve ser feito à imagem do mercado, incluindo o Estado, a sociedade civil e, é claro, os seres humanos. A democracia é reinterpretada como o mercado, e a política sucumbe à teoria econômica neoliberal, por isso estamos falando do fim da política democrática como a conhecemos há dois séculos e meio. À medida que o mercado se torna uma abstração, o mesmo acontece com a democracia, mas o verdadeiro campo de jogo está em outro lugar, no reino da troca econômica real – que não é, no entanto, o mercado. Podemos dizer que toda a troca ocorre na superfície neoliberal. (Shivani, 2016, p. 2)

O cinismo agora substitui a esperança, pois as questões de responsabilidade são reduzidas exclusivamente a questões de escolha individual, se não de caráter, alimentadas por noções regressivas de autoenriquecimento, ao passo que qualquer noção de social, dependência ou cuidado pelo outro é vista tanto como fraqueza quanto como objeto de desprezo. Uma mistura de amnésia social, justiça punitiva e teatro de crueldade agora é condutora de decisões políticas cada vez mais aceitas por segmentos do público que recusam ou são incapazes de conectar problemas e preocupações privados com forças sistêmicas mais amplas. De acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman, o que é quebrado nessas circunstâncias é

> o elo entre a agenda pública e as preocupações privadas, o próprio centro do processo democrático [...] com cada uma das duas esferas girando agora em espaços mutuamente isolados, acionados por fatores e mecanismos mutuamente desconectados e desconexos (embora certamente não independentes!). Simplificando, é uma situação em que as pessoas que foram atingidas não sabem o que as atingiu – e têm poucas chances de descobrir. (Bauman, 2011, p. 3)

Sob o fascismo neoliberal, a praga da privatização enfraquece a cultura democrática e promove uma fuga de qualquer senso de responsabilidade política e social. Como o sumo sacerdote do "neoliberalismo anabolizado por esteroides" (Kessler, Rizzo e Kelly, 2019), Trump encarna a ideologia do interesse próprio e apoia os interesses corporativos, para quem o bem público é visto como um local a ser colonizado e a democracia, como inimiga dos interesses privados e das liberdades de mercado.

O neoliberalismo alimenta a agenda política fascista

Sob o neoliberalismo, a política está ligada ao discurso de exclusão e impotência e é vista, juntamente com a democracia, como inimiga de um mercado que se vê acima da influência do Estado de Direito, da responsabilidade, da ética, da governança e do bem comum. Como observa a jurista Eva Nanopoulos na série de entrevistas de Aksan e Bailes (2017), no atual momento histórico, as formas específicas do fascismo contemporâneo devem ser entendidas "no contexto mais amplo de sua relação com o neoliberalismo e a crise neoliberal" (*apud* Aksan e Bailes, 2017). O que é especialmente importante entender é como o neoliberalismo reconfigurou o Estado para maximizar a desintegração dos laços e obrigações sociais democráticos, especialmente através de políticas neoliberais que testam até que ponto uma administração demagógica pode levar um público a aceitar práticas tão cruéis quanto inimagináveis. Essa lógica agora está sendo levada a extremos com Trump, pois ele está constantemente redesenhando as linhas do que é possível na violação dos direitos humanos, promovendo um labirinto cada vez maior de crueldade, destruição e descartabilidade.

Algumas das características mais marcantes do fascismo neoliberal incluem a desintegração do social, o colapso de uma

cultura de compaixão e a dissolução das esferas públicas que tornam a democracia possível. A existência individual é agora definida com base na circulação de mercadorias, e a elevação do interesse próprio a um ideal nacional equivale ao que Marx e Engels (2014, p. 47) chamaram uma vez de "a água gelada do cálculo egoísta". Uma consequência desse cenário é a expansão de uma praga contínua de atomização social, alienação, desespero existencial e um sentimento coletivo de impotência. A evidência deste último pode ser encontrada na crise de opioides em curso, que matou aproximadamente 42 mil pessoas nos Estados Unidos em 2016, no aumento da taxa de mortalidade de homens brancos sem educação formal, na crescente falta de confiança nas instituições, no desespero de famílias que vivem à beira da pobreza, tentando sobreviver a cada mês, e de outros 6,5 milhões de crianças e suas famílias em condições de extrema pobreza. São essas situações de desespero e impotência que produzem as circunstâncias para o crescimento do populismo, do ultranacionalismo, do militarismo e do fascismo.

À medida que o alcance da ideologia neoliberal se espalha pela sociedade, ela trabalha para banalizar valores democráticos e preocupações públicas, consagra um individualismo militante, celebra uma busca abrangente por lucros e promove uma forma de darwinismo social em que o infortúnio é visto como uma fraqueza, e a regra hobbesiana da "guerra de todos contra todos" acaba por substituir qualquer vestígio de responsabilidade compartilhada ou de compaixão pelos outros. Esse roteiro punitivo constitui uma forma muitas vezes não reconhecida de terrorismo sancionado pelo Estado, que entorpece muitas pessoas, assim como elimina as faculdades criativas da imaginação, da memória e do pensamento crítico. Sob um regime de utopias privatizadas, individualismo exacerbado e valores centrados no ego, os seres humanos caem em uma espécie de sonolência ética, indiferentes à angústia e ao sofrimento dos outros. O neoliberalismo produz

uma forma única de terrorismo moderno. Leo Löwenthal, teórico da Escola de Frankfurt, refere-se a essa modalidade de terrorismo como uma forma de repressão em massa e entorpecimento para autopreservação que, segundo ele, equivale "à atomização do indivíduo". Ele escreve:

> O indivíduo sob condições terroristas nunca está sozinho e sempre está sozinho. Ele se torna entorpecido e rígido não só em relação ao próximo, mas também em relação a si mesmo; o medo rouba-lhe o poder de reação emocional ou mental espontânea. Pensar se torna um crime estúpido; isso põe em perigo sua vida. A consequência inevitável é que a estupidez se espalha como uma doença contagiosa entre a população aterrorizada. Os seres humanos vivem em estado de estupor, em coma moral. (Lowenthal, 1987, p. 79)

Implícita no comentário de Lowenthal está a suposição de que, à medida que a democracia se torna uma ficção, os mecanismos morais da linguagem e do significado são minados. Além disso, uma cultura de atomização, precariedade, intolerância e brutalidade reforça um *ethos* de indiferença cruel promovido por uma rígida barragem de políticas implacáveis que testam até que ponto os elementos mais extremos na convergência do neoliberalismo e do fascismo podem ser promovidos pela administração Trump sem despertar indignação em massa e resistência.

Como mencionei anteriormente, a desintegração dos laços sociais e dos modos emancipatórios de solidariedade e da luta coletiva é intensificada por meio de uma série interminável de choques políticos e éticos produzidos pela administração Trump. Tais choques são projetados para enfraquecer a capacidade dos cidadãos de resistir à contínua enxurrada de ataques contra os índices morais e os valores centrais de uma democracia. Eles também são projetados para normalizar as táticas terroristas,

fascistas, neoliberais, dissipando a noção de que tais práticas são efêmeras e restritas ao século XX. Em sua disposição de demonstrar tal terror, o Estado mobiliza temores e demonstrações descontroladas de poder para convencer as pessoas de que o presidente está acima da lei e de que a única resposta viável a suas políticas cada vez mais cruéis é a renúncia individual e coletiva. Trata-se de um exercício de poder sem consciência – uma forma de violência que se revela na passividade, se não no infantilismo moral, que deseja produzir em seus cidadãos. Ecos desse ponto de vista ficaram evidentes no comentário de Trump – que mais tarde alegou ter feito uma piada – de que ele queria que "[seu] povo" o escutasse da mesma forma que os norte-coreanos ouvem o ditador Kim Jong Un. Como o presidente afirmou no programa *Fox & Friends*, do canal Fox News, "ele fala e seu povo presta atenção. Quero que meu povo faça o mesmo" (*apud* Pramuk, 2018). A guerra de Trump contra a imaginação social e ética é parte de uma política maior destinada a destruir os laços sociais e as esferas públicas que encorajariam um senso de responsabilidade e compaixão com os outros, especialmente com aqueles considerados mais vulneráveis. Essa é uma forma de terrorismo que celebra o interesse próprio, a mera sobrevivência e a regressão a um tipo de darwinismo social e a um infantilismo político, à medida que todos os vestígios de camaradagem social dão lugar à masculinidade tóxica e a um desprezo por aqueles considerados fracos, dependentes, alienígenas ou economicamente improdutivos.

É central para o desenvolvimento de qualquer noção viável do social repensar as instituições críticas e os espaços compartilhados, nos quais questões de moralidade, justiça e igualdade se tornam fundamentais para uma nova compreensão da política. É preciso repensar onde os espaços, conexões e compromissos públicos ultrapassam o domínio do privado e de que forma podem ser construídos como parte de um esforço mais amplo para criar cidadãos engajados e críticos, dispostos a lutar por uma política

democrática emergente. Aqui está em jogo uma compreensão renovada da educação como o *locus* crucial em que as dinâmicas entrelaçadas de agência individual e de política democrática se fundem. A política, nesse sentido, está ligada a um discurso de crítica e possibilidade, em que uma pluralidade de memórias, narrativas e identidades se unem em defesa de um bem comum e de uma política abrangente que reúne significados, discursos e conexões pessoais e públicos.

O medo da filósofa política Hannah Arendt com a extinção do domínio público e o receio do pragmático John Dewey com a perda de uma esfera pública em que visões, poder, política e imaginação ética possam ser trazidos à tona não são mais simplesmente uma preocupação abstrata. Tais trepidações se tornaram uma realidade na era Trump. Em meio ao atual ataque às bases da solidariedade e aos laços da obrigação social, os valores públicos correm o risco de virem a ser irrelevantes. Em uma sociedade em que se tornou comum acreditar que não se tem responsabilidade por ninguém além de si mesmo, o social é reduzido para acomodar uma cultura de ódio, fanatismo e crueldade.

Estudos contra o fascismo: elementos para uma análise do tempo/espaço contemporâneo

O crítico cultural marxista Walter Benjamin argumentou certa vez que cada ascensão do fascismo testemunha uma revolução fracassada. Benjamin não estava apenas abordando elementos de uma revolução política fracassada, mas também o fracasso da linguagem, dos valores, da coragem, da visão e de uma consciência crítica. Em meio a uma ordem social mais antiga que está se desintegrando e uma nova ordem que luta para se definir, há sempre um momento de confusão e perigo. Chegamos a um ponto em que dois mundos estão colidindo.

Primeiro, há o mundo cruel e decadente da globalização neoliberal e de suas paixões mobilizadoras que alimentam um fascismo ao estilo americano. Em segundo lugar, há um contramovimento com sua busca por uma nova política que possa repensar, reivindicar e inventar uma nova compreensão do socialismo democrático não contaminada pelo capitalismo. Em meio a essa luta, nascerá um novo movimento político e uma nova ordem social, embora sem garantias. Algo sinistro e apavorante está acontecendo nas democracias liberais em todo o mundo: a arquitetura global da democracia está dando lugar a tiranias autoritárias. Por mais alarmantes que sejam os sinais, não podemos desviar o olhar e permitir que os terrores do imprevisto sejam liberados. Não podemos permitir que o poder dos sonhos se transforme em pesadelos.

É difícil imaginar um momento mais urgente para desenvolver uma linguagem de crítica e de possibilidade que servisse para despertar nossos sentidos questionadores e imaginativos e nos ajudasse a nos libertar do pesadelo tirânico que tomou conta dos Estados Unidos sob o governo de Donald Trump. Em uma época de isolamento social, fluxo intenso de informação, cultura do imediatismo, excesso de consumidores e espetacularização da violência, a leitura de livros críticos e outros textos representativos somada ao pensamento analítico continuam sendo fundamentais se quisermos levar a sério a noção de que uma democracia não pode existir ou ser defendida sem cidadãos informados e engajados. Isso é especialmente verdadeiro em um momento em que a negação se tornou um passatempo nacional, igualado apenas pela crescente normalização de uma das administrações mais alarmantes que já tomou posse na presidência dos Estados Unidos.

Contra uma indiferença entorpecente, um desespero ou um retraimento nas órbitas privadas do eu isolado, é necessário criar culturas formativas humanistas, fomentar a capacidade de

escutar os outros, sustentar pensamentos complexos e se engajar na solução de problemas sociais. Não temos outra escolha se quisermos resistir à crescente desestabilização das instituições democráticas, ao ataque à razão, ao colapso da distinção entre fato e ficção e ao gosto pela brutalidade que agora se espalha pelos Estados Unidos como uma praga. Ler criticamente significa não apenas aprender a ler o mundo, mas também aprender a pensar analiticamente, recusando-se a sucumbir ao impensável. A leitura não é apenas valiosa como uma forma de tradução, mas também, como observa Steiner (1987, p. 398), como uma forma de compreender "a linguagem como o principal instrumento de recusa das pessoas em aceitar o mundo como ele é".

A lição pedagógica aqui é a de que o fascismo começa com palavras de ódio, com a demonização de outros considerados descartáveis, e move-se para um ataque a ideias, para a queima de livros, para o desaparecimento de intelectuais e o surgimento do estado carcerário, com os horrores das prisões e campos de detenção. Como sugere J. Nixon (2015, p. 43), a leitura, como uma forma de "educação crítica", nos fornece um espaço protegido dentro do qual é possível pensar na contracorrente da opinião recebida: um espaço para questionar e desafiar, imaginar o mundo sob diferentes pontos de vista e perspectivas, refletir sobre nós mesmos em relação aos outros e, ao fazê-lo, entender o que significa "assumir a responsabilidade". A leitura oferece oportunidades para as pessoas se libertarem de suas próprias experiências em uma época em que a ideologia neoliberal não apenas limita nossa imaginação, mas também a aprisiona em órbitas quase impenetráveis de interesse próprio e hiperindividualismo.

O governo Trump pode ser apenas um sintoma do longo declínio da democracia liberal nos Estados Unidos, mas sua presença significa um dos mais sérios desafios, se não perigos, que o país enfrentou em mais de um século. Uma cultura formativa de mentiras, ignorância, corrupção e violência é agora alimentada

por uma série de ortodoxias que moldam a vida dos Estados Unidos, incluindo conservadorismo social, fundamentalismo de mercado, nacionalismo apocalíptico, extremismo religioso e nacionalismo branco – todos ocupando os centros de poder dos mais altos níveis de governo. A memória histórica e o testemunho moral deram lugar a uma nostalgia falida que celebra os momentos mais regressivos da história dos estadunidenses.

Fantasias de controle absoluto, limpeza racial, militarismo descontrolado e guerra de classes estão no coração de uma ordem social dos Estados Unidos que se tornou letal. Trata-se de uma ordem social distópica, marcada por palavras vazias, por uma imaginação destituída de qualquer significado substantivo, despida de compaixão e usada para legitimar a noção de que mundos alternativos são impossíveis de serem pensados. O que estamos testemunhando é um abandono das instituições e dos valores democráticos e um ataque em larga escala à dissidência, ao raciocínio ponderado e à imaginação radical. Trump degradou o cargo de presidente e elevou o espírito de corrupção política, hipermasculinidade e mentira a um nível que deixa muitas pessoas entorpecidas e exaustas. Ele normalizou o impensável, legitimou o indesculpável e defendeu o indefensável. Sob tais circunstâncias, os Estados Unidos estão se movendo para as sombras escuras de um presente que tem uma horrível semelhança com um período anterior de fascismo, com sua linguagem e/ou purificação racial, ódio à dissensão, violência sistêmica, intolerância e glorificação de soluções agressivas e violentas para problemas sociais complexos.

A história do fascismo oferece um sistema de alerta antecipado e nos ensina que a linguagem que opera a serviço da violência, do desespero e das paisagens problemáticas do ódio carrega o potencial de ressuscitar os momentos mais sombrios da história. Tal linguagem corrói nossa humanidade e deixa muitas pessoas entorpecidas e silenciosas diante de ideologias e práticas que imitam e legitimam atos hediondos e atrozes. Ela elimina ainda

o espaço da pluralidade, glorifica muros e fronteiras, odeia diferenças que não imitam uma esfera pública branca e torna as populações vulneráveis – até mesmo crianças – seres humanos supérfluos. A linguagem de Trump, como a que caracterizou os regimes fascistas mais antigos, mutila a política contemporânea, desdenha a empatia e as críticas morais e políticas sérias e torna mais difícil criticar relações dominantes de poder. Sua linguagem tóxica também alimenta a retórica da guerra, a masculinidade supercarregada, o anti-intelectualismo e a ressurgente supremacia branca. Mas essa linguagem não é só de Trump, é a linguagem de um fascismo nascente que vem fermentando nos Estados Unidos há algum tempo; uma linguagem em que é confortável ver o mundo como uma zona de combate – um mundo que existe para ser saqueado –, que vê aqueles considerados diferentes por causa de sua raça, etnia, religião ou orientação sexual como uma ameaça a ser temida, se não eliminada. Quando Trump emprega a retórica tóxica de "animais", "infestam" e "vermes", faz mais do que usar epítetos feios; ele também está materializando esse discurso em políticas que arrancam crianças dos braços de suas mães, colocam-nas em gaiolas e as obriga a comparecer perante juízes de imigração (Evans, B., 2017).

Como o presente nunca é uma reprodução idêntica do passado histórico, tornou-se ainda mais difícil, para muitas pessoas, reconhecer como os "elementos cristalizados" do totalitarismo emergiram de novas maneiras na forma de um fascismo ao estilo americano. Em parte, isso pode acontecer porque a história não é mais tratada com seriedade, especialmente em um momento em que a necessidade de prazer instantâneo e a linguagem dos *tweets* se sobrepõem à disciplina necessária e ao prazer potencial que vem com a diminuição do tempo e do trabalho árduo resultante da contemplação imaginativa. Além disso, como observa Leon Wieseltier (2015), vivemos em uma era em que "as palavras não podem esperar por pensamentos [e] a paciência é uma... desvantagem". Em uma

era de gratificação instantânea, a história se tornou um fardo a ser tratado como uma relíquia descartada que já não merece respeito.

O passado agora ou é muito desagradável para se contemplar ou é delegado ao abismo da ignorância intencional e entregue ao buraco da memória. Por mais assustador e aparentemente impossível em uma democracia liberal, nem a história nem o fantasma do fascismo podem ser descartados. O fascismo dificilmente pode ser considerado uma relíquia do passado ou um sistema político e ideológico fixo.

Richard Evans (2017), renomado historiador da Alemanha moderna, observa que a administração Trump pode não reproduzir todas as características da Alemanha e da Itália nos anos 1930, mas o legado do fascismo é importante, pois ecoa um perigoso "aviso da história" que não pode ser descartado. O fascismo não é algo estático, e seus elementos proteicos sempre correm o risco de se cristalizar em novas formas. Os fantasmas do fascismo deveriam nos aterrorizar, mas, o mais importante, é que os horrores do passado deveriam nos educar e nos imbuir de um espírito de justiça cívica e coragem coletiva na luta por uma democracia substantiva e inclusiva.

A consciência histórica é uma ferramenta crucial para desvendar as camadas de significado e sofrimento, a busca de comunidade, a superação do desespero e o momento da mudança dramática, por mais desagradável que isso possa ser às vezes. Nenhum ato do passado pode ser considerado horrível ou hediondo demais para se contemplar se quisermos ampliar o escopo de nossa imaginação e o alcance da justiça social, o que pode nos impedir de desviar o olhar, indiferentes ao sofrimento que nos cerca. Isso sugere a necessidade de se repensar a importância da memória histórica, da alfabetização cívica e da leitura como um ato crítico central para um senso de agência informado e crítico. Em vez de descartar a noção de que os princípios organizadores e os elementos flutuantes do fascismo ainda estão conosco, uma

resposta mais apropriada à ascensão de Trump ao poder é levantar questões sobre quais elementos de seu governo sinalizam o surgimento de um fascismo adaptado a um cenário contemporâneo e distintivo da política, da economia e da cultura estadunidenses.

Em uma época em que a memória está sob ataque, a leitura crítica se torna tanto uma fonte de esperança quanto uma ferramenta de resistência. Ler criticamente é fundamental para conectar o passado ao presente e ver o presente como uma janela para os horrores do passado que nunca devem ser repetidos. Os Estados Unidos estão afundando no abismo do fascismo. Os sinais estão ao nosso redor e não podemos nos dar ao luxo de ignorá-los. Uma leitura crítica da história nos fornece um recurso vital que ajuda a informar a base ética da resistência – um antídoto à política de desinformação, divisão, desvio e fragmentação de Trump. A memória, como uma forma de consciência crítica, é crucial no desenvolvimento de uma responsabilidade histórica e social para compensar uma ignorância intencional que reforça o pesadelo americano. Em face desse pesadelo, pensar e julgar devem estar ligados às nossas ações.

Vivemos uma época em que a corrupção do discurso se tornou uma característica definidora da política, reforçada, em grande parte, por uma administração autoritária e um aparelho de mídia conservador que não se esforça por trabalhar na diferenciação entre fantasia e fato. Como Hannah Arendt argumentou, a questão aqui é a criação de modos de agência que são cúmplices dos modos fascistas de governança. Ela diz, em *Origens do totalitarismo*, que "o sujeito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto ou o comunista convicto, mas pessoas para quem a distinção entre fato e ficção (ou seja, a realidade da experiência) e a distinção entre verdadeiro e falso (isto é, os padrões de pensamento) não existem mais" (Arendt, 1973, p. 52).

O terror do imprevisto se torna ameaçador quando a história é usada para esconder em vez de iluminar o passado, quando

se torna difícil traduzir assuntos privados em considerações sistêmicas maiores e as pessoas se deixam seduzir e levar por espetáculos de violência, crueldade e impulsos autoritários. Ler o mundo criticamente é a precondição para intervir nele. É por isso que a leitura crítica é tão perigosa para Trump e seus acólitos e para aqueles que odeiam a democracia. A democracia só pode sobreviver com um público atento ao poder da linguagem, da leitura e de livros e textos que importam. Ela só pode sobreviver quando estamos dispostas a empregar o poder de pensar de outra forma para agir de outra forma.

A crise do neoliberalismo – com a ruína financeira de milhões, a eliminação do Estado de bem-estar social, a desregulamentação do poder corporativo, o racismo descontrolado e a militarização da sociedade – tem de ser acompanhada por uma crise de ideias que abrace a memória histórica, rejeite a normalização dos princípios fascistas e abra um espaço para imaginar que mundos alternativos podem ser criados. Embora a corrosão em longo prazo da política e o fascismo emergente nos Estados Unidos não sejam eliminados simplesmente com o aprendizado da leitura crítica, os espaços abertos por essa leitura criam um repertório crítico contra o cinismo e fomentam uma noção de esperança que pode ser traduzida em formas de resistência coletiva. É por isso que ler e pensar criticamente é tão perigoso e tão necessário. Pensar criticamente e agir corajosamente em tempos sombrios não são uma opção, mas uma necessidade.

Repensando a normalização do fascismo na era da pós-verdade

Rumores sobre uma emergente política fascista nos Estados Unidos são frequentemente criticados como um exagero ingênuo ou um fracasso em reconhecer a força das instituições liberais.

No entanto, pode-se argumentar que, em vez de abrigar um elemento de verdade, essa crítica normaliza ainda mais o próprio fascismo que critica, permitindo que o extraordinário e implausível se torne comum. Após décadas do pesadelo neoliberal, tanto nos Estados Unidos quanto no exterior, as paixões mobilizadoras do fascismo foram resgatadas lá na história dos anos 1930. Os arquitetos e gerentes do capitalismo extremo usaram a crise da desigualdade econômica e seus "arranjos manifestamente brutais e exploradores" (Gilroy, 2000, p. 139) para semear divisões sociais e ressuscitar o discurso da limpeza racial e da supremacia branca. Ao fazer isso, eles aproveitaram o crescente sofrimento coletivo e as ansiedades de milhões de americanos para redirecionar sua raiva e desespero por meio de uma cultura de medo e um discurso de desumanização; eles também transformaram ideias críticas em cinzas, disseminando uma mistura tóxica de categorias racializadas, ignorância e um espírito militarizado de nacionalismo branco. Embora não exista um ajuste perfeito entre Trump e as sociedades fascistas de Mussolini, Hitler e Pinochet, "os princípios básicos de nacionalismo extremo, racismo, misoginia e ódio à democracia e ao Estado de Direito" (Johnson, 2018, p. 5) são muito semelhantes para serem ignorados.

Nesse caso, como afirma Gilroy (2000), o neoliberalismo e o fascismo se unem e avançam em um projeto e em um movimento confortáveis e mutuamente compatíveis que conectam os valores de exploração e as políticas cruéis de austeridade do capitalismo especulativo com os ideais fascistas. Ainda de acordo com o autor, esses ideais incluem a veneração da guerra e o anti-intelectualismo; a desumanização; a celebração populista do ultranacionalismo e da pureza racial; a supressão da liberdade e da dissidência; uma cultura de mentiras; uma política de hierarquia; a espetacularização da emoção sobre a razão; o uso da linguagem como arma; um discurso de declínio; e violência estatal em formas heterogêneas. Entretanto, como destaca Bottici

(2017), o fascismo nunca é inteiramente enterrado no passado, e as condições que produzem suas suposições centrais estão conosco mais uma vez, inaugurando um período de barbárie moderna que parece estar chegando a extremos homicidas.

A gramática profunda da violência agora molda todos os aspectos da produção cultural e se torna visceral em sua geração contínua de terrorismo doméstico, tiroteios em massa, encarceramento maciço de pessoas negras e guerra contra imigrantes sem documentos. Não apenas tal gramática se tornou mais gratuita, aleatória e, em alguns casos, banalizada pela monotonia da repetição, como também passou a ser a doutrina oficial do governo Trump na definição de suas políticas domésticas e de segurança. A violência de Trump se tornou promíscua em seu alcance e encorajadora em seu aceno a grupos extremistas de direita. A mistura de nacionalismo branco e expansão de políticas que beneficiam os ricos, as grandes corporações e a elite financeira é cada vez mais legitimada e normalizada em uma nova formação política que denominei fascismo neoliberal (Giroux, 2018a).

Não estou sugerindo que todos os políticos conservadores, incluindo elementos de direita do Partido Democrata, como a ala Clinton/Obama, apoiam as mesmas políticas reacionárias adotadas por Trump e seus seguidores. De fato, os políticos do Partido Democrata, de Hillary Clinton e Obama a Feinstein e Pelosi, na verdade, professam ser uma força contrária a Trump – geralmente se rotulando como o partido da resistência –, mas, a longo prazo, acabam apoiando políticas neoliberais e relações de poder que favorecem as elites dominantes. Se alguém estiver disposto a lançar alguma luz sobre a amnésia histórica que a atual safra de candidatos presidenciais democratas parece abraçar, fica claro que as políticas anteriores do Partido Democrata, sob Clinton e Obama, abriram caminho para Trump. Clinton assinou um projeto de lei draconiano em 1994. Esse projeto favoreceu servilmente o "frenesi nacional" por lei (Frank, 2016) e ordem como uma

forma de punição. O projeto de lei também foi responsável pela implementação do tsunami de encarceramento em massa que destruiu vidas, famílias e, principalmente, comunidades negras. Ao mesmo tempo, Clinton aderiu ao Tratado Norte-americano de Livre-Comércio (Nafta, na sigla em inglês) e desregulamentou o setor financeiro. O preconceito de classe e o racismo que ligam esses dois projetos de lei são vergonhosamente óbvios. No mesmo sentido, também o governo Obama, em vez de desafiar a ganância utópica de um capitalismo selvagem, transformou a esperança de muitos em esperança para os banqueiros e para a elite financeira e em desesperança para milhões de americanos que perderam suas casas durante a recessão econômica de 2008. Em vez de socorrer pessoas que de repente se viram em enormes dívidas e processar a elite financeira que causou a crise econômica, Obama socorreu os banqueiros, que foram recompensados com grandes bônus e lucros ainda maiores. Ele também vendeu bilhões de dólares em armas militares para a Arábia Saudita.

Como afirmaram Davis e Monk (2007, p. 12) uma vez, "os dias do *Grande Gatsby* voltaram com vingança" e não podemos colocar toda a culpa em Trump e seus coveiros. Infelizmente, os defensores políticos do capitalismo fanático ainda estão entre nós, como vários candidatos à presidência do Partido Democrata, que se estendem de Joe Biden – que "uma vez se opôs aos ônibus para acabar com a segregação das escolas públicas de seu estado" (Bouie, 2019) – a Beto O'Rourke – que recusou até mesmo se rotular como progressista (Harvard, 2018). Não há conversa entre esses candidatos para abordar a enorme desigualdade financeira e social, redistribuir a riqueza para as classes trabalhadoras e médias ou desmantelar o poder das instituições financeiras e culturais criminosas, modeladas a partir do Goldman Sachs.

Sob tais circunstâncias, esses supostos políticos "liberais", não muito diferentes dos nacional-socialistas alemães, deram as costas às necessidades dos trabalhadores, dos pobres, das minorias

de classe e cor e, ao fazê-lo, ajudaram a criar uma revolta populista que apoiou o discurso antielitista e antigoverno com o qual Trump dirigiu sua campanha presidencial. Vale notar que não estou argumentando que o neoliberalismo é intrinsecamente fascista com a mesma ênfase com que insisto que ele criou as condições para uma forma atualizada de política fascista nos Estados Unidos, particularmente na esteira do regime Trump.

A urgência de enfrentar a ascensão do fascismo nos Estados Unidos e ao redor de todo o mundo precisa começar com uma crítica ao regime de mentira e analfabetismo fabricado, que permite e normaliza as condições catastróficas que tornam o fascismo neoliberal uma fonte poderosa de identidade, fantasia e prazer. Um ponto de partida seria uma análise crítica dos esforços do governo Trump para abandonar e desacreditar fontes tradicionais de evidências, fatos e análises, na tentativa de normalizar *fake news*, uma cultura da mentira e o mundo de fatos alternativos. O que está em questão aqui é tornar visível uma nova e radical relação entre o público e a verdade e a consequente morte da cultura cívica e das instituições públicas que a tornam possível. À medida que o domínio do público sobre a alfabetização cívica se enfraquece, a linguagem é esvaziada de qualquer significado substantivo e os padrões compartilhados, necessários para o desenvolvimento de julgamentos informados e convicções sustentadas, são minados. Em um mundo onde nada é verdadeiro, tudo o que resta para escolher são ficções concorrentes. Uma consequência desse cenário é que tudo começa a parecer uma mentira. Como aponta o historiador Timothy Snyder (2016): "Abandonar os fatos é abandonar a liberdade. Se nada é verdade, ninguém pode criticar o poder, porque não há base para fazê-lo. Se nada é verdade, tudo é espetáculo". Mais surpreendente é a suposição de que o que importa em uma era de profundas divisões, exploração e precariedade não é se algo é verdadeiro ou falso, mas a promessa de uma narrativa consistente na qual as pessoas podem

se reconhecer enquanto estão dispostas a "abolir sua capacidade de distinguir entre verdade e falsidade, entre realidade e ficção" (Berkowitz, 2017, p. 2). É claro que há mais em jogo aqui do que a criação e normalização de uma cultura da mentira e daquilo que Walter Benjamin, Guy Debord e outros autores identificaram como espetacularização ou teatralização da política; há também a ameaça à própria democracia.

Não vivemos hoje em um mundo da pós-verdade, nem nunca vivemos. Pelo contrário, vivemos em um mundo da pré-verdade onde a verdade ainda não chegou. Como uma das principais moedas da política, as mentiras têm uma longa história nos Estados Unidos. Por exemplo, as mentiras patrocinadas pelo Estado desempenharam um papel ideológico crucial, levando o país a guerras no Vietnã, no Iraque e no Afeganistão; legitimaram o uso da tortura sob o governo Bush; e encobriram os crimes da elite financeira na produção da crise econômica do país em 2008. Além disso, vivemos a mentira do neoliberalismo e do nacionalismo branco há mais de quarenta anos, e, devido à recusa em enfrentá-la, os Estados Unidos entraram no abismo de uma versão estadunidense atualizada do fascismo, da qual Trump é um sintoma e um estágio final.

Com Trump, a mentira se tornou um artifício retórico no qual tudo o que é politicamente relevante é negado, a razão perde seu poder de elaborar julgamentos informados e a linguagem serve para infantilizar e despolitizar, pois não oferece espaço para indivíduos traduzirem problemas particulares em considerações sistêmicas mais amplas. A verdade agora é móvel, tornando mais fácil negar até um mínimo de julgamento racional, enquanto reinventa uma política fascista que ecoa o passado e permite a "intrusão da criminalidade na política" (Young-Bruehl, 2006, p. 154). A pós-verdade é uma ferramenta pedagógica de desvio que, como a romancista Toni Morrison observa, funciona "como um coma na população", impondo miséria e traumas tão profundos

e cruéis que matam a imaginação moral e "purgam a democracia de todos os seus ideais" (Morrison, 2019, p. 7). Esse período de declínio cívico e político foi denominado por muitos teóricos e especialistas como a era da pós-verdade.

Embora as questões sobre a verdade sempre tenham sido problemáticas entre os políticos e o público em geral, os dois grupos, por mais insinceros que sejam, fingiram que a busca pela verdade e o respeito por seus diversos métodos de validação se baseavam na crença compartilhada de que "a verdade é distinta da falsidade, de que, no final, podemos explicar a diferença entre elas e de que essa diferença importa" (Rosenfeld, 2019). Certamente isso pareceu importar em uma democracia, particularmente quando se tornou imperativo poder distinguir, mesmo sendo difícil, entre fatos e ficção, entre conhecimento confiável e falsidades, entre o bem e o mal. No entanto, esse princípio não parece mais ser válido com o governo Trump, especialmente porque a mentira crônica da direita tomou conta da Casa Branca. À medida que a política da mentira se move das margens para o centro do poder, a indústria de *fake news* de Trump exerce um enorme poder político e pedagógico, ao mesmo tempo que acelera e normaliza o interminável fluxo de *fake news* e deturpações, envoltas em uma espécie de legitimidade distópica. O ataque de Trump à verdade trava uma guerra contra a imaginação ética, privatiza experiências e ressoa com uma cultura maior de velocidade, gratificação instantânea e consumismo. Juntamente com uma sociedade que adora a cultura das celebridades, o poder do espetáculo e a masculinização da esfera pública tornam mais fácil para Trump e seus associados reabilitar ideias, princípios e uma cultura política fascista.

No momento histórico atual, as fronteiras entre verdade e ficção estão desaparecendo, dando lugar a uma cultura de imediatismo, consumismo e falsidades. Sob tais circunstâncias, a cultura cívica murcha e a política entra em colapso pessoal e

irracional. Ao mesmo tempo, o prazer é aproveitado para uma cultura de corrupção e crueldade, a linguagem opera a serviço da violência e as fronteiras do impensável se normalizam. A retórica enganosa de Trump é usada não apenas para encobrir a brutalidade das políticas econômicas opressivas, mas também para ressuscitar elementos de uma política fascista que surgiram em um fluxo incessante de ódio, fanatismo e militarismo. A indiferença de Trump aos limites entre verdade e falsidade não apenas reflete um anti-intelectualismo profundo, uma ilegalidade e uma paranoia incontroláveis, como também indica sua disposição de julgar qualquer apelo à verdade como inseparável de uma lealdade individual e de grupo inquestionável por parte de seus seguidores. Autoproclamado como o único portador da verdade, Trump despreza o julgamento e a evidência fundamentados, baseando-se no instinto e na franqueza emocional (do seu intestino) para determinar o que é certo ou errado e quem pode ser considerado amigo ou inimigo.

Nesse caso, a verdade se torna uma estratégia de desempenho projetada para testar a lealdade e a disposição de seus seguidores em acreditar no que ele diz. A verdade agora se torna, em parte, sinônimo de um tribalismo regressivo que rejeita normas e padrões comuns, promovendo uma cultura de corrupção e o que o ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, chamou de "epidemia de desonestidade" (Peoples, 2018, p. 2). A verdade agora faz parte de uma rede de relações e visões de mundo que extrai seus elementos de uma política fascista que pode ser encontrada em todas as instituições políticas dominantes e cenários da mídia. A verdade não é mais apenas frágil ou problemática; tornou-se tóxica e disfuncional em um ecossistema de mídia amplamente controlado por conservadores militantes e por uma elite financeira que investe pesadamente em aparatos de mídia de direita, como a Fox News, e em plataformas de mídia social de caráter nacionalista branco, como a Breitbart News.

Numa época de crescentes movimentos fascistas em todo o mundo, poder, cultura, política, finanças e vida cotidiana agora se fundem de maneiras sem precedentes, representando uma ameaça para as democracias em todo o mundo. Como os aparatos culturais estão concentrados nas mãos de grandes e bilionárias empresas de tecnologia, a força educativa da cultura assumiu uma poderosa virada antidemocrática. Isso pode ser visto no surgimento de novos sistemas de produção e consumo acionados digitalmente que produzem, moldam e sustentam ideias, desejos e relações sociais que contribuem para a desintegração dos laços sociais democráticos, promovendo uma forma de darwinismo social em que o infortúnio é visto como uma fraqueza. A era da pós-verdade é, na realidade, um período de crise que, como observou Gramsci (1971, p. 275-276), "consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer [e que] nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece". Esses sintomas mórbidos são evidentes na integração, por parte de Trump, de uma política fascista que tenta normalizar a linguagem da purificação racial e a política da descartabilidade e da classificação social, enquanto exalta uma cultura do medo e um militarismo remanescente de ditaduras do passado e da atualidade.

A mentira de Trump é a máscara do niilismo que reforça a arquitetura ideológica do fascismo neoliberal (Giroux, 2019a). Sob tais circunstâncias, o Estado é refeito segundo o modelo de finanças, todas as relações sociais são avaliadas de acordo com cálculos econômicos e o projeto duplo de ultranacionalismo e populismo apocalíptico de direita se funde no abraço de uma defesa tóxica e sem constrangimentos da supremacia branca.

Os empresários do ódio não estão mais confinados ao caixote do lixo da história, particularmente a era protofascista das décadas de 1930 e 1940. Eles estão conosco novamente, produzindo fantasias distópicas das comunidades decadentes e das paisagens construídas por quarenta anos de um capitalismo selvagem. A raiva

masculina branca emergiu da destruição dos laços sociais e do estrangulamento do Estado de bem-estar social e intensificou-se com o desencadeamento neoliberal de energias destrutivas de desagregação, deslocamento e desintegração (Brown e Littler, 2018). Homens brancos solitários e furiosos, à procura de uma causa, de um lugar para colocar sua vontade em ação, são alimento para líderes de seitas. Eles encontraram isso em Trump, para quem a relação entre a linguagem do fascismo, com sua visão de mundo tóxica de "sangue e solo", e o "medo de sangue inferior" se deslocou para o centro do poder nos Estados Unidos.

Enquanto fazia campanha para as eleições de meio de mandato em 2018, o presidente Trump alcançou profundamente o abismo da política fascista e exibiu um certo grau de racismo, ódio e ignorância, o que emitiu alarmes ao redor do mundo. Cego às críticas públicas, Trump se recusou a reconhecer como sua retórica, seus comícios e suas entrevistas abanam as chamas do racismo e do antissemitismo. Em vez disso, ele culpa a mídia pela violência que encoraja seus seguidores, chama seus rivais políticos de inimigos do povo americano, rotula os imigrantes como invasores e afirma publicamente ser um nacionalista que inspira grupos extremistas de direita. Incapaz de praticar empatia e autorreflexão, ele só pode usar a linguagem a serviço de difamação, insultos e violência. Trump é o resultado necessário de uma cultura neoliberal de hiperpunitividade, amplificada através de uma política fascista ascendente que consagra militarização, privatização, desregulamentação, consumismo maníaco, criminalização de grupos inteiros de pessoas e financeirização de tudo (Giroux, 2018b).

O fascismo começa com a linguagem e depois ganha impulso como força organizadora para moldar uma cultura que legitima a violência indiscriminada contra grupos inteiros – negros, imigrantes, judeus, muçulmanos e outros considerados "descartáveis". Nesse sentido, Trump retrata seus críticos como "vilões", descreve os imigrantes como "perdedores" e "criminosos", tornando-se

um porta-voz de nacionalistas violentos e de uma infinidade de extremistas que comercializam ódio e violência. Usando uma retórica de repulsa como estratégia de desempenho e programa de mídia para fortalecer sua base, Trump emprega intermináveis argumentos retóricos de intolerância e demonização que deram o tom à violência real.

Ele parece totalmente despreocupado com a acusação de que sua retórica altamente carregada de ódio racial, xenofobia e nacionalismo virulento legitima e alimenta atos de violência. Continua sem se preocupar com as consequências de seu discurso depreciativo ou segue emprestando sua voz a teóricos da conspiração, alegando que George Soros está financiando a caravana de trabalhadores migrantes, chamando o âncora da CNN Don Lemon de "o homem mais burro da televisão", ou referindo-se à estrela do basquete LeBron James como alguém não muito inteligente. Enquanto insulta uma variedade de figuras públicas, seus ataques aos afro-americanos seguem o estereótipo racista padrão de questionar sua inteligência. Ao mesmo tempo, essa invectiva inflamada oferece uma plataforma para induzir a violência dos numerosos grupos fascistas que o apoiam (Peters, 2018).

Trump avança na promoção de divisões sociais que ampliam as distinções amigo/inimigo e, muitas vezes, legitima atos de violência e expressões de extremismo radical como forma de abordá-los. Ele abraçou repetidamente divisões retóricas entre cidadãos cumpridores da lei e criminosos, entre nós e eles e entre trabalhador e preguiçoso. Com base no manual fascista, ele retrata os brancos como vítimas e membros privilegiados de uma nação escolhida. Por exemplo, ele considerou os imigrantes na fronteira sul como terroristas e declarou, de maneira infame e sem ironia, que os manifestantes neonazistas em Charlottesville eram "pessoas muito boas". Além disso, declarou, sem nenhuma vergonha, que é nacionalista.

Após a forte apropriação do termo por Trump, em um comício de outubro de 2018, Steve Bannon, em uma entrevista com

Josh Robin, afirmou que "estava muito satisfeito por Trump ter usado a palavra 'nacionalista'" (Blake, 2018). Trump recebeu elogios de vários supremacistas brancos, incluindo David Duke, ex-chefe da Ku Klux Klan, os Proud Boys – uma versão contemporânea vil de nazistas *brownshirts* (camisas pardas) – e, mais recentemente, o suposto atirador da Nova Zelândia que, em seu manifesto, elogiou Trump como "um símbolo de renovação da identidade branca e de um propósito comum" (Ali, 2019). O uso desse termo por Trump não é inocente nem tampouco uma gafe. Diante de uma onda de movimentos anti-imigração em todo o mundo, tornou-se um código para um racismo pouco velado e um significante para o ódio racial.

Na suposta era da pós-verdade, as ações são destituídas de qualquer noção de responsabilidade social, e a verdade é separada da busca por justiça. Uma consequência desse cenário é a crescente influência de um espetáculo do tipo neofascista, modelado segundo o vazio e os prazeres baratos de programas de competição, *reality shows* e cultura das celebridades. Tudo isso oferece mais oportunidades para Trump aproveitar a "raiva, o desespero e a apatia" do público em uma celebração do militarismo, da hipermasculinidade e da violência espetacular que marcam seus "frenéticos comícios ao estilo de Nuremberg", os quais servem, em grande parte, como um caldeirão de iscas raciais e demagogia antissemita (Garcia, 2018).

Existem precedentes históricos para esse colapso da linguagem em uma forma de militarismo e racismo codificados – o antissemitismo expresso em críticas à globalização e o pedido de limpeza racial e social alinhados com o discurso de fronteiras e muros. Os ecos da história ressoam nesse ataque a grupos minoritários, no uso de provocações racistas e em referências distorcidas que codificam uma crença na pureza racial, agredindo aqueles que não refletem as noções distorcidas da supremacia branca.

Numa época em que a alfabetização cívica e os esforços para responsabilizar os poderosos por suas ações são descartados

como *fake news*, a ignorância se torna o terreno fértil não apenas para o ódio, mas também para uma cultura que reprime a memória histórica, destrói qualquer entendimento da importância de valores compartilhados, se recusa a fazer da tolerância um elemento inegociável do diálogo cívico e permite que os poderosos construam o discurso cotidiano. Embora Trump tenha sido retratado como um mentiroso compulsivo, seria um erro ver essa patologia como uma questão de caráter. Mentir, para Trump, é uma ferramenta de poder usada para desacreditar qualquer tentativa de responsabilizá-lo por suas ações, enquanto ele destrói as esferas públicas e fundações institucionais necessárias para que uma política democrática seja possível. No coração do mundo de mentiras de Trump, com notícias falsas e fatos alternativos, encontra-se um regime político que comercializa corrupção e acúmulo de capital e promove a ilegalidade, o que fornece a base para um "neoliberalismo anabolizado por esteroides" (Kessler, Rizzo e Kelly, 2019), que agora se funde com uma descarada celebração do nacionalismo branco.

A era da pós-verdade constitui tanto uma crise da política quanto da história, memória, agência e educação. Vale a pena reiterar que essa nova era da barbárie não pode ser entendida ou tratada sem a lembrança de que o fascismo se cristalizou mais uma vez em novas formas e se tornou um modelo para o presente e o futuro. A linguagem e as políticas de Trump são mais bem entendidas como uma reminiscência contemporânea do imaginário fascista, um eco da história, que impossibilita a visão de um novo mundo. Trump representa o retrocesso no que diz respeito a elementos fundamentais da democracia, tão duramente conquistados após a Segunda Grande Guerra.

A aversão de Trump à verdade assemelha-se ao Ministério da Verdade de Orwell, na medida em que fornece um megafone para a violência contra grupos marginalizados, jornalistas e imigrantes sem documentos, ao mesmo tempo que divulga mentiras por meio

de uma enorme máquina de *tweets* para destruir a imaginação. Esse aparato de propaganda distópica também é alimentado por uma linguagem de silêncio e irresponsabilidade moral, expressa em uma disposição por parte dos políticos e do público de desviar o olhar diante da violência e do sofrimento humano. Essa é a visão de mundo da política fascista e de um niilismo perigoso, que reforça o desprezo pelos direitos humanos em nome da conveniência financeira e da busca cínica de poder político.

No mundo de Trump, a mentalidade autoritária foi ressuscitada, inclinada a demonstrar desprezo pelos fatos, pela ética e pela fraqueza humana. Trump é um homem do século XXI sem virtudes, para quem o sucesso é agir com impunidade, usar o poder do governo para vender ou licenciar sua marca, atrair o fascínio do poder e da riqueza e encontrar prazer em produzir uma cultura de impunidade, egoísmo e violência sancionada pelo Estado. Sua abordagem política faz eco à fusão do espetáculo com um abandono ético que lembra os regimes fascistas passados. Como corretamente argumenta Naomi Klein (2017), Trump "aborda tudo como um espetáculo" e edita "a realidade para adequá-la à sua narrativa".

Sob o atual reinado do fascismo neoliberal, a política se estende para além do ataque a qualquer vestígio de verdade, a julgamentos informados e a meios construtivos de comunicação. Há mais em jogo aqui do que a necessidade de decodificar e analisar a linguagem de Trump como uma ferramenta para deturpar a realidade e proteger práticas e políticas corruptas que beneficiam grandes corporações, militares e bilionários. Há também uma visão de mundo, um modo de hegemonia, que sai de um manual fascista e se traduz em políticas perigosas e atos potencialmente violentos. Isso é evidente nos ataques de Trump à dissidência e seu apoio ao uso da violência contra jornalistas e políticos que criticam seus pontos de vista. Um exemplo disso pode ser encontrado em sua crítica aos membros do Partido Democrata, que ele chamou de

esquerda radical. Ele não apenas lançou uma ofensa contra eles, como também insinuou, em certa ocasião, que uma resposta possível à oposição deles seria a violência. Seus comentários falam por si sós: "OK? Posso dizer a vocês que tenho o apoio da polícia, o apoio das Forças Armadas, o apoio dos motociclistas a Trump. Eu tenho pessoas duras, mas elas não jogam duro até chegarem a um certo ponto, e então seria muito ruim, muito ruim" (Chait, 2019, p. 3). Há mais em jogo aqui do que infantilizar as ameaças no pátio da escola. Já vimos muitos casos em que os seguidores de Trump investiram contra críticos, atacaram jornalistas e gritaram contra qualquer forma de crítica direcionada às políticas de Trump – para não falar do exército de provocações lançadas sobre intelectuais e jornalistas críticos da administração.

Algumas semanas antes das eleições de meio de mandato de 2018, vários críticos declarados de Trump, todos menosprezados e atacados verbalmente por ele, receberam bombas caseiras pelo correio. Cesar Sayoc – o homem acusado de ter conexão com os atentados – é um forte fã de Trump cujo *feed* do Twitter está repleto de teorias da conspiração, além de uma variedade de fantasias distópicas apocalípticas de direita (Hayes, 2018). Os fãs de Trump incluem vários nacionalistas e supremacistas brancos que estiveram envolvidos em recentes assassinatos em Pittsburgh e na Nova Zelândia. Trump não apenas acende as chamas da violência com sua retórica, ele também fornece legitimação a vários grupos nacionalistas brancos e extremistas de direita, que são encorajados por suas palavras e ações. Esses grupos frequentemente estão prontos para traduzir seu ódio na profanação de sinagogas, escolas e outros locais públicos, bem como para se envolver em violência contra manifestantes pacíficos e, em alguns casos, cometer atos hediondos de violência.

Sem se importar com a forma como sua própria retórica agressiva e cruel legitimou e galvanizou atos de violência cometidos por uma variedade de membros da extrema-direita, neonazistas

e supremacistas brancos, Trump se recusa a reconhecer a crescente ameaça do nacionalismo branco e supremacista, mesmo quando a autoriza com seu discurso sobre muros, supostas hordas invasoras e celebração do nativismo. Ele permanece calado sobre os grupos marginais que incitou com seus ataques cruéis à imprensa, ao Judiciário e a seus oponentes políticos, ou seja, ele se recusa a criticá-los e ao mesmo tempo reforça seu apoio, afirmando que é nacionalista e se cercando de pessoas como Stephen Miller, que não deixa dúvidas a respeito de suas credenciais de supremacista branco. Trump disse a repórteres, após o massacre de Christchurch, que o nacionalismo branco nos Estados Unidos e em todo o mundo não era um problema sério. Nesse caso, ele parece incapaz de ter empatia em relação ao sofrimento dos outros, ao mesmo tempo que acelera políticas neoliberais e racistas que causam sofrimento e miséria em massa a milhões. Fantasias violentas são sua marca registrada, expressas tanto em seu apoio a ditadores cruéis quanto na incitação de seus seguidores em comícios, convocados a "darem um fora" nos manifestantes. Já vimos essa celebração da violência no passado, com seu apelo infantil a uma hipermasculinidade e sua disposição de se envolver ainda mais em atos genocidas.

Trump é a consequência de uma doença que cresce há décadas. O que o distingue é que ele se deleita em seu papel e não se desculpa com a promulgação de políticas que possibilitam ainda mais a pilhagem do país pelos bilionários (incluindo ele mesmo) e pelas grandes corporações. Ele encarna com bravura incontrolável os tipos de impulsos sádicos que poderiam condenar gerações de crianças a um futuro de miséria e, em alguns casos, declarar terrorismo. Ele ama pessoas que acreditam que a política é prejudicada por quem tem consciência e acaba propagando uma cultura de violência e crueldade. Trump não está reconfigurando o caráter da democracia, ele a está destruindo e, com isso, ressuscitando todos os elementos de uma política fascista que

muitas pessoas pensavam que nunca mais ressurgiriam depois dos horrores e mortes infligidos a milhões por ditadores fascistas anteriores. Ele representa o surgimento do fantasma do passado, e devemos estar aterrorizados com o que está acontecendo nos Estados Unidos e em outros países, como o Brasil, a Polônia, a Turquia e a Hungria. O ultranacionalismo de Trump, o racismo, as políticas voltadas à limpeza social, seu flerte com alguns dos ditadores mais hediondos do mundo e seu ódio pela democracia ecoam um período na história em que o inimaginável se tornou possível, quando o genocídio era o objetivo final da desumanização dos outros e a mistura de retórica nativista e nacionalista terminou nos horrores dos campos de concentração. O mundo está em guerra mais uma vez, uma guerra contra a democracia, e Trump está na vanguarda.

Trump representa uma forma distinta e perigosa de autoritarismo de origem estadunidense, mas, ao mesmo tempo, é o resultado de um passado que precisa ser lembrado, analisado e envolvido pelas lições que pode nos ensinar sobre o presente. Trump não apenas "normalizou o indizível" e, em alguns casos, o impensável; ele também nos forçou a fazer perguntas que nunca fizemos sobre capitalismo, poder, política e, sim, sobre a própria coragem (Abramsky, 2017). Em parte, isso significa recuperar uma linguagem para a política, a vida cívica, o bem público, a cidadania e a justiça que tenha substância real (Lerner, 2019). Enfrentar os horrores do capitalismo e sua transformação em uma forma de fascismo a Donald Trump é um desafio. Não haverá movimento real de mudança sem um forte movimento anticapitalista. Ao mesmo tempo, nenhum movimento terá sucesso sem abordar a necessidade de uma revolução na consciência, a qual torne a educação central à política. Essa revolução não pode ocorrer limitando nossas escolhas a uma fixação no "presente impossível", nem pode ocorrer nos limitando a uma linguagem de crítica e a um foco estreito em questões individuais.

São necessárias também uma linguagem de possibilidade militante e uma política abrangente que se baseiem na história, repensem o significado da política e imaginem um futuro que não imite o presente. Precisamos do que Leffel (2019) chama de uma linguagem de "futuro imaginado", uma linguagem que "possa nos tirar do mal-estar sociopolítico atual para que possamos imaginar alternativas, construir as instituições necessárias para chegar lá e inspirar um compromisso heroico". Essa linguagem deve criar formações políticas capazes de entender o fascismo neoliberal como uma totalidade, um sistema único e integrado, cujas raízes compartilhadas se estendem das injustiças raciais e de classe no contexto do capitalismo financeiro aos problemas ecológicos e à crescente expansão do estado carcerário e do complexo militar-industrial-acadêmico.

Nancy Fraser (2017a) tem razão ao argumentar que precisamos de uma resposta subjetiva capaz de conectar diversas crises raciais, sociais e econômicas e, assim, abordar as forças estruturais objetivas que as sustentam. William Faulkner (2011) observou uma vez que vivemos com os fantasmas do passado ou, para ser mais preciso, que "o passado nunca está morto". Essa tarefa é ainda mais urgente, dado que Trump é a prova viva de que não estamos vivendo apenas com os fantasmas de um passado sombrio que pode retornar. No entanto, também é verdade que os fantasmas da história podem ser mobilizados de maneira crítica e transformados em uma política democrática radical para o futuro. O regime nazista foi mais do que um momento congelado na história. É um aviso do passado e uma janela para a crescente ameaça que o autoritarismo representa para a democracia. Os fantasmas do fascismo devem nos aterrorizar, mas o mais importante é que eles devem nos educar e nos imbuir com um espírito de justiça cívica e ação coletiva na luta por uma democracia substantiva e inclusiva.

3

Distorções contemporâneas na cultura da ignorância: o discurso fascista e a resistência das lutas por uma educação pública crítica

A grande força da história vem do fato de que a carregamos dentro de nós, de que somos inconscientemente controlados por ela de várias maneiras e de que ela está literalmente presente em tudo o que fazemos. Dificilmente poderia ser de outra maneira, já que é à história que devemos nossos quadros de referência, nossas identidades e nossas aspirações.

James Baldwin (1955)

Algo sinistro e horripilante está acontecendo nas democracias liberais em todo o mundo. Instituições democráticas, como a mídia independente, escolas, o sistema legal, certas entidades financeiras e a educação superior estão sob cerco em toda parte. Alguns dos exemplos mais recentes disso podem ser encontrados no ressurgimento de vigilantes e de milícias de direita ao longo da fronteira sul e na imposição de práticas educacionais baseadas em tecnologia nas escolas, produzindo currículos que, segundo alguns pais, transformam crianças em zumbis. O contínuo ataque de Trump ao ensino superior oferece outro exemplo altamente visível: sua proposta de orçamento para 2020 promulgaria uma impressionante redução de US$ 7,1 bilhões no Departamento de Educação como parte de uma política para desmantelar o próprio departamento.

A promessa da democracia está retrocedendo com os fascistas atuais trabalhando para subverter a linguagem, os valores, a coragem, a visão e uma consciência crítica. A educação tem se tornado cada vez mais uma ferramenta de dominação, enquanto os empresários do ódio instalam aparatos pedagógicos de direita para atacar trabalhadores, jovens negros, refugiados, imigrantes e outros que são considerados descartáveis. Estamos mais uma vez em uma circunstância histórica em que as estruturas de libertação e o autoritarismo estão competindo pelo futuro.

A história do presente chegou a um ponto em que, nas palavras de P. Thompson (2013, p. 3), "[...] as possibilidades são ou percebidas ou rejeitadas, mas nunca desaparecem completamente". Dois mundos estão colidindo: primeiro, como vários estudiosos observaram, há o mundo cruel e em ruínas da globalização neoliberal, com suas paixões mobilizadoras que alimentam diferentes vertentes do fascismo em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos. O poder agora se apaixonou por acumular lucros e capital e está cada vez mais viciado em uma política de nacionalismo branco e limpeza racial. Depois, como Derber (2017) argumenta em seu livro *Welcome to the revolution*, há também o mundo dos contramovimentos, que está crescendo, especialmente entre os jovens, com sua busca por uma nova política que possa repensar, reivindicar e inventar uma nova compreensão do socialismo democrático, não contaminado pelas tradições e pela cultura do capitalismo.

Não há dúvidas de que, em todo o mundo, o impulso global em direção à democratização que surgiu após a Segunda Guerra Mundial esteja cedendo novamente às tiranias autoritárias. Por mais alarmantes que os sinais possam ser, o público não pode desviar o olhar e permitir que os terrores do imprevisto sejam liberados. Aqueles que acreditam no socialismo democrático não podem permitir que o poder dos sonhos e das esperanças militantes se transforme em pesadelos.

Resistir ao fascismo requer tornar a educação crítica central para a política

É difícil imaginar um momento mais urgente para tornar a educação central na política. Se vamos desenvolver uma política capaz de despertar nossas sensibilidades críticas, imaginativas e históricas, é crucial que educadores e outros desenvolvam uma linguagem coletiva de crítica e possibilidade. Tal linguagem é necessária para possibilitar as condições de forjar uma resistência coletiva internacional entre educadores, jovens, trabalhadores, artistas e outros promotores da cultura em defesa de bens públicos. Tal movimento é importante para enfrentar e superar os pesadelos tirânicos fascistas que caíram sobre os Estados Unidos, o Brasil e uma série de outros países da Europa atormentados pela ascensão de partidos neonazistas. Numa era de isolamento social, de excesso de informação, de uma cultura de imediatismo e de consumismo e de violência transformada em espetáculo, torna-se ainda mais crucial levar a sério a noção de que uma democracia não pode existir ou ser defendida sem cidadãos informados e criticamente engajados.

A educação, tanto em suas formas simbólicas quanto nas institucionais, tem um papel central a desempenhar na luta contra o ressurgimento das culturas fascistas, das narrativas históricas míticas e das emergentes ideologias da supremacia branca e do nacionalismo branco. Além disso, numa época em que fascistas em todo o mundo estão disseminando imagens tóxicas, racistas e ultranacionalistas do passado, é essencial reivindicar a educação como uma forma de consciência histórica e testemunho moral. A educação como uma forma de trabalho cultural se estende muito além da sala de aula, e sua influência pedagógica, embora muitas vezes imperceptível, é crucial para resistir ao surgimento e resgate de princípios, ideias e formações pedagógicas fascistas, bem como para desafiá-los.

A máquina capitalista de fabricar fetiches e sonhos gera enormes lucros para os bilionários gestores de fundos multimercado e para os principais atores do setor de serviços financeiros. Nessas novas paisagens de riqueza, fraude e atomização social, um capitalismo brutal e fanático promove um *ethos* vencedor, uma cultura de crueldade e nacionalismo branco, minando agressivamente o Estado de bem-estar e empurrando milhões para dificuldades e misérias. As geografias da decadência moral e política tornaram-se o padrão organizador dos mundos oníricos de consumo, privatização, vigilância e desregulamentação. Dentro desse cenário cada vez mais fascista, as esferas públicas são substituídas por zonas de abandono social e os poderosos prosperam sugando com crueldade as energias dos mortos-vivos e disseminando cada vez mais miséria.

A educação, principalmente nas últimas três décadas, diminuiu rapidamente sua capacidade de educar jovens e formar agentes reflexivos, críticos e socialmente engajados. Sob regimes neoliberais que agora flertam com a supremacia branca, os apóstolos do autoritarismo consideram as possibilidades utópicas anteriormente associadas à educação pública como perigosas demais para não serem controladas com toda violência. Cada vez mais as escolas públicas – que poderiam ter um potencial radical de promover a igualdade social e apoiar a democracia – estão sujeitas às forças tóxicas da privatização com currículos padronizados e sem sentido, enquanto os professores são submetidos a condições de trabalho intoleráveis. Por outro lado, o ensino superior agora imita uma cultura empresarial administrada por um exército de burocratas administrativos, embriagados com os valores de mercado, que se assemelham aos sumos sacerdotes de uma racionalidade instrumental deprimente. As visões dominantes da democracia estão no exílio em todos os níveis da educação. A luta, no entanto, está longe de terminar. A boa notícia é que

há uma crescente onda de greves de professores, funcionários públicos e trabalhadores, nos Estados Unidos e no exterior, que resistem às máquinas cruéis de exploração, racismo, austeridade e descartabilidade desencadeadas pelo neoliberalismo nos últimos quarenta anos.

O pensamento crítico e a imaginação de um mundo melhor representam uma ameaça direta a um paradigma neoliberal no qual o futuro deve sempre replicar o presente em um círculo interminável. O capital e as identidades que ele legitima fundem-se com o que poderia ser chamado de zona morta da imaginação e das pedagogias da repressão. Esse impulso distópico prospera na produção de inúmeras formas de violência – abrangendo tanto o simbólico quanto o estrutural – como parte de uma tentativa mais ampla de definir a educação em termos puramente instrumentais, privatizados e anti-intelectuais. É precisamente essa substituição da esperança educada por um projeto distópico agressivo e políticas culturais que agora caracteriza o atual ataque ao ensino público e superior em várias partes do globo, o qual se estende dos Estados Unidos e Reino Unido à Grécia, Turquia, Espanha e ao Brasil.

É crucial que os educadores se lembrem de que a linguagem não é simplesmente um instrumento de medo, violência e intimidação; ela também é um veículo de crítica, coragem cívica, resistência e agência engajada e informada. Vivemos numa época em que a linguagem da democracia foi pilhada, despojada de suas promessas e esperanças. Para derrotar o fascismo, é preciso fazer da educação um princípio organizador da política. Em parte, isso pode ser feito com uma linguagem que exponha e desvende falsidades, sistemas de opressão e relações corruptas de poder, deixando claro que um futuro alternativo é possível. Hannah Arendt (2006) estava certa ao argumentar que a linguagem é crucial para destacar os elementos cristalizados, muitas

vezes ocultos, que tornam provável o fascismo. A linguagem é uma ferramenta poderosa na busca da verdade e na condenação de falsidades e injustiças. É ainda mais uma razão para os educadores tornarem o político mais pedagógico e o pedagógico ainda mais político, a fim de reconhecer que a pedagogia é sempre uma luta por agência, identidades, desejos e valores.

Por outro lado, precisamos reconhecer que o professor tem um papel crucial a desempenhar na abordagem de importantes questões sociais e na defesa da educação pública e superior como esferas públicas democráticas. Tornar o político mais pedagógico, nesse caso, sugere a produção de modos de conhecimento e práticas sociais que não apenas afirmem o trabalho cultural de oposição, mas também ofereçam oportunidades para mobilizar exemplos de indignação coletiva, se não ação de massa, contra um capitalismo impiedoso, com uma política fascista emergente. Essa mobilização deve se opor às flagrantes desigualdades materiais e à progressiva crença cínica de que democracia e capitalismo são sinônimos. A pedagogia crítica propõe que a educação é uma forma de intervenção política no mundo e que é capaz de criar as possibilidades de transformação social.

A normalização da ideologia neoliberal

À medida que a ideologia, os valores e as relações sociais neoliberais se normalizam, eles se tornam mais bem-sucedidos e difíceis de nomear, entender e desafiar. Por exemplo, mesmo quando mais e mais pessoas se revoltam no momento histórico atual contra esse projeto distópico, a ideologia neoliberal e os elementos de uma política fascista se fundem para conter, distrair e desviar a raiva que se materializou em meio a queixas contra o governo, as elites privilegiadas e as enormes dificuldades causadas pelo capitalismo

neoliberal. Nesse caso, o realismo capitalista se afirmou, especialmente entre os seguidores de Trump, em uma mistura de fé ignorante e pura exaustão que levou a uma necessidade de soluções simplistas e a um homem forte que promete "resolver" os problemas que assombram o período atual.

Por exemplo, Trump alimenta um populismo autoritário, racista e antidemocrático e, em seu pedido de construção de um muro na fronteira sul, faz isso fomentando o medo. Nos últimos dois anos, ele equiparou a cultura dos imigrantes à cultura do crime, argumentou que trabalhadores sem documentos representam a principal ameaça de terrorismo nos Estados Unidos e afirmou que eles constituem uma crise humanitária. O que ele se recusa a reconhecer é que, em vez de ser uma ameaça, muitos imigrantes na fronteira sul estão tentando pedir asilo. Ao mesmo tempo, sem qualquer senso de ironia, Trump afirmou, em seu discurso televisionado do Salão Oval, que o muro que propôs é um tipo de prioridade humanitária. Como John Cassidy registra no *The New Yorker*, Trump tentou enquadrar o muro como "uma solução para uma crise humanitária na fronteira sul, em vez de admitir o que é e tem sido o tempo todo: o santo graal de um movimento político nativista que ele nutre e cultiva desde que desceu a escada rolante na Trump Tower" (Cassidy, 2016, p. 3).

Trump usou, tanto em sua campanha como na presidência, a linguagem da poluição para descrever pessoas negras ou imigrantes sem documentos como "bandidos", "estupradores" e "assassinos". O sofrimento humano não é algo que ele pretende extinguir; é algo que ele produz em massa, em várias frentes nacionais e estrangeiras. O neoliberalismo prospera com o poder de distrair. A grande imprensa apoia essa estratégia de distração, concentrando-se nas reivindicações inconstantes de Trump sobre o muro, se será feito de concreto ou aço. O que está faltando nesses argumentos, como observa Fulwood (2019, p. 4), é

a percepção de que "o muro é simbólico. Existe apenas com o objetivo de permitir que o presidente promulgue continuamente um fluxo constante de medo racista, xenófobo e anti-imigrante".

O racismo de Trump não é apenas evidente em sua demonização de pessoas negras, imigrantes e outros grupos marginalizados, mas também é óbvio em seu silêncio sobre as declarações racistas feitas pelo deputado Steve King em uma entrevista do *New York Times* na qual ele disse: "Nacionalista, supremacista branco, civilização ocidental – como essa linguagem se tornou ofensiva? Por que eu participei de aulas que me ensinaram sobre os méritos de nossa história e nossa civilização?" (Gabriel, 2019, p. 2). Andrew Anglin, o fundador do *Daily Stormer*, um veículo de mídia neonazista, referiu-se a King como um nacionalista branco. Embora alguns membros do Partido Republicano tenham condenado King por suas observações, eles não aplicaram as mesmas críticas a Trump ou a suas próprias políticas, que se estendem da supressão de eleitores ao apoio a políticas de fronteira hediondas e moralmente repulsivas. De maneira reveladora, quando Trump foi questionado sobre as observações racistas de King, no gramado sul da Casa Branca, ele respondeu que não sabia de nada, embora a história tivesse dominado o noticiário por semanas.

Durante todo o tempo, Trump continuou fazendo seus próprios comentários racistas sobre trabalhadores sem documentos. Por exemplo, como observa Maegan Vazquez, que escreve para a CNN, no meio do caso King,

> Trump citou uma coluna nacionalista descaradamente branca, escrita por Pat Buchanan, ex-diretor de comunicações do presidente Ronald Reagan. Na ocasião, Buchanan escreveu: "Quanto mais a América se tornar multirracial, multiétnica, multicultural e multilíngue – quanto menos se parecer com a América de Ronald Reagan –, mais democrata se tornará. O Partido Democrata é

> hostil aos homens brancos porque quanto menor for essa parcela da população nos Estados Unidos, mais cedo os democratas herdam o patrimônio nacional". (Vazquez, 2019, p. 7)

Esse é o fascismo neoliberal que abraça o discurso de uma supremacia branca e o ultranacionalismo, enquanto às vezes se esconde atrás de uma linguagem de humanitarismo e direitos humanos. A vontade de um grande segmento do público americano de sucumbir ao abraço de Trump, o que Brown (2017, p. 47) chama de "nacionalismo fomentado, racismo, xenofobia e desejo de governo autoritário", tem suas raízes em uma cultura neoliberal de desintegração social. Nesse contexto, a razão neoliberal oculta os efeitos de seus arranjos econômicos, sociais e políticos racistas e tóxicos, dentro de uma forma de realismo capitalista que mina qualquer esperança de recuperar um projeto democrático definido por meio de lógicas "empoderadoras" de liberdade, igualdade e autogoverno.

Tomando emprestado o trabalho de Antonio Gramsci, Raymond Williams, C. Wright Mills e outros, o blogueiro radical Mark Fisher (2009) abordou esse assunto expandindo o significado da educação para muito além do conceito estabelecido para ela e apontou a cultura popular, as artes, a ciência, o cinema, o jornalismo, as mídias sociais e outros produtores culturais como a lente através da qual se pode imaginar uma alternativa ao capitalismo global e mobilizar formas individuais e coletivas de resistência a ele. Nesse caso, a cultura, se não a própria noção de populismo, torna-se um local de luta e não um terreno fundado exclusivamente nas garras da dominação.

Na situação atual, como observa Chantal Mouffe, é crucial descartar a noção de que o populismo é simplesmente outra forma de demagogia. Pelo contrário, ela escreve: "É uma maneira de fazer política que pode assumir várias formas, dependendo dos períodos

e dos lugares. Surge quando se busca construir um novo sujeito de ação coletiva – o povo – capaz de reconfigurar uma ordem social vivida como injusta" (Mouffe, 2016, p. 2), na qual carece a defesa da liberdade, da justiça social e da igualdade. O que significa contestar as premissas pedagógicas que apoiam o neoliberalismo? Onde essas lutas ocorrerão? Que forma assumirá a linguagem da crítica e da esperança se for abordar a vida cotidiana de pessoas apanhadas pelas garras do senso comum neoliberal? O neoliberalismo criou uma crise de agência, representação e resistência, e todos esses elementos devem ser abordados em termos de como funcionam em uma ordem neoliberal para minar a democracia, e o que significaria desenvolver uma linguagem e um modo de análise capazes de repensar essas questões como parte de uma compreensão abrangente da política e das lutas coletivas.

Também devemos perguntar como os políticos de direita e demagogos foram capazes de colonizar as aspirações populistas de recuperar algum controle sobre o processo político e por que a esquerda falhou. Envergonhar quem segue Trump é uma estratégia política fracassada. Uma estratégia política eficaz deve envolver a recuperação da promessa de uma democracia radical. No processo, devemos expor como o ideal da democracia radical é consistentemente minado e atacado em uma ordem neoliberal na qual tudo é privatizado, mercantilizado, desregulado e organizado como parte da cultura do comercialismo, sujeita aos ditames do capital financeiro.

Tal desafio exigiria o desenvolvimento de modalidades de educação e análises críticas que examinassem como a elite dominante usa seu poder para explorar, excluir, desumanizar e minar qualquer modo viável de agência crítica. Seriam colocados em questão os métodos pelos quais o Estado, as empresas e a elite financeira usam o poder para remover da vida das pessoas serviços essenciais, como assistência médica, transporte público, educação gratuita de qualidade, moradia, salário social, ambiente

saudável e outros, que lhes permitem expandir suas capacidades como agentes comprometidos com a crítica.

Isso levanta outras questões sobre como o neoliberalismo – disfarçado de "ordem liberal" – se tornou uma incubadora da ascensão de Trump e uma versão contemporânea da política fascista. Há mais em jogo aqui do que o fracasso do liberalismo em abordar a crescente questão da desigualdade de riqueza e poder. O escritor Pankaj Mishra trata desse assunto em sua crítica à ordem liberal estabelecida. Em entrevista a Francis Wade, ele afirma:

> A resposta óbvia é que a tão apreciada ordem liberal foi a incubadora do trumpismo e outros autoritarismos. Ela tornou os seres humanos subordinados ao mercado, substituindo os laços sociais por relações de mercado e santificando a ganância. Tal ordem propagou ainda um *ethos* de autonomia individual e responsabilidade pessoal, enquanto as exigências do mercado tornavam impossível às pessoas economizar e planejar o futuro. Ela sobrecarregou as pessoas com dívidas crônicas e as transformou em apostadoras no mercado de ações. O capitalismo liberal deveria promover uma classe média universal e incentivar os valores burgueses de sobriedade e prudência e as virtudes democráticas da responsabilidade. Conseguiu o oposto: a criação de um trabalhador precarizado, sem perspectivas claras a longo prazo, perigosamente vulnerável a demagogos que lhe prometem a lua. O liberalismo descontrolado, em outras palavras, prepara as bases para sua própria morte. (Mishra *apud* Wade, 2018, p. 2)

Seguindo os comentários de Mishra, é crucial repensar como as instituições capitalistas limitam a agência humana, bem como a capacidade da maioria das pessoas de ser crítica e imaginar o inimaginável como parte da luta coletiva por um futuro democrático. Isso sugere desafiar regimes neoliberais de disciplina, controle e conformidade com um discurso pedagógico no qual

fique claro que os direitos pessoais e políticos devem ser acompanhados pelos direitos sociais e econômicos para que qualquer democracia funcione. Precisamos vincular a luta pela justiça econômica e social a novas configurações de poder e a novas formas de entendimento capazes de reconhecer e utilizar o poder para criar uma sociedade socialista democrática.

Qualquer noção viável de política deve considerar trabalhar com uma variedade de aparatos culturais para ativar uma imaginação pública disposta a lutar por instituições e bens públicos capazes de revitalizar os laços sociais, a responsabilidade social e a capacidade de produzir experiências que vão além das noções estreitas de individualismo e interesse próprio, celebrados na cosmovisão neoliberal. É uma questão política e pedagógica imaginar um futuro em que as necessidades humanas tenham precedência sobre as considerações de mercado, deixando claro como o capitalismo, com sua concentração de riqueza e poder em poucas mãos, produz modos de desigualdade e miséria humana. Os agentes e modos de resistência necessários para derrotar o capitalismo e construir uma ordem socialista democrática não surgirão sem a produção de uma cultura formativa que forneça conhecimentos, ideias, valores e relações sociais centrais para a criação de cidadãos engajados.

Os locais dessa luta incluem ensino público e superior, artes, serviços sociais, mídias sociais, instituições religiosas e outros domínios da produção cultural que possam utilizar o trabalho de intelectuais públicos. O que está em jogo aqui é o desafio para que os trabalhadores culturais enfrentem a complexidade dos problemas que o capitalismo produz, escrevam e falem com as pessoas em uma narrativa que elas entendam e com a qual possam se identificar e abordem o que significa produzir conhecimento, imagens e ideias críticas e emancipatórias.

Criando uma pedagogia de "iluminação profana" que critique as ideologias hegemônicas

Há outro desafio pedagógico enraizado na necessidade de transformar o senso comum no que Walter Benjamin uma vez chamou de "iluminação profana", processo pelo qual os pressupostos dominantes do senso comum de uma hegemonia capitalista estão sujeitos ao processo de desnaturalização e análise crítica e ao choque de novas formas de reconhecimento. Essa é uma prática de tornar o familiar desconhecido, tratando-o como uma fonte de espanto.

Esse projeto é imperativo para que a tarefa pedagógica de aumentar a consciência seja bem-sucedida em desafiar a arma mais poderosa do neoliberalismo – a afirmação de que sua visão de mundo é autoevidente e que qualquer análise é irrelevante. Isso é particularmente importante sob um regime de neoliberalismo, no qual o público entra em colapso diante do privado e as experiências pessoais são afastadas de forças sociais mais amplas, "transformando assim a incerteza social em um fracasso pessoal, divorciado de qualquer causa ou remédio coletivo" (Gane e Back, 2012, p. 399).

Além de empregar a noção benjaminiana de "iluminação profana", uma política cultural radical deve insistir que o pensamento racional não é suficiente. A esquerda e outros progressistas também precisam de uma nova maneira de pensar sobre a miséria e o sofrimento enfrentados por muitas pessoas. Esse pensamento deve ser sensível para rejeitar qualquer indício de justiça moral e a posição colonizadora de pregar o evangelho a populações vulneráveis. Não se deve negar às populações despossuídas as ferramentas e os espaços para narrar suas próprias histórias. Precisamos de uma variedade de ferramentas e plataformas para desmascarar o poder dominante e revelar como ele funciona e afeta a vida das pessoas. Ao mesmo tempo, essas ferramentas

devem fazer justiça às experiências, eventos, emoções, modos de identificação e investimentos cotidianos que as pessoas habitam e experimentam em suas vidas diárias.

A prática pedagógica radical deve seguir a sugestão de Wright Mills em *The sociological imagination*, em que ele pede aos intelectuais e trabalhadores da cultura que escrevam, falem e ajam de maneira que estabeleçam conexões entre problemas privados e questões públicas, entre estruturas sistêmicas e produção de modos particulares de agência. Isso sugere um exercício pedagógico a serviço da recuperação e do diálogo conjuntos e o ingresso em uma política, uma linguagem e um modo de pensar que envolvam plenamente eventos cotidianos concretos, o que T. K. Smith (2018, p. 16) descreveu como "vulnerabilidades [...] e provações reais que a vida distribui a pessoas reais em corpos frágeis". Para desafiar a linguagem objetiva de poluição e descartabilidade, é central a necessidade de desenvolver um modo alternativo de falar, conhecer e pensar, em que, como diz o autor, "a linguagem se torna uma coisa sentida, um terreno a ser atravessado [...], uma mudança e uma possibilidade maleável" (Smith, 2018, p. 17), capaz de atender a um público diversificado.

Isso é muito diferente da prosa túrgida e da linguagem desencarnada usada por muitos acadêmicos, uma linguagem que é reducionista, abstrata, e funciona tal qual o que R. Nixon (2011) descreve como uma prosa morta, incapaz de falar com pessoas que seriam centrais para o desenvolvimento de um populismo de esquerda. Esse discurso atua amplamente como uma forma de camuflagem verbal, criando barreiras entre as universidades e sua missão pública. Esse tipo de jargão geralmente impede que os acadêmicos se tornem atravessadores de fronteiras, ultrapassem os muros de suas disciplinas e alcancem diversas formas de mídia para se engajar no terreno pedagógico – de alto risco – da persuasão e da crença, a fim de mudar as maneiras pelas quais as pessoas veem as coisas.

Talvez Moore (2012, p. 1) tenha razão ao nos lembrar que "as primeiras vítimas do totalitarismo são as mentes que se opõem a ele", o que sugere ser ainda mais importante a necessidade de acadêmicos, escritores, jornalistas, artistas e outros conectarem seu trabalho ao público e exporem o funcionamento das mentiras, do poder e das políticas reificadoras de descartabilidade e poluição. Tornar a linguagem acessível e rigorosa, a fim de abordar problemas sociais concretos para um público mais amplo, é crucial para que os trabalhadores culturais em diversos locais possam enfrentar a crise de representação e agência que está no coração do autoritarismo neoliberal.

Para aumentar a consciência pública, as armas simbólicas de persuasão, paixão e crenças devem ser integradas a uma política de reconhecimento e identificação, na qual as pessoas possam ser instigadas a não apenas pensar criticamente, mas também a se apaixonarem e se sentirem energizadas pela capacidade de mudar o mundo em que se encontram. A esquerda precisa de uma linguagem política impregnada de um compromisso profundamente moral com a democracia, a igualdade e a justiça, especialmente em um momento em que a violência, a corrupção e a ilegalidade se normalizaram, abrindo as portas para o surgimento de uma política fascista nos Estados Unidos.

Motivar os estadunidenses comuns a serem autorreflexivos e movidos por valores democráticos enquanto abraçam relacionamentos marcados por responsabilidades compartilhadas é uma questão que começa com uma linguagem na qual as pessoas possam ser incentivadas emocionalmente a analisar seus problemas e seu relacionamento com forças sociais mais amplas. É tarefa dessa linguagem despertar a capacidade das pessoas de se alinharem com identidades coletivas impregnadas de laços comunitários, desenvolverem compaixão pelos outros e se identificarem com o bem público. Essa linguagem deve substituir o medo sancionado pelo Estado por uma noção radical do que Aronson (2017) descreve

em seu livro *We: reviving social hope* como "esperança social" – uma esperança que leva as pessoas não apenas a imaginarem um futuro diferente, mas a agirem individual e coletivamente sobre o presente para construí-lo.

A atual crise de agência, representação, valores e linguagem exige uma mudança discursiva que possa questionar e derrotar a cultura formativa e os andaimes ideológicos através dos quais um capitalismo neoliberal selvagem se reproduz. A cultura tornou-se uma zona de guerra que, com Trump, foi militarizada e comercializada agressivamente. À medida que a cultura cívica entra em colapso, a crise da democracia nos Estados Unidos aumenta e o poder fica mais concentrado nas mãos das elites. Enquanto isso, nada está sendo dito sobre a desigualdade econômica, sobre um governo dirigido por bilionários, pelo poder corporativo e irrestrito, nem sobre um orçamento militar tão grande quanto antiético. O ataque contínuo ao corpo político por amplas privatizações, pela desregulamentação e pelo crescimento econômico que segue disfarçado de progresso à medida que destrói o planeta está ocorrendo a uma velocidade vertiginosa. A memória histórica foi minada e o tecido social foi colocado em risco diante do racismo, do nacionalismo branco, da repressão e da censura. O espaço entre crise e catástrofe está se fechando e tem implicações terríveis para o futuro.

Desde a década de 1980, e particularmente sob o reinado de Trump, uma nova formação política que ecoa os horrores de um passado fascista se concretizou, alimentada pela retórica tóxica da descartabilidade e da poluição. Os mecanismos de poder e ideologia através dos quais essa política fascista emergente se afirma devem primeiro ser desafiados com uma linguagem que conecte capitalismo e exploração humana, exclusão e destruição do planeta. É crucial, para a tarefa de pressionar a reivindicação por justiça econômica e social, a necessidade de deixar claro

que capitalismo e democracia não são sinônimos. Precisamos reverter a alegação neoliberal de que política e democracia são inimigas da liberdade. Além disso, qualquer noção de resistência deve repensar o processo de democratização como uma questão de mudança sistêmica fundamental que envolve uma reestruturação radical da sociedade.

Os problemas causados pelo capitalismo são muito graves e profundamente destrutivos para que ele seja simplesmente reformado. Somente um forte movimento de massas, anticapitalista e revolucionário, pode desafiá-lo. Como Fisher (2009) observou em seu livro *Capitalist realism*, os estadunidenses estão vivendo em uma paisagem repleta de entulho ideológico, e, em resposta, devemos oferecer um rival eficaz ao capitalismo, em vez de uma reação a ele. Sob o domínio do neoliberalismo, a repressão ideológica funciona furtivamente através de formas de analfabetismo fabricado, produzidas por câmaras de eco de direita e outros aparatos culturais que trabalham agressivamente para despolitizar as pessoas e torná-las cúmplices de sua própria opressão. O objetivo final é o definhamento dos apegos cívicos, o declínio da vida pública e a evisceração de qualquer noção de cidadania compartilhada, o que fortalece uma política fascista. Os defensores de uma democracia radical precisam argumentar com grande energia e paixão que a "liberdade" no capitalismo nada tem a ver com democracia e tudo tem a ver com aprisionar milhões em uma rede de restrições ideológicas e institucionais redutivas e punitivas.

Para começar, a ideologia neoliberal, a pedagogia pública e seu ataque às instituições democráticas podem ser ainda mais desafiados, em parte, combinando a tarefa de Benjamin de "iluminação profana" e rigor analítico com o que AK Thompson (2018) chama de "premonições", que falam da necessidade de colocar eventos isolados dentro de conjuntos mais amplos de conexões que nos permitam pensar em termos de política abrangente e

noção de totalidade. Vale a pena repetir Thompson sobre esse assunto. Ele escreve:

> As premonições são semelhantes às iluminações e reflexões, pois, como formas de raciocínio ampliadas, elas revelam como uma coisa ou evento podem ser feitos para nos alertar para o processo social mais amplo do qual derivam. A principal diferença é que, enquanto os conceitos de Benjamin enfatizam a resolução das tensões acumuladas, as "premonições" direcionam nossa atenção para o futuro que virá, caso a dinâmica presente seja deixada sem perturbações. (Thompson, A., 2018, p. 31)

Se a esquerda e outros progressistas quiserem construir algo sobre os fracassos do neoliberalismo e criar uma nova coalizão de agentes políticos, nós precisamos de uma nova linguagem, de uma história política e de um entendimento da política nos quais uma nova ordem socialista democrática possa ser imaginada e debatida. Isso significa ir além da noção redutora de que o capitalismo só pode ser entendido como um sistema econômico.

A crise econômica produzida sob o neoliberalismo foi acompanhada por uma crise de ideias. Isso sugere que no coração do capitalismo neoliberal e sua política fascista há uma crise de representação, agência e memória. Em parte, essa crise foi capturada pela frase atribuída tanto a Fredric Jameson quanto a Slavoj Žižek: "É mais fácil imaginar o fim do mundo do que imaginar o fim do capitalismo" (Jameson, 2003, p. 65). Essa avaliação distópica nos desafia a redefinir e repensar a política que a produziu. Fazer isso exigiria não apenas interrogar a atual crise do fascismo neoliberal, mas também pensar na promessa de uma democracia radical.

No centro de qualquer teoria viável de resistência está a necessidade de desenvolver uma linguagem de crítica que torne

visível a narrativa amplamente incontestada do neoliberalismo sobre como a vida social deve ser governada pelas relações de mercado. Precisamos de uma linguagem que exponha a celebração do neoliberalismo a um individualismo desencarnado, a elevação do *ethos* da competição a um ideal nacional e também a guerra contra o Estado de bem-estar social, o meio ambiente e os laços sociais. Essa narrativa antidemocrática não pode ser simplesmente excluída de nossas lutas políticas. Precisamos criar novas histórias que se tornem parte integrante de como imaginamos nossa sociedade, permitindo-nos abrir o futuro em vez de fechá-lo.

O famoso abolicionista Frederick Douglass compreendeu a necessidade de histórias que iam além da reforma, histórias que inspiravam as pessoas a pensar e agir fora das antigas políticas da época. Suas palavras são tão relevantes hoje como eram quando ele as escreveu. Elas falam com uma geração de jovens, professores, educadores e progressistas que se recusam a sonhar o futuro dentro dos limites sufocantes do presente. Douglass escreveu:

> Não é a luz necessária, mas o fogo; não é o banho suave, mas o trovão. Precisamos da tempestade, do turbilhão, do terremoto. O sentimento da nação deve ser acelerado; a consciência da nação deve ser despertada; a propriedade da nação deve ser assustada; a hipocrisia da nação deve ser exposta; e seus crimes contra Deus e o homem devem ser proclamados e denunciados. (Douglass, 1852)

Gramsci (1971) observou em seus *Cadernos do cárcere* que a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer; nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece. O que está claro é que os sintomas mórbidos chegaram, mas, ao mesmo tempo que produzem desespero, eles também apresentam novos desafios e a oportunidade de lutas revitalizadas. As histórias que uma sociedade

conta sobre si mesma são uma medida de como ela valoriza a democracia e seu futuro. Chegou a hora de contar histórias que mesclem memória pública, experiência cotidiana, conexões públicas e o espaço onde o horizonte de possibilidades se conecta com pontos de vista inesperados e movimentos sociais de base ampla. Não temos tempo a perder.

Resistindo às armas da ignorância maliciosa e suas consequências: recusar a reflexão crítica não faz justiça à complexidade das ideias

A ignorância agora governa os Estados Unidos. Não a ignorância simples e um tanto inocente, que vem de uma ausência de conhecimento, mas uma ignorância maliciosa, forjada na arrogância de se recusar a pensar seriamente sobre um assunto. Mais recentemente, vimos isso exemplificado na dissimulação de Donald Trump no discurso do Estado da União de 2019, no qual ele mentiu sobre a quantidade de drogas que cruzam a fronteira sul, demonizou a comunidade de imigrantes com ataques racistas, deturpou os fatos sobre o grau de violência na região e empregou uma retórica antiguerra enquanto ameaçava repetidamente travar uma guerra contra o Irã e a Venezuela. A ignorância intencional alcançou um novo patamar quando Trump – após dois anos de *tweets* maliciosos dirigidos a seus críticos – falou da necessidade de unidade política.

A ignorância intencional, maliciosa, muitas vezes se esconde por trás da retórica de humilhação, mentiras e intimidação. A confiança de Trump ao fazer ameaças de imposição de sua vontade tomou um rumo perigoso, dada a sua ignorância da lei, quando usou seu discurso para minar a investigação do conselho especial sobre a interferência da Rússia na eleição de 2016. Ele fez isso com um comentário hipócrita, afirmando que as únicas coisas que podiam impedir o "milagre econômico" eram "guerras

insensatas e políticas ou investigações partidárias ridículas", e acrescentou: "Se haverá paz e legislação, não pode haver guerra e investigação" (Giroux, 2019b). De acordo com Trump, os democratas têm que fazer uma escolha entre chegar a acordos legislativos e perseguir "investigações partidárias ridículas" – claramente o país não poderia fazer as duas coisas.

A ignorância maliciosa é uma recusa deliberada de refletir o suficiente para fazer justiça à complexidade de uma ideia e suas consequências potenciais. Esse é um tipo de ignorância que combina a mentalidade dos tiranos com uma noção de certeza irrefletida que elimina a dúvida e vê posições opostas como atos de traição que muitas vezes merecem algum tipo de ação punitiva. Infelizmente, vivemos em um momento em que a ignorância parece ser uma das características que definem a vida política e cultural dos Estados Unidos. A ignorância se tornou uma forma de recusa armada a reconhecer como a violência do passado se infiltra no presente, reforçada por uma mídia controlada por corporações e pela cultura digital dominada por espetáculos tolos e banalidades consumistas.

Na era de Trump e na ascensão de democracias não liberais em todo o globo, Baldwin (2007) certamente estava certo ao fazer o alerta de que "a ignorância, aliada ao poder, é o inimigo mais feroz que a justiça pode ter". A ignorância maliciosa de Trump inunda as redes sociais quase todos os dias. Ele nega as mudanças climáticas e os perigos que representam para a humanidade, paralisa o governo porque não consegue fundos para o seu muro – um símbolo grotesco do nativismo – e desdenha dos diretores das agências de inteligência porque elas provam como as mentiras e a desinformação alimentam sua relação com os tiranos. Esse tipo de ignorância embriagada pelo poder é comparável a uma bomba com um pavio prestes a explodir em um shopping center lotado; ele é perigoso e se funde com um uso imprudente do poder do Estado que mantém a vida humana e o planeta reféns.

A ignorância fabricada em uma cultura de imediatismo e espetáculo

Às vezes, parece que a era das grandes ideias chegou ao fim, transformada em um conjunto disperso de esferas culturais que reforçam a elevação da ignorância a um ideal nacional e a uma forma de política militarizada. Por exemplo, a cultura foi transformada em uma máquina de desimaginação que prioriza uma cultura de métricas e as seduções hipnóticas da tela. (Não é coincidência que Trump seja o primeiro presidente cuja principal fonte para entender o mundo e gerar políticas é a televisão.)

Os estadunidenses vivem em uma cultura de imediatismo que criou novas formas de ignorância e apagamento social e histórico. Como observa o escritor John Gray, depreciar o passado se tornou "uma marca de respeitabilidade intelectual". Ele então reforça o ponto, citando o crítico literário Francis O'Gorman, que argumenta que na era atual, marcada por "um renascimento da intolerância", tornou-se "mais fácil afirmar elementos de uma ideologia nazista reformulada em versões de supremacia branca" (Gray, 2017). O que Gray estava sugerindo, algo muitas vezes não percebido por muitos comentaristas progressistas, é que o fascismo nunca se limitou ao passado e agora está vencendo ideologicamente em um novo tipo de campo de batalha.

O tempo não tem mais uma longa duração; ele tem de ser instantâneo, pulsando com informações que mal se somam a uma ideia sustentada. O tempo está agora ligado a investimentos de curto prazo e ganhos financeiros rápidos, definidos pela perpetuação ininterrupta e frenética de uma cultura empobrecida de troca global. O tempo não está mais ligado ao investimento de longo prazo na comunidade, ao desenvolvimento do bem-estar social e aos objetivos que beneficiam os jovens e o bem comum. O tempo se tornou um fardo, mais que uma condição para a contemplação.

O fluxo de dinheiro agora substitui o fluxo de reflexão, o diálogo crítico e o julgamento informado. Isso é exacerbado em uma cultura de imediatismo, na qual a gratificação instantânea reina e a contemplação ponderada se torna uma coisa do passado. Os investimentos de longo prazo deram lugar a investimentos de curto prazo e, com isso, eliminaram quaisquer compromissos duradouros. A barbárie se apresenta em atos, experiências e formas de sofrimento que desaparecem da grande mídia tão rapidamente quanto aparecem.

A linguagem do neoliberalismo apaga qualquer noção de responsabilidade social e, assim, elimina a crença de que mundos alternativos podem ser imaginados. Sob a administração Trump, o mundo da imaginação robusta, da alfabetização cívica vibrante e das ideias inspiradoras e vitalizadoras foi transformado em cinzas. Ignorância, esquecimento e crueldade agora se fundem em uma noção de senso comum que sustenta a ignorância intencional dos ricos e poderosos. De que outra forma explicar a atitude do secretário de Comércio, Wilbur Ross, durante a paralisação do governo americano em 2019, quando milhares de funcionários federais perderam seus salários? Na ocasião, Ross afirmou que não entendia por que alguns deles visitavam bancos de alimentos ou buscavam ajuda alimentar quando podiam pegar empréstimos.

É uma forma de ignorância que se transforma em uma cultura de crueldade, a qual evidencia os mecanismos mais abrangentes de poder e violência nos Estados Unidos. À medida que a cultura cívica desaparece, a memória histórica é quebrada e palavras como fascismo, nativismo, genocídio, encarceramentos em prisões, guerra e violência surgem como abstrações vazias, apenas para serem banalizadas ou descartadas no ciclo diário de notícias, agora impulsionado pelas convulsões do Twitter de Trump.

O sofrimento humano e o ataque à vida no autoritarismo do fascismo neoliberal

No momento histórico atual, há uma crescente rejeição do mundo contra a democracia liberal. Vivemos em uma época em que emergiu uma forma distinta de autoritarismo, que mescla as políticas tóxicas de austeridade e as ideologias implacáveis do neoliberalismo com os princípios e atitudes racistas e ultranacionalistas de um passado fascista. O que poderia ser chamado de gramática da violência fabricada pelo Estado, aliada à supremacia branca e à ignorância, não mais se esconde nas sombras do poder e do engano ideológico, mas é exibido como um distintivo de honra nativista por políticos de direita como Steve Bannon.

A arquitetura do autoritarismo e da violência está em expansão em países como Polônia, Hungria, Brasil, Egito, Bolívia, Índia e Turquia, bem como nos Estados Unidos – um país que se orgulha, embora de maneira irregular, de seu compromisso de longa data com os direitos democráticos. Instituições, relações, valores, princípios e paixões democráticos estão sitiados tanto pelas forças cruéis do capitalismo neoliberal quanto pelas da supremacia branca e do ultranacionalismo, que receberam uma nova vida nos elementos ressurgentes do fascismo, embora de formas atualizadas.

O que deve ser lembrado é que o fascismo não é uma ideologia estática, enraizada em um momento particular da história. As condições que produzem câmaras de tortura, violência intolerável, campos de extermínio, uma política de descartabilidade e limpeza racial ainda estão entre nós e não podem ser facilmente descartadas como uma relíquia do passado. Como Hannah Arendt, Sheldon Wolin, Umberto Eco e outros observaram, os fantasmas ou sinais de alerta do totalitarismo estão se cristalizando em novas formas e agora anunciam um possível modelo para o futuro. O ódio racial, a guerra, o desprezo pela dissidência, o desdém pela educação, o desmantelamento do Estado de

bem-estar social, a celebração do analfabetismo cívico e o uso da violência estatal contra imigrantes, muçulmanos e pessoas negras foram normalizados em muitos países, incluindo os Estados Unidos. Além disso, há também uma erosão sistêmica da cultura cívica e de qualquer senso de cidadania compartilhada, sem falar num ataque direto ao meio ambiente e ao planeta em nome do aumento incessante de lucros e ganhos financeiros.

No capitalismo neoliberal, não há visões éticas imponentes. O público entrou em colapso diante do privado e parece totalmente sintonizado com uma crescente estética de vulgaridade que prospera em uma cultura de celebridade e ignorância, a qual exerce enorme autoridade e se funde com um espetáculo de violência que se apresenta sob o disfarce do entretenimento de massa. À medida que as sociedades neoliberais produzem enormes níveis de desigualdade de riqueza, poder e renda, elas se legitimam cada vez mais por meio de uma cultura de medo, violência estatal e hiperconsumo que esvazia a política de qualquer relacionamento significativo com um público mais amplo.

Uma desigualdade mórbida molda agora todos os aspectos da vida nos Estados Unidos. Três homens – Jeff Bezos, Warren Buffett e Bill Gates – têm entre eles tanta riqueza quanto metade da sociedade do país (Neate, 2017). Em uma sociedade de ignorância generalizada, essa riqueza é vista como o resultado das ações e sucessos dos atores individuais. Mas em uma sociedade em que a alfabetização cívica e a razão dominam, essa riqueza seria considerada característica de uma economia apropriadamente denominada "capitalismo de cassino". Quando 80% dos trabalhadores de um país sobrevivem com um salário que não paga nem mesmo as contas do mês e 20% de todas as crianças vivem abaixo da linha da pobreza, as desigualdades de riqueza e poder constituem formas de terrorismo doméstico – isto é, violência ou terrorismo iniciados pelo Estado dentro do próprio país e contra o próprio povo (Prins, 2018).

A violência do Estado foi intensificada em todo o mundo por meio da repressão à dissidência, do assassinato de jornalistas, do uso de minorias como bodes expiatórios e do emprego de forças policiais militarizadas. Além disso, a substância da política é cada vez mais prejudicada com um sarcasmo em que a linguagem da terapia, da autoajuda e da autotransformação explodiu sob um regime neoliberal que personifica e individualiza as lutas políticas. O eu está agora separado de qualquer senso de propósito comum e solidariedade, se não de responsabilidade social e política.

À medida que a linguagem de base comunitária, a cultura cívica e as esferas públicas cruciais colapsam, as pessoas são cada vez mais atomizadas, tornadas impotentes e mais do que dispostas a acreditar que têm pouco controle sobre suas vidas. Sob a bandeira de uma política fascista, extremistas políticos como Donald Trump tomaram essa sensação de raiva, ansiedade e desamparo e a usaram para dizer aos seus partidários que eles deveriam direcionar sua raiva aos negros, imigrantes, muçulmanos e a uma série de outros grupos que nada têm a ver com os problemas econômicos e existenciais que a maioria da população enfrenta diariamente.

O papel da violência na vida contemporânea

O que ficou cada vez mais claro nos Estados Unidos é que uma política fascista emergente produz um novo tipo de carnificina, marcada pela crescente pobreza e miséria entre grandes setores do público. Essa carnificina é acompanhada da violência implacável que se manifesta em uma epidemia de isolamento social, em uma explosão do controle farmacológico da população e na banalização da dependência química, em tiroteios em massa, na crescente presença da polícia em todas as esferas públicas e em uma cultura de medo que fortalece o estado de segurança e diminui o Estado de bem-estar social.

A violência passou de uma ferramenta de terror e castigo para um perigoso espaço político na cultura mais ampla, que sinaliza tanto a perda da memória histórica quanto a fuga da razão e da moralidade. A violência é agora crescente e explosiva, dispersa e imediata, mas, em ambos os casos, é cada vez mais normalizada, à medida que se move entre a vida simbólica e a real.

Trata-se de uma violência que se estende através de múltiplas paisagens e funciona tanto como uma violência de atrito, difícil de ver, quanto como uma violência transformada em espetáculo, muito visível em seus efeitos catastróficos. A gramática da violência enraizada na sociedade estadunidense, com sua toxicidade em câmera lenta, muitas vezes se perde nas formas de violência que são amplamente exibidas em uma cultura digital televisual. O visceral e o que salta aos olhos comandam nossa atenção agora, enquanto a violência lenta que se esconde sob a violência feita para a TV, com florestas em chamas, vulcões, terremotos e tiroteios em massa, permanece despercebida (Nixon, R., 2011).

Nós agora lutamos para perceber a violência estrutural e sistêmica por trás da exibição de "imagens tóxicas" que veneram o espetáculo e escondem as condições que degradam a vida humana. É de se admirar que as noções de responsabilidade coletiva tenham sido substituídas por um entorpecimento coletivo que colapsa a linha entre uma crise moral genuína e a névoa da indiferença ética? Como Brad Evans (2019) deixa claro em *Atrocity exhibition: life in the age of total violence*, trata-se de uma violência tão existencial quanto visceral. Não há nada abstrato no tema da violência, especialmente sob a orientação de um número crescente de líderes autoritários, como Trump, na frente da linha, e, entre outros, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que o habilitam e legitimam.

O papel primordial da violência em muitos países hoje levanta questões sobre o papel da universidade, dos acadêmicos e dos estudantes em um período de tirania. Da mesma forma,

levanta questões cruciais sobre a centralidade da educação na política e, especialmente, como a cultura mais ampla funciona pedagogicamente para produzir tipos específicos de agentes, desejos, identificações e modos de agência, seja em apoio, seja em desacordo com valores democráticos e relações sociais. Essa visão abre novas questões a respeito da forma como pensamos sobre o próprio terreno da política.

Como podemos imaginar a educação como central para a política cuja tarefa seja, em parte, criar uma nova linguagem para os estudantes, crucial para reviver uma imaginação radical, uma noção de esperança social e a coragem para a luta coletiva? Como a educação superior e outras instituições culturais poderiam lidar com o niilismo profundo e descontrolado e com o desespero do momento atual? Como o ensino superior pode ser persuadido a não abandonar a democracia e a levar a sério a necessidade de criar cidadãos informados, capazes de lutar contra o que Walter Benjamin uma vez chamou de "iluminação" do fascismo e sua fraude de realização? Como Newfield (2018) argumenta, "a democracia precisa de um público", e o ensino superior tem um papel crucial a desempenhar nesse aspecto como um bem público democrático, em vez de se definir por meio e principalmente dentro da cultura das empresas e dos valores da elite financeira.

Os discursos atuais sobre o fascismo muitas vezes apontam para os pressupostos que impulsionam sua política em suas formas atuais e diversas. O que não é frequentemente mencionado é a cultura formativa que lhe dá sentido, que cria os sujeitos que se identificam com sua cosmovisão tóxica e molda os desejos que ela mobiliza como parte de um conjunto maior de suposições sobre o futuro e sobre quem deve herdá-lo. Se quisermos expandir essas importantes considerações, é crucial abordar como a cultura e a educação estão intimamente ligadas às relações sociais enraizadas em diversas formações de classe, raça, economia e gênero.

Para tanto, devemos ligar os domínios do significado e da representação ao desenvolvimento e ao funcionamento de formas institucionais de poder, especialmente o que poderíamos chamar de ascensão de aparatos culturais dominantes que marcam uma forma distinta de pedagogia pública no atual momento histórico. Além disso, precisamos repensar como a cultura não é apenas marcada por diferentes lugares de luta, mas também como tais lutas ocorrem em torno da linguagem, dos valores e das relações sociais dentro das instituições que as organizam, estendendo-se da educação pública e superior à mídia convencional e ao mundo expansivo da cultura digital.

Insistindo que uma mudança radical pode acontecer

Em uma época em que a cultura trabalha para despolitizar, consumir e privatizar, os espaços disponíveis para profissionais da cultura se engajarem em trabalhos pedagógicos críticos estão sob ataque. No entanto, é precisamente nesses espaços que o poder pode ser desafiado através do uso de práticas educacionais e pedagógicas radicais que podem ser usadas para traduzir questões privadas em considerações sociais mais amplas. Esses espaços apoiam a produção de ideias alternativas persuasivas, modos de identificação, formas críticas de agência e formas corajosas de ação política.

Com Trump, o ataque à liberdade de expressão e à dissidência tem sido amplamente reconhecido. Mas pouco se diz sobre o uso mais amplo e pernicioso da linguagem a serviço da violência e como isso carrega o potencial de produzir visões de mundo que se alinham com os significados e o discurso de um passado fascista. Ninguém que acredite em uma democracia radical pode permanecer entorpecido e silencioso diante da fusão da ignorância e do poder numa linguagem que ousa celebrar os horrores do indizível.

John Dewey, Václav Havel e vários outros autores há muito nos advertem que uma fé simplista na estabilidade das instituições nas quais a democracia se baseia impedirá automaticamente o surgimento do autoritarismo. Mas as sociedades autoritárias não são apenas o resultado de um mau governo. Elas emergem de uma deformação mais fundamental na própria cultura, ou seja, a sobrevivência da democracia depende de uma cultura formativa cuja força reside em um conjunto de hábitos e disposições baseados em uma cultura e uma alfabetização cívicas capazes de sustentá-la.

Os hábitos arraigados de crueldade, ganância, consumismo, racismo e individualismo incontrolado no coração do fascismo neoliberal estão corroendo o tecido social que possibilita uma democracia. Coerção, medo e repressão não são as únicas ferramentas usadas por sociedades autoritárias. Questões de valor, identidade, agência e os hábitos de solidariedade em crise são tão ameaçadores para a democracia quanto as forças de repressão. A ignorância é a argamassa e os blocos de construção do fascismo. A política segue a cultura, e isso significa que um público informado é fundamental para qualquer democracia. Ser informado é um hábito da democracia que apoia uma compreensão mais ampla de como a educação e as instituições que a sustentam podem ser protegidas.

Vivemos em tempos perigosos e há uma necessidade urgente de mais indivíduos, instituições e movimentos sociais se unirem em um esforço para construir um novo imaginário político e social. Devemos nos apoiar mutuamente para acreditar que é possível resistir aos atuais regimes de tirania, que futuros alternativos são possíveis e que agir de acordo com essas crenças possibilitará que mudanças radicais aconteçam.

A linguagem racista e discriminatória dá um forte impulso ao fascismo neoliberal

As ideologias e políticas cruéis de um passado fascista estão conosco mais uma vez e os sinais de alerta podem ser vistos no surgimento dos discursos normalizadores da poluição e da descartabilidade. Como elemento central do neoliberalismo, o discurso da descartabilidade sinaliza uma sociedade em que certas pessoas são vistas como vadias. Enquanto isso, o discurso da poluição sugere um modo de desumanização que permite políticas nas quais as pessoas são lançadas para fora dos limites da justiça e se tornam a força motriz das políticas de exclusão terminal. Esses termos representam uma fusão de neoliberalismo e política fascista.

As visões utópicas que apoiam a promessa de uma democracia radical e impedem o pesadelo distópico de uma política fascista estão desaparecendo nos Estados Unidos. A perversidade do governo Trump e a crueldade imposta pelo neoliberalismo se informam mutuamente. As políticas de Trump vão desde retirar o vale-refeição e os cuidados de saúde de crianças pobres até permitir que milhares de porto-riquenhos vivam por mais de um ano sem eletricidade, água potável e abrigo decente. Tais políticas são acompanhadas por um discurso contínuo, se não implacável, de desumanização e objetificação voltado àqueles considerados descartáveis.

Essa nova conjuntura histórica surge através de uma fusão de discursos eugenistas desacreditados (por exemplo, a noção de Trump de que você deve nascer com os genes certos) e uma mistura reinventada de noções míticas de meritocracia (medidas objetivas da qualidade individual), racismo científico (pseudociência que apoia as hierarquias raciais), fábulas de Horatio Alger (qualquer um pode trabalhar duro e tornar-se rico e bem-su-

cedido), além de um puro desprezo pelos "perdedores", que são vistos como estranhos a uma esfera pública branca apoiada por Trump e seus seguidores (Jones, 2017).

A lógica dual da poluição e da descartabilidade se torna central para um estado punitivo que tanto legitima a difamação da vida humana, quanto muitas vezes desencadeia a violência do Estado sobre imigrantes, pessoas negras, pessoas pobres e quem quer que seja considerado uma ameaça à crença de que a esfera pública é exclusivamente para brancos. Sob a administração Trump, o discurso da poluição é cada vez mais evidente quando aplicado a imigrantes sem documentos ou aos que são marginalizados por sua etnia e raça, colocados por aqueles que estão no poder nas mesmas categorias de contaminantes e toxinas. Ao mesmo tempo, aqueles indivíduos considerados descartáveis, muitas vezes, encontram um fim mais violento. De acordo com Fernandez e Benner (2018), isso é claramente visível na criminalização de crianças. É importante dizer que algumas crianças morreram nesses centros de detenção. A lógica da disponibilidade também alimenta o modelo militarizado de escolas públicas e o direcionamento de jovens pobres, negros e pardos como objetos de controle e assédio pelo sistema de justiça criminal, criando um canal de conexão direta entre a escola e a prisão (Maxime, 2018).

Obcecado pela raça, Donald Trump tem armado e racializado as guerras culturais usando linguagem preconceituosamente carregada para legitimar as ideologias da supremacia branca, opondo seus partidários a protestos de atletas negros, a imigrantes latinos sem documentos, a imigrantes de pele escura e a outras pessoas negras, que ele rotineiramente insulta e pune através de políticas baseadas em raça. Trump afirmou que "a preguiça é um traço nos negros", de acordo com um de seus ex-funcionários, e pediu "a interdição total e completa dos muçulmanos que entram nos Estados Unidos". Anteriormente, declarou, em dezembro de

2015, que um juiz, ouvindo um caso sobre a Universidade Trump, foi "tendencioso por causa de sua herança mexicana". Essa é somente uma pequena amostra dos comentários racistas de Trump.

O racismo é profundo não apenas na base de Trump, mas também em um Partido Republicano que defende a supressão de eleitores e os expurgos eleitorais, a restrição deliberada do acesso das minorias às urnas e a subversão das legislaturas estaduais. Rich (2018) foi mais além e argumentou que "o Partido Republicano, orgulhosa e desinibidamente, saiu do armário como o porta-estandarte da supremacia branca na era Trump". George Packer acrescenta a isso a sinalização da emergente política fascista que agora engole o Partido Republicano. Ele argumenta que fundamentalistas ideológicos e puristas políticos simplesmente presunçosos não mais definem o Partido Republicano, que se tornou "mais grotesco do que nunca":

> [...] pensamento de conspiração; racismo e outros tipos de hostilidade em relação a grupos inteiros; insinuações e incidentes de violência. O novo líder é como seus equivalentes autoritários no exterior: iliberal, demagógico, avesso aos controles institucionais, exigindo e recebendo completa aquiescência do partido e enredado na corrupção financeira que é parte integrante da corrupção política desses regimes. (Packer, 2018)

O que estamos testemunhando no momento atual não é apenas o surgimento de ideologias antidemocráticas, perigosas, iliberais, que imitam o legado do nacionalismo branco, mas também o ressurgimento de uma poderosa cultura afetiva e educacional alimentada por falsas promessas, raiva, repulsa, ódio e pela espetacularização da violência. O que é alarmante sobre essa cultura de intolerância e violência é seu alinhamento com a obsessão nazista pelas noções de poluição cultural e biológica

e seus esforços sistêmicos para livrar a sociedade daqueles considerados contaminados. Essa linguagem não é diferente da caracterização de Trump em relação a requerentes de asilo, caracterizados como vermes que trarão "crimes e doenças em larga escala" (Silva, 2018) para os Estados Unidos.

Desvendando a linguagem da discriminação e indiferença

Em vez de ser uma relíquia histórica de um passado horrível, a linguagem da poluição e da descartabilidade remontou a uma extensão incomum durante a administração Trump. É uma linguagem enraizada no que Thomas Mann certa vez chamou de "arrepio arcaico", que abre as portas para a retórica da pureza racial, da limpeza social e da glorificação da violência. Essa fusão de nacionalismo branco e políticas voltadas à limpeza racial é sustentada pela arquitetura cruel do neoliberalismo, que cria paisagens de extrema miséria, violência e terror. O neoliberalismo oferece pouca esperança para a justiça econômica e social, enquanto afirma, ironicamente, que não apenas é um farol moral e uma força para o bem, mas também, perniciosamente, que não há alternativa realista a ele.

Essa ideologia tóxica é ainda solidificada na suposição de que os laços sociais conectivos que tornam uma democracia possível devem ser vistos com desdém e substituídos por uma noção de individualismo em que todos os problemas e os meios para abordá-los devem ser colocados exclusivamente aos pés dos indivíduos. Sob tais circunstâncias, o medo e a ansiedade econômica produzidos pela enorme desigualdade, o desmantelamento do Estado de bem-estar social, o emprego precário, a erosão do privilégio branco, as mudanças demográficas e o colapso do contrato social são redirecionados para aqueles seres humanos considerados "perdedores", "estranhos" e "excesso de contingente".

A fusão do neoliberalismo com os elementos de um manual fascista está agora firmemente ancorada na linguagem da descartabilidade e da poluição. Essa retórica é parte de uma crise representacional marcada pela contínua atração e crescimento de arquiteturas de significado e pela proliferação de plataformas digitais e aparatos culturais engajados na produção de modos de desejo, identificações e valores que alimentam extremistas de direita e um populismo apocalíptico. A atual conjuntura histórica é marcada por uma nova era da política e do modo de pensar sobre o lugar, a comunidade, o desenraizamento e a identidade. As narrativas outrora dominantes sobre agência crítica, verdade, justiça e democracia estão em colapso. O terror fascista não é mais fixo no passado ou efêmero no século XXI. Com a administração Trump, malícia, mentiras e crueldade implacável se tornaram políticas oficiais e repletas de riscos perigosos. A política fascista evita a razão, critica a verdade e apela para um nacionalismo patológico. Com isso, cria um passado mítico que desqualifica ou exclui aqueles considerados em desacordo com suas noções de supremacia branca e pureza racial. O que surge é uma celebração da brutalidade dos anos 1930, que se torna um sinal para imaginar um presente baseado no que Trump codifica nostalgicamente nos *slogans* "Estados Unidos Primeiro" e "Tornar os Estados Unidos Grandes Outra Vez". A cultura agora se torna parte de uma política profundamente enraizada em um *ethos* antidemocrático.

Com o neoliberalismo, uma nova formação política se desenvolveu e conta com uma visão de mundo racista que se funde com os ditames econômicos de uma forma venenosa de capitalismo de cassino. Ecos do passado podem ser ouvidos no uso repetido, por Trump e seus aliados, de uma linguagem repleta de termos como "vermes", "animais", "estúpidos" e "perdedores", para citar apenas algumas das expressões tóxicas cruciais que fazem parte de uma política de limpeza social, pureza racial

e formas violentas de exclusão. A linguagem da descartabilidade e poluição utilizada atualmente carrega consigo poderosos tons afetivos que "transformam o nobre conceito de uma humanidade comum em um desprezo desdenhoso", como aponta Etlin (2002). A linguagem da poluição é usada para tratar alguns grupos não apenas como inferiores, mas também como uma ameaça ao corpo político, e está estreitamente alinhada com a linguagem de extermínio. Mais do que uma ostensiva demonstração de poder por parte da administração Trump, a linguagem da poluição e da descartabilidade funciona como uma linguagem performativa destinada a dramatizar e reencenar a identidade nacional, que se define em premissas nacionalistas brancas. Entregues ao despejo do abandono social e político, aqueles indivíduos ou famílias considerados nocivos e supérfluos estão agora associados a um desenraizamento que se assemelha à noção nazista de sangue e solo. Olhando para trás, para a era nazista, os perigos da linguagem da descartabilidade e da poluição se tornam aterrorizantes, tendo em vista que eles foram mobilizados no interesse de horrores inimagináveis. Etlin fornece um vislumbre da lógica e dos efeitos do discurso da poluição e sua transformação em políticas de descartabilidade e erradicação:

> De cartazes de propaganda a problemas em livros didáticos de Matemática para crianças em idade escolar, os alemães, assim que os nazistas chegaram ao poder, foram repetidamente questionados a ponderar sobre os custos econômicos de manter as vidas dos deficientes e doentes mentais. A esterilização forçada de pessoas consideradas "hereditariamente doentes" havia sido decretada em julho de 1933; abortos compulsórios, em 1935. A morte secreta legalizada de crianças [com deficiência física e cognitiva] começou em 1939, assim como os planos para o assassinato de pacientes mentais adultos da Alemanha, ambos os programas "planejados

> e administrados por profissionais médicos" envolvendo "alguns dos mais antigos e respeitados hospitais da Alemanha". O cálculo utilitário do custo de manutenção da vida para esses assim chamados membros improdutivos da sociedade alemã não explica o raciocínio completo por trás de tais medidas. Ao contrário, é preciso olhar para uma visão moral alterada, mais bem representada pela noção de *Vernichtunglebensunwerten Lebens*, isto é, a "destruição" ou o "extermínio" de "vidas que não vale a pena serem vividas". (Etlin, 2002, p. 14)

A política da disponibilidade não é mais um discurso limitado à memória histórica dos governos totalitários, dos campos de concentração e das políticas de extermínio. Como ideologia legitimada e política estabelecida pelo Estado, ela agora existe nos mais altos níveis do governo dos Estados Unidos e é central para a criação de uma era saturada de morte, retomada por princípios fascistas, o que impede a possibilidade de se pensar em um novo mundo de fraternidade e compaixão. Nessa cosmovisão, o presente cria pesadelos que se mostram como sonhos em que o futuro é imaginado "por meio de um desvio através de um passado mítico" (Thompson, A., 2018). Há mais em jogo aqui do que encolher horizontes políticos e alinhar o momento atual com ecos de uma era fascista passada. O que estamos testemunhando é um modo de governar alimentado por fantasias de exclusão, acompanhadas por um ataque em larga escala à moralidade, ao raciocínio ponderado e à resistência coletiva enraizada em formas democráticas de lutas. Também estamos testemunhando um ataque sem precedentes à grande mídia e à necessidade fundamental em uma democracia de um jornalismo crítico e independente.

A ameaça de Trump de usar "as leis da difamação", sua rotulagem de notícias críticas como "*fake news*" e seu entendimento da mídia como "inimiga do povo estadunidense" – um termo ligado a

regimes autoritários – são sinais-chave de uma política fascista, como Levitsky e Ziblatt (2018) demonstraram em seu livro *How democracies die*. Trump degradou o cargo de presidente e elevou o espírito de corrupção política, hipermasculinidade e mentira a um nível que deixa muitas pessoas entorpecidas e exaustas. Ele normalizou o impensável, legitimou o indesculpável e defendeu o indefensável. A poluição em suas formas biológicas, ecológicas e materiais se tornou a peça central do endosso de Trump a uma política fascista que está no coração de um crescente populismo de direita em todo o mundo e é reforçada por seu apoio.

Trump também expandiu o discurso da poluição e descartabilidade para decretar um ataque completo ao meio ambiente. Como o conselho editorial do *The New York Times* (2018) diz, "Trump coloca o planeta em perigo" com suas políticas retrógradas favoráveis às empresas. Ele não apenas nomeou membros do gabinete que nutrem profundo desprezo por regulamentos ambientais para chefiar a Agência de Proteção Ambiental, o Departamento do Interior e outras agências cujo propósito é servir ao bem público, mas também promulgou políticas totalmente destrutivas ao meio ambiente e à vida humana.

Por exemplo, a administração Trump está flexibilizando proteções federais para milhares de hidrovias e zonas úmidas, comprometendo a segurança da água para milhões de americanos. O Departamento do Interior permitirá a perfuração de petróleo em milhões de acres protegidos anteriormente, incluindo o estabelecimento de poços de produção de petróleo e gás em águas controladas pelo governo federal no Ártico dos Estados Unidos. A Agência de Proteção Ambiental flexibilizará também as restrições às emissões de carbono de novas usinas de carvão e propôs rever as emissões de gases de efeito estufa e os padrões de combustível para veículos leves. A administração Trump enfraqueceu a Lei de Espécies Ameaçadas e o Escritório de Execução Ambiental

e de Segurança, como parte do que Weinberger (2018, p. 5) descreve como a agenda da "dominação da energia da administração Trump para eliminar as regras de segurança para plataformas de perfuração *offshore* de petróleo e gás natural". Respondendo a um relatório do governo que previa terríveis consequências para os Estados Unidos em virtude das mudanças climáticas, Trump declarou: "Eu não acredito nisso". A resposta surpreendentemente irracional de Trump não é simplesmente sobre sua própria ignorância em relação aos estudos científicos ou à validade da própria ciência; trata-se principalmente de favorecer as grandes corporações que obtêm enormes lucros ao saquear o meio ambiente. Extração de riqueza, salários baixos e exploratórios, contingência de emprego, desigualdade fabricada, formas brutais de disciplina de trabalho e sofrimento arquitetado são as características definidoras do capitalismo neoliberal que agora conduz as políticas de Trump. Talvez Steinberg (2017) esteja certo ao argumentar que "o flerte com o desastre é, em certo sentido, a essência do capitalismo neoliberal, uma forma hiperativa de [uma] ordem econômica exploradora que parece não conhecer limites".

É importante notar que as reversões ambientais de Trump fazem mais do que aumentar os lucros de corporações saqueadoras; elas também colocam em risco a vida de milhões. Por exemplo, um estudo da Universidade de Harvard, realizado por Cutler e Dominici (2018), calculou que a revogação da Regra do Plano de Energia Limpa "levaria a cerca de 36 mil mortes a cada década e por volta de 630 mil casos de infecção respiratória apenas em crianças". Além disso, os mesmos autores estimam que a revogação dos requisitos de emissão apenas para caminhões pesados "[..] poderia levar a até 41 mil mortes prematuras por década e a 900 mil casos de sintomas do trato respiratório". Eles concluem com este sério alerta:

> No geral, uma estimativa extremamente conservadora é que a agenda ambiental de Trump provavelmente custará a vida de mais de 80 mil habitantes dos Estados Unidos por década e levará a problemas respiratórios para muito mais de 1 milhão de pessoas. Essa estatística preocupante captura apenas uma pequena fração dos danos cumulativos à saúde pública, associados a toda a gama de reversões e ações sistêmicas propostas pela administração Trump. (Cutler e Dominici, 2018, p. 2.261)

Com políticas como essa, Trump se recusa a reconhecer que os desastres emergentes que atingem o planeta colocam em questão os próprios fundamentos de um capitalismo global predatório que separa a atividade econômica dos custos sociais e abraça uma noção de progresso a qualquer preço. O fascismo neoliberal está em marcha e produziu uma ampla mudança na economia, na ideologia, no poder, na cultura e na política. Os modos de imaginar a sociedade pelas lentes dos ideais, valores e relações social-democráticos deram lugar a narrativas que substituem a compaixão pela crueldade, a generosidade pela ganância e os laços sociais enraizados nos direitos humanos pela poluição. A poluição se tornou não apenas o novo mantra para um ataque aos direitos humanos, mas também uma advertência e um prenúncio, sem remorso, dos horrores do poder do Estado e sua volta a uma política de limpeza social e racial, juntamente com a adoção do autoritarismo. Nós enfrentamos, na era atual, um grande desafio para a educação, para a razão, para o julgamento informado e sua relação com a democracia.

As culturas formativas necessárias para garantir cidadãos esclarecidos e críticos, indispensáveis a uma democracia, estão entrando em colapso sob o peso dos poderes da elite financeira e das grandes corporações. Ao mesmo tempo, como argumentou DiMaggio (2019), o fascismo está na mesa e já se tornou uma característica permanente da política estadunidense. Tal ameaça, em termos de sua gênese histórica e de seus modos de expressão

contemporâneos, não pode mais ser ignorada. As apostas são altas demais.

Crítica à linguagem preconceituosa de invisibilização na política fascista

Em uma época em que a velocidade supera o pensamento, uma cultura de imediatismo apaga qualquer vestígio de memória histórica e os mercados substituem as categorias sociais; a linguagem perde suas amarras críticas e se torna o que Hedges (2009, p. 3) chamou de "[...] um presente para os demagogos e as empresas que saturam a paisagem. São imagens manipuladas com o idioma da cultura de massa".

A linguagem no fascismo neoliberal já não é mais um veículo de crítica, dúvida ou possibilidade. Ela manipula as políticas culturais e as transforma em políticas da ignorância, abrindo caminho para uma cultura formativa com as práticas saturadas pela morte e por protocolos da política fascista. À medida que o fascismo neoliberal erradica os laços sociais e as relações comunitárias democráticas, a vulgaridade, o bizarro e a ignorância desfilam livremente, ao passo que a sabedoria política e a covardia moral se tornam uma marca de orgulho.

É claro que os fios de uma política fascista tecem a trama dos partidos políticos, que venderam suas almas à elite financeira, embora os mais progressistas ainda façam seu trabalho sob o discurso da justiça, da democracia e das liberdades constitucionais, enquanto os partidos mais retrógrados e conservadores se deleitam em abraçar o discurso da corrupção com fortes ataques ao setor público, como se no mundo empresarial não houvesse corrupção. Há um silêncio covarde diante do fascismo. Aparelhos de regulação pedagógica trabalham incessantemente para produzir uma espécie de realismo mágico orwelliano, no qual ficção

e realidade desmoronam e o rótulo de *fake news* fornece uma camuflagem para os mentirosos em série.

O vocabulário da responsabilidade individual, da autoconfiança e da oportunidade de escolhas oculta as restrições sociais e privações econômicas que provocam o esmagamento de almas e aniquilam a articulação de forças sistêmicas mais amplas, produzindo dessa forma exércitos de indivíduos presos nas garras debilitantes da atomização social e da baixa autoestima e multiplicando as ansiedades produzidas em cenários devastados de escolas deterioradas, cidades enferrujadas e trabalho sem sentido. A destruição de estruturas coletivas capazes de resistir ao discurso da política fascista anda de mãos dadas com uma cultura inundada pelo analfabetismo cívico e pela crueldade. A linguagem abusiva persistente agora leva ao racismo desenfreado, ao ressurgimento do nacionalismo branco, à indiferença e à criminalidade vertiginosa nos mais altos níveis do governo.

A descrição feita por Robert Lifton (1987, p. 479) de um momento histórico anterior como uma "era saturada pela morte na qual questões de violência, sobrevivência e trauma inevitavelmente afetam a experiência diária" retornou, de uma nova forma, com uma vingança sob o regime Trump. No entanto, essa era foi encarada pelos que estão no poder com um silêncio que revela a cumplicidade e a cegueira moral de uma espécie de ignorância voluntária. Trump prospera na promoção das divisões sociais e, muitas vezes, faz referência à violência como meio de abordá-las.

A linguagem da compaixão, da comunidade e da vulnerabilidade é apagada dos sites de mídia do governo, assim como qualquer menção à mudança climática. Referências à compaixão, à gramática da ética, à justiça e à democracia esmorecem, enquanto as instituições que as possibilitam e promovem são privatizadas. A linguagem do egoísmo, do interesse próprio, da hipermasculinidade e de um insípido individualismo apaga qualquer referência a laços sociais, compromissos públicos, bem públicos e bens comuns.

Ainda pior: sob o ataque de uma retórica de fanatismo, ódio e desumanização, a capacidade de traduzir questões privadas em preocupações sistêmicas e públicas é diminuída. A linguagem do fascismo é agora reforçada por uma cultura de imediatismo, estupidez, ignorância e analfabetismo cívico e, como tal, promove uma cultura na qual a única obrigação de cidadania é o consumo, e a única emoção em que vale a pena investir é a raiva desenfreada, dirigida em grande parte aos negros, imigrantes sem documentos, muçulmanos e mídia de oposição.

Na era Trump, a autorreflexão é um risco. A razão e o julgamento informado são cada vez mais vistos como arcaicos e desatualizados. Trump incorpora e modela uma era na qual poder e ignorância reforçam um ao outro. Após o tiroteio em massa na sinagoga Árvore da Vida, em Pittsburgh, Trump foi criticado por sua retórica constante de fanatismo, desumanização e violência e respondeu, com sua habitual fuga criminosa de qualquer senso de responsabilidade moral e política, afirmando que iria "revigorar" sua retórica em vez de atenuá-la. Ele mente incessantemente, destrói padrões para discernir a verdade e produz falsidades diariamente para desviar a mídia de seu papel de abordar assuntos sérios, que vão desde a assistência médica a ataques à Previdência Social e à investigação de Mueller.[1] Peter Baker e Linda Qiu, do *New York Times*, reforçam essa acusação chamando a atenção para a ladainha de mentiras que Trump produz enquanto faz campanha pelas eleições de meio de mandato:

> Enquanto enfrenta o país tentando ajudar os aliados republicanos, o presidente Trump ofereceu aos eleitores, neste outono, uma

[1] A investigação liderada pelo procurador especial Robert Mueller concluiu que nem o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, nem qualquer de seus assessores conspirou ou coordenou a interferência eleitoral do governo russo nas eleições americanas de 2016.

> série de declarações enganosas e falsidades que exageram até mesmo conquistas legítimas e distorcem as visões dos oponentes além dos limites típicos da manobra política. Somente nas duas últimas semanas, o presidente falou de tumultos que não aconteceram, reivindicou acordos que não foram alcançados, citou empregos que não foram criados e criou conspirações obscuras que não têm base aparente na realidade. Ele puxou figuras aparentemente fora do ar, reescreveu a história e contradisse seus próprios comentários passados. (Baker e Qiu, 2018, p. 2)

A mentira sem fim é mais do que diversão ou uma máquina de movimento perpétuo do teatro absurdo. Trata-se também de criar uma paisagem midiática na qual a moralidade desaparece e uma cultura que estimula crime, vandalismo, corrupção, supremacia branca e violência floresce – e a democracia morre. A história parece se repetir seguindo um roteiro em que a linguagem entra em colapso em um ecossistema de falsidades, militarismo e racismo.

No livro *How fascism works*, Jason Stanley (2018) argumenta que os pilares de uma política fascista estão vivos e bem nos Estados Unidos. São eles: o passado mítico, a propaganda, o anti-intelectualismo, a irrealidade, a hierarquia, a vitimização, a lei e a ordem, a ansiedade sexual e os apelos ao coração. A história nos oferece uma narrativa confiável das consequências terríveis de uma sociedade na qual os elementos de uma política fascista estão em ação e mostra como, mais próximo do atual momento histórico, o antissemitismo é expresso na linguagem da globalização e como a demanda por limpeza racial e social ecoa no discurso de fronteiras e muros.

Em uma época em que a alfabetização cívica e a responsabilização dos poderosos por suas ações são descartadas como *fake news*, a ignorância se torna um terreno fértil, não apenas

para o ódio, mas também para uma cultura que reprime a memória histórica, destrói qualquer compreensão da importância dos valores compartilhados, recusa-se a tornar a tolerância um elemento não negociável do diálogo cívico e permite que os poderosos envenenem o discurso cotidiano, criando o que Etlin (2002) denomina de visão de mundo biologicamente racista. Tal discurso é a ressignificação da ideia de raça, ponto central das políticas higienistas e genocidas do nazismo.

O último aspecto da linguagem do apagamento também pode ser observado no confinamento de minorias étnicas e de classe no corredor entre a escola e a prisão, um sistema carcerário que representa um aparato inchado e punitivo do *apartheid* do século XXI e um regime de direito e ordem em que jovens negros são indiscriminadamente submetidos pela polícia a assédio racial e violência extrema. A linguagem e a lógica do apagamento também são evidentes nas tentativas de punir e tornar invisíveis as vozes dos pobres, sem-teto e doentes que carecem de direitos econômicos básicos como saúde, moradia, trabalho remunerado e educação de qualidade. A linguagem da violência satura a sociedade estadunidense. As causas subjacentes que resultam no assassinato de jornalistas, tanto em casa quanto no exterior, desaparecem no espetáculo de mentiras e bombas que surgem do diário da Casa Branca.

A administração Trump agora se juntou às fileiras autoritárias para possibilitar os discursos de racismo e antissemitismo que retornaram com uma dimensão incomum e perigosa na Hungria, na Polônia, no Brasil e em vários outros países que agora se aproximam do fascismo. Esses discursos voltaram à vida, ocupando centros de poder, ao mesmo tempo que surgiam entre os grupos de direitos alternativos e outros grupos neonazistas nos Estados Unidos. É difícil ignorar, mas aparentemente fácil de esquecer entre os políticos, que os comentários racistas de Trump deram

o tom de sua campanha presidencial e foram a força motriz durante sua presidência. Com a administração de Trump, as pessoas que deveriam ser consideradas uma ameaça à democracia estão agora no centro do poder e são abraçadas pelo presidente. Além disso, à medida que Trump apela cada vez mais à sua base, seu discurso se torna mais extremo e seu consentimento e fomento à violência se intensificam.

As raízes de uma crise política e ideológica geral estão profundamente fincadas na história dos Estados Unidos. Com cada *tweet* e decisão política, Trump empurra o país para mais perto de um Estado fascista completo. Suas palavras ardem, mas suas políticas podem matar pessoas. Os intermináveis insultos racistas de Trump, suas expressões desumanas de misoginia, os ataques implacáveis a todas as disposições do Estado social e o desprezo pelo Estado de Direito servem para normalizar uma política fascista insidiosa. Além disso, seu desprezo criminoso por qualquer senso viável de responsabilidade cívica e moral dá novo significado a um *ethos* de egoísmo e a uma cultura de crueldade, se não de terror, que enlouqueceu os Estados Unidos.

Uma aura de corrupção, mentiras, falsidade e violência define essa administração. A erosão dos valores públicos e do Estado de Direito é agora acompanhada por uma visão de mundo que destrói tudo o que toca. Os mortos-vivos agora habitam a Casa Branca e têm um apetite voraz por destruição e catástrofe cívica. Preocupados com as ilusões apocalípticas, eles veem a era atual como a das descartabilidades privilegiadas – um período no qual a limpeza racial e social informa seu modelo de política e governança. Esta é a política do perigo inventado, enraizada em um discurso que mastiga a carne do corpo político, cujo poder é, em parte, assombrado por uma paranoia sobre a possibilidade ou ameaça representada pelos ideais reprimidos da promessa e probabilidade de uma democracia radical.

Alguns republicanos de alto escalão rejeitaram a acusação de fascismo contra o atual governo, considerando-a como fraudulenta; afirmam que a verdadeira ameaça à soberania nacional vem de qualquer um que não seja branco ou mesmo dos democratas. Para Trump, bem como para seus aliados republicanos e muitos de seus inquestionáveis seguidores, os fatos ou a moralidade parecem nunca atrapalhar o reconhecimento de que o trumpismo normalizou a violência como uma ferramenta para esmagar a dissidência ou ameaçar jornalistas e outros críticos do presidente e de sua política fascista.

Muitos seguidores de Trump manifestam mais do que um ato de adoração pelo homem forte; eles também representam um elemento corrosivo do fã-clube, marcado pelo que parece ser uma lealdade alegre às estruturas da supremacia branca. A retórica da violência, do ódio e da intolerância se transformou a fim de moldar Trump como o indiscutível homem forte no centro de um culto estupefato e como um símbolo para criminalizar aqueles indivíduos e grupos considerados descartáveis e fora da noção ultranacionalista dos Estados Unidos como uma esfera pública branca.

Com Trump, a violência define o campo político, se não a própria política, e se tornou uma força mítica na qual todo significado, desejo, relações e ações são enquadrados com uma divisão amigo/inimigo. Essa é a visão de mundo do demagogo e aponta, de forma alarmante, para o ressurgimento de uma ideologia fascista atualizada para o século XXI. A retórica do ódio de Trump se assemelha à obsessão nazista com o discurso da eliminação, atos ritualísticos destinados a eliminar o pensamento crítico e minar o julgamento esclarecido. Esse é o discurso dos bárbaros para nutrir o vírus de uma política fascista.

Claro, Trump não é simplesmente um palhaço excêntrico que foi eleito por um grupo de eleitores sonolentos e desesperados.

Ele é sintomático de uma forma de neoliberalismo que nos últimos quarenta anos promoveu uma guerra contra o Estado de bem-estar social, os mais vulneráveis e aqueles considerados excessivos, enquanto punia a todos com políticas de austeridade que também tornavam a elite financeira mais rica e poderosa. A riqueza e a desigualdade extremas encontraram seu salvador e desavergonhado apóstolo em Donald Trump – um populista para os ricos. Trump é conhecido por mesclar o pior do capitalismo de cassino com uma reverência sem constrangimentos pela supremacia branca e pelo fanatismo. Medidas governamentais de bem-estar para os ricos e miséria para todos os outros, misturadas com o racismo implacável que substituiu os velhos apitos de cães pelos megafones de Bull Connor, arqui-inimigo do movimento pelos direitos civis na década de 1960.

Trump se deleita em difamar aqueles indivíduos e grupos que considera descartáveis. Ele atacou descaradamente jornalistas, mesmo diante de um número crescente de mortes entre eles – mais de mil mortos na última década em todo o mundo. Ele tem defendido incansavelmente o papel da Arábia Saudita na tortura e assassinato de Jamal Khashoggi, sugerindo descaradamente que os lucros do comércio de armas de morte são mais importantes do que a defesa dos direitos civis e humanos. Trump se delicia em produzir e sugerir políticas cruéis que podem ter parecido inimagináveis há uma década. Por exemplo, ele agora ameaça usar uma ordem executiva para acabar com a cidadania de nascimento, acreditando que seus impulsos nativistas podem anular a 14ª Emenda à Constituição. Seu racismo parece ilimitado, considerando-se seus infindáveis ataques a imigrantes, muçulmanos e negros. Quando indagado sobre sua história de racismo, ele nega, afirmando que o termo é aplicado pelos democratas aos republicanos que ocupam posições de poder. Ele declara guerra ao planeta através de seu apoio à indústria de combustíveis fósseis e da desregulamentação contínua de práticas corporativas que poluem o meio ambiente.

Os destroços dos tiroteios violentos, o racismo, a intolerância religiosa, a névoa da cultura das celebridades e a destruição da cultura cívica lançaram uma sombra apocalíptica sobre o futuro da democracia e dos Estados Unidos. Trump representa um fantasma do passado, o fantasma do fascismo, dos horrores dos campos de concentração, que são reflexos dos discursos nacionalistas, e devemos ficar aterrorizados com a maneira como isso estimula e repercute o que está acontecendo nos Estados Unidos e em outros países. Ele é nosso demagogo em residência, e o discurso da política fascista e da democracia iliberal não reside mais fora dos Estados Unidos.

A linguagem autoritária como combustível para a cultura de guerra do capitalismo global

O primeiro passo para a instituição da violência é a linguagem que a legitima. Joseph Goebbels, ministro da propaganda da Alemanha nazista, afirmava que "uma mentira dita mil vezes torna-se uma verdade". Trump constrói seus inimigos e vilões por meio de uma retórica do ódio, o que reverbera em diversos segmentos do país. Negros, latinos, judeus passam a ser vistos como um peso para os Estados Unidos, como aqueles que tiram as oportunidades do povo americano, o que potencializa o ódio e a violência contra esses grupos, alavancando, junto a simpatizantes, o estratégico fortalecimento de sua base de apoio.

Mas já ouvimos antes sobre esse colapso da linguagem numa forma de militarismo e racismo codificado – o antissemitismo expresso nas críticas à globalização, no pedido de limpeza racial e social expresso no discurso de fronteiras e muros. O discurso emergente do terrorismo de Estado nos Estados Unidos assemelha-se assustadoramente ao da Europa na década de 1930. Com razão, Luce (2018) nos lembra de que já testemunhamos isso no

passado. Ele constata que, oitenta e cinco anos atrás, Heinrich Himmler abriu o primeiro campo de concentração nazista em Dachau. A história não se repete, mas está cheia de avisos.

A linguagem de Trump não é inofensiva, nem apenas uma forma de teatro infantilizado. É tóxica, mergulhada em um ardor nacionalista racista que estimula e encoraja elementos extremistas de sua base. Agrega combustível a uma cultura capaz de consequências terríveis, como vimos com a recente morte de dois negros numa mercearia perto de Louisville, Kentucky; com o envio de bombas para vários democratas de alto escalão; e com o assassinato em massa na sinagoga de Pittsburgh. É também a linguagem do silêncio, da irresponsabilidade moral e da disposição de desviar o olhar diante da violência e do sofrimento humano. Essa é a visão de mundo da política fascista e de um perigoso niilismo – que reforça o desprezo pelos direitos humanos em nome da conveniência financeira e da busca cínica do poder político (Giroux, 2018c).

Como podem Trump e seus defensores, que se comportam como ovelhas num curral, apoiar os supremacistas brancos e neonazistas, que são cada vez mais encorajados nos Estados Unidos? Como eles podem se envolver em ataques racistas e antissemitas repetidas vezes e, ao mesmo tempo, ignorar como se tornaram coveiros da democracia? Como pode Trump pedir por unidade nacional e denunciar o antissemitismo quando se envolve no que seus críticos descreveram como "demagogia contra as minorias raciais, estrangeiros e proeminentes figuras políticas judaicas"? Como podem negar que a violência simbólica, que endossam interminavelmente como uma característica central da política, cria um clima que produz ódio e legitima a violência? Trump não apenas flerta com o extremismo como também trabalha duro em sua retórica e em suas políticas para levar os americanos a temer e odiar uns aos outros. Como podem os seus apoiadores encobrir a ligação entre os recentes explosivos enviados a George Soros e a

propaganda de ataque dos republicanos que acusava Soros de pagar por manifestantes nos comícios de Trump ou alegavam que ele era o chefe de alguma cabala financeira global e de uma conspiração mundial? Trata-se de insultos antissemitas familiares usados por vários demagogos, incluindo o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán. Há mais coisas em jogo aqui do que se referir à linguagem de Trump como tolerante e encorajadora do extremismo e da violência. Há também uma visão de mundo que vem de um manual fascista. Referindo-se ao massacre na sinagoga Árvore da Vida, em Pittsburgh, Bari Weiss (2018) capta a relação entre a linguagem de Trump, a violência e o antissemitismo que vêm aumentando nos Estados Unidos como um registro do extremismo crescente:

> Estamos vivendo em uma época em que o antissemitismo está em ascensão aqui em casa. Você só precisa pensar nos gritos do ano passado, que diziam "os judeus não nos substituirão", em Charlottesville, ou nos constantes ataques do presidente aos "globalistas", "banqueiros internacionais" e "à mídia corrupta", todos eles comumente associados aos judeus nas mentes antissemitas. Não é de surpreender que esses tropos retóricos tenham se traduzido em atos de violência – de acordo com a Liga Antidifamação, os incidentes antissemitas aumentaram 57% em 2017. (Weiss, 2018, p. 1)

Vimos muitos casos em que os seguidores de Trump espancaram críticos, atacaram jornalistas e esbravejaram contra qualquer forma de crítica dirigida às políticas de Trump – para não falar do exército de insultos direcionados a intelectuais e jornalistas, críticos à administração. Poucas semanas antes das eleições de 2018, vários críticos declarados de Trump, todos menosprezados e agredidos verbalmente pelo então candidato, receberam cartas-bombas caseiras pelo correio. Sem se importar em como sua própria retórica viciosa e agressiva legitimou e galvanizou atos

de violência por parte de um sortimento de membros da extrema-direita, neonazistas e supremacistas brancos, Trump parece indiferente e incapaz de ter empatia com relação ao sofrimento dos outros, tudo isso enquanto exibe grande hipocrisia. Por exemplo, ele alega que os oponentes políticos não devem ser comparados a vilões históricos e depois vandaliza seus rivais políticos quando fala com sua base. O exemplo mais óbvio é quando prepara sua base encorajando palavras de ordem que atacam Hillary Clinton, ou quando afirma, em seus comícios, que os democratas estão financiando a caravana que está indo da América Central às fronteiras americanas (Rizzo, 2018).

Trump permanece em silêncio sobre os grupos marginais que incitou com seus ataques cruéis contra a imprensa, o Judiciário e seus adversários políticos, ou seja, ele se recusa a criticá-los enquanto reforça seu apoio, afirmando que é um "nacionalista" que está lutando contra uma conspiração global.

Enquanto os ataques de Trump aos muçulmanos, aos imigrantes sem documentos e aos mexicanos fazem parte do roteiro que lançou sua campanha presidencial e se tornaram uma característica central de seus apelos racistas, seus discursos mais recentes ampliaram seus objetos de ataque, de maneira que evocam ecos de um passado fascista. Trump agora aplica combustível a uma conflagração que está em sintonia com os ventos da democracia iliberal que se espalha pelo mundo. Max Boot (2018) resume bem essa linguagem demagógica expansiva de descartabilidade e demonização:

> Trump chama os democratas de "malvados" e "loucos". Ele os acusa de serem "traidores" e "não americanos". Alega que eles são aliados dos membros de gangues. Diz que estão tentando abrir nossas fronteiras para criminosos e transformar a América na Venezuela. Aplaude um congressista que agrediu um repórter e pede que seu oponente político seja trancado. Ele promove teorias

> da conspiração antissemitas que responsabilizam George Soros por tudo, desde a caravana de refugiados latino-americanos até protestos contra Brett M. Kavanaugh. Quando Trump fala sobre "globalistas", a extrema-direita ouve "judeus". Quando Trump diz que havia "pessoas boas" em ambos os lados em Charlottesville, a extrema-direita ouve nessa fala uma aprovação oficial [...]. E Trump continua sua retórica incendiária, mesmo depois que as consequências trágicas se tornaram claras. (Boot, 2018, p. 1)

Quando confrontado com os crescentes atos de violência inspirados pelo ódio e com o fato de sua linguagem incendiária inflamar tal violência, Trump respondeu, com sua maneira habitualmente rude e eticamente irresponsável, afirmando que iria "fortalecer" sua retórica em vez de diminuí-la. Sua indiferença moral a ameaças de violência, bem como a atos de violência real, estava explícita quando escreveu no Twitter que a "bomba" era uma distração que estava desacelerando o impulso republicano nas pesquisas. Sem qualquer senso de responsabilidade moral e política, Trump se recusa a reconhecer que as palavras importam e que alimentam as fantasias violentas dos extremistas de direita.

A normalização da violência por Trump é a ferramenta para a eliminação da dissidência que ameaça o "ideal americano". Fraudes, como as tentativas de assassinato contra ele, são formas de fortalecer sua imagem de líder simbólico de uma política nacionalista, de alguém que luta contra os indivíduos descartáveis, que são parasitas (o não branco americano). Isso é o retrato das práticas fascistas claramente declaradas em seus discursos e ações.

O ideário de democracia de Trump é a contramão do próprio conceito em sua essência. Nega a consciência de sujeitos sobre a política e privilegia uma cultura de violência e crueldade. Sua noção de prosperidade prioriza grupos bilionários e as grandes corporações, que pilham o país e condenam as próximas gerações

a um futuro de miséria em nome de um Estado forte, que é o próprio princípio do fascismo.

Desafiando a linguagem do fascismo

Com o advento da presidência de Trump, a linguagem está passando por uma mudança nos Estados Unidos: agora trata a dissidência, a mídia crítica e as evidências científicas como uma espécie de "*fake news*". O governo também vê a mídia crítica como "inimiga do povo estadunidense". Na verdade, Trump repetiu essa visão da imprensa com tanta frequência que quase um terço dos americanos acredita nisso e apoia restrições impostas pelo governo à mídia, de acordo com uma pesquisa da Poynter (White, 2017). A linguagem ficou descolada da razão crítica, do debate esclarecido e do peso das evidências científicas e agora está sendo reconfigurada dentro de novas relações de poder ligadas à pompa, ao teatro político e a um anti-intelectualismo profundo, cada vez mais moldado pela banalidade generalizada da cultura das celebridades, pela celebração da ignorância sobre a inteligência, por uma cultura de consumismo rançoso e por uma mídia controlada por empresas que se deleitam com a mercantilização, os espetáculos de violência, o espírito de interesse próprio sem controle e com um *ethos* de "sobrevivência do mais apto".

Diante de tais circunstâncias, a linguagem tem sido esvaziada de significado substantivo e funciona cada vez mais para aquietar grandes faixas do público americano, se não para acomodar e apoiar um "populismo" rançoso e um autoritarismo galopante. A linguagem da alfabetização cívica e da democracia deu lugar à linguagem dos salvadores, do declínio, do fanatismo e do ódio. Uma consequência disso é que as questões de responsabilidade política e moral desaparecem, as injustiças proliferam e a linguagem

funciona como uma ferramenta de repressão estatal. O Ministério das "*Fake News*" trabalha incessantemente para estabelecer limites ao que é pensável, alegando que razão, padrões de evidência, consistência e lógica não servem mais à verdade, porque são dispositivos ideológicos tortuosos usados pelos inimigos do Estado. Os "crimes de pensamento" agora são rotulados como "*fake news*".

A noção de verdade é vista por esse presidente como uma ferramenta corrupta, usada pela mídia crítica para questionar seu poder – particularmente seus ataques a juízes, tribunais e quaisquer outras instituições governamentais que não prometerão a ele fidelidade plena e irrestrita. Para Trump, a intimidação toma o lugar da lealdade inquestionável quando ele não consegue o que quer, revelando uma visão da presidência que tem mais a ver com vencer do que com governar. Uma consequência disso são as inúmeras práticas nas quais Trump humilha e pune seus críticos, voluntariamente se envolve em atos vergonhosos de autopromoção e enriquece, sem constrangimentos, seus cofres financeiros.

Peter Baker (2017), que escreve no *New York Times*, argumenta que Trump – impulsionado por uma paixão pelo poder absoluto e por uma admiração pelos autoritários – usa a linguagem e o poder da presidência como uma arma potente em seus ataques à Primeira Emenda, aos tribunais e ao governo responsável. A admiração de Trump por vários ditadores é bem conhecida. O que geralmente é subestimado é sua inclinação para imitar suas linguagens e políticas. Por exemplo, o apelo de Trump por "lei e ordem", incentivando os policiais a serem mais violentos com "bandidos", e sua adoração a todas as coisas militaristas ecoam a ideologia e a linguagem do presidente filipino, e homem forte, Rodrigo Duterte, que mobilizou assassinatos em massa e se gabou de "matar criminosos com as próprias mãos" (Paddock, 2017).

Ao mesmo tempo, seria irresponsável sugerir que a expressão atual do autoritarismo na política dos Estados Unidos tenha

começado com Trump, ou que o contexto de sua ascensão ao poder represente um momento distinto na história americana. Como observa Zinn (2015), os Estados Unidos da América nasceram de atos de genocídio, nativismo e da contínua violência da supremacia branca. Além disso, o país tem uma longa história de demagogos, estendendo-se de Huey Long e Joe McCarthy a George Wallace e Newt Gingrich. O autoritarismo está profundamente arraigado na história americana, e Trump é simplesmente o ápice dessas práticas antidemocráticas.

Com a ascensão do capitalismo de cassino, um *ethos* de "o vencedor leva tudo" tornou os Estados Unidos uma nação mesquinha e iníqua que deu as costas aos pobres, aos desassistidos e aos que são considerados racial e etnicamente descartáveis. Vale ressaltar que nos últimos quarenta anos testemunhamos uma crescente ditadura do capital financeiro e uma concentração cada vez maior de poder e propriedade em relação à ascensão e ao funcionamento das novas mídias e dos principais aparatos culturais. Esses poderosos aparatos pedagógicos digitais e tradicionais do século XXI transformaram as pessoas em consumidores e a cidadania em uma obsessão neoliberal pelo interesse próprio, com uma noção vazia de liberdade. O ecossistema de representações visuais e impressas assumiu uma influência sem precedentes, dada a fusão de poder e cultura como uma força política e pedagógica dominante. Esse aparato cultural se tornou tão poderoso, de fato, que é difícil contestar o papel central que desempenhou na eleição de Donald Trump para a presidência. Analisando as forças por trás da eleição de Trump, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt fazem um comentário convincente sobre o poder político e pedagógico de um cenário de mídia antigo e atualizado:

> Sem dúvida, o *status* de celebridade de Trump desempenhou um papel. Mas igualmente importante foi a mudança no cenário

> da mídia [...]. Fazendo uma estimativa, as contas do Twitter da MSNBC, CNN, CBS e NBC – quatro veículos que ninguém poderia acusar de tendências pró-Trump – mencionaram Trump duas vezes mais que Hillary Clinton. De acordo com outro estudo, Trump teve cobertura de mídia gratuita de até US$ 2 bilhões durante a temporada das primárias. (Levitsky e Ziblatt, 2018, p. 121)

O que é crucial lembrar aqui é que o fascismo começa com as palavras. Comentando sobre o governo Trump, que impede os Centros de Controle de Doenças de usar certas palavras, Ben-Ghiat escreve:

> O homem forte sabe que começa com palavras [...]. É por isso que aqueles que estudam regimes autoritários, ou tiveram a infelicidade de viver sob um deles, podem encontrar algo profundamente familiar na decisão do governo Trump de proibir funcionários do Centro de Controle de Doenças (CDC) de usar certas palavras ("vulnerável", "direito", "diversidade", "transexual", "feto", "baseado em evidências" e "baseado em ciência"). A recusa do governo em fundamentar a ordem e a pressão exercida sobre os funcionários do CDC tem um significado político que transcende seu conteúdo e contexto específicos [...]. A decisão, como um todo, está ligada a uma história mais ampla de como a linguagem é usada como uma ferramenta de repressão estatal. Os autoritários sempre usaram políticas de linguagem para trazer o poder do Estado e seus cultos de personalidade para a vida cotidiana. Tais políticas afetam não apenas o que podemos dizer e escrever no trabalho e em público, mas também [tentam] mudar a maneira como pensamos sobre nós mesmos e sobre os outros. Quanto mais fracos nossos sentimentos de solidariedade e humanidade se tornam – ou mais forte nosso impulso de comprometê-los sob pressão –, mais fácil é para os autoritários

> encontrarem parceiros para executar suas políticas repressivas. (Ben-Ghiat, 2017, p. 3)

Sob os regimes fascistas, a linguagem da brutalidade e a cultura da crueldade foram normalizadas pela proliferação das metáforas estridentes de guerra, batalha, expulsão, pureza racial e demonização. Como os historiadores alemães Richard J. Evans e Victor Klemperer deixaram claro, ditadores como Hitler fizeram mais do que corromper a linguagem de uma sociedade civilizada, eles também proibiram palavras. Logo depois, baniram os livros e os intelectuais críticos que os escreveram e então prenderam aqueles indivíduos que desafiaram a ideologia nazista e as violações sistêmicas dos direitos civis do Estado. O objetivo final era um discurso abrangente de descartabilidade, o surgimento de campos de concentração e o genocídio alimentado por uma política de pureza racial e limpeza social. Os ecos dos estágios formativos de tais ações estão conosco novamente; eles fornecem apenas um dos sinais históricos de um neofascismo ao estilo estadunidense, que parece estar engolindo os Estados Unidos, depois de fervilhar no escuro por anos.

A linguagem de Trump tenta infantilizar, seduzir e despolitizar o público ao usar um fluxo de *tweets*, entrevistas e pronunciamentos públicos que desconsideram os fatos e a verdade. O objetivo mais sério de Trump é descarrilar os fundamentos arquitetônicos da verdade e da evidência a fim de construir uma realidade falsa e um universo político alternativo, nos quais só existem ficções concorrentes com o apelo emocional do teatro de choque. Mais do que qualquer outro presidente, ele normalizou a noção de que o significado das palavras não importa mais, tampouco as fontes tradicionais de fatos e evidências. Ao fazer isso, ele minou a relação entre cidadania engajada e verdade e relegou questões de debate e avaliação crítica a um espetáculo de bombardeios,

ameaças, intimidação e pura falsidade. Essa é a linguagem dos ditadores, que torna difícil nomear as injustiças, definir a política como algo mais do que governar pelos poderosos e criar e justificar regras reais equitativas, relações compartilhadas de poder e uma forte política democrática.

Mas a linguagem do fascismo faz mais que normalizar a mentira e a ignorância. Ela também promove uma cultura maior de imediatismo e sensacionalismo. Ao mesmo tempo, faz do medo e da ansiedade a moeda normalizada de troca e comunicação. Portanto Gessen (2017) está certa ao argumentar que as mentiras de Trump são diferentes das mentiras comuns e são mais como "mentiras de poder". Nesse caso, são mentiras projetadas menos "para convencer o público de algo do que para demonstrar o poder do orador". Em suma, os prodigiosos *tweets* de Trump não se referem apenas à patologia de infindáveis invenções; também funcionam para reiterar uma pedagogia do infantilismo, projetada para animar sua base em um excesso de choque, ao mesmo tempo que reforça uma cultura de guerra, medo, divisão e ganância de maneira que, muitas vezes, destitui seus críticos.

De que outra forma explicar o desejo de Trump de atrair desprezo de seus críticos e elogios de sua base por meio de uma produção interminável de *tweets* e choques eletrônicos que lembram as birras de um petulante de 10 anos de idade? Os exemplos continuam chegando e parecem ficar mais bizarros com o passar do tempo. Peter Baker e Michael Tackett resumem uma série de *tweets* bizarros e imprudentes que Trump produziu para inaugurar o Ano Novo.

> O presidente Trump animou novamente a perspectiva de uma guerra nuclear com a Coreia do Norte, vangloriando-se, em termos surpreendentemente infantilizados, na noite de terça-feira, de que ele comanda um arsenal "muito maior" e "mais

> poderoso" de armas devastadoras do que o governo externo da Ásia. "Alguém de seu regime esgotado e faminto de alimentos, por favor, informe [ao líder norte-coreano Kim Jong Un] que eu também tenho um botão nuclear, mas é muito maior e mais poderoso que o dele – e meu botão funciona!" Isso aconteceu em um dia em que Trump, de volta a Washington após suas férias na Flórida, efetivamente abriu seu novo ano com uma enxurrada de *tweets* provocadores sobre uma série de questões. Ele pediu a ajuda de Hillary Clinton para ser preso, ameaçou cortar a ajuda ao Paquistão e aos palestinos, atacou os democratas favoráveis à imigração, reivindicou crédito pelo fato de ninguém ter morrido em um acidente de avião a jato no ano passado e declarou que anunciaria na segunda-feira seguinte seu próprio prêmio para a mídia mais desonesta e corrupta. (Baker e Tackett, 2018, p. 3)

Trump se apropria da grosseria como arma. Em um retrocesso à linguagem do fascismo, ele se posicionou repetidamente como o único que pode salvar as massas, reproduzindo o roteiro esgotado do modelo de salvador endêmico do autoritarismo. Em 2016, na Convenção Nacional Republicana, Trump declarou sem ironia que ele, sozinho, salvaria uma nação em crise, baseado em sua insistência de que: "Eu sou sua voz, só eu posso consertar isso. Restaurarei a lei e a ordem". A última ênfase de Trump em restaurar o valor autoritário da lei e da ordem tem implicações de criar um novo regime racial de governança que imita o que o historiador Cedric J. Robinson (2007) chamou de "rebranqueamento da América". Essa linguagem racialmente carregada aponta para a crescente presença de um estado policial nos Estados Unidos e seu apogeu em um Estado fascista, no qual grandes segmentos da população são descartados, encarcerados ou abandonados em meio a enormes graus de desigualdade. Aqui há mais em jogo do que um ego desproporcional, se não ilusório. O autoritarismo de

Trump também é alimentado por ódio e raiva mal direcionados. Há também uma linguagem que mina os laços de solidariedade e ataca as instituições destinadas a proteger os grupos vulneráveis.

Além disso, o uso incessante de superlativos por Trump modela uma linguagem que se encerra em um círculo de certeza enquanto assume conotações religiosas. Essas palavras não apenas poluem o espaço da credibilidade, mas também combatem a memória histórica, a humildade e a crença de que mundos alternativos são possíveis. Para Trump e seus seguidores, existe uma ameaça reconhecível ao seu poder, no imperativo político e moral, de aprender com uma versão sombria do passado para não repetir ou atualizar o autoritarismo nebuloso da década de 1930. Trump é o mestre do analfabetismo manufaturado, e sua máquina de relações públicas se envolve de maneira agressiva em um teatro ilimitado de autopromoção e distrações – ambos projetados para branquear qualquer versão do passado que possa expor o estreito alinhamento entre a linguagem e as políticas de Trump e os elementos sombrios de um passado fascista. Os exageros implacáveis de Trump sugerem mais do que hipérbole ou uso indulgente da linguagem. Isso é verdade mesmo quando ele afirma que "sabe mais sobre o Estado Islâmico do que os generais", "sabe mais sobre renováveis do que qualquer ser humano na Terra" ou que ninguém conhece o sistema de governo dos Estados Unidos melhor do que ele. Há também uma ressonância com a retórica do fascismo. Como escreve o historiador Richard J. Evans em *The Third Reich in power*:

> A língua alemã se tornou uma linguagem de superlativos, de modo que tudo o que o regime fez se tornou o melhor e o maior, suas realizações sem precedentes, únicas, históricas e incomparáveis. [...] Klemperer observou que a linguagem usada sobre Hitler era carregada de metáforas religiosas; as pessoas "acreditavam nele",

> ele era o redentor, o salvador, o instrumento da Providência, seu espírito viveu na nação alemã e através dela. [...] As instituições nazistas se domesticaram [pelo uso de uma linguagem] que se tornou uma parte impensada da vida cotidiana. (Evans, R. J., 2006)

Sob o regime de Trump, as memórias inconvenientes ao regime autoritário agora são demolidas na linguagem domesticada dos superlativos, para que o futuro possa ser moldado de forma a se tornar indiferente aos crimes do passado. Por exemplo, ele falou sobre a Guerra Civil como se os historiadores não tivessem perguntado por que ela ocorreu, ignorando ao mesmo tempo o papel da escravidão em seu surgimento. Durante um evento do Mês da História Negra, falou sobre o grande abolicionista e ex-escravo Frederick Douglass como se ainda estivesse vivo. A ignorância de Trump sobre o passado tem contrapartida em sua celebração de uma história que consagrou o racismo, postou mensagens neonazistas e abraçou o "sangue e solo" da supremacia branca.

Mas há mais do que ignorância em ação na longa história de comentários racistas de Trump. Sua simpatia pelo nacionalismo branco e pela supremacia branca oferece uma explicação clara para seu uso ininterrupto da linguagem racista sobre imigrantes mexicanos, muçulmanos, refugiados sírios e haitianos. Também aponta para o uso da linguagem como parte de um projeto político e pedagógico mais amplo para "mobilizar o ódio", legitimar o discurso de intimidação e incentivar o público americano a "desaprender sentimentos de cuidado e empatia que nos levam a ajudar e ter solidariedade com os outros" (Ben-Ghiat, 2017).

De acordo com Devega (2017), o nativismo e a ignorância de Trump funcionam nos Estados Unidos porque não apenas servem ao que o historiador Brian Klass chama de "[...] as dezenas de milhões de americanos que têm tendências autoritárias ou fascistas", mas também permitem o que ele chama de tentativa de Trump de "popularizar o fascismo".

> Como outros déspotas ao longo da história, Trump usa as minorias como bodes expiatórios e demoniza grupos politicamente impopulares. Trump é racista. Ele usa seu próprio racismo a serviço de uma estratégia de dividir e governar, que é uma das maneiras pelas quais líderes e ditadores impopulares mantêm o poder. Se você não está ajudando as pessoas nem fazendo o que disse que faria, então precisa culpar outra pessoa. Trump tem muita gente para culpar. (Klass *apud* Devega, 2017, p. 4)

A linguagem de Trump, especialmente seu apoio à tortura e o desprezo pelas normas internacionais, normaliza o impensável e sugere um retorno a um passado que evoca o que Dorfman (2017a) chamou de "memórias de terror [...], desfiles de ódio e agressão pela Ku Klux Klan no Estados Unidos e pela Freikorps de Adolf Hitler na Alemanha [...], execuções, tortura, prisão, perseguição, exílio e, sim, queima de livros também". O autor vê na era Trump ecos de políticas realizadas sob o ditador Pinochet no Chile:

> De fato, muitas das políticas instituídas e atitudes exibidas no Chile pós-golpe proveriam modelos para a era Trump: nacionalismo extremo, absoluta reverência à lei e à ordem, desregulamentação selvagem dos negócios e da indústria, insensibilidade à segurança do trabalhador, abertura de terras estatais à extração e exploração irrestritas de recursos, proliferação de escolas privadas e militarização da sociedade. A tudo isso deve ser acrescentado mais um traço crucial: um anti-intelectualismo furioso e o ódio às "elites" que, no caso do Chile em 1973, levaram à queima de livros como os nossos. (Dorfman, 2017a, p. 1)

A linguagem do fascismo se revela em formas de teatro que mobilizam medo, ódio e violência. Em uma entrevista ao *website* de mídia independente *TruthOut*, Sasha Abramsky (*apud* Karlin,

2017) afirma que as palavras de Trump equivalem a mais do que *slogans* vazios. Em vez disso, sua linguagem vem "com consequências, e elas legitimam fanatismos e ódios há muito acalentados, mas, na maioria das vezes, mantidos em sigilo pela sociedade em geral. Eles dão a impressão de um grande partido político à violência criminal". Certamente, o aumento dos crimes de ódio durante o primeiro ano de Trump na presidência testemunha a verdade do argumento de Abramsky. A história do fascismo nos ensina que a linguagem opera a serviço da violência, do desespero e de perturbadoras paisagens de ódio e carrega o potencial de habitar os momentos mais sombrios da história. Erode nossa humanidade e deixa muitas pessoas entorpecidas e silenciosas diante de ideologias e práticas que são atos hediondos de atrocidade ética. Ao minar os conceitos de verdade e credibilidade, a linguagem orientada para o fascismo desativa os vocabulários ideológicos e políticos necessários para que uma sociedade diversa abrace esperanças, responsabilidades e valores democráticos compartilhados (Karlin, 2017).

A linguagem de Trump – como a dos regimes fascistas mais antigos – mutila a política contemporânea, a empatia e as sérias críticas morais e políticas e torna mais difícil criticar as relações de poder dominantes. Ela faz mais do que produzir uma ladainha de falsidades, medos e ataques venenosos àqueles considerados descartáveis; ela trabalha duro para impedir que as pessoas tenham um diálogo interno consigo mesmas e com os outros, tornando a autorreflexão, o pensamento crítico e a capacidade de questionar e julgar uma prática desprezada. A linguagem fascista de Trump também alimenta a retórica da guerra, da masculinidade tóxica, da supremacia branca, do anti-intelectualismo e do racismo. O que antes era um discurso ansioso sobre o que Kaye (2017) chama de "possível triunfo nos Estados Unidos de um regime autoritário fascista sobre a democracia liberal" não é mais uma questão de especulação, mas uma realidade.

Qualquer resistência ao novo estágio do autoritarismo estadunidense deve começar por analisar sua linguagem, as histórias que fabrica, as políticas que produz e as instituições culturais, econômicas e políticas que o tornam possível. É preciso levantar questões sobre como os aparatos educacionais e culturais de direita funcionam, política e pedagogicamente, para moldar noções de identidade, de desejo, de valores e investimentos emocionais nos discursos do capitalismo de cassino, de supremacia branca e de uma cultura de crueldade. A linguagem de Trump molda e incorpora políticas que têm consequências poderosas na vida das pessoas, e esses efeitos devem ser visíveis, registrados e usados para descobrir formas opressivas de poder que frequentemente se escondem nas sombras. Em vez de tratar as mentiras e o medo de Trump como apenas uma expressão dos pensamentos de um demagogo petulante e perigoso, é crucial analisar suas raízes históricas, as instituições que os reproduzem e legitimam, os especialistas que os promovem e os efeitos que eles têm sobre a textura da vida cotidiana.

A linguagem de Trump não é só dele. É a linguagem de um fascismo nascente que vem se formando nos Estados Unidos há algum tempo. É uma linguagem confortável para ver o mundo como uma zona de combate, um mundo que existe para ser saqueado. É uma visão de que aqueles considerados diferentes são uma ameaça a ser temida, se não eliminada. Portanto Rich (2018) está certo ao insistir que Trump é o instrumento contundente de um movimento autoritário populista cujo objetivo é "a erosão sistêmica de normas políticas, éticas e sociais", centrais para uma democracia substantiva. E a principal arma de Trump é uma linguagem tóxica que funciona como uma forma de "vandalismo cultural" que promove o ódio, abraça o mecanismo do estado carcerário, faz da supremacia branca um inquilino central da governança e produz graus impensáveis de desigualdade de riqueza e poder.

A linguagem de Trump tem uma história que deve ser reconhecida, revelada pelo sofrimento que produz e desafiada com uma narrativa alternativa crítica e produtora de esperança. Essa linguagem deve estar disposta a tornar visível o poder, descobrir a verdade, contestar falsidades e criar uma cultura formativa e crítica que possa nutrir e sustentar a resistência coletiva aos diversos modos de opressão. Ao mesmo tempo, é necessário fortalecer e expandir o alcance e o poder das esferas públicas estabelecidas como locais de aprendizado crítico. É necessário também incentivar artistas, intelectuais, acadêmicos e outros trabalhadores da cultura a conversar, educar, tornar visível a opressão e desafiar os discursos normalizadores do capitalismo de cassino, da supremacia branca e do fascismo. Não há espaço aqui para uma linguagem moldada pela pureza política ou limitada à política de indignação. Uma perspectiva verdadeiramente democrática tem uma visão geral e um projeto mais amplo de luta e transformação.

Os progressistas precisam formular uma nova linguagem que abrace o potencial político de diversas formas de identidade étnica, de gênero ou de classe social e as formas de "opressão, exclusão e marginalização" que tornam visíveis enquanto trabalham simultaneamente para unificar esses movimentos em uma formação social e em um partido político mais amplos dispostos a desafiar os valores centrais e as estruturas institucionais do fascismo ao estilo americano. Nenhuma forma de opressão, por mais horrenda que seja, pode ser negligenciada. Com esse olhar crítico, deve emergir uma linguagem crítica, uma nova narrativa e uma história diferente sobre como será uma democracia socialista.

Nenhuma luta por uma ordem socialista democrática radical ocorrerá se as lições de nosso passado sombrio não puderem ser aprendidas e transformadas em propostas construtivas e soluções para lutar por, e criar, uma sociedade pós-capitalista. A ode de Ariel Dorfman à luta pela linguagem e sua relação com o poder

da imaginação, a resistência coletiva e a esperança oferece um lembrete adequado do que precisa ser feito:

> Devemos confiar que a inteligência que permitiu à humanidade afastar a morte, fazer avanços médicos e de engenharia, alcançar as estrelas, construir templos maravilhosos e escrever histórias complexas nos salvará novamente. Devemos nutrir a convicção de que podemos usar as gentis graças da ciência e da razão para provar que a verdade não pode ser vencida tão facilmente. Para aqueles que repudiariam a inteligência, devemos dizer: vocês não irão triunfar e encontraremos uma maneira de convencer. (Dorfman, 2017b, p. 2)

A linguagem não é simplesmente um instrumento de medo, violência e intimidação; é também um veículo de crítica, coragem cívica, resistência e agência engajada e informada. Vivemos numa época em que a linguagem da democracia foi pilhada, despojada de suas promessas e esperanças. Para derrotar o fascismo, é necessário tornar a educação central na política. Em parte, isso pode ser feito com uma linguagem que exponha e desvende falsidades, sistemas de opressão e relações corruptas de poder, deixando claro que um futuro alternativo é possível. Uma linguagem crítica pode nos guiar em nosso pensamento sobre a relação entre elementos mais antigos do fascismo e como essas práticas estão surgindo em novas formas. A busca e o uso dessa linguagem também podem reforçar e acelerar a necessidade de os jovens continuarem criando espaços públicos alternativos nos quais possam emergir diálogo crítico, intercâmbio e um novo entendimento da política em sua totalidade.

O foco na linguagem como elemento estratégico da luta política não se refere apenas ao significado, à crítica e à busca da verdade, mas também ao poder, tanto em termos de compreensão

de como ela funciona, quanto de usá-la como parte de lutas contínuas que fundem linguagem de crítica, possibilidade, teoria e ação. Sem fé na inteligência, na educação crítica e no poder de resistir, a humanidade não terá poder para desafiar a ameaça que o fascismo e o populismo de direita representam para o mundo. Todas as formas de fascismo visam destruir padrões de verdade, empatia, razão consciente e as instituições que os tornam possíveis. A luta atual contra um fascismo nascente nos Estados Unidos não diz respeito apenas às estruturas econômicas ou aos altos escalões do poder corporativo. É também uma luta por visões, ideias, consciência e poder de mudar a própria cultura.

Precisamos formular uma nova linguagem, esferas culturais alternativas e novas narrativas sobre liberdade, poder da luta coletiva, empatia, solidariedade e promessa de uma verdadeira democracia socialista. Precisamos de uma nova visão que se recuse a igualar capitalismo e democracia, normalizar a ganância e a concorrência excessiva e aceitar o interesse próprio como a mais alta forma de motivação. Precisamos de uma linguagem, uma visão e uma compreensão do poder para possibilitar as condições em que a educação esteja ligada à mudança social e à capacidade de promover a agência humana por meio dos registros de cooperação, compaixão, cuidado, amor, igualdade e respeito à diferença.

4

Em defesa da democracia: políticas culturais, movimentos sociais e resistência crítica

Não vivemos no melhor dos mundos possíveis. Este é um tempo kafkiano. No entanto, de alguma forma, os antigos valores e anseios desacreditados persistem. Nós ainda acreditamos que podemos salvar a nós mesmos e à nossa terra danificada – uma tarefa indescritivelmente difícil. Mas continuamos tentando, porque não há mais nada a fazer.

Annie Proulx

Enquanto o autoritarismo tenta expandir sua base social de extrema-direita sob uma hierarquia impositiva, forças de resistência de base estão se mobilizando em torno de um senso renovado de coragem ética, solidariedade social e um renascimento da imaginação política. Vemos isso acontecendo no crescente número de manifestações em massa em que os indivíduos estão colocando seus corpos em risco, recusando o mecanismo fascista da misoginia, do nativismo e da supremacia branca. Os aeroportos estão sendo ocupados, as pessoas estão se manifestando nas ruas das grandes cidades, as prefeituras se tornaram locais de resistência, os campi universitários estão se transformando em santuários para proteger estudantes sem documentos, os cientistas marcham em massa contra os que negam a mudança climática e trabalhadores

progressistas da cultura, intelectuais e políticos estão se manifestando contra o autoritarismo emergente.

Em uma série de Estados democratas, as mulheres de meia-idade estão engajadas no "trabalho duro de organização de base" enquanto lidam com grandes questões como cuidados de saúde, uso de dinheiro sujo na política, educação pública e riscos ao meio ambiente. A democracia pode estar no exílio nos Estados Unidos, em perigo na Europa e em outras partes do globo, mas o espírito que a anima permanece resiliente. Mais uma vez, a memória pública de uma esperança educada e profética está no ar, ecoando o chamado de Martin Luther King Jr. "para tornar real a promessa da democracia" (King-Jr., 1964, p. 177).

No momento histórico atual, tal promessa encontra refúgio na noção de "democracia no exílio" (Giroux, 2018d). Esse conceito serve como uma contraforça e um remédio para a intolerância, a violência, a expulsão e o racismo da extrema-direita, constituintes de um movimento nacionalista à deriva, à vista de todos, que vai da plutocracia e do nepotismo autoritário ao fascismo. Ele é o espaço em que as pessoas, famílias, redes e comunidades reagem, unindo a promessa de envolvimento político insurrecional com a criação de novas manifestações expansivas de justiça – social, econômica, ambiental. O conceito fala da ascensão de inúmeras marchas, protestos e atos de resistência política que formam um desafio crescente às relações de poder existentes e às forças do autoritarismo e da tirania em expansão. Esse conceito defende um modelo de consciência crítica e um "espaço ético no qual encontramos a dor dos outros e refletimos verdadeiramente sobre seu significado para uma comunidade humana compartilhada" (Evans, B., 2017). Tais santuários funcionam como esferas alternativas de uma democracia no exílio e fazem mais do que oferecer aos refugiados proteção e serviços como "abrigos de emergência, recreação, transporte público, bibliotecas, bancos de alimentos

e serviços de polícia e bombeiros sem fazer perguntas sobre seu *status*" (Wells, 2017). Eles também apontam para e além da identificação de estruturas de dominação e repressão em busca de novas compreensões e respostas imaginativas à necessidade de conviver bem em diversas comunidades. Em parte, isso significa responder às forças ameaçadoras em ação na sociedade dos Estados Unidos, agora marcada por um colapso da cultura cívica, da alfabetização compartilhada e da cidadania significativa. Tais espaços exigem novos aparatos, permitindo que as pessoas aprendam juntas, engajem-se em diálogos extensos e desenvolvam novas formações sociais a serviço do avanço da justiça e da transformação política, econômica e ambiental. Como a democracia não pode sobreviver sem cidadãos informados e socialmente responsáveis, esses espaços são movidos por educação, cultura e família centradas na comunidade.

O que pode significar para os educadores criar santuários que preservem os ideais, valores e experiências de uma democracia insurrecional? O que poderia significar imaginar uma paisagem de resistência na qual a metáfora da *democracia no exílio* inspira e energiza jovens, educadores, trabalhadores, artistas e outros a se engajarem em formas políticas e pedagógicas de resistência que são disruptivas, transformadoras, resilientes e emancipatórias? O que poderia significar criar múltiplos espaços protetores de resistência que nos permitiriam pensar criticamente, fazer perguntas perturbadoras, assumir riscos, transgredir normas estabelecidas e preencher os espaços da vida cotidiana com atos contínuos de resistência organizada não violenta? O que poderia significar criar cidades, estados e outras esferas públicas definidas como santuários para uma democracia no exílio? Cidades como Boston (nos Estados Unidos) e Hamilton (no Canadá) declararam-se santuários, ou o que estou chamando de democracias no exílio. Recentemente, Britt McCandless relatou que "mais de 800 locais

de culto se ofereceram para abrigar imigrantes sem documentos que enfrentam a deportação e suas famílias – o dobro do número desde a eleição de 2016. Eles se juntam às mais de 600 cidades e condados que se declararam santuários – ordenando à polícia que não detenha pessoas apenas por causa de sua condição de imigrante" (McCandless, 2017).

Essas cidades e condados não só se recusaram a cumprir as políticas repressivas de Trump sobre mudança climática e proibição de viagens, como também se definiram, em parte, como espaços públicos destinados a proteger aqueles que temem a expulsão e o terrorismo de Estado. Em muitos aspectos, as cidades se tornaram linhas de frente na luta contra as políticas repressivas de imigração de Trump e o ataque desastroso à reforma sobre as mudanças climáticas. Em fevereiro de 2017, cerca de 68 prefeitos assinaram uma carta aberta protestando contra a oposição de Trump à limitação dos gases do efeito estufa. Cidades como Seattle e Burlington (Vermont) estão na vanguarda, promulgando legislação radical enquanto promovem formações políticas progressistas de base ampla, altamente comprometidas com os valores e políticas do socialismo democrático.

Diante da ordem executiva de Trump, em 25 de janeiro de 2017, quando ele pediu a retirada de fundos federais das cidades que desafiavam suas políticas de imigração e fronteira, muitas cidades optaram por resistir a Trump, de uma maneira ou de outra, por causa de seus ataques a proteções ambientais e escolas públicas. Ante tais ataques, novas coalizões estão emergindo entre grupos de trabalhadores, jovens, grupos de direitos dos imigrantes, evangélicos, grupos religiosos e outros que Adriana Cadena, coordenadora da Reform Immigration for Texas Alliance, considera um reservatório de "vozes inexploradas" (Anderson, 2016). Ao mesmo tempo, essas lutas não serão fáceis. Não só a ameaça de repressão do governo federal é uma realidade iminente, mas

também uma intimidação similar é representada pelas legislaturas estaduais controladas pelos republicanos, que agora são trinta e duas. No entanto, muitos estados progressistas, como a Califórnia, estão encontrando novas maneiras de aprovar leis "que concedam aos imigrantes sem documentos acesso a carteiras estaduais de motorista, benefícios do Estado, ajuda financeira, licenças de saúde e profissionais que os protejam, limitando a participação dos estados na execução de leis federais" (Colbern, 2015).

Tais cidades e condados, e uma série de diversas esferas públicas, funcionam como estruturas paralelas que criam modos alternativos de comunicação, relações sociais, educação, saúde e trabalho cultural, incluindo música popular, mídia social, artes cênicas e literatura. Esses espaços são o que Benda (1991, p. 37) chamou de "*polis* paralela", que pressiona as estruturas oficiais, implementa novos modos de resistência pedagógica e fornece a base para organizar maiores protestos cotidianos e movimentos sociais mais organizados e sustentáveis. Assim como os dissidentes da Europa Oriental desenvolveram o conceito de uma *polis* paralela, há uma necessidade, no atual momento histórico, de criar novos modos de organização, comunidade e resistência: democracias no exílio (Falk, 2011).

O conceito de democracia no exílio se baseia na construção da comunidade, na justiça econômica e num discurso de crítica, esperança, justiça social e autorreflexão. Como um modo de crítica, ele modela a demanda por diversas formas de resistência, diálogo crítico, colaboração e o ato de repensar os processos políticos e os tipos de espaços públicos onde eles podem ocorrer. Como um discurso de esperança, oferece a possibilidade de organizar novas formas de redes sociais destinadas a desmantelar o projeto das formações protofascistas de se consolidarem ainda mais. Como modelo para uma nova política progressista, as democracias no exílio são comunidades abertas e coletividades unidas no espírito

de ajuda mútua e justiça; elas marcam a antítese das falsidades, muros, armas, supremacia branca e intolerância ameaçadora. Esses modelos de democracia sinalizam um modo de testemunho e de resistência organizada e são inspirados por um compromisso renovado com a justiça e a igualdade. Trata-se de um espírito de redenção acompanhado por protestos em massa, como a greve "Dia Sem Imigrantes", na qual 4,2 milhões de pessoas saíram às ruas em protesto contra o segundo dia de Trump no cargo, e a Marcha pela Ciência, em 2017, da qual participaram milhares de cientistas e seus apoiadores. Em todos esses casos, o objetivo era "demonstrar o poder produtivo do povo" na luta pela retomada da democracia.

A democracia no exílio oferece a oportunidade de fundir movimentos populares e revigorar esferas educacionais, que incluem locais tradicionais de luta, como sindicatos, igrejas e sinagogas. Por exemplo, igrejas nos Estados Unidos estão usando casas particulares em suas paróquias como abrigos e, ao mesmo tempo, "criando uma estrada de ferro subterrânea moderna para transportar imigrantes sem documentos de casa em casa ou ao Canadá" (Hernandez e Flores, 2017). Esconder e abrigar imigrantes são apenas um importante registro de resistência política que tais santuários podem oferecer. Algumas organizações, como a State Innovation Exchange, estão lutando contra a legislação estatal conservadora, modelando uma nova legislação progressista, colocando pressão contínua sobre os políticos, educando as pessoas sobre como desenvolver as habilidades para traçar estratégias políticas disruptivas e construindo "uma base de poder progressista nos estados" (Anderson, 2017). Além disso, cidades como Nova York se proclamaram cidades-santuário, e estudantes em "até 100 faculdades" e universidades em todo o país "realizaram protestos" exigindo que suas escolas se tornassem "*campi* do santuário".

O conceito de democracia no exílio oferece uma nova abordagem retórica para entender tal resistência e a nova etapa do autoritarismo que a tornou necessária. Esses postos avançados do exílio oferecem novos modelos de colaboração, unidos por um esforço perpétuo por uma sociedade mais justa. Como tal, unem-se na solidariedade e nas suas diferenças, mediadas pelo respeito ao bem comum, pela dignidade humana e pela decência. Juntos, eles oferecem um novo mapa para resistir a um demagogo e seu grupo de reacionários que nutrem um desejo voraz de concentrar o poder nas mãos de uma elite financeira e dos fundamentalistas econômicos, políticos e religiosos que buscam acumular riqueza e poder a qualquer custo. Esse chamado por um novo modo de oposição conecta o desafio educacional de elevar a consciência individual e coletiva com a mobilização contra as ideologias, visões de mundo e políticas sufocantes que estão impulsionando a nova espécie de autoritarismo. Tais espaços alternativos e novas esferas públicas refletem o que Evans e Boyte (1986) chamaram de "espaços livres", que acolhem o desafio do envolvimento contínuo da comunidade, projetado para revitalizar a educação e a coragem cívicas.

A linguagem do exílio também projeta uma ameaça às redes nacionalistas pró-fascistas, pois sinaliza a mobilização rival de forças sociais emancipatórias que se organizam contra a intolerância política, a supremacia branca, a opressão econômica, a violência policial e as constantes invenções que servem para normalizá-las e aplicá-las. A criação de novos espaços para a resistência da comunidade afirma o direito de rejeitar todas essas formações de dominação, impunidade e abuso. Repensar a possibilidade de movimentos sociais e uma nova forma de política pode começar por reconceituar o que pode significar a criação de esferas e instituições públicas que representem modelos de uma democracia no exílio – santuários que preservem os ideais,

valores e experiências de uma democracia radical. O que será necessário para criar comunidades cujas diversas instituições funcionem como santuários para aqueles que temem a expulsão e o terrorismo de Estado? Como podemos, juntos, gerar uma resistência multifacetada que reviva e defenda os ideais de uma democracia já frágil e ferida – que cultive esperanças e ações educadas que salvaguardem nosso futuro? Tal sociedade promoveria "a erradicação de todas as formas de hierarquia racial, de gênero, de classe e sexual" (Kelley, 2016) e se basearia em um apelo não à reforma, mas a uma reestruturação radical, a uma democracia socialista substantiva que rejeite a noção de que capitalismo e democracia são sinônimos.

Tudo isso certamente levanta novas questões sobre os papéis proativos que as instituições educacionais podem tomar para combater a influência insidiosa e a maior normalização do autoritarismo em todas as suas formas. Um dos desafios enfrentados pela atual geração de educadores, estudantes, progressistas e outros cidadãos interessados é a necessidade de discutir o papel que eles podem desempenhar em qualquer esforço de resistência. O que a educação pode e deve realizar em uma democracia sitiada? Que trabalho os educadores devem desenvolver para criar as condições econômicas, políticas e éticas necessárias para dotar os jovens, e o público em geral, das capacidades de pensar, questionar, duvidar, imaginar o inimaginável e defender a educação como essencial para inspirar cidadãos conscientes, fundamentais para a existência de uma democracia robusta? Em um mundo que testemunha um crescente abandono de impulsos igualitários e democráticos e o apagamento da memória histórica, o que será necessário para educar os jovens sobre a política mais ampla para que se aprenda com o passado e se entenda o presente a fim de desafiar a autoridade irracional, desenfreada, e manter o poder responsável?

Muitos dos recursos já estão disponíveis. Em seu livro *On tyranny*, Snyder (2017) apresenta uma lista de sugestões que vão desde não ter medo de desobedecer até defender instituições democráticas. Lerner (2017a, 2017b) produziu uma série de propostas inestimáveis que incluem o que ele chama de Plano Marshall global e uma estratégia para os progressistas dos Estados Unidos levarem a sério questões de educação, subjetividade, compaixão e cuidado em qualquer luta política. No mesmo sentido, Lakoff (2017) forneceu várias sugestões úteis para se engajar na prática individual e coletiva da resistência, incluindo o chamado para reexaminar a natureza do poder e para focar na substância e não nos espetáculos no campo das críticas. Avançando nessa perspectiva, Quigley (2017) ofereceu vários pontos importantes sobre como se engajar em ações diretas para impedir as invasões do governo. O reverendo William J. Barber II escreveu extensamente sobre a necessidade de se criarem alianças de base ampla, especialmente entre a esquerda religiosa, e com isso infundiu a chamada à resistência com um sentido energizante de indignação moral e política (Barber, 2016). Quanto a esse tema, Anderson (2017) forneceu um comentário perspicaz sobre como a longa marcha de resistência da esquerda deve incluir a ação direta no nível estadual. Também Kelley (2016) escreveu uma série de artigos brilhantes sobre a necessidade de se desenvolverem estratégias emancipatórias na universidade que peçam aos alunos e professores para ir além do enquadramento das queixas no discurso da vitimização e do trabalho pessoal. A *Harpers Magazine* contratou vários intelectuais para falar sobre como seria a ecologia da resistência durante o regime de Trump. Essas são apenas algumas das muitas fontes valiosas que podem ser estudadas, discutidas e potencialmente usadas para promover redes e movimentos para democracias no exílio.

As universidades têm um papel essencial a desempenhar em meio às democracias no exílio. Além de criar espaços seguros

para imigrantes sem documentos e outros considerados vulneráveis ou descartáveis, as universidades também podem estimular a agência e potencializar nas pessoas habilidades, experiências e valores de que precisam para organizar, pleitear e alcançar níveis mais elevados de justiça, abertura e responsabilidade. Para muitas universidades, isso significaria renunciar à sua abordagem funcionalista, criando as condições para o corpo docente conectar seu trabalho com importantes questões sociais e escolhendo líderes administrativos que tenham uma visão enraizada nos imperativos da justiça, ética, responsabilidade social e valores democráticos. A cultura dos negócios produziu o negócio da educação e, para ser franco, corrompeu a missão de muitas universidades. É necessário que estudantes, professores e outros revertam essa tendência, numa época em que as sombras escuras do autoritarismo e do fascismo ameaçam tanto os espaços para a investigação crítica quanto a própria democracia (Giroux, 2014).

No mínimo, estudantes e professores precisam do conhecimento histórico, da capacidade crítica e das habilidades analíticas para poderem compreender os fatores e forças subjacentes que deram origem à ascendência de Trump à presidência dos Estados Unidos. Entender como "o possível triunfo de um regime autoritário de fascismo nos Estados Unidos" está destinado a destruir "uma frágil democracia liberal" é o primeiro passo para uma resistência viável e sustentada (Kaye, 2017, p. 1). É crucial repetir que esse regime autoritário se baseia em um legado fascista que não apenas decretou a morte da imaginação cívica, mas também desencadeou nada menos que um terror e uma violência em massa.

Precisamos perguntar também que papel a educação, a memória histórica e a pedagogia crítica podem ter na sociedade mais ampla, na qual o social foi individualizado, a vida política entrou em colapso e a educação foi reduzida a um assunto privado ou a um tipo de modo algorítmico de regulação em que tudo está es-

tritamente focado em alcançar um resultado empírico desejado. Que papel poderia ter uma educação crítica ressuscitada ao desafiar a alegação neoliberal mortal de que todos os problemas são individuais, quando as raízes de tais problemas residem em forças sistêmicas maiores? Que papel as universidades podem desempenhar na preservação e no escrutínio da memória cultural para garantir que a geração atual e a próxima estejam do lado certo da história? O que poderia significar resgatar e repensar criticamente os ideais das décadas de 1960 e 1970, quando a vida universitária foi definida por alunos e professores? O que será necessário para devolver o poder ao corpo docente e aos estudantes para que possam desempenhar um papel importante na administração do ensino superior? Como os professores e alunos poderiam colaborar mais para eliminar o tsunami do trabalho exploratório de meio período que tem sido empregado pela universidade corporativa para desqualificar e punir o corpo docente desde a década de 1970?

A memória histórica é muito facilmente subvertida pela ignorância fabricada. As indústrias de mídia e entretenimento controladas por corporações tornam fácil esquecer que Trump é mais do que o produto do racismo profundo, dos ataques ao Estado de bem-estar social e das prioridades centradas nas empresas que caracterizaram o Partido Republicano desde os anos 1980. Trump também é o resultado de um Partido Democrata que se separou das necessidades dos trabalhadores, das minorias de cor e dos jovens, tornando-se nada mais do que o partido da elite financeira. Há uma certa ironia terrível no fato de que a ala neoliberal do Partido Democrata foi rápida em condenar Trump e seu círculo social como demagogos e autoritários.

O que não pode ser esquecido é que essa é a mesma elite dominante que nos deu o estado de vigilância, salvou Wall Street, inaugurou o estado de encarceramento em massa e puniu os denunciantes. Hedges (2017a) está certo em argumentar que o Partido Democrata é um "apêndice da sociedade de consumo", e

que sua adoção do "neoliberalismo e [recusa] de desafiar as guerras imperiais fortaleceram as estruturas econômicas e políticas que destruíram nossa democracia e deram origem a Trump". A única resposta que o Partido Democrata tem para Trump é contra-atacar quando ele exagera e defender os bons e velhos tempos em que eles estavam no poder. O que eles se recusam a reconhecer é que suas políticas ajudaram a tornar possível a vitória de Trump e que o que eles compartilham com Trump é um apoio mútuo a banqueiros, ao domínio das grandes corporações, ao neoliberalismo, e a suposição errônea e fatal de que capitalismo é democracia e vice-versa. O que é necessário é uma nova compreensão do político, um novo partido socialista democrático e uma reestruturação radical da própria política.

Ao mesmo tempo, qualquer confronto com o momento histórico atual deve ser infundido com esperança, possibilidade e novas formas de prática política. Embora muitos países tenham se transformado no que Aronowitz (2014) chama de "estado de segurança nacional" repressivo, há sinais de que o autoritarismo, em suas várias versões, está sendo desafiado, especialmente por jovens, e que a imaginação radical ainda está viva. O Partido da Frente Nacional, de Marine Le Pen, perdeu a eleição presidencial na França; o Partido Trabalhista, de Jeremy Corbyn, acabou de dar um golpe em Theresa May e nos conservadores nas eleições de 2016, no Reino Unido; jovens com menos de 30 anos, em todo o mundo, estão marchando por uma democracia radical. Nenhuma sociedade está sem resistência, e a esperança nunca pode ser reduzida a uma mera abstração. Esperança tem de ser informada, militante e concreta.

As nuvens escuras de um neofascismo estão surgindo no horizonte e podem ser vistas em um número incontável de declarações e ordens de Trump, incluindo suas instruções ao Departamento de Segurança Interna para elaborar uma lista de "organizações e indivíduos muçulmanos que, na linguagem da ação executiva,

'radicalizaram-se'" (Hedges, 2017b). Dada a intolerância de Trump às críticas e discordâncias, é plausível que essa lista possa ser expandida para visar ativistas do movimento Black Lives Matter, jornalistas investigativos, feministas, líderes comunitários, professores universitários e outros intelectuais esquerdistas sinceros.

Uma indicação de que o governo Trump está compilando uma lista maior de supostos transgressores foi o pedido de sua equipe de transição para que o Departamento de Energia fornecesse uma lista dos nomes de indivíduos que haviam trabalhado na questão da mudança climática. Sob pressão pública, o governo Trump, mais tarde, desistiu desse pedido (Mooney e Eilperin, 2016). Junte essas intervenções políticas com o ataque sem precedentes à mídia e o impedimento do *New York Times*, da CNN e de outras supostas agências de "*fake news*" nas coletivas de imprensa e o que fica claro é que as instituições profissionais que tornam a democracia possível não apenas estão sob cerco, como também enfrentam a ameaça de serem abolidas. A acusação constante de "*fake news*" pelo governo autoritário para desacreditar meios de comunicação críticos é parte de uma campanha de desinformação maciça destinada a minar o jornalismo investigativo, notícias fornecidas por testemunhas oculares, análise apoiada em fatos, razão, evidência e qualquer padrão de julgamento baseado no conhecimento. Nada irá mudar, a menos que as pessoas comecem a levar a sério os fundamentos estruturais, culturais e subjetivos da opressão profundamente enraizados nos Estados Unidos e o que é necessário para que os veículos de comunicação levem a sério essas questões, em termos pessoais e coletivos, e tornem as pessoas críticas e transformadoras. Isso é fundamentalmente uma preocupação tanto pedagógica quanto política.

Como Derber (2017) já havia explicado, saber "como expressar possibilidades e transmiti-las autêntica e persuasivamente parece crucialmente importante", se alguma forma viável de resistência

vier a tomar forma. O governo autoritário normaliza falsidades oficiais, intolerância, violência e manifestações sociais pró-fascistas. Tomadas como um todo, essas condições não reprimem simplesmente o pensamento independente, mas constituem o seu próprio modo de gerar percepções doutrinadas que são reforçadas através de um conjunto diversificado de aparatos culturais, os quais vão desde clubes de armas locais e grupos de ódio até meios corporativos, como a Fox News, e plataformas online, como *Infowars* e *Breitbart News*. Apesar de tudo, otimismo e resistência estão no ar, e a urgência da ação em massa tem uma relevância renovada. Movimentos de trabalhadores, jovens, ativistas ambientais, manifestações contra os cortes maciços de impostos para os ricos – que são apresentados como reforma dos serviços de saúde –, além de inúmeras expressões de protesto contra as políticas draconianas de Trump, estão surgindo em todos os Estados Unidos e simbolizam uma oposição coletiva emergente às tendências pró-fascistas (Derber, 2017).

Como mencionado anteriormente, milhares de cientistas se uniram contra os ataques à investigação científica, à veracidade das mudanças climáticas catastróficas e a outras formas de pesquisa baseada em evidências e estão planejando novas marchas no futuro (Nuccitelli, 2016). Movimentos locais de protestos em massa estão entrando em cena. Vários prefeitos de grandes cidades se recusam a obedecer às ordens de Trump; manifestações acontecem todos os dias em todo o país; os estudantes se mobilizam nos *campi*; e em todo o mundo as mulheres marcham por seus direitos. Muitas pessoas que entram na política pela primeira vez estão se manifestando por uma assistência médica acessível, um salário social e um programa de empregos, especialmente para os jovens. Alguns indivíduos e grupos trabalham duro para construir um movimento de massas organizado contra o militarismo, a desigualdade, o racismo, a possibilidade crescente de guerra nuclear e a desestabilização ecológica do planeta. Estamos teste-

munhando o iminente surgimento de novas formas de resistência dispostas a apoiar lutas de base ampla, destinadas a produzir formas contínuas de resistência não violenta em todos os níveis da sociedade. É importante dar atenção à insistência de Lerner (2017a, 2017b) de que um público de mentalidade democrática, composto de trabalhadores e ativistas de várias tendências, precisa de uma nova linguagem de crítica e possibilidade que abrace o movimento por um mundo de amor, coragem e justiça, ao mesmo tempo comprometido com um modo de não violência no qual os meios são tão éticos quanto os fins buscados por tais lutas.

Tal chamado é tão historicamente atento quanto perspicaz, apoiando-se em legados de resistência não violenta deixados a nós por renomados ativistas, tão diversos quanto Bertrand Russell, Saul Alinsky, Paulo Freire e Martin Luther King Jr. Apesar de seus diferentes projetos e métodos, essas vozes por mudança compartilhavam um compromisso com uma luta coletiva destemida, na qual as estratégias não violentas rejeitavam a passividade e se comprometiam a assumir poderosas expressões de oposição. Para ter sucesso, essas lutas precisam ser coordenadas, focadas e implacáveis. Movimentos de questões únicas terão de se juntar a outros no apoio a uma política abrangente e a um movimento coletivo de massa.

A repressão política de nossos tempos exige que trabalhemos juntos para redefinir a política e desafiar o sistema bipartidário pró-corporativo. No processo, reivindicaremos a luta para produzir visões e práticas educacionais significativas, encontrar novas maneiras de mudar a consciência individual e coletiva, engajar-nos em um diálogo significativo com as pessoas que vivem à margem da paisagem política e superar o partidarismo dos movimentos de problema único a fim de construir movimentos sociais de base ampla.

As condições protofascistas estão conosco novamente. Felizmente, a arrogância de Trump como defensor de tais forças

não está totalmente descontrolada enquanto o grande poder coletivo de resistência ao seu regime se aprofunda. As ações de massa ocorrem com renovada urgência todos os dias. Enfrentar o desafio do fascismo não será fácil, mas os estadunidenses estão marchando, protestando e se organizando em números recordes. Esperançosamente, a indignação em massa evoluirá para um movimento mundial cujo poder estará do lado da justiça, não da impunidade, das pontes, não dos muros, da dignidade, não do desrespeito, da bondade, não da crueldade. O pesadelo estadunidense não é algo que aconteça em outro lugar para outra pessoa. Está acontecendo aqui, para nós. A hora de acordar é agora. Para citar a carta de James Baldwin a Angela Davis:

> Alguns de nós, brancos e negros, sabemos o alto preço que já foi pago para trazer à existência uma nova consciência, um novo povo, uma nação sem precedentes. Se sabemos e não fazemos nada, somos piores que os assassinos contratados em nosso nome. Se sabemos, então devemos lutar por sua vida como se fosse nossa – o que é – e tornar intransponível com nossos corpos o corredor para a câmara de gás. Pois, se eles te levarem de manhã, eles virão nos buscar naquela noite. (Baldwin e Davis, 1970)

No final, não há democracia sem cidadãos informados, nenhuma justiça sem uma linguagem crítica à injustiça e nenhuma mudança sem um amplo movimento de resistência coletiva.

Professores estão se levantando e protestando para resistir aos ataques neoliberais à educação

Hannah Arendt certa vez argumentou que "o próprio pensamento é perigoso para todos os credos, convicções e opiniões" (Arendt,

1981, p. 176). No clima político atual, as instituições que nutrem o pensamento crítico são igualmente vistas como perigosas e ameaçadoras para nossa ordem social cada vez mais autoritária. Essas instituições incluem educação pública e superior, juntamente com quase todas as formas de mídia progressista.

Como resultado, produtores de ideologia e política neoliberais têm trabalhado incansavelmente para minar a educação pública, a fim de defini-la em termos estritamente econômicos. Adotando uma abordagem instrumentalista obcecada com medição e quantificação, eles tentaram agressivamente transformar a educação em um negócio, o corpo docente em funcionários desvalorizados e os alunos em consumidores.

Felizmente, professores e alunos estão se recusando a participar da destruição da educação nos Estados Unidos. A greve histórica iniciada em 14 de janeiro de 2019 por 33 mil professores, em Los Angeles – o segundo maior distrito escolar do país –, é a mais recente evidência de uma tendência nacional em que professores e alunos de escolas públicas, cada vez mais, entram ou se envolvem em greves (Bernd, 2019).

Milhares de professores e estudantes estão saindo das escolas, marchando nas ruas e levantando as mãos e os cartazes em protesto contra a guerra à educação. Mais recentemente, a Carolina do Sul juntou-se à onda de protestos e greves de professores em todo o país. Na era da democracia iliberal e do crescente fascismo da administração Trump, o inimaginável se tornou mais uma vez imaginável, enquanto professores, inspirados e encorajados por uma vontade dinâmica de lutar por seus direitos e pelos direitos de seus alunos, exercem fortes expressões de poder político.

O poder da resistência coletiva está sendo montado com força total contra uma lógica neoliberal que insiste descaradamente que a regra do mercado é mais importante do que as necessidades de professores, estudantes, jovens, pobres e daqueles considerados

descartáveis por quem tem o poder em nossa sociedade. Os professores estão cansados de serem vítimas implacáveis de um capitalismo de cassino, no qual eles e seus alunos são tratados com pouco respeito, dignidade e valor. Eles já estão fartos de políticos corruptos, administradores de fundos de multimercado e analistas civicamente analfabetos, seduzidos pelo poder dos demagogos corporativos e políticos que estão travando uma guerra contra o ensino e a pedagogia críticos e contra a criatividade e a autonomia dos professores em sala de aula.

Desde a década de 1980, uma forma extrema de capitalismo – ou o que, no momento atual, quero chamar de fascismo neoliberal – travou uma guerra contra a educação pública e todos os vestígios do bem comum e do contrato social. Além disso, trata-se de uma guerra enraizada na discriminação de classe e de gênero – uma atividade que desqualifica os professores, explora seu trabalho e afeta particularmente as mulheres, que constituem um segmento dominante do corpo docente. Dessa forma, não só destroem a escolarização como um bem público, como também enfraquecem as culturas formativas, os valores e as relações sociais que permitem às escolas criar as condições para os estudantes se tornarem cidadãos críticos e engajados.

As escolas estão subfinanciadas, cada vez mais privatizadas. Além disso, elas também foram reestruturadas para enfraquecer os sindicatos, sujeitar os professores a condições de trabalho horrendas e expor os alunos a salas de aula superlotadas. Em alguns casos, o terrível ambiente de trabalho e as condições degradadas das escolas e salas de aula parecem incompreensíveis na nação mais rica do mundo. Veja-se, por exemplo, o relato de Hiram Lee sobre quando os professores da Carolina do Sul entraram em greve:

> O salário médio é US$ 10.000 abaixo da média nacional, enquanto o salário inicial mínimo é de apenas US$ 30.113 por ano [...].

> As condições de trabalho são extremamente pobres. [Em um caso,] esgoto bruto misturado com vermes e insetos fluiu para os corredores do Ridgeland Elementary no Condado de Jasper e foi rastreado pelos alunos até as salas de aula. Em outras escolas, buracos no chão de algumas salas de aula permitiam que os alunos enxergassem as salas de aula abaixo deles. Os professores usavam trapos velhos e sacos de areia para evitar que a água da chuva penetrasse nas paredes. As bibliotecas estavam cheias de livros pouco interessantes, e os que estavam à mão eram tão desatualizados que um professor se lembrou de ter encontrado um livro que previa: "Um dia o homem pousará na lua". (Lee, 2018, p. 1)

O que a mobilização da Carolina do Sul e os outros professores em toda a nação sugerem é que essas expressões de resistência coletiva dizem respeito à sobrevivência da democracia nos Estados Unidos de Trump e a um desafio às instituições de comando e aos ideais e princípios organizadores que tornam isso possível.

Uma onda de resistência contra abordagens neoliberais da educação

Essa onda de resistência surgiu para combater a abordagem neoliberal da educação orientada para o mercado, a qual, historicamente, atravessa as principais linhas partidárias. As reformas orientadas para o mercado foram apoiadas desde o governo Reagan por todos os presidentes e por todas as facções políticas estabelecidas desde os anos 1970.

Recusando-se a promover a relação entre educação e democracia, pensamento crítico e cidadania ativa, e rejeitando a conexão entre educação, mudança social e política, os defensores do neoliberalismo enfraqueceram o poder dos professores,

combateram seus sindicatos, reduziram o ensino a um treinamento e implementaram um ataque completo à imaginação através de métodos como o ensino voltado a preparar unicamente para provas e concursos e a redução do financiamento para as necessidades mais básicas da escola. As escolas públicas foram transformadas em locais que potencializam a criminalização de estudantes pobres negros e pardos. Além disso, os líderes neoliberais têm procurado retirar das escolas seu potencial antiautoritário e igualitário de ensinar os alunos a viver como cidadãos críticos e informados em uma democracia.

Os professores grevistas de Los Angeles não estão lutando apenas por turmas menores, mais financiamento, regulamentação de escolas privadas e salários mais altos. Eles também estão lutando por mais serviços, menos testes, enfermeiros em tempo integral em todas as escolas (80% das escolas de Los Angeles não têm enfermeiros), assistentes sociais, mais conselheiros, bibliotecários e psicólogos.

Professores e estudantes de Los Angeles estão rejeitando veementemente a grosseira afirmação neoliberal de que a educação é estritamente voltada para a prática ou que ela deve ser avaliada como o investimento econômico final. Também estão desafiando a maneira como o poder político está concentrado no topo dos sistemas escolares e combatendo o fato de a educação formal ser excessivamente influenciada por bilionários como Eli Broad e Reed Hastings, que "gastaram 9,7 milhões de dólares na primavera de 2017 para garantir a eleição de uma maioria de representantes, no conselho escolar da cidade, a favor da privatização da escola pública" (Goodman, 2019, p. 1).

Essa greve também ecoa a luta que os educadores estão travando contra grandes corporações e legisladores de direita que trabalham agressivamente para privatizar a educação pública. Com isso, estão rejeitando os valores de mercado e de negócios

como os princípios definidores da educação em favor das considerações mais amplas que se concentram na alfabetização cívica, nos valores públicos e no pensamento crítico. Eles também rejeitam formas de terrorismo pedagógico que procuram impedir os estudantes de falar de problemas sociais importantes, ou mesmo de política.

O que ficou claro para os educadores em todo o país é que o neoliberalismo não apenas alcançou o domínio sobre a economia, mas também se tornou um princípio organizador fundamental para moldar todos os aspectos da educação. No nível da escola pública, treina os alunos para a disciplina no local de trabalho, diminui as expectativas e mata a imaginação; no nível do ensino superior, substitui as capacidades críticas dos alunos pelo treinamento para carreiras, limitando sua disposição de acreditar em algo maior do que eles mesmos. Ainda no nível do ensino superior, os auxiliares com remuneração reduzida substituem os professores titulares, os serviços são terceirizados, os salários dos administradores aumentam e os alunos são vistos como fregueses.

A luta contra o neoliberalismo deve começar com a luta pela educação, considerada um bem público democrático, e com o reconhecimento de que a educação é uma prática moral e política que constitui uma luta por conhecimento, identidades, agência e uma noção particular do futuro. Se os professores não tiverem controle sobre as condições de seu trabalho e se os alunos não tiverem a capacidade de entender como o conhecimento está relacionado a poder, moralidade, responsabilidade social e justiça, não terão o poder nem a linguagem necessários para se envolver em formas coletivas de luta contra os esforços da sociedade para tirá-los do roteiro da democracia. Não terão linguagem para reconhecer a ascensão do autoritarismo nas instituições governamentais da sociedade e em seus próprios valores.

Se os conservadores veem a pedagogia como a transmissão de habilidades sem vida, professores notáveis veem a pedagogia

como o fundamento pelo qual os alunos aprendem como o conhecimento está relacionado ao poder, a questões de autodefinição e à base para a intervenção no mundo. Professores de escolas públicas e do ensino superior se recusam a serem cúmplices de instituições educacionais que insistem na importância do treinamento e de formas entorpecedoras de ensino em um período de violência generalizada. Esse é um ponto crucial – um ponto que os professores de todo o país estão começando a entender e no qual estão começando a agir. Esses professores não veem a educação apenas como profundamente política, mas também como uma forma de resistência organizada.

Na verdade, os coveiros da democracia já estavam trabalhando muito antes do aparecimento de Donald Trump. Forças como os extremistas do Partido Republicano, bilionários de direita, elite financeira, mídia conservadora, nativistas, supremacistas brancos e evangélicos de direita fizeram todo o possível para consolidar o controle das instituições de comando da vida dos Estados Unidos, a fim de enfraquecer o domínio das leis e separar questões de liberdade e poder político das tradições democráticas de igualdade e governo pelo público. Nem a ascensão de Trump nem o surgimento do populismo de direita ocorreram no vácuo. Trump é o produto de um projeto neoliberal de longa data, sustentado por uma cultura formativa antidemocrática na qual as instituições educacionais foram usadas para moldar identidades baseadas no mercado, bem como modos de agência e assuntos coletivos unidos pela noção de que não há alternativa a uma injusta e perniciosa ordem social capitalista.

Em resposta a esse argumento, Fisher (2009) afirma que a expressão "realismo capitalista", criada por ele, descreve "o amplo entendimento de que não apenas o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, mas também que agora é impossível imaginar uma alternativa coerente a ele". Ainda segundo o autor,

o realismo capitalista funciona menos como uma forma grosseira de quase propaganda do que como uma máquina pedagógica, social e cultural que produz "uma atmosfera difusa, condicionando não apenas a produção da cultura, mas também a regulamentação do trabalho e da educação, agindo como uma espécie de barreira invisível que restringe o pensamento e a ação" (p. 39).

Escondido atrás de um anonimato inquestionável, o neoliberalismo aparece menos como uma ideologia do que como uma racionalidade baseada no mercado que, por padrão, rejeita corretamente qualquer investigação sobre seu objetivo de governar toda a vida social. A lógica implacável da globalização do neoliberalismo tenta esconder seu próprio poder, enquanto torna as pessoas prisioneiras de sua ode privatizante, mercantilizadora e mutiladora do setor público em favor de interesses particulares e individualistas.

A defesa da educação como um bem público

Felizmente, professores, estudantes, movimentos sociais progressistas e outros estão se levantando, recusando-se a ser excluídos do roteiro de uma democracia potencialmente radical. No entanto, muitas vezes as pessoas que lutam corajosamente contra os crescentes retrocessos na democracia se esquecem de que os frequentes ataques ao setor público acabam por enfraquecer a educação e a saúde públicas, e, portanto, dificultam o engajamento dos jovens em movimentos coletivos. Tais ataques não são novos, mas eles simplesmente se intensificaram na administração de Trump. À medida que uma cultura de guerra começou a organizar todos os aspectos da sociedade, as escolas se transformaram em zonas de abandono econômico e político.

Cada vez mais modeladas com base nas prisões, as escolas têm sido submetidas a pedagogias de opressão e expurgado as

experiências, os valores e a criatividade necessários para que os estudantes expandam e aprofundem seus conhecimentos, valores e imaginação. Além disso, como a violência estatal e corporativa engloba toda a sociedade, as escolas têm sido sujeitas a formas de violência extrema que no passado existiam exclusivamente fora de suas portas. Sob tais circunstâncias, os jovens são vistos, cada vez mais, como suspeitos e se tornam alvos de uma cultura de armas que coloca os lucros acima da vida estudantil e de uma maquinaria neoliberal de crueldade, miséria e violência dedicada ao fracasso educacional generalizado.

Em vez de absorver os estudantes com um senso de responsabilidade ética e social, enquanto os preparam para uma vida de mobilidade social e econômica, as escolas públicas foram convertidas em esferas de segurança de alta tecnologia cujos princípios definidores são medo, incerteza e ansiedade. Nesse sentido, uma visão corporativa dos Estados Unidos reduziu a cultura da escola à cultura de negócios e de um campo armado e, com isso, impôs uma ameaça real e simbólica de violência a escolas, professores e alunos. Dessa forma, o pensamento se tornou o inimigo da liberdade e os lucros se tornaram mais importantes que as vidas humanas.

As escolas públicas estão no centro do colapso fabricado no tecido da vida cotidiana. Estão sob ataque não porque estão fracassando, mas porque são públicas – um lembrete da centralidade do papel que desempenham na afirmação de que cidadãos criticamente letrados são indispensáveis a uma democracia vibrante. Além disso, simbolizam a centralidade da educação como um bem público e de direito, cuja missão é capacitar os jovens a exercerem esses modos de liderança e governança nos quais "eles podem se tornar totalmente livres para reivindicar sua agência moral e política" (Moyers, 2007, p. 2).

Rejeitando a ideia de que a educação é uma mercadoria a ser comprada e vendida, professores e estudantes de todo o

país estão reivindicando a educação como um bem público e um direito humano, um espaço protetor que deve ser livre de violência e aberto ao ensino e ao aprendizado críticos. Não só é um lugar para pensar, se engajar em um diálogo crítico, encorajar o potencial humano e contribuir para a vitalidade de uma política democrática, mas também um lugar onde o social floresce, onde alunos e professores aprendem a pensar e agir juntos.

Sob a atual era do fascismo neoliberal, a educação é especialmente perigosa quando faz o trabalho de ponte entre as escolas e a sociedade em geral, entre o eu e os outros, e permite que os alunos traduzam problemas privados em considerações sistêmicas mais amplas. Escolas são perigosas porque exemplificam a ideia de Bernstein (2005) segundo a qual a democracia é um modo de vida, um ideal ético que exige atenção ativa e constante. E se não conseguirmos criar e recriar a democracia, não há garantia de que ela irá sobreviver.

Insistir no direito de ensinar, no direito de aprender e no direito de ver as escolas como um bem público valorizado historicamente tem sido um ato radical. Como chegamos ao momento presente? Sob o regime do neoliberalismo, a desindustrialização, a revolta fiscal da década de 1970 e o crescente ataque ao contrato social e ao Estado de bem-estar social impuseram novos ônus à educação pública no final do século XX e início do século XXI. As escolas estavam cada vez mais subfinanciadas à medida que as cidades do interior desciam à pobreza, as turmas aumentavam, os estudantes pobres abandonavam os estudos e as escolas ficavam mais segregadas por classe e raça. Os professores foram cada vez mais desqualificados e perderam o controle sobre as condições de seu trabalho, com esquemas meritocráticos e regimes baseados em exames de desempenho que foram implementados por meio de reformas educacionais.

Essas reformas, embora supostamente apelassem para ideais educacionais, especialmente o de que ajudariam estudantes

economicamente desfavorecidos, fizeram exatamente o oposto e transformaram as escolas, em grande parte, em cidadelas esmagadoras da imaginação, repletas de tédio e conformidade. A política educacional do presidente Bush, com a Lei de 2001, "No child left behind", que potencializou a defasagem escolar, foi seguida pela política de Obama intitulada "Race to the top". Infelizmente, Obama simplesmente forneceu mais das mesmas abordagens sem saída que prejudicaram a educação pública por décadas (Sanchez, 2017).

Em uma reunião com professores, em 2018, a secretária de Educação Betsy DeVos, uma bilionária e totalmente desavergonhada defensora da escola privada, aderiu ao roteiro antiescola pública e antiprofessor, afirmando que esperava que os professores "pegassem suas divergências e as resolvessem não à custa das crianças e de sua oportunidade de ir à escola e aprender" (DeVos *apud* Rozna, 2018). Em parte, esse é o código para uma narrativa com que conservadores e liberais há anos culpam os professores, exclusivamente, pelos alunos que abandonam a escola, acabam no sistema jurídico criminal, têm um desempenho acadêmico insuficiente e desconfiam da autoridade, entre outras questões. Como se tais falhas fossem inteiramente responsabilidade dos professores, independentemente da defasagem das escolas, do aumento das salas de aula superlotadas, do aprofundamento da pobreza generalizada, da indigência do setor público, dos ataques apressados aos funcionários públicos, da transformação das cidades em cidades-fantasmas, do esmagamento dos sindicatos e da criação de condições de trabalho para professores que são nada menos que deploráveis. Nenhuma surpresa aqui: a sra. DeVos parece ter uma propensão para argumentos simplistas quando se trata de comentar sobre escolas públicas, professores e estudantes.

O ataque ideológico a escolas públicas, professores e estudantes está agora em pleno vigor graças a uma aliança entre grandes corporações, bilionários, como os irmãos Koch, fundações

conservadoras, grupos de *lobby* empresarial, como o Conselho Legislativo de Intercâmbio Norte-americano, e a administração Trump. Essa aliança visa privatizar as escolas públicas, aumentar as isenções fiscais para os ricos (privando as escolas de receitas essenciais), substituir a administração das escolas públicas por administração privada, apoiar programas de vale-educação, cortar serviços públicos, endossar a instrução online e redefinir as escolas públicas com base em questões de segurança, situando-as ainda como campos armados e extensões do sistema legal penal. A questão aqui é: por que as corporações, os políticos, os gerentes de fundos multimercado e uma horda de bilionários querem destruir a educação pública e causar danos irreparáveis a milhões de crianças?

Em uma importante reflexão sobre o modo como as grandes corporações estão dominando o Estado e o governo dos Estados Unidos, Gordon Lafer (2017) afirma que os Estados Unidos são um país em declínio, caracterizado por um grande crescimento da desigualdade econômica e do número de famílias incapazes de se sustentarem, pelo aumento de dificuldades para os trabalhadores, pelo declínio das provisões sociais, pela evisceração de bens públicos, pela restrição de direitos dos eleitores, pela redução dos padrões de emprego, por ataques contínuos às redes de segurança social e por uma classe média cada vez menor. Lafer acredita que a guerra contra as escolas está enraizada em um conjunto aterrorizante de políticas neoliberais e que as grandes empresas estão determinadas a desmantelar a educação pública. Ele argumenta que

> grandes corporações estão [...] preocupadas [...] em se proteger das massas à medida que planejam o aumento da desigualdade econômica [e] tentam evitar uma reação populista [...] diminuindo as expectativas de todos quanto ao que temos o direito de exigir como cidadãos [...]. Quando você pensa sobre aquilo a que

> os estadunidenses acham que temos direito, apenas morando aqui, é muito pouco. A maioria das pessoas não acha que você tem direito a cuidados de saúde ou a uma casa. Você não tem necessariamente direito a comida e água. Mas as pessoas acham que você tem o direito de que seus filhos tenham uma educação decente. (Lafer, 2017, p. 28)

Professores e estudantes se unem, lutam e resistem!

Contra o atual ataque frontal à educação pública e aos direitos de professores e estudantes, uma nova onda de oposição se desenvolveu em torno das escolas do país, o que provocou a imaginação do público e mobilizou um grande número de estudantes, educadores e o público em geral. Os professores estão saindo, fazendo greves e se manifestando em estados de todo o país. Desde a greve inicial na Virgínia Ocidental até as manifestações no Colorado, Kentucky, Arizona e Carolina do Norte, e potencialmente em outros estados incluindo Louisiana, Nevada e Carolina do Sul, os professores protestam não apenas contra os baixos salários, mas também contra questões relacionadas a eles, como a redução do financiamento escolar (induzidas por medidas fiscais regressivas destinadas a beneficiar os ricos e as corporações), salas de aula superlotadas e o aumento dos seguros de saúde.

A bem-sucedida greve da Virgínia Ocidental foi especialmente notável, argumenta Aronoff (2018), porque foi uma das maiores "ações de trabalho na história recente dos Estados Unidos, rejeitando a austeridade e, em alguns pontos, até os desejos de seus líderes sindicais". Professores da Virgínia Ocidental estavam sob crescente ataque por parte de um Legislativo controlado pelo Partido Republicano e seu governador republicano, Jim Justice, bilionário do carvão, que conspirou para forçar os professores

a pagar seguros cada vez mais altos por seus cuidados de saúde, a lidar com turmas cada vez maiores e a suportar o que Lynn Parramore descreveu como "condições cada vez mais inviáveis – incluindo tentativas de forçá-los a registrar detalhes privados de sua saúde diariamente em um aplicativo de bem-estar... [embora lhes fosse permitido] não mais que um aumento anual de 1% (efetivamente um corte salarial, considerando a inflação) em um estado onde os salários ficaram em 48º lugar entre os 50 estados" (Parramore, 2018). Ao final de uma greve de nove dias, eles negociaram um aumento salarial de 5%.

Greves similares se seguiram em Oklahoma, Kentucky, Arizona e outros lugares. Embora todas abordassem questões específicas de seus estados, essas greves compartilharam várias questões que revelaram uma tentativa mais ampla de prejudicar a educação pública. Em todos esses estados, os professores recebiam salários insignificantes, de "quase 13.077 dólares abaixo da média nacional, de 58.353 dólares, e bem abaixo do valor nacional de Nova York, de 79.152 dólares" (Elk, 2018, p. 2). Muitos professores tiveram de trabalhar em dois ou três empregos extras simplesmente para sobreviver. Em vários casos, seus planos de pensão estavam sendo enfraquecidos. As crescentes desigualdades salariais se estendem por duas décadas para a maioria dos professores, que estão contribuindo cada vez mais para os cuidados de saúde e os custos de aposentadoria, à medida que seu pagamento fica ainda mais reduzido. O salário dos professores (contabilizando a inflação), na verdade, caiu 30 dólares por semana, de 1996 a 2015, ao passo que o pagamento para outros recém-formados aumentou em 124 dólares" (Allegretto, 2018, p. 1).

Há uma conexão direta entre os cortes de gastos para as escolas e uma diminuição dos impostos para as grandes corporações. De acordo com Blanc (2018), em Oklahoma, os impostos para as empresas não sofreram aumento desde 1990; além disso, em 2010

o governador republicano aprovou "enormes subsídios para as companhias de petróleo e gás" e em 2015 reduziu a alíquota de impostos às corporações para 2%, com o "custo para o estado [...] estimado entre 300 e 400 milhões de dólares por ano". As escolas foram escandalosamente subfinanciadas e as consequências para professores e alunos foram devastadoras. Eric Blanc observa:

> Desde 2008, o financiamento instrucional por aluno foi reduzido em 28% – de longe, a pior redução em todo o país. Como resultado, um quinto dos distritos escolares de Oklahoma foi forçado a diminuir a semana letiva para quatro dias. Os livros didáticos são escassos e escandalosamente desatualizados. Inúmeras artes, idiomas e cursos ou programas esportivos foram eliminados. As turmas são enormes. [...] Muitos dos 695 mil estudantes de Oklahoma são obrigados a se sentar no chão da sala de aula. (Blanc, 2018, p. 3)

Enquanto isso, uma notícia no jornal *The Guardian* informa que a Associação de Educação de Oklahoma divulgou um comunicado dizendo: "Mais de uma década de negligência da legislatura deu aos nossos alunos cadeiras quebradas nas salas de aula, livros desatualizados e colados com fita adesiva, semanas letivas de quatro dias, turmas que explodiram em tamanho e professores que foram forçados a doar sangue, a ter vários empregos e a recorrer a bancos de alimento para sustentar suas famílias" (Elk, 2018).

Todos os estados envolvidos em greves, manifestações e protestos ferozes foram submetidos a medidas de austeridade tóxicas semelhantes que passaram a caracterizar uma economia neoliberal. Quando os professores perceberam que as péssimas condições sob as quais trabalhavam eram comuns em outras escolas e estados e que muitos outros professores haviam chegado ao ponto de ebulição, eles estavam prontos para agir, independentemente de terem ou não o apoio de seus sindicatos. Esse foi

outro importante tópico das manifestações. As greves não foram iniciadas pela liderança dos sindicatos, que, quando agiu, era muito lenta para ser eficiente. À medida que as condições de trabalho dos docentes se deterioravam e o ataque às escolas públicas atingia seu auge, os professores ignoravam seus sindicatos e usavam as mídias sociais para falar com outros professores, comunicar-se além das fronteiras nacionais e educar um público mais amplo.

Apesar de vários ataques de políticos conservadores, como o governador do Kentucky, Matt Bevin, que afirmou que os professores estavam exibindo uma mentalidade de bandido, os professores em greve obtiveram amplo apoio popular. É difícil não notar a ironia dos apóstolos neoliberais da austeridade rotulando os professores como perdedores, considerando-se que muitos têm empregos extras para poderem se sustentar e usar seu próprio dinheiro para fornecer livros, recursos básicos e, em alguns casos, até mesmo papel higiênico para funcionários e estudantes. Descobertas recentes do Centro Nacional de Estatísticas Educacionais demonstram que 94% dos professores pagam de seus próprios bolsos o material escolar – como cadernos, canetas e papel –, o que equivale, em média, a 480 dólares por ano (Chokshi, 2018).

Os verdadeiros perdedores são os políticos que deixam as escolas públicas definhar, desqualificam os professores, obrigam os estudantes a tolerar pedagogias repressivas baseadas na realização de testes, "enquanto reduzem salários, suprimentos, condições de trabalho e outras proteções sindicais dos professores, aumentando as horas de ensino e reduzindo períodos de preparação vitais" (Fraser, S., 2018). Trata-se de um roteiro neoliberal para o abandono social de bens públicos e o fim do *ethos* democrático, e precondição para o surgimento de uma versão estadunidense do fascismo. O que é particularmente promissor nesses movimentos de protesto generalizados é que eles têm o potencial de levar a consciência pública a um amplo reconheci-

mento no qual os ataques à escola pública serão entendidos como parte de uma guerra mais ampla contra as escolas, a juventude e a própria possibilidade de ensinar e aprender, algo que nessas lutas não pode ser separado.

O uso das mídias sociais pelos professores foi particularmente eficaz na divulgação de sua mensagem. De maneira individual, eles falaram publicamente sobre ter de doar sangue, recorrer a bancos de alimentos e ensinar com livros de dez anos atrás. Imagens de cadeiras e mesas quebradas, de salas de aula infestadas com roedores e de estudantes reclamando sobre livros que eram colados com fita adesiva ofereceram um chamativo arquivo visual não apenas de escolas em ruínas, salas de aula empobrecidas e estudantes sobrecarregados, mas também de um sistema político no qual governadores e legisladores republicanos estavam dispostos a implementar políticas econômicas que reduzissem os impostos das grandes e ricas corporações às custas das escolas públicas, dos professores e dos estudantes.

O Arizona é outro exemplo: não só oferece péssimo salário aos professores, como também é um estado que carece de direitos de negociação coletiva. Debbie Weingarten apresenta um resumo sucinto dos efeitos dos cortes orçamentários nas escolas para professores e estudantes do Arizona:

> Durante a recessão, a legislatura estadual do Arizona cortou 1,5 milhão de dólares das escolas públicas, mais do que qualquer outro estado, deixando as escolas do Arizona mais de 1 bilhão de dólares abaixo do financiamento de 2008 [...]. O Arizona atualmente ocupa a 49ª posição no país em relação ao pagamento de professores do ensino médio e a 50ª em relação ao pagamento de professores do ensino fundamental. Quando ajustados pela inflação, os salários dos professores caíram mais de 10% desde 2001. Os gastos por aluno no Arizona totalizaram 7.205 dólares,

> [bem menores] em comparação com a média nacional, de 11.392 dólares. Existem atualmente 3.400 salas de aula no Arizona sem professores treinados ou certificados, e o estado tem mais de 2 mil vagas para professores. (Weingarten, 2018, p. 1)

Professores do Arizona terminaram a greve depois de uma paralisação de seis dias e, embora não tenham conseguido tudo o que exigiam, o Estado deu-lhes um "aumento de 20% até 2020 e investimentos adicionais de US$ 138 milhões nas escolas" (Balingit, 2018). O mais importante é que a greve dos professores do Arizona – juntamente com outras greves e paralisações de professores – provou não apenas o poder do trabalho organizado, motivado pelas iniciativas radicais de professores dispostos a lutar por seus direitos, mesmo que os sindicatos não os apoiem, mas também a crescente aprovação de um público que não deseja permitir que o fascismo neoliberal destrua todos os vestígios do bem público, especialmente das escolas. Como Jane McAlevey observa:

> Surpreendentemente, essas greves receberam apoio esmagador do público, apesar de anos de ataques bem financiados aos sindicatos de professores. Em uma pesquisa recente da NPR/Ipsos, apenas um em cada quatro entrevistados disse achar que os professores recebem salários suficientes e três quartos disseram que os professores têm o direito de greve. Espantosamente, esse suporte vai além das linhas partidárias. "Dois terços dos republicanos, três quartos dos independentes e quase nove entre dez democratas" apoiam o direito dos professores à greve, mostrou a pesquisa. (McAlevey, 2018, p. 2)

Protestos contra o esvaziamento dos salários de professores, das pensões e dos benefícios de saúde não se referem simplesmente a orçamentos escolares. Trata-se também de uma política mais

ampla em que grandes corporações e a elite financeira travaram uma guerra contra a democracia e instituíram políticas que produzem uma redistribuição maciça de riqueza para as mãos da elite dominante. Jovens e professores revitalizados estão criando uma nova ótica para a mudança e o futuro.

Movimentos de massa para resistir ao neoliberalismo

As greves dos professores apontam para um movimento de base que não permitirá mais que os apóstolos do neoliberalismo, os partidos Republicano e Democrata e a elite financeira desmontem impiedosamente a educação pública. Nelas está implícita a necessidade de tais grupos aprenderem uns com os outros, compartilharem poder e trabalharem para criar um movimento social de massa. Esse tipo de formação social é ainda mais imprescindível, uma vez que nenhum movimento ou grupo organizado em torno de questões singulares pode derrotar a concentração de forças econômicas e políticas predominante no capitalismo de cassino. Dado o apoio público que os professores em greve receberam, é crucial que tal luta conecte a batalha pelas escolas a uma luta mais ampla que apele aos pais, que ainda veem a escola pública como um dos poucos caminhos para que seus filhos tenham mobilidade econômica e social. Ao mesmo tempo, é indispensável que os professores em greve apresentem o caso a um público maior, tendo em vista que, sem um sistema de educação público acessível e de qualidade, os espaços públicos protetores e cruciais fornecidos por uma democracia real estão em perigo e podem ser perdidos.

Professores, jovens e outros movimentos sociais estão criando uma linguagem nova e potencialmente radical para a política e para a reforma educacional. Considerando os tempos autoritários em que vivemos, essa linguagem é desesperadamente necessária para uma sociedade que enfrenta uma iminente crise de memória,

agência e democracia. Se a sociedade americana for capaz de contrabalançar a revolta populista profundamente antidemocrática que levou um governo fascista ao poder nos Estados Unidos, os progressistas e outros precisam de uma nova linguagem que conecte a crise da escola à crise da democracia e, ao mesmo tempo, rejeite a equivalência entre capitalismo e democracia. O ataque à escola pública é sintomático de uma crise mais profunda que envolve a extensão dos princípios do mercado a todas as facetas do poder, da cultura e da vida cotidiana. A escola pública está sitiada junto com os valores e relações sociais que dão sentido viável ao bem comum, à justiça econômica e à própria democracia.

Os professores em greve reconheceram que qualquer reivindicação radical de reforma educacional exige mais do que um pedido de aumento salarial, pensões adequadas e recursos escolares. As demandas por reformas educacionais radicais também exigem o que Martin Luther King Jr. (1964) certa vez chamou de "revolução de valores". Os professores em greve, esperançosamente, transformarão um momento em um movimento e, ao fazê-lo, deixarão claro que não há contradição entre a luta por escolas públicas de qualidade e a luta contra outras injustiças, como pobreza, encarceramento em massa, desigualdade descontrolada, dívida estudantil massiva, violência e escalada da militarização da sociedade e da guerra no planeta. Por todo o país, professores, estudantes e outros educadores demonstraram que os ideais democráticos, mesmo sob condições de tirania neoliberal, podem ser reconhecidos, abraçados e conquistados. A educação é um sintoma de uma crise mais profunda, perigosa e mais fundamental que exige análises e ações voltadas às causas em suas raízes. O brutal fascismo neoliberal do momento só pode ser derrotado se professores, jovens e ativistas de base desenvolverem alianças e novas topografias para abordar as causas do atual despotismo brutal e perda de fé nas instituições democráticas – o que significa um forte movimento anticapitalista (Harvey, 2016).

A luta pela educação pública nos Estados Unidos incentivou novos modos de crítica, que contêm o potencial de construir um movimento de massas de baixo para cima e traduzir demandas de um único assunto em expectativas mais amplas de mudança social e visões alternativas para um país democraticamente socialista. Esperançosamente, esse movimento continuará a ser guiado pelo tipo de energia e discernimento que Ursula Le Guin articulou: "Não conheceremos nossa própria injustiça se não pudermos imaginar a justiça. Nós não seremos livres se não imaginarmos a liberdade. Não podemos exigir que alguém tente alcançar justiça e liberdade se não houve a chance de imaginá-los como atingíveis" (Le Guin, 2018).

Isso sugeriria uma reformulação radical da linguagem da liberdade, autonomia, igualdade e justiça, que se recusasse a ser articulada com as esferas neoliberais de privatização, cultura de consumo, desregulamentação, e com uma política de exclusão terminal, descartabilidade e aceleração do indesejado. As escolas não podem mais ser vistas como zonas de abandono político, econômico e social. Os professores em greve em todo o país estão deixando claro que todos têm o direito de viver em uma sociedade educada e em uma democracia, e que não se pode ter um sem o outro. Esperançosamente, eles podem aprender com as batalhas históricas do passado enquanto lideram a luta para fundir vários movimentos diferentes para uma democracia radical.

Grito de guerra: os jovens devem se mobilizar para defender a democracia

No capitalismo neoliberal, a educação e o modo como ensinamos nossa juventude se tornaram centrais para a política. Nosso sistema atual estimulou uma cultura de narcisismo, consumismo, privatização e mercantilização. A cultura cívica foi muito prejudicada,

enquanto qualquer noção viável de cidadania compartilhada foi substituída por relações comerciais e mercantilizadas. O que isso sugere é que formas importantes de dominação política e social não são apenas econômicas e estruturais, mas também intelectuais e relacionadas à maneira como aprendemos e ensinamos. Um dos grandes desafios para aqueles que acreditam em uma democracia real, especialmente acadêmicos e jovens, é a necessidade de reinventar a linguagem da política a fim de deixar claro que não existe uma democracia substantiva e inclusiva sem cidadãos esclarecidos.

É imperativo que os acadêmicos recuperem a educação superior como uma ferramenta da democracia e conectem seu trabalho a questões sociais mais amplas. Devemos também assumir o papel de intelectuais públicos que entendem que não há democracia real sem uma cultura de questionamento, autorreflexão e poder crítico genuíno. Além disso, é crucial criar condições que expandam essas culturas e esferas públicas nas quais os indivíduos podem trazer seus problemas privados para um sistema maior.

É hora de os acadêmicos desenvolverem uma cultura de questionamento que permita que os jovens e outras pessoas reajam à injustiça. Precisamos tornar o poder algo responsável e abraçar a justiça econômica e social como parte da missão do ensino superior. Todas as gerações enfrentam provações exclusivas de seus próprios tempos. A atual geração de jovens não é diferente, embora o que esteja experimentando possa ser sem precedentes. No topo da lista de incertezas está a precariedade do tempo – uma época em que a segurança e os fundamentos desfrutados pelas gerações anteriores foram amplamente abandonados. Estruturas sociais tradicionais, empregos de longo prazo, comunidades estáveis e laços permanentes têm definhado diante da globalização, da descartabilidade e do flagelo do consumismo desenfreado.

Trata-se de um momento em que a enorme desigualdade assola o planeta. Recursos e poder são amplamente controlados

por uma pequena elite financeira. O contrato social está encolhendo: a guerra se tornou normalizada, proteções ambientais estão sendo desmanteladas, o medo se tornou o novo hino nacional, e mais e mais pessoas, especialmente jovens, estão sendo deixadas fora do roteiro da democracia. No entanto, em todo o mundo, o espírito de resistência por parte dos jovens volta a ganhar vida, pois eles rejeitam o racismo crescente, a islamofobia, o militarismo e o autoritarismo que estão surgindo em todo o mundo. Eles não devem ser desencorajados pela maneira como o mundo olha para o momento presente. A esperança nunca deve se render às forças do cinismo e da resignação.

Em vez disso, a juventude deve ser visionária, corajosa, disposta a criar problemas e a pensar perigosamente. As ideias têm consequências e, quando são empregadas para nutrir e sustentar uma democracia florescente na qual as pessoas lutam pela justiça em conjunto, a história será feita. A juventude deve rejeitar medir suas vidas simplesmente em termos tradicionais de riqueza, prestígio, *status* e do falso conforto de condomínios fechados e imaginações bloqueadas. Ela também deve se recusar a viver em uma sociedade na qual o consumismo, o interesse próprio e a violência funcionem como as únicas formas viáveis de moeda política. Tais metas são política, ética e moralmente deficientes e se submetem à noção falida de que somos primeiramente consumidores e, em segundo lugar, cidadãos.

Os jovens devem ser firmes, generosos, honestos, cívicos e pensar em suas vidas como um projeto enraizado no desejo de criar um mundo melhor. Devem expandir seus sonhos e pensar sobre o que significa construir um futuro marcado por uma democracia robusta e inclusiva. Para isso, precisam abraçar atos de solidariedade, trabalhar para expandir o bem comum e coletivizar a compaixão, práticas que lhes concederão a capacidade de governar com sabedoria, em vez de simplesmente serem governados maliciosamente. Tenho grande esperança de que a geração atual

enfrente o autoritarismo venenoso que está emergindo em muitos países hoje. Uma estratégia para fazer isso é reafirmar o que nos une. Como podemos desenvolver novas formas de solidariedade? O que significaria elevar a dignidade e a decência das pessoas comuns em todos os lugares?

Os jovens precisam aprender a testemunhar as injustiças que os cercam. Eles precisam aceitar o chamado para se tornarem visionários dispostos a criar uma sociedade na qual as pessoas, como Moyers (2007) argumenta, possam "se tornar totalmente livres para reivindicar sua agência moral e política". É ainda Moyers quem diz que, perto do fim de sua vida, perguntaram a Helen Keller se havia algo pior do que perder a vista. Ela respondeu que perder sua visão de mundo teria sido pior. Os jovens de hoje devem manter, nutrir e aprimorar sua visão de um mundo melhor.

A história contém o antídoto contra a política fascista neoliberal

Os Estados Unidos estão em um estado de crise que afeta todos os aspectos da vida pública, o que se estende de uma crise econômica produzida pela desigualdade maciça a uma crise de ideias, agência, memória e política, auxiliada e estimulada pelo controle de aparelhos que induzem a formas onipresentes de amnésia histórica. Estamos em um novo período histórico, em que tudo é transformado e corrompido pelas ferramentas neoliberais de financeirização, desregulamentação e austeridade. Dentro desse novo nexo de poder, os princípios antidemocráticos se normalizaram, enfraquecendo as defesas democráticas da sociedade. Graus flagrantes de exploração e militarismo descontrolado são agora acompanhados por uma política de descartabilidade e exclusão terminal, na qual os seres humanos são vistos como

a personificação do desperdício humano, reforçada, se não impulsionada, por um *ethos* de nacionalismo branco e supremacia branca. Como observou o historiador Paul Gilroy (2000), o movimento da história e a produção da política estão agora sendo lidos "através de categorias racializadas".

Os princípios fascistas, ou uma versão do que Lennard (2019) chama de microfascismo, agora operam em tantos níveis da sociedade cotidiana, que é difícil reconhecê-los, especialmente porque eles têm a marca do presidente dos Estados Unidos. Práticas e desejos fascistas se manifestam através de diversas plataformas de mídia social e aparatos culturais tradicionais e de direita. Em grande parte, eles funcionam ideológica e politicamente para objetificar as pessoas, promover espetáculos de violência, apoiar o consumismo como o único modo de vida viável, legitimar um nacionalismo assassino, construir fronteiras psicológicas na mente das pessoas a fim de privilegiar certos grupos, promover a inconsciência através da onipresença da cultura das celebridades, normalizar o discurso do ódio nas trocas cotidianas e produzir infinitas "práticas de autoritarismo, dominação e exploração que nos formam" (Lennard, 2019, p. 3).

Na névoa da amnésia social e histórica, os limites morais desaparecem, as pessoas se tornam mais receptivas a atos extremos de crueldade e a máquinas de propaganda que criam pensamentos alternativos e veem qualquer crítica viável do poder como *fake news*, enquanto desconectam a linguagem e as políticas tóxicas de seus custos sociais. O escritor Fintan O'Toole pode estar certo ao argumentar que essas ações constituem um teste para o fascismo:

> O fascismo não surge repentinamente em uma democracia existente. Não é fácil fazer as pessoas desistirem de suas ideias de liberdade e civilidade. É preciso realizar testes que, se bem executados, têm dois propósitos: eles acostumam as pessoas a algo

> de que podem recuar inicialmente e lhes permitem refinar e calibrar. É isso que está acontecendo agora, e seríamos tolos se não o víssemos. (O'Toole, 2018)

Sob o reinado do neoliberalismo, a praga sombria do fascismo envolve a sociedade estadunidense à medida que a história dos campos de concentração desaparece, o assassinato de intelectuais é esquecido e o terror da violência fascista evapora nos espetáculos de violência acompanhados de tagarelice anti-intelectual e de uma desenfreada cultura de esquecimento. O que deve ser lembrado aqui é que não somos apenas sujeitos morais e políticos, mas também sujeitos históricos capazes de entender e mudar o mundo. E é precisamente essa relação entre consciência histórica e ação política que aponta para novas possibilidades de mudança. E, embora a consciência histórica possa ser informativa e emancipatória, também pode levar a "interpretações maliciosas do presente" (Haven, 2009), bem como a elementos da história difíceis de aceitar.

Ao mesmo tempo, a consciência histórica pode revelar memórias e narrativas perigosas daqueles cujas vozes foram abafadas por quem tem o poder de escrever a história para servir a seus interesses estreitos e reacionários. É precisamente no uso da história "crítica" para oferecer os recursos capazes de desafiar as ferramentas ideológicas, educacionais e militantes empregadas pelos emergentes grupos fascistas de direita que o uso tóxico que estes fazem da história e do presente pode ser desafiado. Nesse caso, qualquer movimento social radical precisa de uma noção de luta historicamente informada que esteja solidamente do lado de um forte movimento anticapitalista. A resistência não é mais uma opção, já que a humanidade e a própria vida do planeta estão em jogo.

O fascismo neoliberal, uma nova formação social e política que combina as consequências selvagens da desigualdade econômica e de uma política de sobrevivência com os ditames do

ultranacionalismo e da supremacia branca, surgiu já nas últimas décadas do século XX e se tornou um poderoso motor de violência e crueldade, tanto nos Estados Unidos quanto em um número crescente de outros países. Trata-se de um inimigo das formas revisionistas da história porque despreza qualquer recurso que possa ser usado para responsabilizar o poder e traduzir os eventos passados em uma forma de testemunho moral no presente.

Em suas formas atualizadas, qualquer resistência viável ao fascismo precisa de novas narrativas, de um novo entendimento de política, poder e resistência, a fim de combater a violência e o terrorismo de Estado, revivendo a memória histórica como um fórum para interrogar criticamente o inquietante e o indizível; precisa também de envolvimento crítico com uma cultura de violência real, visceral e simbólica. A política aqui assume uma necessidade e uma ambição éticas. Mais importante, precisamos de uma política na qual a educação se torne central, uma política em que se reconheça que o momento populista a serviço do capitalismo neoliberal é, em sua essência, uma crise de identidade, memória e agência, se não da própria democracia.

À medida que o capital é libertado de todas as restrições, a memória histórica e as instituições que a apoiam definham, juntamente com os ideais democráticos de igualdade, soberania popular e liberdade das necessidades sociais básicas. A estudiosa Nancy Fraser argumentou que o aumento do populismo nos Estados Unidos é parcialmente alimentado por uma revolta contra as elites políticas, as falsas promessas da democracia liberal e os "bloqueios" causados pelos modos neoliberais de governança.

> Nos Estados Unidos, esses bloqueios incluem a metástase das finanças; a proliferação de trabalhos precários no setor de serviços; o aumento da dívida do consumidor para permitir a compra de material barato produzido em outros lugares; os aumentos conjuntos nas emissões de carbono, nas condições climáticas

> extremas e na negação do clima; o encarceramento racista em massa e a violência policial sistêmica; as tensões crescentes na vida familiar e comunitária, em parte, graças ao aumento do horário de trabalho e à diminuição dos apoios sociais. Juntas, essas forças têm esmagado nossa ordem social há algum tempo sem produzir um terremoto político. Agora, no entanto, todas as apostas estão desativadas. Na atual rejeição generalizada à política, como de costume, uma crise objetiva, em todo o sistema, encontrou sua voz política subjetiva. A vertente política da nossa crise geral é uma crise de hegemonia. (Fraser, 2017a, p. 48)

Nesse caso, o populismo surge como uma forma de política na qual qualquer gesto para dar voz e poder reais às pessoas é substituído pelo poder dos demagogos que afirmam falar em seu nome. O populismo de direita começa como uma revolta contra uma sociedade neoliberal que no discurso é rapidamente apropriado por demagogos como Donald Trump para lidar com uma mistura de ansiedade econômica, incerteza existencial e o medo de imigrantes sem documentos, refugiados e requerentes de asilo. Em vez de aprender com um passado repleto de guerras genocidas travadas em nome da diferença, os tiranos fascistas emergentes consagraram uma forma de desaprendizagem que privilegia comas morais e reconta intermináveis narrativas de ódio que difamam imigrantes, refugiados e crianças sem documentos como inimigos escolhidos dos modelos de limpeza racial.

Algo sinistro e horrível está acontecendo com supostas democracias liberais em todo o mundo. Instituições democráticas como mídia independente, escolas, sistema legal, Estado social e ensino público e superior estão sitiados em todo o mundo. A mídia pública está subfinanciada, as escolas são privatizadas ou modeladas de acordo com as prisões, os fundos para provisões sociais desaparecem à medida que os orçamentos militares

aumentam e o sistema jurídico está cada vez mais posicionado como um mecanismo de discriminação racial e instituição padrão para criminalizar uma série de comportamentos. Os ecos de um passado fascista estão conosco novamente, ressuscitando discursos de ódio, exclusão e ultranacionalismo em países como Estados Unidos, Hungria, Brasil, Polônia, Turquia e Filipinas.

Os partidos extremistas de direita infundiram uma ideologia fascista com nova energia por meio de um populismo apocalíptico que constrói a nação mediante uma série de exclusões racistas e nativistas, enquanto alimenta o caos produzido pela dinâmica do neoliberalismo. Sob tais circunstâncias, as promessas de uma democracia liberal estão diminuindo à medida que os reacionários atuais trabalham para subverter a linguagem, os valores, a coragem cívica, a história e uma consciência crítica. O presidente brasileiro Jair Bolsonaro, por exemplo, prometeu livrar o sistema educacional de seu país de todas as referências ao trabalho do educador Paulo Freire. Nos Estados Unidos, Trump acelera seu trabalho no ensino público e superior cortando orçamentos e nomeando Betsy DeVos, inimiga da educação pública, como secretária da Educação. Além disso, a educação em muitas partes do globo tornou-se cada vez mais uma ferramenta de dominação, à medida que os fundamentalistas do mercado e os políticos reacionários aprisionam intelectuais, fecham as escolas, diminuem o currículo progressivo, atacam os sindicatos de professores e impõem pedagogias de repressão, matando frequentemente as capacidades imaginativas e criativas dos estudantes enquanto transformam as escolas públicas em uma esteira rolante que leva os alunos marginalizados por classe e cor a uma vida de pobreza ou, pior, ao sistema de justiça criminal e à prisão (Giroux, 2008)

Vivemos em uma época em que dois mundos estão colidindo. Primeiro, existe o mundo da globalização neoliberal, que está em modo de crise porque não pode mais cumprir suas promessas ou

conter sua própria crueldade. Portanto, há uma revolta mundial contra o capitalismo global, que opera principalmente para alimentar formas de populismo de direita e uma guerra sistêmica contra a própria democracia. O poder agora está apaixonado por acumular lucros e capital e é cada vez mais viciado em uma política de classificação social e limpeza racial. Segundo, há uma série genuína de revoltas e lutas democráticas que está crescendo, especialmente entre os jovens, e que está reescrevendo e revisando um roteiro atualizado para o socialismo democrático, um roteiro que pode desafiar o mundo neoliberal do capital financeiro e repensar o significado da política, se não da própria democracia.

Não resta dúvida, entretanto, de que, em todo o mundo, o impulso global para a democratização que surgiu após a Segunda Guerra Mundial está dando lugar, mais uma vez, às tiranias. Por mais alarmantes que sejam os sinais, o público não pode ignorar ou permitir que uma política fascista se enraíze nos Estados Unidos. Tal ameaça foi exacerbada como um modo de consciência, e em um momento em que a ciência perdeu o favor do público americano. Uma consequência disso é que a consciência histórica foi substituída por uma forma de amnésia social e histórica. Não sendo mais um curso obrigatório na maioria das instituições de ensino superior, a história, em seus vários registros e genealogias, caiu quase no esquecimento, numa época em que formas de conhecimento público e alfabetização cívica se aceleravam exponencialmente. Além disso, "menos de 2% dos alunos de graduação do sexo masculino e menos de 1% das alunas se formaram em História, em comparação com mais de 6% e quase 5%, respectivamente, no final dos anos 1960" (Boot, 2019, p. 4). Algumas faculdades ameaçaram abolir seus departamentos de História. Ironicamente, isso está acontecendo no momento em que um número crescente de estadunidenses desconhece o passado, tornando-se vulneráveis aos apelos simplistas dos demagogos.

A ignorância perdeu sua inocência e não é mais sinônimo de falta de conhecimento. Tornou-se maliciosa ao se recusar a conhecer, desprezar as críticas, minar o valor da consciência histórica e tornar invisíveis importantes questões relacionadas à justiça social e econômica. A ignorância de Trump é vergonhosa, mas o que ele modela é perigoso, porque a ignorância histórica presidencial sugere que os problemas que as pessoas enfrentam são enfrentados sozinhos. Isso significa que, em sua atomização e isolamento social, elas não sabem que a grande força libertadora da história reside no fato de que "ter um senso de história é saber que, aconteça o que acontecer conosco ou com nosso mundo, não estamos sozinhos. Isso já aconteceu de alguma forma antes" (Blight, 2017, p. 3). Essa forma letal de ignorância se funde agora com o uso imprudente do poder estatal que mantém a vida humana e o planeta como reféns. Blight afirma que a "ignorância de Trump sobre a história, a política, os processos políticos [e] a Constituição [é] a maior ameaça à nossa democracia" (p. 3), não seu autoritarismo. Ainda de acordo com Blight, o entendimento da história de Trump opera em um nível de compreensão que se esperaria de um aluno da quinta série ou menos.

No entanto, há mais em jogo aqui do que a produção de uma forma tóxica de ignorância e o encolhimento de horizontes históricos. Trump não apenas distorce a história, mas também a faz, e com isso sugere um desprezo pelo conhecimento, que ele manipula para fins políticos. A ignorância nas altas esferas é um benefício para os negadores da história e legitima a suposição autoritária de que ela é feita apenas por homens fortes. O que estamos testemunhando é a corrupção da política, juntamente com expressões explícitas de crueldade, uma "crueldade amplamente sancionada" (Mishra, 2018).

A educação passa a ser o ponto fundamental para a reversão desse quadro. Educadores e influenciadores devem priorizar e desenvolver uma linguagem de resistência às políticas reacio-

nárias globais. A ação desses educadores e influenciadores nos Estados Unidos é o ato de resistência aos pesadelos fascistas que vêm ganhando força, como o grotesco e bizarro Jair Bolsonaro, no Brasil. O baixo nível crítico, a noção de "cidadania meramente consumidora", a cultura de crueldade só podem ser combatidos com cidadãos esclarecidos e plenamente engajados. É preciso recuperar a centralidade do papel da educação e afastar os fantasmas do passado.

Isso é especialmente verdadeiro no momento em que a amnésia histórica e social se tornou um passatempo nacional, particularmente nos Estados Unidos, compatível apenas com a masculinização da esfera pública e com a crescente normalização de uma política fascista que vive da ignorância, do medo, do ódio e da supressão de dissidências.

A opressão não é mais definida apenas pelas estruturas econômicas. Uma cultura neoliberal de precariedade e incerteza resultou em insegurança no emprego, salários decrescentes, redução de fundos de aposentadoria e enfraquecimento do Estado de bem-estar social, os quais são amplamente abordados por aparatos culturais de direita que enquadram pedagogicamente essas condições como parte de políticas mais amplas de medo, ódio e fanatismo. A educação, particularmente nas mídias sociais, opera com grande influência como uma caixa de ressonância para grupos de niilismo de direita e supremacia branca e se tornou um portal poderoso para fazer circular ideias fascistas, legitimar a violência alimentada pelo ódio e promover a retórica racista que mina os ideais democráticos. No entanto, a educação não se resume apenas à dominação; vai muito além da sala de aula, e, embora muitas vezes imperceptível, é crucial o uso das novas mídias para que se resista ao surgimento de formações pedagógicas autoritárias e à difusão de princípios fascistas, bem como para desafiá-los.

Essa é mais uma razão para os educadores abordarem questões sociais importantes e defenderem a educação pública como esfera pública democrática. É também uma razão para defender o ensino da história como um espaço protegido no qual se ensina os alunos a pensar contra a corrente, responsabilizar o poder, adotar um senso de cidadania e coragem cívica, "aprender sobre o mundo além dos limites de suas cidades de origem e tentar entender onde eles podem se encaixar" (Alterman, 2019).

No mundo em que vivemos tudo agora é privatizado, transformado no que Silk e Andrews (2011) chamam de "espaços espetaculares de consumo" e sujeito às vicissitudes do estado de segurança militar, o tempo todo acompanhado pelo surgimento de uma política fascista enraizada nas paixões mobilizadoras do ultranacionalismo, do racismo e de um populismo apocalíptico. Uma consequência é o surgimento de uma sociedade sem as obrigações mútuas e responsabilidades sociais que tornam a democracia viável. Axel Honneth (2009) afirma que essa realidade sombria tem sido chamada de "sociabilidade fracassada" – uma falha no poder da imaginação cívica, da vontade política e das promessas de uma democracia radical. Isso também faz parte de uma política que retira o social de quaisquer ideais democráticos.

Embora seja infrutífero acreditar que haja um espelho perfeito para medir um fascismo ressurgente, é crucial reconhecer como os elementos cristalizados de um fascismo atualizado surgiram em novas formas à maneira de um autoritarismo ao estilo estadunidense. No entanto, muitos intelectuais, historiadores e especialistas em mídia negam a presença da política fascista nos Estados Unidos. Esses mesmos intelectuais, historiadores e especialistas alegam que demagogos como Trump não criaram campos de concentração ou planejaram planos para atos genocidas. Ecos de um passado fascista são surpreendentemente evidentes em condições degradantes e desumanas nos locais de detenção de migrantes, muitos dos quais abrigam crianças a

partir dos 5 meses de idade (Giroux, 2018f). O passado passou a ser perigoso demais para ser contemplado, considerado e questionado, e passa a ser reescrito pelo novo fascismo segundo suas forças antidemocráticas e ultranacionalistas. Trump passa a ser um dos avalistas dessa nova história.

Segundo Michelle Bachelet, alta-comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, as condições nos centros de detenção de imigrantes e refugiados eram "indignas" e "alarmantes". Suas acusações foram confirmadas por um relatório do Departamento de Segurança Interna sobre centros de detenção na fronteira sul:

> As más condições incluem superlotação, surtos de gripe e falta de roupas limpas. O relatório também detalhou incidentes terríveis – como uso excessivo de confinamento solitário e relatos de cordas nas celas de detidos – que sinalizam violações dos padrões de detenção da Imigração e Fiscalização Alfandegária e violações dos direitos dos detidos. (Khatami, 2019, p. 2)

A situação piora principalmente no que se refere à prisão de crianças em centros de detenção parecidos com prisões. O jornal *The New York Times* informou que muitas crianças sofrem de fome, estão alojadas em celas de blocos de concreto com apenas um vaso sanitário, dormem no chão de cimento e estão sujeitas a uma série de doenças, incluindo sarna e catapora. Segundo o *Times*, advogados que visitaram o centro de detenção de Clint, no Texas, descreveram ter visto

> crianças com roupas sujas, geralmente sem fraldas e sem acesso a escovas de dente, creme dental ou sabão. Warren Binford, diretora do programa de Direito da Universidade de Willamette, no Oregon, disse que, em todos os seus anos de visita a centros de detenção e abrigo, ela nunca havia encontrado condições tão

> ruins – 351 crianças amontoadas no que ela descreveu como um ambiente prisional. (Panich-Linsman, 2019, p. 2)

A política fascista, em sua formação capitalista mais recente e atualizada, tem uma longa história de encobrir seus crimes contra a humanidade, especialmente os atos mais geniais de genocídio. Trump e seus principais oficiais de imigração podem não estar perpetuando atos abertos de genocídio com suas políticas nativistas e atos de crueldade inimaginável no encarceramento de imigrantes, especialmente crianças. No entanto, ele segue um roteiro fascista ao negar "relatos horríveis de que crianças migrantes estavam detidas em péssimas condições em centros de detenção federais" (Cochrane, 2019), mesmo quando os relatos de doenças, fome e superlotação se multiplicaram nos últimos dias. Além disso, como seus colegas na Otan e na União Europeia, há um silêncio sobre quem cria essas populações de refugiados em todo o mundo. Mentir a serviço de formas flagrantes do mal tem uma longa história entre os demagogos.

O que é diferente com Trump é que ele mente mesmo diante de evidências irrefutáveis do contrário. Nesse caso, suas mentiras e as tentativas de encobrimento funcionam como uma forma de despolitização, ou seja, a mentira atua como uma ferramenta de poder, promovendo formas de ignorância manufaturada nas quais se torna difícil para o público separar fatos da ficção, a fim de reconhecer a violência e as injustiças impostas pelo seu governo às populações que considera descartáveis. Considerando que Trump adota uma versão atualizada das noções de falta de consideração, crueldade e banalidade, que, como concluiu Arendt (1973), são elementos centrais do totalitarismo, é difícil argumentar que o fascismo seja uma relíquia do passado.

O fascismo, em suas formas contemporâneas, como o neoliberalismo, é uma resposta particular a uma série de crises capitalistas

que incluem o aumento da desigualdade maciça, da cultura do medo, do emprego precário, de políticas de austeridade implacáveis que destroem o contrato social, do aumento do estado carcerário, da erosão do capital, do privilégio branco, entre outras questões. O fascismo também é óbvio por seu ódio ao bem público, por aquilo que Toni Morrison (2019, p. 7) chama de "[...] desejo de purgar a democracia de todos os seus ideais" e por sua disposição em privilegiar o poder sobre as necessidades humanas e em tornar a diferença racial um princípio organizador da sociedade.

Sob o reinado do neoliberalismo maníaco, tempo e atenção se tornaram um fardo, sujeito ao que o filósofo Byung-Chul Han chama de "excesso de estímulos, informações e impulsos [que] muda radicalmente a estrutura e a economia da atenção. A percepção se torna fragmentada e dispersa" (Han, 2015, p. 12). A atenção contemplativa central à leitura crítica e à escuta atenta agora abre caminho para um fluxo hiperativo de informações no qual o pensamento é superado por velocidade, compulsão, sons, fragmentos de informações e por um fluxo incessante de interrupções. Como observa Han, há um tipo de violência em que a mente fragmentada prejudica a capacidade de pensar dialeticamente, minando a capacidade de fazer conexões, imaginar amplamente e desenvolver mapas abrangentes de significado e de política. Está em ação aqui uma forma de pedagogia que, historicamente, despolitiza e deixa os indivíduos isolados, exaustos, ignorantes das forças que afetam suas vidas e suscetíveis a uma cultura de estímulo altamente carregada. Por isso, Trump considera a consciência histórica tão perigosa, uma vez que sua ausência seduz e prende indivíduos por espetáculos de violência, de crueldade e de impulsos autoritários. A memória histórica passa a ter um papel fundamental na construção, manutenção e fortalecimento da democracia.

No roteiro fascista, a memória histórica se torna uma suscetibilidade, até perigosa, quando funciona pedagogicamente para

informar nossa imaginação política e social. Isso é especialmente verdadeiro quando a memória age para identificar formas de injustiça social e permite uma reflexão crítica sobre as histórias de outros reprimidos. Por exemplo, as imagens assustadoras de crianças famintas, doentes e assustadas nos centros de detenção de imigrantes fazem mais do que romper a retórica de mito do sonho americano; elas também invocam o renascimento de memórias históricas que vinculam o presente a um passado fascista.

Além disso, críticos que ignoram tais advertências, ao se recusarem a aprender com o passado, reforçam o aviso de Walter Lippmann há um século, quando ele argumentou que "quando uma nação cria as condições em que seus cidadãos têm pouco ou nenhum conhecimento do passado", está abrindo a porta para que "se tornem vítimas de agitação e propaganda, sujeitos aos apelos de charlatões" (Alterman, 2019, p. 3). Em parte, a fusão de uma ignorância intencional e uma recusa deliberada de aprender com o passado prepara o terreno para um populismo de direita, ansioso por exalar a raiva existencial real no ódio a outros, e para uma política ligada à descartabilidade e eliminação.

Sem surpresa, a memória histórica, como forma de iluminação e desmistificação, certamente está em desacordo com o uso da história por Trump, como forma de amnésia social e camuflagem política. Por exemplo, o *slogan* da década de 1930, usado por Trump, "America First", marca um retorno regressivo a uma época em que nativismo, misoginia e xenofobia definiam a experiência no país. Essa nostalgia incipiente reescreve a história sob o brilho caloroso e "a crença em uma inocência essencial estadunidense, na absoluta excepcionalidade, na singularidade ética e no destino manifesto dos Estados Unidos" (Dorfman, 2017a). A inocência, nesse roteiro, é o material das mitologias que distorcem a história e apagam o significado político do testemunho moral e da memória histórica como uma maneira de ler, traduzir e interrogar o passado quando ele afeta e, às vezes, explode o presente.

Com Trump, tanto a linguagem quanto a memória são desabilitadas, esvaziadas de conteúdo substantivo, e o espaço de uma realidade compartilhada, crucial para qualquer democracia, é eviscerado. Nesse contexto, categorias estritas de identidade cancelam noções de responsabilidades compartilhadas e também o que foi chamado por Anya Ventura (2019) de "prática mais radical de cidadania". A história e a linguagem desse roteiro político contemporâneo estão paralisadas no imediatismo da experiência postada no Twitter, na emoção do momento e no conforto de uma descarga emocional catártica. O perigo, como a história nos ensinou, é quando as palavras são sistematicamente usadas para encobrir mentiras e minar a capacidade de pensar criticamente.

Nesses casos, as esferas públicas essenciais para uma democracia murcham e morrem, abrindo a porta para ideias, valores e relações sociais fascistas. Trump, seguindo os passos de governos anteriores, sancionou a tortura e declarou a mídia, juntamente com etnias e religiões inteiras, como inimiga do povo estadunidense. Ao fazer isso, fala e legitima uma história na qual a violência estatal se torna um princípio organizador de governança e, perversamente, uma experiência potencialmente catártica para seus seguidores.

A corrupção da linguagem é frequentemente seguida pela corrupção da memória, da moralidade, e pelo eventual desaparecimento de livros, ideias e seres humanos. A linguagem do desaparecimento, da desumanização e da censura de Trump é um eco e um apagamento da barbárie de outra época. Seu uso regressivo da linguagem e a negação da história devem ser desafiados para que as energias emancipatórias e narrativas convincentes de resistência possam ser lembradas a fim de encontrar novas maneiras de desafiar as ideologias e as relações de poder que as colocam em jogo. O uso predatório da linguagem e da memória pública de Trump faz parte de uma política autoritária mais ampla

de limpeza étnica e racial que evoca o legado da violência estatal que historicamente tem sido travada contra aquelas populações consideradas descartáveis.

Indiferente às pegadas históricas que marcam expressões de violência estatal, o governo Trump usa a amnésia histórica como uma arma de (des)educação, poder e política, permitindo que a memória pública definhe e a arquitetura do fascismo não seja contestada. O que está sob cerco agora é a necessidade de vigiar as narrativas reprimidas da memória e da própria consciência histórica. A luta contra o apagamento demagógico da história deve começar com um entendimento agudo de que a memória sempre demanda algo do presente, recusando-se a aceitar a ignorância como inocência.

À medida que a realidade desmorona em *fake news*, o testemunho moral desaparece nos espetáculos vazios das máquinas de mídia de direita e no armamento sancionado pelo Estado, usado para distorcer a verdade, suprimir a dissidência e atacar a mídia crítica. Trump o usa para investir contra todos que o criticaram – desde seus inimigos políticos até celebridades. Ele é particularmente maligno em seus ataques racistas a atletas negros, como LeBron James, e celebridades negras, como o âncora da CNN, Don Lemon. Nesse contexto, a linguagem não amplia mais o alcance da história, da ética e da justiça. Pelo contrário, agora opera a serviço de *slogans*, intolerância e violência. As palavras agora são transformadas em uma massa indiferenciada de cinzas, o discurso crítico reduzido a escombros e os julgamentos embasados levados a um horizonte radioativo distante (Schmidt e Haberman, 2018).

A gritaria substitui o imperativo pedagógico de ouvir e reforça as histórias que o fascismo neoliberal nos conta sobre nós mesmos, sobre nossas relações com os outros e com o mundo em geral. Sob tais circunstâncias, atos monstruosos são cometidos

sob a crescente normalização dos modos cívicos e históricos de analfabetismo, se não de ignorância. Uma consequência disso é que as comparações com o passado nazista podem perder o vigor, na falsa crença de que os eventos históricos são fixados no tempo e no espaço e só podem ser repetidos nos livros de história. Em uma época marcada pela guerra ao terror, pela cultura do medo e pela normalização da incerteza, a amnésia social se tornou uma ferramenta poderosa para desmantelar a democracia. De fato, nessa era de esquecimento, a sociedade estadunidense parece se deleitar com coisas pelas quais deveria se envergonhar e se alarmar.

Mesmo com a percepção da história, as comparações entre as ordens mais antigas do fascismo e o regime de brutalidade, agressão e crueldade de Trump são consideradas excessivas pelos comentaristas. Há um custo para tanta cautela: não se consegue aprender as lições do passado ou, pior ainda, ignorar o passado como fonte de testemunho moral e recurso para falar àqueles que não conseguem mais falar. Saber de que forma outros no passado, como os envolvidos no movimento antiguerra da década de 1960, lutaram com sucesso contra demagogos eleitos, como Trump, é crucial para uma estratégia política que reverta uma catástrofe global iminente.

A história de um passado fascista precisa ser recontada, não simplesmente para que se façam comparações com o presente, embora esse não seja um projeto indigno, mas para que se possa imaginar uma nova política na qual novos conhecimentos serão construídos e "novas ideias [...], novos conhecimentos [...], novas memórias e novos atos levarão ao novo ponto de partida" (Arendt, 1946, p. 291). Isso não significa que a história seja uma cidadela da verdade que pode ser facilmente explorada. A história não oferece garantias e pode ser usada tanto no interesse da violência quanto para a emancipação.

A apropriação seletiva da história por Trump trava guerra ao passado, comemorando, em vez de questionar, a política fascista. Há ainda mais razões pelas quais, com o surgimento da política fascista, são necessários modos de investigação e narrativas históricas que desafiem as distorções do passado, transcendam interesses privados e permitam ao público estadunidense conectar questões privadas a contextos históricos e políticos mais amplos. Comparar a ideologia, as políticas e a linguagem de Trump com um passado fascista oferece a possibilidade de aprender o que há de velho e de novo nos tempos sombrios que caíram sobre os Estados Unidos. A relevância premente da década de 1930 é crucial para pensar como as ideias e práticas fascistas se originam e se adaptam a novas condições, e como as pessoas as capitulam e resistem a elas.

Um dos desafios centrais para recuperar a história como discurso emancipatório e campo crítico de estudo, entre outros, é descobrir como restaurar a promessa e as possibilidades de uma vida pública democrática. Essa tarefa pedagógica é vista como perigosa para muitas pessoas, pois fornece as condições para que os alunos e o público em geral exerçam suas capacidades intelectuais, adotem a imaginação ética, responsabilizem o poder e assumam um senso de responsabilidade social. De fato, não é de surpreender que um número desconcertante de acadêmicos e professores no momento atual continue a unir forças com políticos de direita e agências governamentais conservadoras para argumentar que as salas de aula devem estar livres de política. A conclusão compartilhada por eles? Que as escolas devem ser espaços onde questões de poder, valores e justiça social não sejam discutidas.

A acusação desdenhosa nesse caso é que os professores que acreditam na educação cívica doutrinam seus alunos. Aqueles que fazem essa acusação sugerem que é possível existir um mundo

ideologicamente puro e politicamente neutro, onde a pedagogia pode ser apenas uma transmissão banal de fatos, onde nada controverso é declarado e os professores são proibidos de se envolver em pensamento crítico ou pronunciar uma palavra relacionada a qualquer um dos principais problemas que a sociedade enfrenta, de maneira mais ampla. É difícil inventar essas coisas. Em 2012, a plataforma do Partido Republicano no Texas declarou o objetivo de proibir a instrução do pensamento crítico em todo o estado. Esses republicanos justificaram seu mergulho na exaltação da ignorância e da irracionalidade com o argumento de que esse pensamento "mina as crenças fixas dos estudantes" e é um "desafio direto aos líderes e suas reivindicações de autoridade" (Weil, 2012, p. 2). Essa é a mesma irracionalidade que resultou na proibição de centenas de livros no currículo escolar em muitos estados.

Certamente, essa visão da educação é tanto uma fuga da realidade quanto um exemplo de pedagogia irresponsável. Por outro lado, uma abordagem útil para tomar a sala de aula como um local político e rejeitar qualquer forma de doutrinação e censura é os educadores pensarem na distinção entre uma pedagogia politizadora, que insiste erroneamente que os alunos pensem exatamente como nós, educadores, e uma pedagogia política, que ensina aos alunos, por meio do diálogo, a importância do poder, da responsabilidade social e da tomada de posição (sem ficar parado). A pedagogia política, diferentemente de uma pedagogia dogmática ou doutrinária, incorpora os princípios da pedagogia crítica ao envolver rigorosamente toda a gama de ideias sobre um assunto. A pedagogia política tenta ensinar aos alunos como pensar criticamente e examinar a relação entre autoridade e poder e conhecimento e poder em sala de aula, enquanto aprendem as tradições históricas, ideias, disciplinas e questões que lhes permitirão exercer plenamente seus direitos políticos, sociais e

econômicos, como parte de um registro mais amplo de cidadania ativa. A educação política também incentiva os alunos a pensar e agir criticamente, a fim de lutar pelas condições políticas e econômicas que tornam possível uma democracia (Giroux, 2019c).

O autoritarismo emergente em muitos países hoje levanta questões sobre o papel da educação, de professores e de alunos em tempos de tirania. Como podemos imaginar a educação e o ensino da história como centrais para uma política cuja tarefa é, em parte, criar uma nova linguagem para os alunos, sendo também crucial para reviver uma imaginação radical, uma noção de esperança social e a coragem de empreender uma luta coletiva? Como o ensino público e superior, e outras instituições culturais, lidam com o niilismo profundo e sem controle, além do desespero do momento atual? Como os educadores podem ser persuadidos a não abandonar a democracia e a levar a sério a necessidade de criar cidadãos esclarecidos, capazes de combater o ressurgimento de uma política fascista?

O fascismo prospera na vigilância, na prisão, no esmagamento de dissidentes, na propagação de mentiras, tornando bodes expiatórios aqueles considerados descartáveis, e nos ataques a qualquer vestígio da verdade. O fascismo é a forma moderna de uma máquina despolitizante que torna a agência individual e coletiva incapaz de exercer a conduta, as sensibilidades e as práticas endêmicas a uma forma robusta de cidadania. Quando o fascismo é forte, a democracia não é simplesmente fraca ou sitiada – as próprias instituições que informam e educam um público começam a desaparecer. Como o reformador educacional John Dewey observou uma vez, "as condições democráticas não se mantêm automaticamente" – elas só podem sobreviver no meio de uma cultura crítica e formativa que "produza hábitos e disposições, em resumo, em uma cultura que as sustente" (Dewey *apud* Rogers, 2018, p. 1).

A democracia não pode existir sem um público criticamente informado e engajado. Educadores, artistas, jornalistas e outros trabalhadores culturais têm a responsabilidade crucial de defender a educação pública e superior como um bem público democrático, em vez de definir tais instituições com base em valores orientados para o mercado e em modos de prestação de contas definidos pela elite financeira e corporativa. No entanto, aumentar a consciência pública, especialmente entre os estudantes, não é suficiente. Os alunos precisam ser inspirados e energizados para abordar questões sociais importantes, aprender a narrar seus problemas particulares como questões públicas e se envolver em formas de resistência que são locais e coletivas, enquanto conectam essas lutas a questões mais globais.

A democracia começa a fracassar e a vida política fica empobrecida na ausência dessas esferas públicas vitais da educação pública e superior, nas quais os valores cívicos, a bolsa de estudos pública e o engajamento social permitem uma compreensão mais imaginativa de um futuro que leva a sério as exigências de justiça, equidade e coragem cívica. A democracia deve ser uma maneira de pensar sobre a educação que prospera ao conectar a equidade ao mérito, o aprendizado à ética e a agência aos imperativos da responsabilidade social e do bem público.

Na atual crise de política, agência, história e memória, os educadores precisam de uma nova linguagem política e pedagógica para abordar os contextos e questões em mudança enfrentados por um mundo onde o capital se baseia em uma convergência sem precedentes de recursos – financeiros, culturais, políticos, econômicos, científicos, militares e tecnológicos – para exercer formas poderosas e diversas de controle. Se, como educadores, devemos levar a sério o papel de nutrir em nossos alunos uma robusta imaginação cívica e social, precisamos desenvolver não apenas um discurso pedagógico de crítica e transformação, mas

também um senso abrangente de política que se baseie em história, adotando um novo senso de responsabilidade social e política.

Contra a falta de raízes e a atomização produzidas pelo fascismo neoliberal, precisamos de uma linguagem que encontre seu significado não através dos ditames da privatização orientados pelo mercado, da propriedade de um individualismo estéril e de um *ethos* de guerra e competitividade evisceradora, mas em relação aos outros, a um maior senso de comunidade e a um renascimento radical do contrato social. Outro desafio enfrentado por essa linguagem é a necessidade de criar formações políticas capazes de entender a praga atual do populismo apocalíptico e da política fascista como um sistema único, integrado, cujas raízes compartilhadas se estendem desde as injustiças raciais e de classe sob o capitalismo financeiro até os problemas ecológicos e a crescente expansão do estado carcerário e do complexo militar-industrial-acadêmico.

O fascismo neoliberal oferece uma narrativa de ódio e fanatismo como resposta à miséria e ao sofrimento sistêmico, produzidos pela maquinaria da morte do capitalismo e sua adoção tóxica da limpeza racial e social. Os fantasmas de um passado sombrio foram novamente libertados como uma praga na sociedade americana. Os espectros do fascismo devem nos aterrorizar, mas, o mais importante, devem nos educar e nos imbuir de um espírito de justiça cívica e ação coletiva na luta por uma ordem social democrática substantiva. Vivemos tempos perigosos e há uma necessidade urgente de mais indivíduos, instituições e movimentos sociais se unirem para resistir aos atuais regimes de tirania, ver que futuros alternativos são possíveis e entender que, ao agir segundo essas crenças por meio da resistência coletiva, mudanças radicais acontecerão.

Essa luta não será fácil e não ocorrerá através de manifestações momentâneas ou das eleições. É necessário um movimento

maciço e unificado que tome como arma principal a greve geral, usando-a para desligar o Estado fascista em todos os seus registros. Somente então o poder poderá ser usado para repensar e reestruturar a sociedade estadunidense através de formas de poder coletivo, nas quais a democracia e seus ideais radicais de justiça, liberdade e igualdade possam respirar mais uma vez.

5

Distopia sociopolítica contemporânea: enfrentando antigos desafios do passado no início do século XXI

Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. É como se a maioria da nação fosse tomada por incontida necessidade de vomitar em face de tamanha desvergonha.

(Paulo Freire, Pedagogia da esperança)

Entramos em uma era sombria de conformidade política. Cresce o apoio a um populismo de direita que vê a democracia liberal como um anacronismo e uma maldição. Enquanto isso, muitos dos que se opõem a esse crescimento da direita estão se voltando a um populismo de esquerda que é perigosamente suscetível aos mesmos padrões de demagogia e discursos de unidade e exclusão.

As sinalizações são claras. Em todo o mundo, os políticos regurgitam incitações excessivas de ódio e intolerância, ao mesmo tempo que legitimam e muitas vezes apoiam abertamente o racismo. Os liberais se agarram a noções de independência e liberdade que ignoram o poder do capital de transformar esses termos em seu oposto. A grande mídia mede a tarefa de buscar a verdade com base no modo como seus resultados são afetados.

O que emergiu desse abismo do crescente poder autoritário e de sua política de despolitização são as depredações de uma versão atualizada da política fascista e a normalização de uma maré

crescente de ignorância cruel e regularizada. O hábito normalizado em uma política que destrói noções de agência informada e autodeterminação agora funde ignorância e ódio. Um resultado é o crescente apoio ao populismo de direita, que vê indivíduos e populações deslocados pelas forças globais e privados dos meios mais básicos de existência – incluindo comida, abrigo e água pura – com desdém e ódio. O escritor e jornalista russo Vasily Grossman emitiu um aviso de outra época que parece igualmente apropriado hoje:

> Quão poderoso, quão terrível e quão gentil é o poder do hábito! As pessoas podem se acostumar com qualquer coisa – o mar, as estrelas do sul, o amor, um beliche na prisão, o arame farpado dos campos de concentração [...]. O que cria esse abismo é o poder do hábito. Por mais enfadonho que pareça, é tão poderoso quanto dinamite; pode destruir qualquer coisa. Paixão, ódio, tristeza, dor – o hábito pode destruir todos eles. (Grossman, 2013, p. 34)

Os perigos do ressurgimento de um populismo de extrema-direita

O populismo de extrema-direita oferece uma noção pseudodemocrática de política, na qual questões de julgamento informado, agência crítica e ação coletiva desaparecem no símbolo do líder. Nesse discurso, a política se personaliza à imagem do demagogo grandioso, afastada da suposta ignorância das massas ou do "rebanho". O surgimento passado e presente de líderes populistas de direita é exemplificado pela ascensão de Donald Trump, Jair Bolsonaro e Geert Wilders, entre outros. O populismo de extrema-direita destrói tudo o que torna possível uma verdadeira política democrática.

Esse populismo se baseia em e acentua uma longa tradição de tendências antidemocráticas, neoliberais e racistas que vêm ardendo nos Estados Unidos há décadas. Ele elimina o pensamento crítico, mina atos de coragem cívica, desmonta a verdadeira ação coletiva enraizada nos movimentos de massa, suprime as formas democráticas de oposição e esmaga os oponentes. Sua divisão hobbesiana entre amigos e inimigos e entre lealdade inquestionável e participação democrática contém uma propensão à violência enraizada em sua implacável política de exclusão. Esta última é especialmente preocupante num momento em que a violência emerge cada vez mais e é aceita como uma característica definidora e um princípio organizador da política, se não da própria sociedade. Nesse caso, o par amigo/inimigo se torna ainda mais perigoso em um contexto em que a história está sendo apagada e a ignorância conspira com o poder para dar origem a redes cada vez mais amplas de opressão.

Trump torna esse recurso de segregação central em seu modo de governar. Apresentando afirmações codificadas de supremacia branca, ele age com base em uma noção regressiva de unidade que precisa da exclusão e de uma política de descartabilidade. De acordo com Trump, "a única coisa que importa é a unificação do povo – porque as outras pessoas não significam nada" (Muller, 2017). Em seu discurso, o apelo à unidade tem como fundamento a suposição de que toda oposição não apenas é ilegítima, como também constitui o terreno do inimigo. Sua noção de "povo" é reduzida a uma categoria que imita a vontade do líder, cuja imagem dos Estados Unidos é tão racista quanto antidemocrática nesse discurso profundamente autoritário. O fato de a direita populista reivindicar que poder, representação e governança estejam exclusivamente nas mãos do líder não deixa de ter seus momentos críticos. Por exemplo, os líderes populistas de direita mudam de rumo para criticar a globalização e a elite, mas com isso afirmam

que apenas eles podem "representar o povo", enquanto colocam em prática políticas que expandem o poder da elite financeira e seus imperativos neoliberais, como cortes regressivos nos impostos e o esvaziamento do Estado de bem-estar social.

O caráter demagógico do populismo pode ser visto no uso de uma linguagem simples, que evita a complexidade, o diálogo honesto, as lutas multifacetadas e o trabalho duro dos modos de governança em que se compartilha o poder. Esse espírito de populismo está em desacordo com uma linguagem que é inquietante, que questiona o poder, perturba maquinários de classe, gênero, opressão sexual e racial, e usa a linguagem para aguçar a imaginação moral e testemunhar a violência estatal e corporativa. O populismo de direita demoniza e promove o medo de um inimigo interno, distorce as informações e suprime a dissidência e a resistência. Com isso, tenta despojar a democracia de todos os seus ideais. A linguagem de simplicidade do populismo e a adoção de uma ideia de anti-intelectualismo que esvazia a agência são reforçadas pela cultura de medo, insegurança e incerteza do neoliberalismo, que acentua um sentimento de frustração, raiva e impotência política que aprisiona os indivíduos em seus próprios sentimentos, incapazes de traduzir problemas privados em considerações sociais e políticas mais amplas.

O populismo de direita fala na linguagem do criminoso como vítima, reconfigura a linguagem da guerra como heroica e funde a retórica de comando e pureza racial com o discurso do comércio e do capitalismo. Sob o populismo de direita, a linguagem da violência aparece como linguagem de guerra, redenção, muros, barreiras e segurança. É um populismo sem consciência social – que apoia sociedades autoritárias marcadas pela desregulamentação, pelo desmantelamento do Estado de bem-estar social, pela negação das mudanças climáticas, pela desigualdade crescente e por uma luta para definir o passado de uma nação.

Líderes populistas como Trump e Bolsonaro governam não pelo interesse público, mas por si mesmos e por seus aliados bilionários, promovendo o deslize em direção à ilegalidade e à barbárie. De que outra maneira explicar Trump pressionando Israel a proibir que duas congressistas negras visitem o país, declarando que elas deveriam voltar a seus países de origem após criticarem suas políticas? De que outra forma explicar suas políticas implacavelmente cruéis, como cortar o apoio federal ao vale-refeição para mais de 3 milhões de pessoas, afirmando que os imigrantes que usam benefícios do governo, como vales para habitação ou saúde, podem ter seus *green cards* e vistos negados, e seus contínuos ataques aos imigrantes, que separam famílias e traumatizam comunidades? O grotesco sentimento de privilégio e autoestima ilimitados de Trump se traduz em uma fixação em dominar e humilhar os outros (Giroux, 2019d).

O populismo de direita prospera com o fascínio do espetáculo da violência e redireciona a raiva e a agressão reprimidas para uma forma de prazer colaborativo e liberação emocional que se tornam cúmplices da feiura dos modos autoritários de governança e de vidas moralmente comprometidas. Essa espécie de populismo compartilha muitos elementos de uma política fascista, incluindo uma ideologia da certeza, livre de dúvidas e complexidade em sua explicação da história e na justificativa para suas políticas. Sua distinção amigo/inimigo alimenta tanto uma política de descartabilidade, que torna supérfluos alguns seres humanos, como também promove uma cultura de medo e terror em que o impensável se normaliza. Tal populismo desprezа a verdade e a evidência científica e esvazia o significado das palavras, ao mesmo tempo que eleva a mentira ao *status* de um ideal nacional que legitima um modo distópico de governança. Um esquecimento intencional da história encobre seu apoio ao antissemitismo, sua hostilidade em relação às elites e sua anuência ao nativismo e ao ódio racial.

O populismo de direita também destrói qualquer noção do social marcada pelos princípios de liberdade individual, justiça, equidade e igualdade; ele também floresce no anti-intelectualismo, que traz "à luz a ruína de nossas categorias de pensamento e padrões de julgamento" (Arendt, 2013). Finalmente, o populismo de direita, como o fascismo, apoia governos autoritários nos quais o poder está concentrado nas mãos do suposto líder.

Os limites do populismo de esquerda

O populismo ocorre de várias formas, e alguns escritores, como Chantal Mouffe, argumentam que o antídoto para o populismo de direita é o populismo de esquerda. Ela insiste que o populismo de esquerda trabalha para expor e denunciar a crescente desigualdade social e econômica, criticar as profundas crueldades do capitalismo e revelar, com razão, políticos corruptos que estão no meio do caminho. Mouffe (2018) também argumenta que o populismo de esquerda se opõe à política centrista com seus investimentos em ideologia neoliberal, capital financeiro, austeridade, desregulamentação e poder corporativo.

Federico Finchelstein, entretanto, observou que o populismo de esquerda é frequentemente marcado por sua "atenção às condições sociais e econômicas desiguais [...], questionando até os dogmas das medidas de austeridade neoliberal e a suposta neutralidade das soluções tecnocráticas orientadas para os negócios" (Finchelstein, 2019). No entanto, o historiador qualifica o populismo de esquerda ao mencionar que ele mina seu projeto político "por sua reivindicação de representar exclusivamente o povo inteiro contra as elites" (Finchelstein, 2019). Ainda assim, Mouffe ignora essas críticas e sugere que a combinação de soberania popular e igualdade, preconizada por populistas de esquerda, oferece o

maior desafio ao domínio generalizado do populismo de direita em todo o mundo, o qual ela argumenta ser a condição de base para a erosão dos ideais e instituições democráticos.

O que é particularmente forte no argumento de Mouffe (2018) é o apelo a um movimento populista enraizado em uma luta mais abrangente para recuperar e expandir a democracia radical como força política. Para Mouffe, o desafio do populismo de esquerda é deixar claro que a luta pela soberania popular deve fazer parte de uma ação mais ampla pela democracia. Ela reconhece que as pessoas não se sentem mais no controle de seus destinos. Sua resposta a formas massivas de alienação é criar um populismo de esquerda que destaque as contradições entre os ideais democráticos liberais e as políticas antidemocráticas do emergente populismo de direita. A democracia, desse ponto de vista, torna-se um meio de combater uma guerra ideológica contra adversários de direita e diversos modos de autoritarismo.

Por mais cruciais que sejam esses argumentos como parte de um desafio para enfrentar o populismo de direita, eles não deixam de ser problemáticos. Mouffe e muitos outros defensores do populismo de esquerda não conseguem entender as patologias inerentes a todas as formas de populismo. De acordo com alguns teóricos, como Finchelstein, juntamente com Keane (2017), eles subestimam o fato de o populismo poder ser uma categoria politicamente vazia que pode ser apropriada por quase qualquer grupo político. Além disso, o populismo, em todas as suas formas, é muito grato à personalização da liderança, estejam esses líderes à esquerda, como Bernie Sanders, ou à direita, como Donald Trump.

Além disso, como Finchelstein (2019) observa com razão, "em todos os casos, o populismo fala em nome de um único povo, e em nome da democracia. Mas a democracia é definida em termos estritos como a expressão dos desejos dos líderes populistas". Ademais, o populismo corre o risco de se organizar em torno de

noções de unidade que replicam a divisão amigo/inimigo e empregam a política como uma arma baseada em noções rápidas de exclusão e inclusão. O populismo tende a ignorar o trabalho duro da educação como uma ferramenta crucial para enfrentar a crise do neoliberalismo e sua correspondente crise de subjetividade, identidade e agência.

Construindo alternativas ao autoritarismo neoliberal: além do populismo e do fascismo

O populismo tem fortes tendências para criticar superficialmente as elites, mas o poder é muito mais profundo e está presente tanto nas estruturas econômicas e políticas quanto em ideologias que se desenvolvem ao longo do tempo – e todas precisam ser contestadas. Ao mesmo tempo, o que é necessário, nesse caso, é uma visão e um movimento de base ampla de trabalhadores, artistas, intelectuais, jovens e outros esclarecidos que desafiem não apenas as elites corporativas, mas também o próprio capitalismo. O populismo corre o risco de se tornar sinônimo de explosões momentâneas, se não mal direcionadas, de raiva, descontentamento e indignação moral, para depois ser apropriado por demagogos. Os movimentos sociais são construídos não simplesmente com base em sentimentos de isolamento, raiva e insatisfação emocional, mas principalmente no trabalho árduo de organizar lutas ideológicas combinadas para se conectar aos problemas que as pessoas comuns enfrentam e criar uma política de identificação na qual as pessoas possam se reconhecer e se unir a outras não só para condenar as elites, mas também para mudar radicalmente as estruturas de dominação.

É necessário um movimento anticapitalista que possa redirecionar a dor, a revolta e a raiva dos despossuídos em direção a uma reestruturação radical da sociedade, cujo objetivo é a construção

de uma sociedade socialista democrática. Os problemas que as pessoas enfrentam nos Estados Unidos e em outras sociedades capitalistas autoritárias são muito profundos, estendem-se demais e dominam muitos poderes. Suas profundas fontes de opressão devem ser desafiadas através da construção de alianças que reúnam trabalhadores, intelectuais, jovens e diversos movimentos sociais anticapitalistas. Essa formação social e política de base ampla deve aprender a falar para e com os despossuídos, dizendo como o capitalismo os priva das condições materiais de liberdade e os força a competir por recursos, tempo e dignidade escassos.

O capitalismo é a antítese da democracia e deve ser derrubado porque não pode fornecer o que Noonan (2019) chama de "bens de vida universais", que se traduzem em "um ambiente saudável, em uma saúde pública distribuída com base na necessidade e não na capacidade de pagar, e em um adequado sistema de educação pública financiado". O autor descreve tudo isso como "bens de vida universais sem os quais não podemos viver, e viver plenamente" (Noonan, 2019).

Qualquer desafio ao atual aumento do populismo de direita deve encarar a necessidade de uma política que contenha uma linguagem de crítica e esperança. Isso sugere uma política que desperte as paixões das pessoas para serem energizadas e mais informadas e deixe claro que a resistência deve ser um esforço coletivo, com lutas unificadas em seu objetivo de recusar a noção de que capitalismo e democracia são iguais. Martin Luther King Jr. estava certo quando argumentou que precisamos de uma política que compreenda a totalidade do sistema contra o qual estamos lutando, que não há luta sem risco, e essa luta é um projeto coletivo, enraizado na revolução de valores e no sonho de um mundo em que justiça e igualdade se fundem.

As forças despolitizantes que trabalham com o neoliberalismo não podem ser subestimadas em termos de sua contribuição para a ascensão do populismo de direita. A desigualdade progressiva, a

alienação generalizada, o endurecimento da cultura, o colapso dos bens públicos e da cultura cívica, o desmantelamento do contrato social, a expansão da criminalização dos problemas sociais e o crescente analfabetismo cívico, entre outras forças, contribuem para diversas formas de despolitização. Sob tais circunstâncias, o declínio da popularidade da democracia liberal produz uma população que carece de uma compreensão sofisticada de como o fascismo neoliberal a infantiliza politicamente e prejudica sua capacidade de exercer julgamento crítico, atos concertados de autodeterminação e resistência c

A esquerda precisa tornar visível o ataque da direita aos valores e programas básicos que corroem a democracia e a justiça social e promovem a miséria e o sofrimento generalizados. Precisa fornecer programas educacionais alternativos, usar mídias alternativas para educar as pessoas em uma linguagem que elas possam entender, usar manifestações políticas como ferramentas pedagógicas que ajudem a aumentar a consciência e tornar a educação o ponto central para promover políticas que enfraqueçam o capitalismo e deem sentido àquilo com que uma sociedade socialista se parece. Não haverá mudança no poder e na dinâmica ideológica do capitalismo se questões de soberania popular, lutas de classes e igualdade econômica não forem centrais para as lutas coletivas por justiça econômica, política e social. Nenhum populismo reacionário nem progressista fornecerá uma estratégia capaz de desafiar a nova formação capitalista que eu tenho chamado de "fascismo neoliberal" (Giroux, 2018e).

O populismo tende a extremos e a um estilo de política pseudodemocrático que engloba um povo imaginado, simplificações excessivas e líderes carismáticos e demagógicos. O fascismo neoliberal deve ser desafiado com uma nova narrativa e uma nova visão do que conta como política, em um momento em que o poder se tornou global e as promessas das elites liberais estabelecidas

faliram política e eticamente. Nancy Fraser argumenta, com razão, que precisamos de um movimento político no qual "um amplo espectro de atores sociais possa se encontrar" e enfrentar o "desafio da financeirização, desindustrialização" e da "globalização corporativa" (Fraser, N., 2017a).

O populismo não explica a ascensão dos movimentos fascistas ao redor do mundo, nem fornece a resposta para desafiá-los. O que é necessário é uma nova e poderosa visão da política que leve a sério a educação, a agência e o poder em seus esforços contínuos para desenvolver uma aliança entre as forças que podem imaginar e lutar por um mundo em que o fascismo neoliberal não exista mais e a promessa de uma democracia socialista se torne mais do que um sonho utópico. Não haverá justiça sem luta, e não haverá futuro digno de ser vivido sem a vontade coletiva de lutar.

Desafiando o neoliberalismo: como cortar o autoritarismo pela raiz?

Os Estados Unidos estão no estágio final de uma longa série de ataques à democracia, e as escolhas enfrentadas pelo público estadunidense hoje apontam para a divisão entre os que estão comprometidos com a democracia e os que não estão. Debater se Donald Trump era fascista ou se Hillary Clinton era uma defensora da direita e ferramenta de Wall Street foi uma distração tática. As verdadeiras questões que deveriam ter sido discutidas são: que medidas poderiam ter sido tomadas para impedir que os Estados Unidos deslizassem ainda mais para uma forma distinta de autoritarismo? E o que poderia ter sido feito para imaginar um modo de coragem cívica e esperança militante, necessário para tornar possível a promessa de uma democracia como princípio de governo? Tais questões assumem uma urgência significativa à luz da eleição

de Donald Trump para a presidência. Sob tais circunstâncias, o público não apenas está em perigo, como também se encontra à beira do colapso, pois as instituições econômicas, políticas e culturais necessárias para a sobrevivência da democracia estão sendo destruídas de maneira agressiva. Como Robert Kuttner observa:

> É difícil contemplar o novo governo sem experimentar alertas à beira do desespero: alertas sobre os riscos da guerra, sobre o destino da democracia constitucional, sobre a devastação de um século de progresso social. O populismo de Trump foi uma fraude total. Todas as nomeações de Trump vêm do grupo de conservadores de extrema-direita, insanos e bilionários cleptocratas. Mais alarmante ainda é o próprio homem – sua vaidade, impulsividade e ignorância voluntária, combinadas com um gênio intuitivo como demagogo. Um petulante aluno da quinta série com armas nucleares agora controlará o incrível poder do governo dos Estados Unidos. É preciso nutrir a esperança de que Trump ainda possa ser contido. Acima de tudo, isso exigirá um envolvimento apaixonado e estratégico, não simplesmente para resistir, mas principalmente para vencer, para desacreditá-lo e tirá-lo do cargo enquanto ainda há uma democracia. Podemos sentir dor no coração – seríamos tolos se não fosse assim –, mas o desespero não é uma opção. (Kuttner, 2017, p. 2)

Kuttner acertadamente mitiga esse desespero com um pedido de resistência. No entanto, essa ansiedade profunda não é injustificada, dada a disposição dos políticos e especialistas contemporâneos, durante a batalha presidencial de 2016, para usar temas que ecoavam elementos assustadoramente fascistas e totalitários do passado. De acordo com Drucilla Cornell e Stephen D. Seely, a campanha de Trump mobilizou um movimento que era "inequivocamente fascista":

> Não estamos usando a palavra "fascista" aqui levianamente. Também não estamos nos referindo apenas ao contingente chamado "alt-right"[1] de seus apoiadores. Não, todo o movimento de Trump se enraíza em um nacionalismo étnico, racial e linguístico que sanciona e glorifica a violência contra aqueles eleitos como inimigos e excluídos, movido por um mito de declínio e renovação nostálgica e centrado em um culto da personalidade masculina. (Cornell e Seely, 2016, p. 3)

Grandes segmentos dos cidadãos estadunidenses não se interessam por política, pois consideram o Estado falido e o governo incapaz de representar os seus reais interesses. À medida que as mentalidades e moralidades de mercado intensificam seu domínio sobre todos os aspectos da sociedade, as instituições democráticas e as esferas públicas estão sendo reduzidas, se não completamente extintas. E à medida que essas instituições desaparecem – das escolas públicas aos centros de saúde –, há também uma grave erosão dos discursos de comunidade, justiça, igualdade, valores públicos e bem comum. Essa realidade sombria foi chamada por Axel Honneth (2009, p. 188) de "sociedade fracassada" – uma falha no poder da imaginação cívica, vontade política e democracia aberta. Conforme a consolidação do poder pela elite corporativa e financeira esvazia a política de qualquer substância, a esfera política mistura elementos de Monty Python, Kafka e Aldous Huxley. A política agora é dominada por extremistas de ultradireita que trouxeram para o centro da política uma ideologia supremacista branca vergonhosa, ideias xenófobas venenosas e os princípios e práticas contundentes e maliciosos do racismo e do ódio aos imigrantes.

Do outro lado do espectro político, o Partido Democrata opera a serviço da máquina de guerra, da elite financeira e de vários registros

[1] Direita alternativa.

do complexo militar-industrial-acadêmico de vigilância. No clima político atual, o centrismo e o extremismo se tornam cada vez mais indistinguíveis. Os apelos do antigo *establishment* político por mudança de regime e guerra são agora complementados pelo discurso de tortura sancionada pelo Estado, ignorância armada e um profundo ódio à democracia. Uma consequência disso é que ambas as partes jogaram para fora do ônibus, em diferentes graus, imigrantes, minorias pobres de classe e cor, refugiados, classe trabalhadora e principalmente jovens. O neoliberalismo, com seu ataque frontal ao Estado de bem-estar social e aos bens públicos, com a destruição do setor manufatureiro e a enorme concentração das riquezas nas mãos da elite, destruiu a fé de milhões na democracia, a qual perdeu seu poder de restringir os ricos em uma forma descontrolada de capitalismo de cassino. Com a erosão do contrato social e o crescente poder dos ricos de controlar as instituições dominantes da sociedade e a própria política, a democracia perdeu qualquer legitimidade como contrapeso para proteger a esfera cada vez mais ampla de pessoas consideradas vulneráveis e descartáveis. Uma consequência foi que o perigoso manual de apelos neofascistas ganhou cada vez mais crédito; além disso, grande parte do público estadunidense tendeu de bom grado para o estilo autoritário de Trump.

A eleição de Trump gerou desespero, medo e ansiedade generalizados nos mais vulneráveis, o que foi amplamente confirmado pelo fato de que "mais de mil crimes de ódio foram relatados desde que Donald Trump venceu a eleição presidencial nos Estados Unidos" (Telesur, 2016). Ainda mais assustador é o fato de que Trump não apenas herda as políticas e práticas repressivas que se seguiram ao 11 de setembro – como um crescente estado de segurança nacional, a Lei de Autorização de Defesa Nacional, uma cultura de guerra permanente, a paramilitarização da polícia, a vigilância intrusiva generalizada e a ilegalidade de assassinatos por drones –,

como tem também à sua disposição a capacidade de exercer um enorme grau de poder executivo. Como Kuttner deixa claro:

> Mas não se devem minimizar os perigos. Trump exercerá uma enorme quantidade de poder executivo. Trata-se de um homem de pavio curto e com uma longa lista de inimigos [...], ele pode usar o poder da presidência para conduzir uma vasta vigilância, ameaçar os interesses comerciais da imprensa livre, processar seletivamente e enfraquecer ainda mais o movimento trabalhista, enquanto seus aliados republicanos no Congresso alteram as regras básicas do federalismo para enfraquecer as políticas progressistas dos estados e cidades democratas. Trump vai flutuar sobre quadros de profissionais conservadores com seus manuais detalhados. Eles tentarão diminuir o impacto de políticas impopulares, como cortes profundos na Previdência Social e na saúde. (Kuttner, 2016, p. 32)

O futuro parece sombrio, especialmente para os jovens, pois estão sobrecarregados com dívidas, empregos sem perspectivas ou desemprego, e quem é negro e pobre tem a possibilidade cada vez maior de ser encarcerado ou baleado pela polícia. Trump redefiniu o governo como inimigo da justiça econômica e social e, com isso, criou uma série de cargos no gabinete que administrarão o que poderia ser chamado de ministérios de repressão e injustiça. Os Estados Unidos se tornaram uma cultura de guerra, e formas massivas imediatas de resistência e desobediência civil são essenciais para que o planeta e a vida humana sobrevivam. O terrorismo doméstico, definido como atos intencionais e criminosos de violência pelo Estado contra populações civis, tornou-se a nova norma no país.

A selvageria de uma cultura de guerra e suas diversas formas de terrorismo doméstico estavam em plena exibição nos Estados Unidos com o tiroteio de 13 de setembro de 2016 contra

Tyre King, em Columbus, Ohio, uma criança de 13 anos que fugiu da polícia enquanto segurava uma pistola de ar comprimido. Tyre tinha "um metro e meio de altura e pesava menos de 45 quilos... [era] um aluno da oitava série [que] jogava futebol e outros esportes e fazia parte de um programa para jovens estudiosos" (The Guardian, 2016). Depois que essa criança inocente foi morta, houve mais assassinatos de afro-americanos desarmados, apesar do crescente protesto público contra a violência policial. Foi o caso, por exemplo, de Keith Lamont Scott, 43 anos, de Charlotte, Carolina do Norte, morto a tiros enquanto estava sentado em seu caminhão esperando seu filho voltar para casa em um ônibus da escola. Em 2 de maio de 2017, um policial de Balch Springs, Texas, atirou em um carro, matando Jordan Edwards, de 15 anos. Esses tiroteios demonstram o funcionamento de um estado policial e o crescente número de agressões contra comunidades negras e pobres. Como Nicholas Powers aponta,

> a antiga linha racial entre "preto" e "branco" foi redesenhada como a linha entre criminoso e cidadão. De cima a baixo na hierarquia de classes, dos pobres aos ricos, os negros têm que se esquivar da violência, de macroagressões a sabotagem econômica e de humilhação pública a ataques físicos [...]. Todos os dias outra pessoa negra é baleada pela polícia, e o buraco deixado dentro das famílias é onde os entes queridos costumavam respirar. Os policiais não apenas roubam a vida de nossos filhos; eles roubam a vida de todos que os amavam. Uma parte de nós congela, fica entorpecida. (Powers, 2016, p. 14)

Não pode haver dúvida de que os Estados Unidos estão em guerra com seus próprios ideais e que a guerra está sendo travada contra minorias de cor e classe, imigrantes, muçulmanos e refugiados sírios. Essa brutalidade equivale a atos de terrorismo

doméstico e exige não apenas uma oposição coletiva maciça, mas também um novo entendimento das condições que estão causando essa violência sancionada e a necessidade de uma nova noção de política para resistir a ela. Isso sugere colocar o socialismo democrático na agenda de mudanças.

A luta pelo socialismo democrático é uma meta importante, especialmente à luz do reinado de terror do modo neoliberal de governança existente. É crucial lembrar que, como um defensor firme da política e dos valores do neoliberalismo, Trump atacou a atomização e a solidão que muitas pessoas sentiam em uma ordem social neoliberal que ridiculariza a dependência, a solidariedade, a comunidade e qualquer noção viável do bem comum. Ele incentivou tanto a fantasia de um individualismo áspero quanto o discurso tóxico de uma noção hipermasculina de nativismo, oferecendo ao mesmo tempo a seus seguidores a farsa de uma comunidade enraizada na união da supremacia branca, de uma esfera pública branca e de um ódio àqueles considerados irrevogavelmente outros. A ideologia e a pedagogia pública do neoliberalismo, na raiz da adoção por Trump de um novo autoritarismo, devem ser desafiadas e desmanteladas ideológica e politicamente.

No entanto, a tarefa de desafiar o novo autoritarismo só terá êxito se os progressistas assumirem uma compreensão abrangente da política. Isso significa, entre outras coisas, recusar-se a ver as eleições como o último teste legítimo da participação democrática e rejeitar a suposição de que capitalismo e democracia são sinônimos. O fim da democracia deve ser desafiado em todos os níveis de participação pública e deve servir como um grito de guerra para pôr em dúvida o poder e o controle de todas as instituições que afetam a vida cotidiana. Aliás, qualquer luta progressista deve ir além da fragmentação que minou a esquerda por décadas. Isso implica ir além dos movimentos que tratam de uma só questão, a fim de desenvolver e enfatizar as conexões entre

diversas formações sociais. Está em jogo aqui a luta pela construção de uma ampla aliança que reúna diferentes movimentos políticos e, como observam Cornell e Seely, uma formação política disposta a promover uma revolução ética cujo objetivo "não seja apenas o socialismo como uma forma econômica de organização, mas também como uma nova maneira de estar junto com outras pessoas que poderiam começar a fornecer um horizonte de significado coletivamente compartilhado" (Cornell e Seely, 2016, p. 3).

O ponto central do meu livro *The public in peril* (Giroux, 2017) é a recusa da política dominante de desconexão. Em vez disso, há um apelo por movimentos sociais expansivos e por uma compreensão mais abrangente da política, a fim de ligar os pontos entre, por exemplo, a brutalidade policial e o encarceramento em massa e as diversas crises que produzem pobreza maciça, a destruição do Estado de bem-estar social e os ataques ao meio ambiente e aos trabalhadores, jovens e mulheres. Como observa Bohmer (2015), a exigência de um salário digno e de pleno emprego não pode ser separada das demandas "por acesso a boa educação, moradia e assistência médica, por assistência de qualidade à infância, por direitos reprodutivos e por ar limpo e água potável", nem da pilhagem do meio ambiente pelas bilionárias megacorporações. Ele justamente argumenta que

> conectar questões, movimentos e organizações sociais entre si tem o potencial de construir uma poderosa mobilização de movimentos mais forte do que qualquer uma de suas partes individuais. Isso significa educar a nós mesmos e a nossos grupos sobre essas questões, suas causas e sua interconexão. (Bohmer, 2015, p. 2)

Uma forma de desempenhar essa tarefa seria promover a eliminação das condições que permitam ao Estado fazer agressões

contra negros, imigrantes, trabalhadores e mulheres. Tais análises relacionais também sugerem a fusão de sindicatos e movimentos sociais. Além disso, os progressistas devem enfrentar o desafio crucial de produzir aparatos culturais – como mídia alternativa, grupos de reflexão e serviços sociais – a fim de fornecer modelos de educação que aprimorem a capacidade das pessoas de fazer julgamentos informados e discriminar argumentos e opiniões baseados em evidências, e de fornecer estruturas teóricas e políticas para repensar o relacionamento entre o eu e os outros, com base em noções de compaixão, justiça e solidariedade.

Para repensar o espaço e o significado da imaginação política é crucial a necessidade de alcançar identidades específicas e ir além dos movimentos de questão única e suas agendas exclusivas. Não se trata de descartar tais movimentos, mas de criar novas alianças que lhes permitam se fortalecer na luta para ter sucesso no avanço de suas preocupações particulares e na ampliação da possibilidade de desenvolver uma democracia radical que beneficie não apenas interesses individualizados, mas também gerais. Como o grupo do Manifesto da Décima Quinta Avenida expressou em sua peça de 2008, "Guinada à esquerda: uma carta aberta aos radicais dos Estados Unidos", muitos grupos da esquerda se fortaleceriam se quisessem "perceber e reorientar suas lutas como parte de um movimento maior de socialização" (Fifteenth Street, 2008).

Qualquer agenda política viável deve mesclar o pedagógico e o político, empregando uma linguagem e um modo de análise que ressoem as necessidades das pessoas, enquanto fazem da mudança social um elemento crucial da imaginação política e pública. Ao mesmo tempo, qualquer política que leve a sério a mudança real deve ser altamente crítica a qualquer política reformista que não inclua mudança de consciência e mudança estrutural.

A educação crítica pode mobilizar a sociedade para mudar o cenário político

A educação tem um papel central a desempenhar na abordagem e na mudança de consciência das pessoas que ocupam os dois lados da divisão populista, bem como das pessoas que mantêm atitudes contraditórias em relação a poder, igualdade, identidade, cidadania, asilo e outras questões políticas centrais. Os binarismos simplistas não produzem uma consciência política coletiva; em vez disso, alimentam o beco sem saída de uma ortodoxia rígida ou a banalidade da cultura das celebridades. De acordo com Gordon (2019), em vez de uma revolução na consciência, temos uma mistura de infantilismo intelectual e uma cultura mercantilizada que denuncia todos os pensamentos de uma consciência pública crítica.

O populismo de ambos os lados pode abrir as portas para as teorias da conspiração e criar um "estilo paranoico" de política, além de "transformar-se em uma ferramenta do discurso jornalístico" (Kazin, 2016). Em resumo, o populismo pode representar uma variedade de perspectivas e possibilidades e ao mesmo tempo manter seus atributos não liberais – incluindo entender sua própria posição como a única forma verdadeira de legitimidade política –, recusando-se a reconhecer a validade das visões de seus oponentes, sujeitando-os ao processo de demonização e acusando-os de "serem tirânicos, conspiratórios e antidemocráticos" (Finchelstein, 2019). Em outras palavras, essa perspectiva se torna caduca em sua própria ideologia e certeza política.

O populismo da direita e da esquerda restringe o escopo do poder ao papel dos líderes, sejam eles progressistas ou reacionários. Isso enfraquece uma política de resistência e, potencialmente, mina o trabalho duro de construir um movimento político anticapitalista de massa, enquanto sabota potencialmente o surgimento de agentes individuais e sociais autodeterminados e engajados. No entanto, faz mais: por se aplicar a qualquer grupo que desafia

o poder, o populismo perde um senso de especificidade política e contexto histórico e tende a generalizar demais a oposição, com uma visão homogeneizadora de pessoas que concebem os oponentes políticos como inimigos. O populismo, em geral, corre o risco de colocar os grupos uns contra os outros, e para a esquerda isso geralmente significa colocar a classe contra a raça ou significa fracassar na tentativa de ir além da fragmentação de grupos em movimentos isolados e com uma só questão. Além disso, o poder, em toda a sua complexidade, é cada vez mais definido em termos simplistas como algo ao qual resistir e não como uma ferramenta de possibilidade enraizada na luta pelo desenvolvimento de instituições democráticas.

Precisamos imediatamente desligar o maquinário de destruição neoliberal

O *tweet* ameaçador de Trump sobre como seus apoiadores podem "exigir" que ele permaneça no cargo por mais de dois mandatos é a prova mais recente de que sua ideologia autoritária tem pouca consideração pela lei. Ele também reflete o forte desejo de Trump de usar ameaças de violência, se necessário, para reformular o cenário político e o modo de governança.

Outra evidência da crescente ameaça do autoritarismo nos Estados Unidos são os esforços contínuos de Trump para atropelar o Congresso, sendo a tentativa mais recente a de exortar ex-funcionários a não responderem às intimações da Câmara e a de "impedir o Congresso de obter documentos sobre a questão de cidadania no censo populacional" (Katyal, 2019). A política autoritária de Trump também é clara em seu apoio e fascínio por ditadores e demagogos, em sua promoção de uma política externa militarizada que ameaça iniciar uma guerra contra o Irã

e em sua crítica contínua a jornais importantes, como o *The New York Times* e o *The Washington Post*, por serem "inimigos do povo". Além disso, seus abusos de privilégio executivo refletem novos níveis de desprezo pela separação de poderes.

Como esses incidentes mostram, vivemos tempos perigosos, ou o que poderia ser chamado de "era dos chacais", ou seja, uma era governada pelos arquitetos de um nacionalismo apocalíptico, de um populismo regressivo e de formas de autoritarismo brutalmente repressivas e racistas.

O populismo de direita está destruindo as instituições mais básicas da democracia em países que se estendem dos Estados Unidos ao Brasil. Autoritários como Viktor Orbán, da Hungria, e Jair Bolsonaro, do Brasil, agora são convidados à Casa Branca, onde suas políticas de repressão, esmagamento de dissidência, uso de violência estatal e ódio à democracia são endossadas. Trump parece se orgulhar de desrespeitar a lei, zombar da justiça, enriquecer seu patrimônio pessoal por meio de práticas comerciais corruptas e usar seu cargo para aprimorar o que até liberais tímidos, como David Leonhardt, colunista do *The New York Times*, chamam de "posição global de autoritarismo". Cada vez mais, movimentos autoritários e fascistas representam uma ameaça a pessoas consideradas descartáveis, como jovens negros, intelectuais críticos dos chacais corruptos no poder e movimentos sociais que lutam para salvar o planeta.

O projeto de enfrentar a ascensão do autoritarismo nos Estados Unidos e no exterior assume uma nova urgência à medida que o poder do capital financeiro consolida suas forças sobre as instituições dominantes da sociedade, transformando-as em estações de trabalho para propaganda, classificação social, violência e descartabilidade. A normalização do terror agora é acompanhada pela normalização do espetáculo à medida que a vida cotidiana é tratada como um *reality show* que repete incessantemente as virtudes da competição extrema e da sobrevivência do *ethos* mais apto.

A era dos chacais é o resultado da nova formação política que chamei de fascismo neoliberal. Essa é uma conjuntura histórica em que o neoliberalismo e sua forma atualizada de capital financeiro produziram graus maciços de desigualdade, medidas de austeridade extrema e ataques cada vez mais contundentes ao Estado de bem-estar social. As consequências foram uma fusão da raiva popular e do declínio das esperanças de mobilidade social e de uma vida decente, combinada com um discurso intensificador da supremacia branca e do ultranacionalismo. A manifestação atual do capital financeiro juntou os elementos de uma política fascista com o mecanismo hostil e mortal de um fundamentalismo de mercado.

Atualmente, vivemos em um mundo em que parece haver poucas alternativas a um capitalismo global devastador – um mundo em que as sociedades autoritárias existentes se anunciam como a única realidade viável. Sob tais circunstâncias, pode parecer que tudo o que resta para escolher são ficções concorrentes. Esta é uma época dominada por narrativas perigosas, livres de evidências, repletas de deturpações e que são inflexíveis quanto à destruição de qualquer coisa com aparência não apenas de verdade, mas também de moralidade, responsabilidade social e justiça. Para os chacais, a linguagem, o pensamento, a memória e os valores cívicos funcionam como um sistema autoimune que ameaça enfraquecer seu poder e seus modos de legitimação. À medida que as fronteiras do impensável se normalizam, a linguagem se esvazia de significado, sendo preenchida com os valores arruinados da comercialização, da atração do espetáculo e dos crescentes registros de corrupção.

Uma consequência disso é que tudo o que é tocado pelo poder de despertar a raiva se torna espetáculo e alimento para uma grande mídia ansiosa por aumentar sua audiência. Discursos que invocam a memória histórica e assumem a tarefa de testemunha

moral, questionando o abuso de poder, são ridicularizados como *fake news* ou descartados como irrelevantes diante da suposição reinante, feita por aqueles demagogos que ocupam os mais altos cargos políticos, de que a sociedade socialista democrática não é algo que valha a pena perseguir e de que tudo o que resta é a "democracia iliberal" – um código para a supressão das liberdades políticas e civis em troca de noções autoritárias de segurança. Esse ataque ao socialismo democrático parece ser mais do que um floreio retórico, especialmente porque mais e mais pessoas apoiam políticas socialistas democráticas, especialmente as articuladas por Bernie Sanders, que defende assistência médica acessível, uma Declaração de Direitos Econômicos, um salário digno, segurança econômica, independência dos ditames de uma sociedade de mercado e um ataque às enormes desigualdades de riqueza e poder.

Como o governo Trump deixa claro, verdade, justiça e responsabilidade social não têm lugar na era dos chacais. O poder é escrito na linguagem da economia, e não da ética, da justiça e da compaixão. A linguagem foi virada de cabeça para baixo para significar seu contrário. "Liberdade" agora significa frequentemente a liberdade de odiar; "trabalho" agora significa muitas vezes escravidão salarial. O individualismo agora é definido exclusivamente como parte de um *ethos* de competição implacável. O interesse próprio é inimigo da solidariedade e da compaixão, e a atomização social, reforçada pela ênfase na responsabilidade individual, é elevada a uma virtude, ao passo que a "justiça" é usada para se referir a ilegalidades legais. Os chacais querem romper com a história, não apenas reescrevendo-a conforme seus próprios interesses regressivos, mas também apagando os fantasmas assombrosos e persistentes de uma política fascista para a qual venderam suas almas. As mentiras não são mais sutis, ao mesmo tempo que a violência contra crianças e imigrantes

sem documentos se torna um distintivo de honra para Trump e seus asseclas covardes e corruptos. A violência estatal para os chacais, em todo o mundo, é o princípio organizador das sociedades que governam.

Os chacais estão bêbados de ganância e poder e estão dispostos a matar o planeta e qualquer vestígio de decência, justiça econômica e social, para se dedicarem à riqueza. Se alguém duvida que o capitalismo gera quantidades iníquas de ganância e riqueza e que seu objetivo é o fascismo, leve em consideração o fato de que três homens brancos – Jeff Bezos, Bill Gates e Warren Buffett – têm mais riqueza coletivamente do que os 50% mais pobres da população mundial. Lembre-se de que o poder e a riqueza globais concentrados em poucas mãos dão origem não apenas à repressão e à miséria maciças, mas também a atos impensáveis de violência e crueldade. Considere as consequências de políticas neoliberais que operam de acordo com a ideia de que os direitos econômicos e de propriedade são mais importantes que os direitos humanos. Tais políticas se recusam a reconhecer os cuidados de saúde como um direito básico que deve ser gratuito, negam a faculdade sem custos, obstruem leis que visam aumentar o salário-mínimo e denunciam as reformas ambientais necessárias, como o Green New Deal. Enquanto isso, mantêm graus massivos de desigualdade, pois milhões de americanos são forçados a escolher entre alimentos e serviços de saúde, entre pagar suas contas e comprar remédios, pois trabalham oitenta horas por semana simplesmente para poder sobreviver.

Na era dos chacais, a razão perde seu poder de informar o julgamento. A verdade, como o capital e o comércio, agora é flexível, o que torna mais fácil negar até um mínimo de julgamento racional, permitindo o que Elisabeth Young-Bruehl (2006) chamou de "intrusão da criminalidade na política". Os chacais se alimentam do medo, da cultura da guerra e da cultura da crueldade. A linguagem

é armada e a masculinidade é militarizada. No cerne da militarização das sociedades dirigidas por chacais está um profundo senso de vazio, uma destruição dos valores cívicos e das instituições públicas que os nutrem. Trump, como o chacal-chefe, oferece aos tiranos de todo o mundo uma energia recém-descoberta para legitimar seus valores autoritários e suas políticas e ações opressivas. Sob tais circunstâncias, os Estados Unidos se tornaram um modelo para uma forma de governamentalidade na qual, como meu amigo Zygmunt Bauman certa vez argumentou, "tudo o que importa é negado e tudo o que personifica o mal é reinventado" (Bauman e Donskis, 2016). À medida que a política da mentira se move das margens ao centro do poder, os falsos gritos de "*fake news*" emitidos por Trump exercem enorme influência política e pedagógica, ao mesmo tempo que aceleram e normalizam um fluxo interminável de verdadeiras *fake news* e deturpações. A ignorância se torna o terreno fértil para uma cultura que reprime a memória histórica, destrói qualquer entendimento da importância dos valores compartilhados e permite que os poderosos usem o discurso cotidiano como arma.

O ataque de Trump à verdade ressoa uma cultura maior de velocidade, gratificação instantânea e consumismo. Juntamente com uma sociedade que adora a cultura das celebridades, a espetacularização do poder torna mais fácil para Trump e seus associados reabilitar ideias, princípios e cultura política fascistas. No cerne do desprezo de Trump pela razão e pela verdade, há um ataque frontal às instituições que promovem hábitos, sensibilidades, valores, disposições e cultura capazes de produzir cidadãos criticamente engajados e de sustentar uma forte democracia. A lição crucial aqui é que, sem cidadãos esclarecidos e sem imprensa e agentes críticos, o poder das instituições democráticas, juntamente com o controle e o equilíbrio estabelecidos, se enfraquece e a ameaça do autoritarismo do século XXI se torna mais iminente.

A atual era dos chacais constitui tanto uma crise política quanto uma crise de história, memória, agência e educação. O que é diferente em Trump é que ele se deleita em seu papel e não se desculpa pela promulgação de políticas que possibilitam ainda mais a pilhagem do país pelos bilionários e pelas grandes corporações. Trump representa o ressurgimento de um passado que deve nos aterrorizar, um passado ultranacionalista, racista e de ódio à democracia, um passado que vem se tornando inimaginavelmente presente.

Andrea Pitzer, autora de *One long night: a global history of concentration camps*, diz que campos de concentração já existem nos Estados Unidos, esclarecendo que ela os define como "detenção em massa de civis sem julgamento" (Pitzer, 2017). Analisando a obra de Pitzer, Jack Holmes argumenta:

> O governo dos Estados Unidos nunca chamaria a ampla rede de instalações atualmente em uso em muitos estados de "campos de concentração", é claro [...]. Mas, segundo a consideração de Pitzer, o sistema na fronteira sul criado pela primeira vez pelo governo Bill Clinton, construído pelo governo de Barack Obama e levado a um novo, extremo e perigoso território por Donald Trump e seus aliados pode ser qualificado como tal [...]. Esses tipos de campos de detenção são um esforço militar: são defensáveis em tempos de guerra [...] mas inseri-los na sociedade civil e usá-los para abrigar civis é uma proposta materialmente diferente. Você está revogando os direitos humanos e civis de não combatentes sem justificativa legal. (Holmes, 2019, p. 5)

Trump representa e possibilita a era dos chacais – uma forma distinta e perigosa de autoritarismo de origem estadunidense. É claro que ele é um sintoma e o resultado das forças apocalípticas de racismo, xenofobia, nativismo, consumismo e formas de miséria induzidas pelo neoliberalismo que estão se formando há

algum tempo e que são um eco do passado que jamais pode ser apagado ou esquecido. É preciso recuperar uma linguagem que derrube o véu da normalização do maquinário neoliberal de morte. Essa linguagem, que deve nos proporcionar alternativas de um "futuro imaginado" (Leffel, 2018), que possa nos oferecer alternativas à máquina da morte fascista e neoliberal, precisa lembrar que a história da primeira Era do Ouro está sendo reproduzida hoje à medida que a distância entre a riqueza da elite financeira e a da metade inferior da população cresce exponencialmente, enquanto o planeta esquenta, as calotas de gelo derretem e milhões de plantas e espécies animais são extintos.

Os chacais estão espalhando formas atualizadas de fascismo por todo o mundo e, em parte, o fazem através de formas de analfabetismo cívico distribuídas pelos oligarcas que estão no controle das novas plataformas e paisagens digitais, os quais conhecem apenas uma regra: ganhar dinheiro apesar das consequências. O fascismo neoliberal é a nova toxina que capacita os chacais que vivem das energias e vidas dos mortos-vivos. Eles habitam um espaço produzido na fusão de políticas neoliberais de austeridade, militarismo, xenofobia, discriminação social e econômica, ódio racial e empobrecimento da vida cívica e da cultura.

Como Marx apontou, a violência é a parteira do capitalismo, e como Adorno deixou claro, o fascismo é o objetivo do capitalismo. Sob as restrições brutais do capital financeiro – um estágio mais brutal do capitalismo –, a linha que separa democracia e opressão violenta desaparece. Numa época em que os chacais espalharam poderosas formas de fundamentalismo de mercado, além do religioso, político e ideológico, aparece um novo brutalismo, no qual tudo afunda no caos enquanto produz um terremoto político.

O cinismo é incorporado ao tecido social à medida que os chacais usam seus aparatos culturais para fazer guerra contra críticas, dissidências e formas de resistência política que desejam

imaginar um futuro que não imite um presente distópico. O poder dos chacais está intimamente ligado à sua capacidade de produzir máquinas de desimaginação, aparatos culturais que normalizam suas ideologias pútridas de privatização, desregulamentação, individualismo descontrolado e mercantilização e fecham a possibilidade de imaginar novos horizontes radicais.

O que deve ser lembrado aqui é que o fascismo neoliberal não pode ser entendido estritamente como simples sistema econômico. Também funciona como uma forma de pedagogia pública e modo de persuasão e racionalidade com a intenção de naturalizar sua própria visão de mundo. Mais importante ainda, o fascismo neoliberal atua por meio de uma variedade de aparatos culturais para despolitizar, colonizando formas justificáveis de raiva em massa e redirecionando-as para fossas de ódio destinadas às populações consideradas descartáveis.

Não existe política que valha a pena sem uma compreensão realista e crítica do mundo em que se vive. Devemos nos envolver em uma crítica vigorosa da variedade de formas de opressão existentes e cada vez mais fortes, que se estendem do racismo e do encarceramento em massa a um ataque às provisões públicas, ao bem público, à educação e ao próprio planeta. No entanto, também devemos esperar. Não há senso de agência a menos que os indivíduos possam imaginar um futuro no qual uma sociedade socialista democrática seja importante e pela qual valha a pena lutar.

O primeiro passo para se livrar dos chacais é construir um forte movimento anticapitalista, capaz de unir uma vasta gama de movimentos sociais sob a bandeira de uma democracia socialista radical. A guerra contra os chacais e suas sociedades fascistas neoliberais precisa exigir uma profunda reestruturação do poder fora do *ethos* do capitalismo, uma reestruturação que não tenha medo de convocar uma revolução democrática e política. Nenhuma forma de resistência terá sucesso sem o desenvolvimento de uma nova narrativa, uma nova linguagem e uma nova política

que desejem vincular as lutas por mudanças políticas e econômicas a lutas por igualdade e justiça sociais.

Ao mesmo tempo, são necessárias formas de resistência não violentas que possam interromper as sociedades autoritárias. Tanto Hong Kong quanto a Coreia do Sul usaram a greve geral para interromper os mecanismos econômicos e culturais em ação sob o domínio das sociedades autoritárias. Em Hong Kong, mais de 2 milhões de pessoas foram às ruas exibindo o poder da luta coletiva e, até agora, conseguiram retroceder uma legislação repressiva. Em tempos extremos, precisamos de formas extremas de resistência que possam avançar em sociedades nas quais os processos legislativos e eleitorais regulares não funcionam mais para provocar mudanças radicais e indispensáveis. A história está aberta. É hora de pensar de outra forma a fim de agir de outra maneira, especialmente se quisermos imaginar e lutar por futuros e horizontes de possibilidades alternativos. Precisamos alimentar a imaginação radical para garantir que a justiça nunca morra em nós e que nenhuma sociedade seja apenas suficiente. É hora de desligar a máquina autoritária que está em funcionamento ao redor do planeta.

Mantendo viva a luta por uma democracia radical

Não haverá democracia sem uma cultura formativa que construa os agentes questionadores, capazes de dissidência e ação coletiva. Tampouco a luta por uma democracia radical chegará longe sem uma visão que possa substituir a política representativa por uma política e um modo de governo participativos. Wendy Brown aborda alguns dos elementos de uma política visionária em que o poder e a governança são compartilhados coletivamente. Ela escreve:

> Uma visão de justiça da esquerda se concentraria em práticas e instituições de poder popular; uma distribuição modestamente

> igualitária de riqueza e acesso a instituições; um incessante ajuste de contas com todas as formas de poder – social, econômico, político e mesmo psíquico; uma visão de longo prazo da fragilidade e finitude da natureza não humana; e a importância tanto de atividades significativas quanto de boas habitações para o florescimento humano. O impulso de promulgar tal racionalidade contrária – uma figuração diferente dos seres humanos, da cidadania, da vida econômica e da política – é crítico tanto para o longo trabalho de elaboração de um futuro mais justo quanto para a tarefa imediata de desafiar as políticas mortais do imperialista governo estadunidense. (Brown, 2009, p. 79)

Cornelius Castoriadis, grande filósofo da democracia, acrescenta a essa perspectiva a ideia de que, para a democracia funcionar, as pessoas têm que ter paixão por valores públicos e participação social, além da capacidade de acessar espaços públicos que garantam os direitos de liberdade de expressão, discordância e diálogo crítico. Castoriadis reconheceu que no coração de tais espaços públicos há uma cultura formativa que cria cidadãos que são pensadores críticos capazes de "questionar as instituições existentes para que a democracia se torne [possível] no sentido pleno do termo" (Castoriadis, 1997, p.14). Para o filósofo, às pessoas não deve ser meramente dado o direito de participar na sociedade; elas também devem ser educadas para participar de maneira significativa e consequente. De acordo com ele, o espaço de proteção do social se torna crucial quando funciona como um espaço educacional cujo objetivo é criar agentes críticos que possam usar seus conhecimentos e habilidades para participar de uma luta mais ampla por justiça e liberdade. No centro da lógica de defesa da educação está uma defesa da esfera pública na qual, parafraseando Arendt (2013), a liberdade pode "encontrar o espaço mundano para fazer uma aparição". Para Castoriadis, a educação não é, portanto, apenas uma dimensão essencial de justiça e política, mas também a própria democracia.

Uma condição prévia para interromper o fascismo neoliberal de Trump é o reconhecimento de que a democracia não pode existir sem cidadãos esclarecidos, que têm paixão por assuntos públicos e que acreditam que a consciência crítica é uma precondição pela qual a política deve passar para tornar os indivíduos aptos aos tipos de lutas coletivas que oferecem a possibilidade de mudança. É difícil falar em produzir os laços sociais necessários em qualquer democracia sem ver a educação cívica, a alfabetização e a aprendizagem como atos de resistência. A educação deve se tornar central para uma política na qual possam ser desenvolvidas novas narrativas que se recusem a equiparar o capitalismo à democracia, a esperança ao medo e a igualdade política à igualdade econômica.

Ao fazer isso, a educação precisa ser transformada em um "instrumento de poder político", uma maneira de ler as condições que produziram um passado fascista e estão conosco novamente. No atual momento histórico, uma sociedade de condomínios fechados, muros e prisões dilacerou qualquer senso de comunidade compartilhada, tornando cada vez mais difícil imaginar um senso de identidade coletiva enraizada na compaixão, empatia, justiça e obrigações compartilhadas entre si. Contra essa destruição do espaço público, é crucial cultivar uma visão elevada que se recuse a abandonar a imaginação radical e a disposição de lutar por um mundo em que um tipo emancipatório de luta e política é possível.

Tal política deve fazer mais do que demonstrar indignação em relação ao regime do fascismo neoliberal que surge nos Estados Unidos e em todo o mundo como um modelo para o futuro. Também deve levar a sério a noção de que não há democracia sem uma cultura crítica de formação que possa habilitar o poder crítico e os modos de apoio coletivo necessários para sustentá-lo, ou seja, deve desenvolver uma relação entre educação cívica e

agência política na qual as capacidades libertadoras da linguagem e da política estejam inextricavelmente ligadas a crenças cívicas, espaços públicos e valores que marcam um abraço democrático do social. Isso é especialmente urgente num momento em que a cultura cívica está sendo erradicada e as visões dominantes de um futuro alternativo estão desaparecendo. A política deve voltar a ser educativa e a educação deve se tornar central para a política.

Em uma reflexão recente (Giroux e Figueiredo, 2020), concluímos que sem esperança não há possibilidade de resistência, de dissidência e de luta. A agência é a condição da luta, e a esperança é a condição da agência. A esperança expande o espaço do possível e torna-se uma maneira de reconhecer e nomear a natureza incompleta do presente. Concordo com Paulo Freire (2011) quando afirma que a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo em que não seria possível juntar forças para o embate recriador do mundo; a desesperança tenta destruir a possibilidade do *inédito-viável*.

Entretanto, a esperança não é pura teimosia, mas um imperativo existencial e histórico. A esperança é um ato político. Prescindir da esperança que se funda na verdade, como qualidade ética da luta, é negar a própria possibilidade de transformação social. O essencial é que a educação se fundamente na esperança como necessidade ontológica do ser humano, sempre ancorada na prática, para que, como práxis radical, possa transformar a realidade social e tornar-se uma nova concretude histórica. Como veículo de mudança social, a educação registra os elementos políticos, econômicos e culturais que podem ser usados para recuperar uma noção crítica e democrática de comunidade e as relações e valores sociais que tornam tais comunidades possíveis.

O desafio de criar uma linguagem nova e revitalizada da política, do social e do bem comum pode passar do abstrato à prática através do poder de um movimento social de massa que reconheça

a importância tática do que Pierre Bourdieu descreve em *Acts of resistance* como "as dimensões simbólicas e pedagógicas da luta e da resistência" (Bourdieu, 1998, p. 30). Não estou sugerindo que a educação ou a pedagogia públicas, no sentido mais amplo, ofereçam garantias políticas de criação de indivíduos e movimentos que possam lutar contra os atuais ataques à democracia, mas não haverá resistência sem que se torne a educação central em qualquer luta política. Em seu ensaio *On politics*, o sociólogo C. Wright Mills capta o espírito desse sentimento em seu comentário sobre o valor das ciências sociais:

> Não creio que a ciência social "vá salvar o mundo", embora não veja nada de errado em "tentar salvar o mundo" – uma frase que entendo aqui no sentido de evitar a guerra e o rearranjo dos assuntos humanos em acordo com os ideais da liberdade e da razão humanas. O conhecimento que tenho me leva a abraçar estimativas bastante pessimistas das oportunidades. Mas, mesmo que seja onde nos encontramos agora, ainda devemos perguntar: se há alguma saída para as crises de nosso período por meio do intelecto, não cabe ao cientista social indicá-la? [...] É no nível da consciência humana que virtualmente todas as soluções para os grandes problemas devem estar agora. (Mills, 2000, p. 193)

Se as forças progressistas pretendem redimir uma noção democrática do social, precisamos construir um ativismo que repense o que significa assumir o desafio de mudar a forma como as pessoas se relacionam entre si e com as condições que afetam suas vidas. Tais esforços falam de uma noção de esperança educacional e das possibilidades de nutrir formas de alfabetização cívica e modos críticos de aprendizagem e agência. Também apontam, como observou o historiador Tony Judt, para a necessidade de forjar uma "linguagem de justiça e direitos populares [e] uma

nova retórica de ação pública" (Judt, 2011, p. 4). A revitalização de uma agenda progressista pode ser tratada como parte de um movimento social mais amplo capaz de repensar uma democracia radical na qual os valores públicos importem, a imaginação ética floresça e a justiça seja vista como uma luta contínua. Em um tempo de pesadelos distópicos, um futuro alternativo só é possível se pudermos imaginar o inimaginável e pensar de outro modo para agir de outra forma. Isso não é mais uma esperança abstrata, mas uma necessidade radical.

Referências

ABRAMSKY, S. *How Trump has normalized the unspeakable*. *The Nation*, Nova York, 20 dez. 2017. Disponível em: https://www.thenation.com/article/archive/how-trump-has-normalized-the--unspeakable/. Acesso em: 22 dez. 2017.

ADORNO, T. W. The meaning of working through the past. *In*: OLICK, J. K.; PERRIN, A. J. (ed.). *Guilt and defense*: on the legacies of national socialism in postwar Germany. Trad. Henry W. Pickford. Cambridge: Harvard University Press, 2010. p. 213-214.

ALI, W. The roots of the Christchurch massacre. *New York Times*, 14 mar. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/03/15/opinion/new-zealandmos. Acesso em: 20 mar. 2019.

AKSAN, C.; BAILES, J. (eds.). One Question Fascism- Is Fascism making a comeback? (Part Two). *State of Nature Blog*, dez. 2017. Disponível em: http://stateofnatureblog.com/one-question-fascism-part-two/. Acesso em: 10 jan. 2018.

AKSAN, C.; BAILES, J. Is Fascism making a comeback? *State of Nature*, Serie One Question: Fascism (Part Two), 4 dez. 2017. Disponível em: http://stateofnatureblog.com/one-question-fascism-part-two/. Acesso em: 5 dez. 2017.

ALLEGRETTO, S. Teachers across the country have finally had enough of the teacher pay penalty. *EPI – Economic Policy Institute*. 4 abr. 2018. Disponível em: https://www.epi.org/publication/

teachers-across-the-country-have-finally-had-enough-of-the--teacher-pay-penalty/. Acesso em: 5 abr. 2018.

ALTERMAN, E. The decline of historical thinking. *The New Yorker*, Nova York, 4 fev. 2019. Disponível em: https://www.newyorker.com/news/news-desk/the-decline-of-historical-thinking. Acesso em: 5 fev. 2019.

ANDERSON, T. Cities go rogue against Trump and the radical right. *These Times*, 23 fev. 2016. Disponível em: http://inthesetimes.com/article/19895/sanctuary-cities-resistance-trump. Acesso em: 27 fev. 2018.

ANDERSON, T. How the Left's Long March back will begin in the States. *These Times*, 6 fev. 2017. Disponível em: www.inthesetimes.com/article/19867/how-the-lefts-long-marchback-will-begin--in-the-states. Acesso em: 27 fev. 2018.

APPADURAI, A. Democracy fatigue. *The great regression*. Londres: Willey, 2017. p. 1-12.

ARENDT, H. *The black book*: the Nazi crime against the Jewish people (Book Review). Commentary, 2, 1946.

ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1968.

ARENDT, H. *The origins of totalitarianism*. Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1973.

ARENDT, H. *The life of the mind*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1981.

ARENDT, H. *Between past and future*: eight exercises in political thought, 193. Nova York: Penguin Books, 2006.

ARENDT, H. *The last interview and other conversations*. Londres: Melville House, 2013.

ARONOFF, K. West Virginia showed how necessary – and difficult – striking is: "It was exhilarating and exhausting. You start thinking, 'Are we going to be out forever?'". *These Times*, 16 abr. 2018. Disponível em: http://inthesetimes.com/article/21037/west-virginia-strike-organizing-teachers-south-charleston. Acesso em: 20 abr. 2018.

ARONOWITZ, S. From outrage to courage. *Situations*, ano 5, v. 2, p. 33, 2014.

ARONSON, R. *We*: reviving social hope. Chicago: University of Chicago Press, 2017.

BAKER, P. For Trump, a year of reinventing the presidency. *The New York Times*, Nova York, 31 dez. 2017. Disponível em: Top of Form. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/12/31/us/politics/trump-reinventing-presidency.html. Acesso em: 5 jan. 2018.

BAKER, P.; QIU, L. Inside what even an ally calls Trump's 'reality distortion field'. *The New York Times*, Nova York, 31 out. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/10/31/us/politics/fact-check-trump-distortion-campaign.html. Acesso em: 15 nov. 2018.

BAKER, P.; TACKETT, M. Trump says his 'nuclear button' is 'much bigger' than North Korea's. *The New York Times*, Nova York, 2 jan. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/01/02/us/politics/trump-tweet-north-korea.html. Acesso em: 5 jan. 2018.

BALDWIN, J. Stranger in the village. *In*: BALDWIN, James. *Notes of a native son*. Boston: Beacon Press, 1955. p. 159-175.

BALDWIN, J. *No name in the street*. Nova York: Penguin Random House, 2007. Vintage International Series.

BALDWIN, J.; DAVIS, A. Y. *An open letter to my sister, Miss Angela Davis*. Nova York: Committee to Free Angela Davis, 1970.

BALIBAR, E. We, the people of Europe: reflections on transnational citizenship. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2009. v. 18.

BALINGIT, M. Arizona teachers end walkout despite falling short of aims. *The Washington Post*, Washington, D.C., 3 maio 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/education/wp/2018/05/03/arizonateachers-end-walkout-despite-falling--short-of-aims/. Acesso em: 5 maio 2018.

BARBER, W. J. We are witnessing the birth pangs of a Third Reconstruction: we need a moral movement to create change. *Think Progress*, 15 dez. 2016. Disponível em: thinkprogress.org/rev-barber-moral-change-1ad2776df7c#.4hojv9rzt. Acesso em: 27 fev. 2018.

BAUMAN, Z. Does "democracy" still mean anything? (And in case it does, what is it?). *TruthOut*, 21 jan. 2011. Disponível em: https://truthout.org/articles/does-democracy-still-mean-anything-and-in-case-it-does-what-is-it/. Acesso em: 20 fev. 2011.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. *Liquid evil*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2016.

BENDA, V. The parallel 'polis'. *In*: SKILLING, H. G.; WILSON, P. (ed.). *Civic freedom in Central Europe*: voices from Czechoslovakia. Cambridge, UK: Palgrave Macmillan, 1991. p. 35-41.

BEN-GHIAT, R. Beware of president Trump's nefarious language games. *The Washington Post*, Washington, D.C., 21 dez. 2017. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/democracy-post/wp/2017/12/21/beware-of-presidenttrumps-nefarious-language-games/?utm_term=.dc9e11b2d2c9. Acesso em: 22 dez. 2017.

BERKOWITZ, R. Por que Arendt importa: revisitando as origens do totalitarismo. *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 18 mar. 2017. Disponível em: https://lareviewofbooks.org/article/arendt-matters-revisiting-origins-totalitarianism/. Acesso em: 20 mar. 2017.

BERND, C. LA teachers demand moratorium on charters as strike begins. *TruthOut*, 14 jan. 2019. Disponível em: https://truthout.org/articles/la-teachers-demand-moratorium-on-charters-as-strike-begins/. Acesso em: 15 jan. 2019.

BERNSTEIN, R. J. *The abuse of evil*: the corruption of politics and religion since 9/11. Cambridge: Polity, 2005. v. 19.

BLAKE, A. Trump's embrace of a fraught term – 'nationalist' – could cement a dangerous racial divide. *The Washington Post*, Washington, D.C., 23 out. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/2018/10/23/trumps-embrace-fraught-term-nationalist-could-cement-dangerous-racial-divide/?utm_term=.8623f760f614. Acesso em: 25 out. 2018.

BLANC, E. It's Oklahoma's turn to strike: on Monday, schools will be shut down across Oklahoma as rank-and-file teachers look to build on the momentum of the West Virginia strike. *Jacobin*, 30 mar. 2018. Disponível em: https://www.jacobinmag.com/2018/03/oklahoma-teachers-strike-west-virginia. Acesso em: 2 abr. 2018.

BLIGHT, D. Trump and history: ignorance and denial. *Freedom Center*, Cincinnati, 2017. Disponível em: https://freedomcenter.org/voice/trump-and-history-ignorance-and-denial. Acesso em: 5 jul. 2019.

BOGGS, G. L.; KURASHIGE, S. *The next American revolution:* sustainable activism for the twenty-first century. Berkeley: University of California Press, 2012.

BOHMER, P. Connecting $15 an hour movement to other social movements. *CounterPunch*, 28 set. 2015. Disponível em: https://www.counterpunch.org/2015/09/28/connecting-15-an-hour-movement-to-other-social-movements/. Acesso em: 30 set. 2015.

BOOT, M. What is happening to our country? *The Washington Post*, Washington, D.C., 27 out. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/what-is-happening-to-our-country/2018/10/27/47b462f6-da13-11e8-aeb7-ddcad4a0a54e_story.html. Acesso em: 30 out. 2018.

BOOT, M. Americans' ignorance of history is a national scandal. *The Washington Post*, Washington, D.C., 20 fev. 2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/americans-ignorance-of-history-is-a-national-scandal/2019/02/20/b8be683c-352d-11e9-854a-7a14d7fec96a_story.html?utm_term=.459563b6e596. Acesso em: 25 fev. 2019.

BOTTICI, C. One question Fascism (part one): is fascism making a comeback? *In*: AKSAN, C.; BAILES, J. (org.). *State of Nature Blog*, 3 dez. 2017. Disponível em: http://stateofnatureblog.com/one-question-fascism-part-one/. Acesso em: 10 dez. 2017.

BOUIE, J. The trouble with Biden. *The New York Times*, Nova York, 11 mar. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/03/11/opinion/biden-busing-integration.html. Acesso em: 15 mar. 2019.

BOURDIEU, P. *Acts of resistance*. Nova York: New Press, 1998.

BROWN, W. *Edgework*: critical essays on knowledge and politics. Princeton: Princeton University Press, 2009.

BROWN, W. *Undoing the demos*: neoliberalism's stealth revolution. Nova York: Zone Books, 2015.

BROWN, W. Apocalyptic populism. *Blaetter* für Deutsche und *Internationale Politik*, n. 8, p. 46-60, 2017. Published in German translation.

BROWN, W.; LITTLER, J. Where the fires are: an interview with Wendy Brown. *Eurozine*, 18 abr. 2018. Disponível em: https://www.eurozine.com/where-the-fires-are/. Acesso em: 12 jul. 2018.

BROWNING, C. R. The suffocation of democracy. *The New York Review*, Nova York, ano 65, n. 16, p. 14-17, 2018. Disponível em: https://www.nybooks.com/articles/2018/10/25/suffocation-of--democracy/. Acesso em: 15 set. 2020.

CAMPBELL, B. After neoliberalism: the need for a gender revolution. *Soundings*, State College, Penn State University Press, ano 56, n. 17, p. 10-26, 2014.

CASSIDY, J. Trump's businesses represent an impossible conflict of interest. *The New Yorker*, Nova York, 22 nov. 2016. Disponível em: https://www.newyorker.com/news/john-cassidy/trumps-businesses-represent-an-impossible-conflict-of-interest. Acesso em: 25 nov. 2016.

CASTORIADIS, C. Democracy as procedure and democracy as regime. *Constellations*, ano 4, n. 1, p. 1-8, 1997.

CHAIT, J. Trump again threatens violence if Democrats don't support him. *Intelligencer*, Nova York, 14 mar. 2019. Disponível em: http://nymag.com/intelligencer/2019/03/trump-threatens--violence-if-democrats-dont-support-him.html. Acesso em: 20 mar. 2019.

CHOKSHI, N. 94 percent of U.S. teachers spend their own money on school supplies, survey finds. *The New York Times*, Nova York, 16

maio 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/05/16/us/teachers-school-supplies.html. Acesso em: 20 maio 2018.

CHOMSKY, N. Trump is consolidating far-right power globally. *TruthOut*, 3 jul. 2019. https://truthout.org/articles/noam-chomsky-trump-is-consolidating-far-right-power-globally/. Acesso em: 5 jul. 2019.

COCHRANE, E. Trump and his aides dismiss reports of disease and hunger in border facilities. *The New York Times*, Nova York, 7 jul. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/07/07/us/politics/border-centers-mcaleenan.html. Acesso em: 10 jul. 2019.

COLBERN, A. Sanctuaries for 'illegals' have historically been good for American democracy. *Politics of Color*, 21 set. 2015. Disponível em: http://politicsofcolor.com/sanctuaries-for-illegals-have-historically-been-good-for-american-democracy/. Acesso em: 27 fev. 2018.

COLE, T. Resist, refuse. *The New York Times Magazine*, Nova York, 8 set. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/09/08/magazine/teju-cole-resistance-op-ed-resist-refuse.html. Acesso em: 8 set. 2018.

CORNELL, D.; SEELY, S. D. Seven theses on Trump. *Critical Legal Thinking*, 28 fev. 2016. Disponível em: www.criticallegalthinking.com/2016/11/28/seven-theses-trump/. Acesso em: 22 fev. 2018.

CRAIN, C. Is capitalism a threat to democracy? *The New Yorker*, Nova York, 7 maio 2018. Disponível em: https://www.newyorker.com/magazine/2018/05/14/is-capitalism-a-threat-to-democracy. Acesso em: 11 nov. 2021.

CUTLER, D.; DOMINICI, F. A breath of bad air: cost of the Trump environmental agenda may lead to 80.000 extra deaths per decade. *Jama*, ano 319, n. 22, p. 2.261-2.262, 2018.

DAVIS, M.; MONK, D. B. Introdução. *In*: DAVIS, M.; MONK, D. B. (org.). *Evil paradises*. Nova York: The New Press, 2007.

DERBER, C. *Welcome to the revolution*: universalizing resistance for social justice and democracy in perilous times. Nova York: Routledge, 2017.

DEVEGA, C. Author Brian Klaas: Is Trump an "aspiring despot" or a "bumbling showman"? Yes! *Salon*, 19 dez. 2017. Disponível em: https://www.salon.com/2017/12/19/author-brian-klaas-is--trump-an-aspiring-despot-or-a-bumbling-showman-yes/. Acesso em: 20 dez. 2017.

DIMAGGIO, A. The shutdown as fascist creep: profiling right-wing extremism in America. *CounterPunch*, 4 jan. 2019. Disponível em: https://www.counterpunch.org/2019/01/04/the-shutdown-as--fascist-creep-profiling-right-wing-extremism-in-america/. Acesso em: 5 jan. 2019.

DORFMAN, A. How to read Donald Trump on burning books but not ideas. *TruthOut*, 14 set. 2017a. Disponível em: https://truthout.org/articles/how-to-read-donald-trump-on-burning-books-but-not-ideas/. Acesso em: 20 set. 2017.

DORFMAN, A. A tale of two Donalds. *Tom Dispatch*, 14 set. 2017b. Disponível em: https://tomdispatch.com/ariel-dorfman-a-tale--of-two-donalds/. Acesso em: 15 dez. 2017.

DORFMAN, A. Trump's war on knowledge. *The New York Review*, Nova York, 12 out. 2017c. Disponível em: https://www.nybooks.com/daily/2017/10/12/trumps-war-on-knowledge/. Acesso em: 15 out. 2017.

DOUGLASS, F. *The meaning of July Fourth for the Negro*. Frederick Douglass: Selected speeches and writings, 1852. p. 188-206.

ELK, M. Wave of teachers' wildcat strikes spreads to Oklahoma and Kentucky. *The Guardian*, Londres, 2 abr. 2018. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2018/apr/02/teachers-wildcat-strikes-oklahoma-kentucky-west-virginia. Acesso em: 5 abr. 2018.

ETLIN, R. A. Introduction: the perverse logic of Nazi thought. *In*: ETLIN, R. A. *Art, culture, and media under the Third Reich*. Chicago: University of Chicago Press, 2002. p. 1-39.

EVANS, B. The perils of being a black philosopher. *The New York Times*, 18 abr. 2016. Disponível em: https://opinionator.blogs.nytimes.com/2016/04/18/the-perils-of-being-a-black-philosopher/. Acesso em: 11 nov. 2021.

EVANS, B. Humans in dark times. *The New York Times*, Nova York, p. 22, 23 fev. 2017.

EVANS, B. *Atrocity exhibition*: life in the age of total violence. Los Angeles: The Los Angeles Review of Books, 2019.

EVANS, R. J. *The Third Reich in power*. Londres: Penguin, 2006. v. 2.

EVANS, R. J. A warning from history. *The Nation*, 28 fev. 2017. Disponível em: https://www.thenation.com/article/archive/the--ways-to-destroy-democracy/. Acesso em: 28 fev. 2017.

EVANS, S.; BOYTE, H. *Free spaces*: the sources of democratic change in America. Nova York: Harper and Row, 1986.

FALK, B. Between past and future. *Eurozine*, 26 maio 2011.

FAULKNER, W. *Requiem for a nun*. Nova York: Penguin Random House, 2011. Vintage International Series.

FERNANDEZ, M.; BENNER, K. The billion-dollar business of operating shelters for migrant children. *The New York Times*, 21 jun.

2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/06/21/us/migrant-shelters-border-crossing.html. Acesso em: 25 jun. 2018.

FIFTEENTH STREET. *Turn left*: an open letter to U.S. radicals. Nova York: Fifteenth Street Manifesto Group, 2008, p. 1.

FINCHELSTEIN, F. *From fascism to populism in history*. Berkeley: University of California Press, 2019.

FISHER, M. *Capitalist realism*: is there no alternative? Hampshire: John Hunt Publishing, 2009.

FRANK, T. Bill Clinton's crime bill destroyed lives, and there's no point denying it. *The Guardian*, 15 abr. 2016. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/apr/15/bill-clinton-crime-bill-hillary-black-lives-thomas-frank. Acesso em: 10 maio 2016.

FRASER, N. From progressive neoliberalism to Trump – and beyond. *American Affairs*, ano 1, n. 4, p. 46-64, 2017a.

FRASER, N. Progressive neoliberalism versus reactionary populism: a Hobson's choice. *In*: GEISELBERGER, H. (ed.). *The great regression*. Londres: Polity, 2017b. p. 40-48.

FRASER, S. Teaching America a lesson. *Tom Dispatch*, 17 abr. 2018. Disponível em: https://www.tomdispatch.com/blog/176412/. Acesso em: 20 abr. 2018.

FREIRE, P. Foreword. *In*: GIROUX, H. *Theory and resistance in education*: towards a pedagogy for the opposition. Foreword by Paulo Freire; preface by Stanley Aronowitz. Rev. and expanded edition. Westport, Connecticut; Londres: Bergin & Garvey, 2001. p. xiii-xiv.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FULWOOD, S. The media is overlooking the purpose of Trump's border wall. *Think Progress*, 11 jan. 2019. Disponível em: https://thinkprogress.org/media-have-trumps-wall-all-wrong--d90d2665070a/. Acesso em: 15 jan. 2019.

GABRIEL, T. Before Trump, Steve King set the agenda for the wall and anti-immigrant politics. *The New York Times*, Nova York, 10 jan. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/01/10/us/politics/steve-king-trump-immigration-wall.html. Acesso em: 15 jan. 2019.

GANE, N.; BACK, L. Wright Mills 50 years on: the promise and craft of sociology revisited. *Theory, Culture & Society*, ano 29, n. 7-8, p. 399-421, 2012.

GARCIA, K. Apocalypse cast shadow over midterms. *Sardonicky*, 29 out. 2018. Disponível em: https://kmgarcia2000.blogspot.com/2018/10/apocalypse-casts-shadow-over-midterms.html. Acesso em: 30 out. 2018.

GEISELBERGER, H. (ed). *The great regression*. Londres: Polity, 2017.

GESSEN, M. The most frightening aspect of Trump's tax triumph. *The New Yorker*, Nova York, 21 dez. 2017.

GILROY, P. *Against race*: imagining political culture beyond the color line. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação*: para além das teorias de reprodução. Petrópolis: Vozes, 1986.

GIROUX, H. *Teachers as intellectuals*: toward a critical pedagogy of learning. Westport: Greenwood Publishing Group, 1988.

GIROUX, H. *Border crossings*: cultural workers and the politics of education. Abington: Routledge, 2007.

GIROUX, H. Youth in a suspect society: education beyond the politics of disposability. *Current Issues in Criminal Justice*, ano 20, n. 1, p. 111-122, 2008.

GIROUX, H. *Youth in a suspect society*: democracy or disposability? Nova York: Palgrave Macmillan, 2009.

GIROUX, H. *On critical pedagogy*. Nova York: Bloomsbury Publishing USA, 2011.

GIROUX, Henry. Challenging casino capitalism and authoritarian politics in the age of disposability. *TruthOut*, Politics & Elections, 24 jun. 2013. Disponível em: https://truthout.org/articles/henry-a-giroux-americas-education-deficit/. Acesso em: 19 nov. 2020.

GIROUX, H. *Neoliberalism's war on higher education*. Chicago: Haymarket Books, 2014.

GIROUX, H. *Twilight of the social*: resurgent politics in an age of disposability. Abington: Routledge, 2015.

GIROUX, H. *The public in peril*: Trump and the menace of American authoritarianism. Abington: Routledge, 2017.

GIROUX, H. The nightmare of neoliberal fascism. *TruthOut*, 10 jun. 2018a. Disponível em: https://truthout.org/articles/henry-a-giroux-the-nightmare-of-neoliberal-fascism/. Acesso em: 12 jun. 2018.

GIROUX, H. *American nightmare*: facing the challenge of fascism. São Francisco: City Lights Books, 2018b.

GIROUX, H. Trump's love affair with violence in the age of fascist nihilism. *Truthout*, 31 out. 2018c. Disponível em: https://truthout.org/articles/trumps-love-affair-with-violence-in-the-age-of-fascist-nihilism/. Acesso em: 2 nov. 2018.

GIROUX, H. A democracy in exile fights against fascism. *Truthout*, 7 jun. 2018d. Disponível em: https://truthout.org/articles/a-democracy-in-exile-fights-against-fascism/. Acesso em: 10 jun. 2018.

GIROUX, H. The nightmare of neoliberal fascism. *TruthOut*, 10 jun. 2018e. Disponível em: https://truthout.org/articles/henry-a-giroux-the-nightmare-of-neoliberal-fascism/. Acesso em: 15 ago. 2018.

GIROUX, H. Neoliberal fascism and the echoes of history. *Truthout*, 8 ago. 2018f. Disponível em: https://truthout.org/articles/neoliberal-fascism-and-the-echoes-of-history/. Acesso em: 15 ago. 2018.

GIROUX, H. *The terror of the unforeseen*. Los Angeles: Los Angeles Review of Books, 2019a.

GIROUX, H. Resisting the weaponization of ignorance in the age of Trump. *Truthout*, 12 fev. 2019b. Disponível em: https://truthout.org/articles/resisting-the-weaponization-of-ignorance-in-the-age-of-trump/. Acesso em: 15 fev. 2019.

GIROUX, H. If classrooms are "free of politics", the right wing will grow. *Truthout*, 13 maio 2019c. Disponível em: https://truthout.org/articles/if-classrooms-are-free-of-politics-the-right-wing-will-grow/. Acesso em: 14 maio 2019.

GIROUX, H. Populism is not the answer to neoliberal fascism. *TruthOut*, 9 set. 2019d. Disponível em: https://www.truthdig.com/articles/populism-is-not-the-answer-to-neoliberal-fascism/. Acesso em: 10 set. 2019.

GIROUX, H. Democracy is on exile. Facing the challenge of neoliberal authoritarianism: an interview with professor Henry Giroux. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/BrNfJ6dbL6Y3ymHBBZKZVJP/?lang=en. Acesso em: 14 jan. 2022.

GIROUX, H.; FIGUEIREDO, G. O. Por uma práxis radical na luta em defesa da democracia: desafios contemporâneos para a formação política e a educação crítica no século XXI. *Revista Práxis Educativa*, Ponta Grossa, n. 15, p. 1-25, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.14787.047. Acesso em: 31 ago. 2020.

GOLDBERG, M. First they came for the migrants. *The New York Times*, Nova York, 11 jun. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/06/11/opinion/trump-border-migrants-separation.html. Acesso em: 24 jul. 2020. Opinion Columnist.

GOODMAN, A. Public education is not your plaything: L.A. teachers strike against privatization & underfunding. *Democracy Now*, 15 jan. 2019. Disponível em: https://www.democracynow.org/2019/1/15/public_education_is_not_your_plaything. Acesso em: 20 jan. 2019.

GOODRICH, M. Marie Brenner: public stories and private wars. *Guernica*. Nova York, 8 nov. 2018. Disponível em: https://www.guernicamag.com/marie-brenner-public-stories-and-private--wars/. Acesso em: 10 nov. 2018.

GORDON, P. The utopian promise of Adorno's 'open thinking,' fifty years on. *New York Review*, Nova York, 5 ago. 2019. Disponível em: https://www.nybooks.com/daily/2019/08/05/the-utopian-promise-of-adornos-open-thinking-fifty-years-on/. Acesso em: 10 ago. 2019.

GRAMSCI, A. *Selections from the prison notebooks*. Edição e tradução de Quintin Hoare e Geoffrey Nowell Smith. Nova York: International Publishers, 1971.

GRAY, J. Forgetfulness: the dangers of a modern culture that wages war on its own past. *New Statement*, 16 out. 2017. Disponível em: https://www.newstatesman.com/culture/books/2017/10/forgetfulness-dangers-modern-culture-wages-war-its-own-past. Acesso em: 20 out. 2017.

GROSSMAN, V. *An Armenian sketchbook*. Londres: MacLehose Press, 2013.

HAN, B. *The burnout society*. Redwood City, CA: Stanford University Press, 2015.

HARVARD, S. Beto O'Rourke "doesn't know" if he's progressive: "I'm not big on labels". *Independent*, 17 dez. 2018. Disponível em: https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/beto-orourke-progressive-democrat-election-texas-2020-trump-president-race-a8687666.html. Acesso em: 15 nov. 2021.

HARVEY, D. Neoliberalism is a political project. *Jacobin*, 23 jul. 2016. Disponível em: https://www.jacobinmag.com/2016/07/david-harvey-neoliberalism-capitalism-labor-crisis-resistance/. Acesso em: 25 jul. 2016.

HAVEN, C. 'Historical consciousness' can be double-edged sword, historian says. *Stanford News*, 25 fev. 2009. Disponível em: https://news.stanford.edu/news/2009/february25/james-campbell-history-022509.html. Acesso em: 26 fev. 2009.

HAYDEN, M. The end of intelligence. *The New York Times*, Nova York, 28 abr. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/04/28/opinion/sunday/the-end-of-intelligence.html. Acesso em: 28 abr. 2018.

HAYES, C. Nearly half of Republicans think Trump should be able to close news outlets: poll. *USA Today*, 7 ago. 2018. Disponível em: https://www.usatoday.com/story/news/politics/2018/08/07/trump--should-able-close-news-outlets-republicanssay-poll/925536002/. Acesso em: 15 ago. 2018.

HEDGES, C. The war on language. *TruthDig*. 28 set. 2009. Disponível em: https://www.truthdig.com/articles/the-war-on-language/. Acesso em: 28 set. 2009.

HEDGES, C. The dance of death. *The Lark – Stages of Resistance*, Nova York, 6 abr. 2017a. Disponível em: https://www.larktheatre.org/blog/dance-death/. Acesso em: 10 maio 2017.

HEDGES, C. Make America ungovernable. *TruthDig*, 6 fev. 2017b. Disponível em: www.truthdig.com/report/item/make_america_ungovernable_20170205. Acesso em: 27 fev. 2018.

HEDGES, C. Donald Trump's greatest allies are the liberal elites. *TruthDig*, 7 mar. 2017c. Disponível em: www.truthdig.com/report/item/donald_trumps_greatest_allies_are_the_liberal_elites_20170305. Acesso em: 27 fev. 2018.

HERNANDEZ, S.; FLORES, A. Churches are readying homes and underground railroads to hide immigrants from deportation under Trump. *BuzzFeed News*, 25 fev. 2017. Disponível em: https://www.buzzfeednews.com/article/salvadorhernandez/sanctuary-churches-v-trump-deportation-mandate. Acesso em: 18 fev. 2022.

HOLMES, J. An expert on concentration camps says that's exactly what the U.S. is running at the border. *Esquire*, 13 jun. 2019. Dispponível em: https://www.esquire.com/news-politics/a27813648/concentration-camps-southern-border-migrant-detention-facilities-trump/. Acesso em: 15 jun. 2019.

HONNETH, A. *Pathologies of reason*: on the legacy of critical theory. Nova York: Columbia University Press, 2009. v. 23.

I AM PART of the resistance inside the Trump administration. *The New York Times*, 5 set. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/09/05/opinion/trump-white-house-anonymous-resistance.html. Acesso em: 10 nov. 2021.

JACOBS, A. Opposition to breast-feeding resolution by U.S. stuns world health officials. *The New York Times*, 8 jul. 2018.

Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/07/08/health/world-health-breastfeeding-ecuador-trump.html. Acesso em: 13 set. 2021.

JAMESON, F. Future city. *New Left Review*, n. 21, p. 65-79, 21 maio 2003. Disponível em: https://newleftreview.org/issues/II21/articles/fredric-jameson-future-city. Acesso em: 25 maio 2013.

JOHNSON, C. The momentum of Trumpian fascism is building: stopping it is up to us. *TruthOut*, 25 jul. 2018. Disponível em: https://truthout.org/articles/the-momentum-of-trumpian-fascism-is--building-stopping-it-is-up-to-us/. Acesso em: 25 ago. 2018.

JONES, S. Trump has turned the GOP into the party of Eugenics. *The New Republic*, 15 fev. 2017. Disponível em: https://newrepublic.com/article/140641/trump-turned-gop-party-eugenics. Acesso em: 16 fev. 2017.

JORDAN, M. Trump administration says that nearly 200,000 Salvadorans must leave. *The New York Times*, Nova York, 8 jan. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/01/08/us/salvadorans-tps-end.html. Acesso em: 13 set. 2021.

JUDT, T. Transformations of the public sphere. *Social Science Research Council*, dez. 2011. Disponível em: http://publicsphere.ssrc.org/judt-the-disintegration-of-the-public-sector/. Acesso em: 22 dez. 2011.

KAMPEAS, R. Trump accuses George Soros of paying for signs at anti-Kavanaugh protest. *Haaretz*, 10 maio 2018. Disponível em: https://www.haaretz.com/us-news/trump-accuses-george-soros-of-paying-for-signs-at-anti-kavanaugh-protest-1.6531592. Acesso em: 13 maio 2018.

KARLIN, M. How a culture of fear helped propel Trump into the White House: an interview with Sasha Abramsky. *TruthOut*, 24

dez. 2017. Disponível em: https://truthout.org/articles/how-a-culture-of-fear-helped-propel-trump-into-the-white-house/. Acesso em: 28 dez. 2017.

KATYAL, N. Trump's abuse of executive privilege is more than a present danger: he's making it harder for future presidents to govern. *The New York Times*, Nova York, 17 jun. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/06/17/opinion/trump-executive-privilege.html?action=click&module=Opinion&pgtype=Homepage. Acesso em: 20 jun. 2019.

KAYE, H. J. Who says it can't happen here? *Bill Moyers*, 27 fev. 2017. Disponível em: billmoyers.com/story/says-cant-happen/. Acesso em: 27 fev. 2018.

KAZIN, M. How can Donald Trump and Bernie Sanders both be 'populist'? *The New York Times*, Nova York, 22 mar. 2016. Disponível em: https://www.nytimes.com/2016/03/27/magazine/how-can-donald-trump-and-bernie-sanders-both-be-populist.html. Acesso em: 30 abr. 2016.

KEANE, J. The pathologies of populism. *The Conversation*, 28 set. 2017. Disponível em: https://theconversation.com/the-pathologies-of-populism-82593. Acesso em: 29 set. 2017.

KELLEY, R. D. G. Black study, black struggle. *Boston Review*, Boston, 7 mar. 2016. Disponível em: www.bostonreview.net/forum/robin-d-g-kelley-black-study-black-struggle. Acesso em: 27 fev. 2018.

KELLEY, R. D. G. Arts in society: sorry, not sorry. *Boston Review*, Boston, 13 set. 2019. Disponível em: https://bostonreview.net/race-literature-culture/robin-d-g-kelley-sorry-not-sorry. Acesso em: 20 set. 2019.

KESSLER, G.; RIZZO, S.; KELLY, M. President Trump has made 9,014 false or misleading claims over 773 days. *The*

Washington Post, Washington, D.C., 4 mar. 2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/2019/03/04/president-trump-has-made-false-or-misleading-claims-over--days/?utm_term=.6e791f431791. Acesso em: 5 mar. 2019.

KHATAMI, E. United Nations human rights commissioner 'appalled' by conditions in US detention centers. *Think Progress*, 8 jul. 2019. Disponível em: https://thinkprogress.org/un-human-rights-commissioner-detention-centers-e89221887853/. Acesso em: 8 jul. 2019.

KING-JR., M. L. Letter from Birmingham Jail. *In*: GOTTLIEB, R. S. *Liberating faith*: religious voices for justice, peace, & ecological wisdom. Lanham: Rowman & Littlefield, 1964. p. 177-187.

KLEIN, N. *No is not enough*. Toronto: Penguin Random House Canada, 2017.

KLONSKY, A. What Brett Kavanaugh can teach us about racism in America's legal system. *Chicago Sun Times*, Chicago, 4 out. 2018. Disponível em: https://chicago.suntimes.com/2018/10/4/18464729/what-brett-kavanaugh-can-teach-us-about-racism-in-america-s-legal-system. Acesso em: 20 out. 2018.

KRUGMAN, P. Why it can happen here. *The New York Times*, Opinion, Nova York, 27 ago. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/08/27/opinion/trump-republican-party-authoritarianism.html. Acesso em: 13 set. 2021.

KUTTNER, R. *The audacity of hope*. Washington: American Prospect, 2016.

KUTTNER, R. George Orwell and the power of a well-placed lie. *Bill Moyers and Company*, 25 jan. 2017. Disponível em: www.billmoyers.com/story/orwell-hitler-trump/. Acesso em: 26 jan. 2017.

LAFER, G. *The one percent solution*: how corporations are remaking America one state at a time. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2017.

LAKOFF, G. Ten points for democracy activists. *George Lakoff Blog*, 10 fev. 2017. Disponível em: www.georgelakoff.com/2017/02/10/ten-points-for-democracy-activists/. Acesso em: 27 fev. 2018.

LE GUIN, U. K. Le Guin's speech at National Book Awards: 'Books aren't just commodities'. *The Guardian*, Londres, 20 nov. 2014. Disponível em: https://www.theguardian.com/books/2014/nov/20/ursula-k-le-guin-national-book-awards-speech. Acesso em: 24 dez. 2014.

LE GUIN, U. K. The imaginative reality of Ursula Le Guin. *VQR Online*, 28 mar. 2018. Disponível em: https://www.vqronline.org/interviews-articles/2018/03/imaginative-reality-ursula-k-le-guin. Acesso em: 30 mar. 2018.

LEE, H. South Carolina teachers to rally for better pay and funding for schools. *World Socialist Web Site*, 19 maio 2018. Disponível em: https://www.wsws.org/en/articles/2018/05/19/caro-m19.html. Acesso em: 23 maio 2018.

LEFFEL, G. Is catastrophe the only cure for the weakness of radical politics? If we want a future worthy of the name we need a different form of revolution. *Open Democracy*, 21 jan. 2018. Disponível em: https://www.opendemocracy.net/en/transformation/is-catastrophe-only-cure-for-weakness-of-radical-politics/. Acesso em: 22 jan. 2018.

LENNARD, N. Histories of violence: what does an anti-fascist life actually feel like? *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 1 jul. 2019. Disponível em: https://lareviewofbooks.org/article/histories--of-violence-what-does-an-anti-fascist-life-actually-feel-like/. Acesso em: 5 jul. 2019.

LERNER, R. M. Benedictine sister Joan Chittister, and Cornel West, "The Global Marshall Plan". *The Network of Spiritual Progressives*, Berkeley, 2017a. Disponível em: www.spiritualprogressives.org/wp-content/uploads/2017/01/Global-Marshall-Plan. Acesso em: 27 fev. 2018.

LERNER, R. M. Overcoming Trump-ism: a new strategy for progressives. *Tikkun*, 2017b. Disponível em: https://read.dukeupress.edu/tikkun/article/32/1/4/30615/Overcoming-Trump-ismA-New-Strategy-for. Acesso em: 27 fev. 2018.

LERNER, R. M. *Revolutionary love*: a political manifesto to heal and transform the world. Berkeley: University of California Press, 2019.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *How democracies die*. Nova York: Broadway Books, 2018.

LIFTON, R. *Death in life*: survivors of Hiroshima. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.

LOWENTHAL, L. Atomization of man. *In*: LOWENTHAL, L. False *prophets*: studies in authoritarianism. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1987.

LUCE, E. Anti-Semitism in the age of Donald Trump. *Financial Times*, Londres, 21 mar. 2018. Disponível em: https://www.ft.com/content/7e180286-2b67-11e8-9b4b-bc4b9f08f381. Acesso em: 25 mar. 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. *The communist manifesto*. 5. ed. Nova York: International Publishers, 2014.

MASON, P. Overcoming the fear of freedom. *In*: GEISELBERGER, H. *The great regression*. Londres: Willey, 2017. p. 88-103.

MAXIME, F. Zero-tolerance policies and the school to prison pipeline. *Shared Justice*, 18 jan. 2018. Disponível em: https://www.

sharedjustice.org/domestic-justice/2017/12/21/zero-tolerance-policies-and-the-school-to-prison-pipeline. Acesso em: 20 jan. 2018.

MAXWELL, L. Our last shot at democracy. *Truthdig*, 19 jul. 2019. Disponível em: https://www.truthdig.com/articles/our-last-shot-at-democracy/. Acesso em: 9 nov. 2021.

MCALEVEY, J. Teacher lead in the revolt against austerity. *Socialist Project*, 15 maio 2018. Disponível em: https://socialistproject.ca/2018/05/teachers-lead-the-revolt-against--austerity/#more-2306. Acesso em: 16 maio 2018.

MCCANDLESS, B. Seeking sanctuary in the face of deportation. *CBSNews.com*, 21 maio 2017. Disponível em: www.cbsnews.com/news/seeking-sanctuary-in-the-face-of-deportation/. Acesso em: 27 fev. 2018.

MERKEL, W. Trump, the unspeakable and democracy in America. *The Conversation*, 23 nov. 2016. Disponível em: https://theconversation.com/trump-the-unspeakable-and-democracy--in-america-68943. Acesso em: 25 nov. 2016.

MILLS, C. W. On politics. *In*: MILLS, C. W. *The sociological imagination*. Nova York: Oxford University Press, 2000.

MILLS, C. W. *The politics of truth*: selected writings of C. Wright Mills. Nova York: Oxford University Press, 2008.

MISHRA, P. A Gandhian stand against the culture of cruelty. *The New York Review*, Nova York, 22 maio 2018. Disponível em: https://www.nybooks.com/daily/2018/05/22/the-culture-of-cruelty/. Acesso em: 25 maio 2018.

MONBIOT, G. Neoliberalism – the ideology at the root of all our problems. *The Guardian*, Londres, 15 abr. 2016. Disponível em: http://www.theguardian.com/books/2016/apr/15/neoliberalism--ideology-problem-george-monbiot. Acesso em: 21 jun. 2020.

MOONEY, C.; EILPERIN, J. Trump transition says request for names of climate scientists was 'not authorized'. *Washington Post*, Washington, D.C., 14 dez. 2016. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/energy-environment/wp/2016/12/14/trump-transition-says-request-for-names-of-climate-scientists-was-not-authorized/. Acesso em: 15 dez. 2016.

MOORE, D. The poet and the public intellectual. *Wales Arts Review*, 25 out. 2012. Disponível em: https://www.walesartsreview.org/longform-the-poet-and-the-public-intellectual/. Acesso em: 26 out. 2018.

MORRISON, T. *The source of self-regard*: selected essays, speeches, and meditations. Nova York: Knopf, 2019.

MOUFFE, C. The populist moment. *Open Democracy*, 21 nov. 2016. Disponível em: https://www.opendemocracy.net/en/democraciaabierta/populist-moment/. Acesso em: 22 nov. 2016.

MOUFFE, C. *For a left populism*. Londres: Verso Books, 2018.

MOYERS, B. Discovering what democracy means. *Common Dreams*, 12 fev. 2007. Disponível em: https://www.commondreams.org/views/2007/02/12/discovering-what-democracy-means. Acesso em: 15 fev. 2007.

MULLER, J. Donald Trump's use of the term 'the people' is a warning sign. *The Guardian*, Londres, 24 jan. 2017. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/24/donald-trumps-warning-sign-populism-authoritarianism-inauguration. Acesso em: 25 jan. 2017.

NAIRN, A. The U.S. is facing incipient domestic fascism, but rightist revolution can be stopped. *Democracy Now*, Nova York, 2018. Disponível em: https://www.democracynow.org/2018/11/1/allan_nairn_the_us_is_facing. Acesso em: 13 jan. 2019.

NATIONAL GEOGRAPHICS. A running list of how President Trump is changing environmental policy. *National Geographics*, 31 mar. 2017. Disponível em: https://www.nationalgeographic.com/science/article/how-trump-is-changing-science-environment. Acesso em: 13 set. 2021.

NEATE, R. Bill Gates, Jeff Bezos and Warren Buffett are wealthier than poorest half of US. *The Guardian*, Londres, 8 nov. 2017. Disponível em: https://www.theguardian.com/business/2017/nov/08/bill-gates-jeff-bezos-warren-buffett-wealthier-than--poorest-half-of-us. Acesso em: 10 nov. 2018.

NEWFIELD, C. Faculty need do better than this. *Remaking the University*, 20 ago. 2018. Disponível em: https://utotherescue.blogspot.com/2018/08/faculty-need-do-better-than-this.html. Acesso em: 21 ago. 2018.

NIXON, J. Hannah Arendt: thinking versus evil. *Times Higher Education*, n. 26, p. 42-43, 2015.

NIXON, R. *Slow violence and the environmentalism of the poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

NOONAN, J. Far-right identity politics and the task for the left. *Socialist Project*, 21 maio 2019. Disponível em: https://socialistproject.ca/2019/05/far-right-identity-politics-and-the-task-for-the-left/. Acesso em: 22 maio 2019.

NOVICK, I. Stephen Miller's new sinister immigration proposal. *TruthDig*, 7 ago. 2018. Disponível em: https://www.truthdig.com/articles/stephen-millers-new-sinister-immigration-proposal/. Acesso em: 13 set. 2021.

NUCCITELLI, D. This is not normal: climate researchers take to the streets to protect science. *The Guardian*, Londres, 16 dez. 2016. Disponível em: www.theguardian.com/environment/

climate-consensus-97-per-cent/2016/dec/16/this-is-not-normal-climate-researchers-take-to-the-streets-toprotect-of-climate-scientists-was-not-authorized/?utm_term=.76189cb20ebe. Acesso em: 27 fev. 2018.

O'TOOLE, F. Trial runs for fascism are in full flow. *The Irish Times*, Dublin, 26 jun. 2018. Disponível em: https://www.irishtimes.com/opinion/fintan-o-toole-trial-runs-for-fascism-are-in-full-flow-1.3543375?mode=amp&fbclid=IwAR3yL9kLmUTnScZqgDkh-5ddvmkMxSjVjbv-T9hYq4FsolkUHmdTh72yE_OA. Acesso em: 30 jun. 2018.

PACKER, G. The corruption of the Republican Party: the GOP is best understood as an insurgency that carried the seeds of its own corruption from the start. *The Atlantic*, 14 dez. 2018. Disponível em: https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2018/12/how-did-republican-party-get-so-corrupt/578095/. Acesso em: 20 dez. 2018.

PADDOCK, R. Becoming Duterte: the making of a Philippine strongman. *The New York Times*, Nova York, 21 mar. 2017. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/03/21/world/asia/rodrigo--duterte-philippines-president-strongman.html. Acesso em: 22 mar. 2017.

PANICH-LINSMAN, I. Hungry, scared and sick: inside the migrant detention center. *The New York Times*, Nova York, 6 jul. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/interactive/2019/07/06/us/migrants-border-patrol-clint.html. Acesso em: 7 jul. 2019.

PARRAMORE, L. The corporate plan to groom U.S. kids for servitude by wiping out public schools. *Institute for New Economic Thinking*, 6 abr. 2018. Disponível em: https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/the-corporate-plan-to-groom-u-s-kids--for-servitude-by-wiping-out-public-schools. Acesso em: 10 abr. 2018.

PEOPLES, S. Bloomberg warns of "epidemic of dishonesty". *AP News*, 12 maio 2018. Disponível em: https://www.apnews.com/e21ff1230098479a9d17737b64ebbc74. Acesso em: 13 maio 2018.

PETERS, J. How Trump-Fed conspiracy theories about migrant caravan intersect with deadly hatred. *The New York Times*, Nova York, 29 out. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/10/29/us/politics/caravan-trump-shooting-elections.html. Acesso em: 30 out. 2018.

PITZER, A. *One long night*: a global history of concentration camps. Boston: Little Brown, 2017.

POWERS, N. Killing the future: the theft of black life. *In*: SCHENWAR, M.; MACARÉ, J.; PRICE, A. Y. (ed.). *Who do you serve, who do you protect?* Police violence and resistance in the United States. Chicago: Haymarket Books, 2016.

PRAMUK, J. Trump jokes he wants his 'people' to 'sit up at attention' when he speaks, like North Koreans do with Kim Jong Un. *CNBC*, 15 jun. 2018. Disponível em: https://www.cnbc.com/2018/06/15/trump-wants-people-to-listen-to-him-like-north-koreans-do--to-kim-jong-un.html. Acesso em: 20 nov. 2021.

PRINS, N. A world that is the property of the 1%. *Tom Dispatch*, 13 dez. 2018. Disponível em: https://www.tomdispatch.com/post/176507/tomgram%3A_nomi_prins%2C_a_world_that_is_the_property_of_the_1%25/. Acesso em: 15 dez. 2018.

QUIGLEY, B. Ten examples of direct resistance to stop government raids. *Common Dreams*, 22 fev. 2017. Disponível em: https://www.commondreams.org/views/2017/02/22/ten-examples-direct-resistance-stop-government-raids. Acesso em: 27 fev. 2018.

RICH, F. National circus: Mueller's steady stream of Russia revelations is driving Trump crazy. *Intelligencer*, Nova York, 29 nov. 2018.

Disponível em: https://nymag.com/intelligencer/2018/11/mueller-revelations-drive-trump-crazy.html. Acesso em: 30 nov. 2018.

RIZZO, S. A caravan of phony claims from the Trump administration. *The Washington Post*, Washington, D.C., 25 out. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/2018/10/25/caravan-phony-claims-trump-administration/. Acesso em: 27 out. 2018.

ROBINSON, C. J. *Forgeries of memory and meaning*: blacks and the regimes of race in American theater and film before World War II. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

ROGERS, M. Democracy is a habit, practice it: John Dewey on the culture democracy requires. *Boston Review*, 25 jul. 2018. Disponível em: http://bostonreview.net/politics/melvin-rogers-democracy-habit-practice-it. Acesso em: 30 jul. 2018.

ROSENFELD, S. *Democracy and truth*: a short history. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2019.

ROYLANCE, T.; CSAKY, Z. In his own words: the preoccupations of Hungary's Viktor Orbán – the prime minister's speeches return again and again to certain favorite themes. *Freedom House*, Perspectives, Washington, D.C., 4 abr. 2018. Disponível em: https://freedomhouse.org/article/his-own-words-preoccupations-hungarys-viktor-orban. Acesso em: 10 maio 2018.

ROZNA, M. Betsy DeVos complains about striking teachers during meeting with 2018 Teachers of the Year: nation's top teachers push back after Devos says teachers' strikes in states come "at the expense of kids". *Salon*, 2 maio 2018. Disponível em: https://www.salon.com/2018/05/02/betsy-devos-complains-about-striking-teachers-during-meeting-with-2018-teachers-of-the-year/. Acesso em: 5 maio 2018.

RUCKER, P.; WEIGEL, D. Trump advocates depriving undocumented immigrants of due-process rights. *The Washington Post*, Washington, D.C., 25 jun. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/powerpost/trump-advocates-depriving--undocumentedimmigrants-of-due-process-rights/2018/06/24/dfa45d36-77bd-11e8-93cc-6d3beccdd7a3_story.html?utm_term=.1cd555feefa7. Acesso em: 13 set. 2021.

SAMUELS, B. Trump blasts 'bonkers' media spewing 'Radical Left Democrat views'. *The Hill*, 22 jul. 2019. Disponível em: https://thehill.com/homenews/administration/454108-trump-blasts--bonkers-media-amid-fight-with-progressive-lawmakers. Acesso em: 9 nov. 2021.

SANCHEZ, C. Obama's impact on America's schools. *NPR*, 13 jan. 2017. Disponível em: https://www.npr.org/sections/ed/2017/01/13/500421608/obamas-impact-on-americas-schools. Acesso em: 15 jan. 2017.

SARGENT, G. Think Trump and GOP minority rule is bad now? Here's how it could get much worse. *The Washington Post*, Opinion, Washington, D.C., 9 out. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/blogs/plum-line/wp/2018/10/09/think-trump-and-gop-minority-rule-is-bad-now-heres-how--it-could-get-much-worse/. Acesso em: 20 out. 2018.

SCHMIDT, M.; HABERMAN, M. Mueller examining Trump's tweets in wide-ranging obstruction inquiry. *The New York Times*, Nova York, 26 jul. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/07/26/us/politics/trump-tweets-mueller-obstruction.html. Acesso em: 30 jul. 2018.

SCIALABBA, G. *Slouching toward utopia*. Nova York: Pressed Wafer, 2018.

SHIVANI, A. This is our neoliberal nightmare: Hillary Clinton, Donald Trump, and why the market and the wealthy win every time. *Salon*, 6 jun. 2016. Disponível em: https://www.salon.com/2016/06/06/this_is_our_neoliberal_nightmare_hillary_clinton_donald_trump_and_why_the_market_and_the_wealthy_win_every_time/. Acesso em: 15 jul. 2016.

SILK, M.; ANDREWS, D. (Re)Presenting Baltimore: place, policy, politics, and cultural pedagogy. *Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, n. 33, p. 433-464, 2011.

SILVA, C. Donald Trump says migrants bring 'large scale crime and disease' to America. *Newsweek*, Nova York, 12 nov. 2018. Disponível em: https://www.newsweek.com/donald-trump-says-migrants--bring-large-scale-crime-and-disease-america-1253268. Acesso em: 13 nov. 2018.

SIMON, J. *Governing through crime*: how the war on crime transformed American democracy and created a culture of fear. Nova York: Oxford University Press, 2007.

SMITH, A. How the left should respond to a new global slump: an interview with David McNally. *Jacobin Magazine*, Nova York, 4 set. 2019. Disponível em: https://jacobinmag.com/2019/09/david--mcnally-global-slump-crisis-recession. Acesso em: 22 set. 2019.

SMITH, T. K. Political poetry is hot again. The poet laureate explores why, and how. *The New York Times Book Review*, Nova York, 10 dez. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/12/10/books/review/political-poetry.html. Acesso em: 24 maio 2019.

SNYDER, T. 20 lessons from the 20th century on how survive in Trump's America. *In These Times*, 21 nov. 2016. Disponível em: http://inthesetimes.com/article/19658/20-lessons-from-the-20th--century-on-how-to-survive-in-trumps-america. Acesso em: 25 nov. 2016.

SNYDER, T. *On tyranny*: twenty lessons from the twentieth century. Nova York: Tim Duggan Books, 2017.

SONTAG, S. The imagination of disaster. *Commentary*, Nova York, ano 40, n. 4, p. 42-48, 1965.

STANLEY, J. *How fascism works*: the politics of us and them. Nova York: Random House Trade Paperbacks, 2018.

STEINBERG, T. Capitalism, the State and the drowning of America. *CounterPunch*, 8 set. 2017. Disponível em: https://www.counterpunch.org/2017/09/08/capitalism-the-state-and-the-drowning-of-america/. Acesso em: 15 set. 2018.

STEINER, G. *George Steiner*: a reader. Nova York: Oxford University Press, 1987.

TELESUR, M. In aftermath of Trump's win, we are witnessing more than 1,000 hate crimes in a month. *AlterNet*, 19 dez. 2016. Disponível em: https://www.alternet.org/2016/12/aftermath-trumps-win--we-are-witnessing-more-1000-hate-crimes-month/. Acesso em: 20 dez. 2016.

THE GUARDIAN [Editorial Team]. Tyre King, 13-year-old boy shot dead by Columbus police, laid to rest in Ohio. *The Guardian*, Londres, 24 set. 2016. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2016/sep/24/tyre-king-shooting-funeral-columbus-police-officer-bryan-mason. Acesso em: 26 set. 2016.

THE NEW YORK TIMES [Editorial Bord]. Trump imperils the planet: endangered species, climate change: the administration is taking the country, and the world, backward. *The New York Times*, Nova York, 26 dez. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/12/26/opinion/editorials/climate-change-environment-trump.html. Acesso em: 5 jan. 2019.

THOMPSON, A. Premonitions: fragments of a culture of revolt. *The Bullet*, 10 dez. 2018. Disponível em: https://socialistproject.ca/2018/12/premonitions-fragments-of-culture-of-revolt/. Acesso em: 15 dez. 2018.

THOMPSON, P. The Frankfurt School, part 5: Walter Benjamin, fascism and the future. *The Guardian*, Londres, 22 abr. 2013. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2013/apr/22/frankfurt-school-walter-benjamin-fascism--future. Acesso em: 23 abr. 2013.

TOOZE, A. Is this the end of the American century? *London Review of Books*, Londres, ano 41, n. 7, p. 3, 2019. Disponível em: https://www.lrb.co.uk/the-paper/v41/no7/adam-tooze/is-this-the-end--of-the-american-century. Acesso em: 30 nov. 2019.

TRUMP, D. Tweet. Washington, D.C., 22 nov. 2018. Twitter: @realDonaldTrump.

URIE, R. American fascism. *CounterPunch*, 17 set. 2018. https://www.counterpunch.org/2018/09/17/american-fascism/. Acesso em: 18 set. 2018.

VAZQUEZ, M. Trump keeps mum on King's comments while separately stoking racism. *CNN- Cable News Network*, Washington, D.C., 14 jan. 2019. Disponível em: https://edition.cnn.com/2019/01/14/politics/donald-trump-steve-king-white-nationalism-supremacy/index.html. Acesso em: 15 jan. 2019.

VENTURA, A. Before Ta-Nehisi Coates: on James Alan McPherson's "Crabcakes". *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 4 jul. 2019. Disponível em: https://lareviewofbooks.org/article/before-ta--nehisi-coates-on-james-alan-mcphersons-crabcakes/. Acesso em: 5 jul. 2019.

WADE, F. The liberal order is the incubator for authoritarianism: a conversation with Pankaj Mishra. *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 15 nov. 2018. Disponível em: https://lareviewofbooks.org/article/the-liberal-order-is-the-incubator-for-authoritarianism--a-conversation-with-pankaj-mishra/#!/. Acesso em: 3 dez. 2018.

WEIL, D. Texas GOP declares: no more teaching of 'critical thinking skills' in Texas public schools. *TruthOut*, 7 jul. 2012. Disponível em: https://truthout.org/articles/texas-gop-declares-no-more--teaching-of-critical-thinking-skills-in-texas-public-schools/. Acesso em: 10 jul. 2012.

WEINBERGER, E. Ten typical days in Trump's America. *London Review of Books*, Londres, ano 40, n. 20, p. 3-8, 2018. Disponível em: https://www.lrb.co.uk/the-paper/v40/n20/eliot-weinberger/ten-typical-days-in-trump-s-america. Acesso em: 20 ago. 2018.

WEINGARTEN, D. Tens of thousands mobilize to support Arizona teachers amid backlash. *Talk Poverty*, 27 abr. 2018. Disponível em: https://talkpoverty.org/2018/04/27/tens-thousands-mobilize-support-arizona-teachers-amid-backlash/. Acesso em: 28 abr. 2018.

WEISS, B. A massacre in the heart of Mr. Rogers's neighborhood. *The New York Times*, Nova York, 27 nov. 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/10/27/opinion/synagogue-shooting-pittsburgh.html. Acesso em: 1 dez. 2018.

WELLS, J. Steeltown sanctuary: Hamilton is among the few 'sanctuary cities' in Canada. *The Hamilton Spectator*, Toronto, 24 fev. 2017. Disponível em: https://www.thespec.com/news/hamilton-region/2017/02/24/steeltown-sanctuary-hamilton-is--among-the-few-sanctuary-cities-in-canada.html. Acesso em: 25 fev. 2017.

WHITE, J. A third of Americans think the media is the 'enemy of the people' following Trump's repeated 'fake news' attacks. *Independent*, São Francisco, 5 dez. 2017. Disponível em: https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/americans-media-poll-trust-trump-fake-news-attacks-a8091991.html. Acesso em: 10 dez. 2017.

WIESELTIER, L. Among the disrupted. Essay. *The New York Times*, Nova York, 7 jan. 2015. Disponível em: https://www.nytimes.com/2015/01/18/books/review/among-the-disrupted.html. Acesso em: 15 set. 2020.

YOUNG-BRUEHL, E. *Why Arendt matters*. Nova York: Integrated Publishing Solutions, 2006.

ZINN, H. *A people's history of the United States*. Nova York: Harper Perennial Modern Classics, 2015.

Anexo

Fontes originais dos capítulos deste livro

Capítulo 1 – O maquinário neoliberal contemporâneo e a esperança como forma de luta por igualdade social

Transcrição e tradução da entrevista original do dr. Henry Armand Giroux concedida aos organizadores do livro em fevereiro de 2020 na cidade de Hamilton, Canadá, registrada em áudio e vídeo com duração de 62 minutos.

Capítulo 2 – Características dos Estados autoritários: opressão, violência e os cruéis ataques à democracia

GIROUX, Henry A. Challenging the neoliberalism at the root of Trump's authoritarianism. *TruthOut*, 7 dez. 2017. Disponível em: http://www.truth-out.org/news/item/42832-challenging-the-neoliberalism-at-the-root-of-trump-s-authoritarianism.

GIROUX, Henry A. Reading against fascism. *TruthOut*, 13 jul. 2018. Disponível em: https://truthout.org/articles/reading-against-fascism/.

GIROUX, Henry A. Neoliberal fascism and the twilight of the social. *TruthOut*, 5 set. 2018. (Parte I). Disponível em: https://

truthout.org/articles/neoliberal-fascism-and-the-twilight-of-the-social/.

GIROUX, Henry A. Trump, Kavanaugh and the path to neoliberal fascism. *TruthOut*, 11 out. 2018. Disponível em: https://truthout.org/articles/trump-kavanaugh-and-the-path-to-neoliberal-fascism/.

GIROUX, Henry A. Trump's fascist efforts to demolish democracy. *The Conversation*, 25 nov. 2018. Disponível em: https://theconversation.com/trumps-fascist-efforts-to-demolish-democracy-106247.

GIROUX, Henry A. Rethinking the normalization of fascism in the post-truth era. *Tikkun*, 1 abr. 2019. Disponível em: https://www.tikkun.org/rethinking-the-normalization-of-fascism-in-the-post-truth-era.

GIROUX, Henry A. Neoliberalism paved the way for authoritarian right-wing populism. *TruthOut*, 26 set. 2019. Disponível em: https://truthout.org/articles/neoliberalism-paved-the-way-for--authoritarian-right-wing-populism/.

Capítulo 3 – Distorções contemporâneas na cultura da ignorância: o discurso fascista e a resistência das lutas por uma educação pública crítica

GIROUX, Henry A. Challenging Trump's language of fascism. *TruthOut*, 9 jan. 2018. Disponível em: http://www.truth-out.org/news/item/43159-challenging-trumps-language-of-fascism.

GIROUX, Henry A. Trump's love affair with violence in the age of fascist nihilism. *TruthOut*, 31 out. 2018. Disponível em: https://truthout.org/articles/trumps-love-affair-with-violence-in-the--age-of-fascist-nihilism/.

GIROUX, Henry A. Donald Trump's fascist politics and the language of disappearance. *TruthOut*, 17 nov. 2018. Disponível em:

https://truthout.org/articles/donald-trumps-fascist-politics-and-the-language-of-disappearance/.

GIROUX, Henry A. Trump's racist language of pollution drives his neoliberal fascism. *TruthOut*, 7 jan. 2019. Disponível em: https://truthout.org/articles/trumps-racist-language-of-pollution-drives-his-neoliberal-fascism/.

GIROUX, Henry A. Teachers are rising up to resist neoliberal attacks on education. *TruthDig*, 1 fev. 2019. (Parte I). Disponível em: https://truthout.org/articles/teachers-are-rising-up-to-resist-neoliberal-attacks-on-education/.

GIROUX, Henry A. Resisting the weaponization of ignorance in the age of Trump. *TruthOut*, 12 fev. 2019. Disponível em: https://truthout.org/articles/resisting-the-weaponization-of-ignorance-in-the-age-of-trump/.

GIROUX, Henry A. Fascism is on the march. We need radical education to fight back. *TruthOut*, 30 abr. 2019. Disponível em: https://truthout.org/articles/fascism-is-on-the-march-we-need-radical-education-to-fight-back/.

Capítulo 4 – Em defesa da democracia: políticas culturais, movimentos sociais e resistência crítica

GIROUX, Henry A. Rallying cry: youth must stand up to defend democracy. *TruthOut*, 25 jul. 2017. Disponível em: http://www.truth-out.org/opinion/item/41378-rallying-cry-youth-must-stand-up-to-defend-democracy.

GIROUX, Henry A. Striking teachers beat back neoliberalism's war on public schools. *TruthOut*, 23 maio 2018. Disponível em: http://www.truth-out.org/news/item/44564-striking-teachers--beat-back-neoliberalism-s-war-on-public-schools.

GIROUX, Henry A. A democracy in exile fights against fascism. *TruthOut*, 7 jun. 2018. Disponível em: https://truthout.org/articles/a-democracy-in-exile-fights-against-fascism/.

GIROUX, Henry A. Teachers are rising up to resist neoliberal attacks on education. *TruthDig*, 1 fev. 2019. (Parte II). Disponível em: https://truthout.org/articles/teachers-are-rising-up-to-resist-neoliberal-attacks-on-education/.

GIROUX, Henry A. History holds the antidote to Trump's fascist politics. *TruthDig*, 16 jul. 2019. Disponível em: https://www.truthdig.com/articles/history-holds-the-antidote-to-trumps-fascist-politics/.

Capítulo 5 – Distopia sociopolítica contemporânea: enfrentando antigos desafios do passado no início do século XXI

GIROUX, Henry A. Neoliberal fascism and the twilight of the social. *TruthOut*, 5 set. 2018. (Parte II). Disponível em: https://truthout.org/articles/neoliberal-fascism-and-the-twilight-of-the-social/.

GIROUX, Henry A. Let's shut down the authoritarian machine. *TruthDig*, 1 jul. 2019. Disponível em: https://www.truthdig.com/articles/lets-shut-down-the-authoritarian-machine/.

GIROUX, Henry A. Populism is not the answer to neoliberal fascism. *TruthOut*, 9 set. 2019. Disponível em: https://truthout.org/articles/populism-is-not-the-answer-to-neoliberal-fascism/.

Sobre os organizadores/as

Gustavo de Oliveira Figueiredo

Doutor em Psicologia da Comunicação pela Universitat Autònoma de Barcelona (Catalunya /2012). Atua como Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2014, onde coordena o Laboratório de Estudo das Ciências do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde. Lidera o grupo de pesquisa Cogitare - Estudos em Política, Trabalho e Formação Humana onde desenvolve pesquisas sobre políticas públicas de educação e de saúde nas suas inter-relações com a formação profissional e docente na área da saúde e com o campo das mediações socioculturais. Recentemente concluiu o pós-doutorado em Estudos Culturais pela McMaster University, Canadá, onde trabalha com o dr. Henry Giroux e atua como professor visitante desde 2019.

Vera Helena Ferraz de Siqueira

Doutora em Educação - Columbia University (1986). Foi diretora do Instituto NUTES e coordenou o Programa de Pós-Graduação "Educação em Ciências e Saúde" (NUTES/UFRJ). Desenvolve estudos com ênfase em deslocamentos socioculturais introduzidos na contemporaneidade, atuando nos seguintes temas: políticas de identidade e formação profissional; diversidade e inclusão; estudos culturais e educação; educação em saúde; relações de gênero, raça e etnia em contextos educacionais.

Andréa Costa da Silva

Doutora e Mestre em Educação em Ciências e Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ). Atuou como professora regente no magistério público desde 1985, a partir de 1996 no magistério público federal. Atualmente participa como professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ), investe em estudos e pesquisas nos seguintes temas: Educação em Saúde; Estudos Culturais e Educação; Estudos Foucaultianos, Gênero e Sexualidade, Políticas Afirmativas, Cotas raciais.

Este livro foi impresso pela Gráfica e Editora Vozes para a Editora UFRJ em abril de 2023. Utilizaram-se as tipografias Source Sans Pro e Playfair Display na composição, papel offset 90g/m^2 para o miolo e cartão supremo 250g/m^2 para a capa.

"Contra uma indiferença entorpecente e um crescente processo de individualização da vida, é necessário criar culturas formativas humanistas, fomentar a capacidade de escutar os outros, sustentar pensamentos complexos e se engajar na solução de problemas sociais. Não temos outra escolha se quisermos resistir à crescente desestabilização das instituições democráticas, ao ataque à razão, ao colapso da distinção entre fato e ficção e ao gosto pela brutalidade que agora se espalha. Ler criticamente significa não apenas aprender a ler o mundo, mas também aprender a pensar analiticamente, recusando-se a sucumbir ao impensável."

HENRY GIROUX

ISBN 978-65-88388-03-7

CAPES NUTES